

Solange Ribeiro de Oliveira



Itinerário de Sofotulafai (auto)biografia literária

N.Cham. B869.13 R396.Yo-i 2005

Autor: Oliveira, Solange Ribeiro de.

Título: Itinerário de Sofotulafai : (auto)biografia



56400901
412652

EVIC

Solange Ribeiro de Oliveira

B 869. 13

R 396. 40- i.

2005

ITINERÁRIO DE SOFOTULAFAI

**(auto)biografia literária
de Abgar Renault**

U.F.M.G. - BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA



56400901

NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA

Belo Horizonte
Faculdade de Letras da UFMG
2005

412 652

Copyright © 2005 by Solange Ribeiro de Oliveira.

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Diretora: Profa. Eliana Amarante de Mendonça Mendes

Vice-Diretora: Profa. Veronika Benn-Ibler

Coordenadora da Câmara de Pesquisa da FALE/UFMG:

Profa. Maria Antonieta Pereira

Capa, Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica: Marco Antônio e Alda Durães
Ilustração da capa: Márcio Sampaio

Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecárias da FALE/UFMG

O48r OLIVEIRA, Solange Ribeiro de.
Itinerário de Sofotulafai : (auto)biografia literária de Abgar Renault.
/ Solange Ribeiro de Oliveira – Belo Horizonte : Faculdade de Letras
da UFMG, 2005.
334 p. : il., fot. p&b; 15,5x22cm.

Inclui referências

ISBN: 85-87470-83-3

1. Renault, Abgar, 1908-1995 – Biobibliografia. I. Título

CDD: B869.13

Faculdade de Letras da UFMG
Av. Antônio Carlos, 6627 – Campus Pamp
31270-901 – Belo Horizonte – MG
Telefone: (31) 3499-6007
Tel/Fax: (31) 3499-5120

<http://www.letros.ufmg.br>

Faculdade de Letras

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA
06 / 04 / 09

564009-01
Belo Horizonte

Como poderia o mesmo olhar observar
e ser observado ou ser sujeito e objeto?
Como podem os olhos ver-se,
reconhecendo-se a si próprios?

Abgar Renault. *Reflexões Efêmeras.*

Agradecimentos

À família de Abgar Renault,
especialmente
ao professor Affonso Henrique Tamm Renault,
sem cujo auxílio este livro não existiria.

Às professoras Maria Luiza Ramos
e Rina Bogliolo Sirihal,
pela leitura e sugestões.

À Faculdade de Letras da UFMG
e ao Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq),
pelo apoio institucional.

Sumário

Introdução: biografia ou autobiografia?	11
Prólogo essencialíssimo: os pais	17
Infância e adolescência: um menino no parque	25
Duas cidades: Barbacena e Belo Horizonte	39
Cronista da jovem capital: Belo Horizonte no início do século 20	57
Amor e perda: o barroquismo de <i>Sonetos Antigos</i>	79
O simbolismo em <i>Corporal iluminação</i> : amor correspondido	99
Entreato	117
Copacabana sobe às Alterosas: Abgar Renault e Ignez Caldeira Brant	127
“Habeas Corpus” para a “Felicidade”: Modernismo	145
Baudelaire das Gerais	163
Duas revoluções: Abgar Renault, deputado estadual	183
Endecha do Funcionário: intelectual e técnico de futebol	203
Burocrata e poeta: <i>Em viagem</i>	223
No palácio da Educação: renascimento e sombras	235
Pós-modernidade: metamorfoses e depuração do eu	257
Junto à <i>Lápide sob a lua</i> : de luto e glórias	275
Resto de vôo: “Velhice Gráfica” e “Poema Retrógrado”	287
Epílogo sereníssimo: <i>Thanatos</i> , o chapéu sem cabeça	311
<i>Post-Scriptum</i> : Máquina Literária	319
Referências Bibliográficas	327

INTRODUÇÃO

Biografia ou autobiografia?

Itinerário de Sofotulafai, relato de um trajeto poético e existencial, começa com uma pergunta: trata-se de uma biografia ou de uma autobiografia? Quem a constrói? Em analogia com o título do conto *Céci n'est pas un conte*, publicado por Diderot em 1772, este livro poderia intitular-se *Esta (não) é uma (auto)biografia*.

Vou tentar discutir a ambiguidade. De certa forma, não se trata de uma biografia, mas de uma autobiografia. A escrita é, em grande parte, de Abgar Renault. Flui de seus poemas, textos em prosa, sua correspondência, suas entrevistas e depoimentos, seu arquivo pessoal – da seleção, enfim, feita pelo próprio poeta, dos fatos e textos que considerou significativos para a construção de sentido em seu percurso existencial.

Não me faltam aliados para essa argumentação. O próprio Abgar concordaria com seu amigo Carlos: para Carlos Drummond de Andrade, é na obra que o artista deposita o estrato essencial, o sedimento da vida, como afirma em carta a Edgar Cavalheiro. Desculpando-se por não lhe conceder uma entrevista, o autor de *Claro Enigma* escreve a Cavalheiro que o encontro é desnecessário, pois nada resta a revelar: “tudo está dito em minhas poesias (...) Elas traduzem minha experiência pessoal, refletem a minha visão de mundo, e a minha atitude diante das lutas revolucionárias de nosso tempo”.¹ Drummond ratifica assim pronunciamentos semelhantes de tantos outros artistas, resumidos por V.S. Naipaul, prêmio Nobel de

¹ Trecho transcrito por Edgard Cavalheiro. *Testamento de Uma Geração*. Porto Alegre, 1944, p. 280. Apud MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo-Rio de Janeiro: DIFEL, Difusão Editorial, 1979, p. 144.

Literatura em 2001: “sou a soma de meus livros”.² Estou certa de que Abgar firmaria essa declaração. Endossaria o uso de seus poemas e textos em prosa como eixo centralizador desta sua (auto)biografia.

Uma parte do material utilizado chegou-me de modo indireto pela mão do poeta. Refiro-me a dois grossos cadernos organizados por ele e confiados a seu sobrinho, professor Affonso Henrique Tamm Renault, que generosamente me permitiu consultá-los. Nesses cadernos, durante quase meio século – de 1918 a 1961 – Abgar colou recortes de periódicos, que julgou importantes para documentar seu percurso. Contêm escritos seus ou relativos a sua variegada carreira. Retalhos de vida, pastilhas de um mosaico poético, os textos colecionados podem ser tomados como uma ilustração viva do pensamento de Antoine Compagnon. Ao refletir sobre as estratégias de recorte e colagem, embutidas no processo de criação e citação literária, Compagnon recorre a uma analogia com a prática infantil de recortar, colorir e colar figuras de papel. Manejando tesoura e cola, a criança contorna arestas, altera contornos, apaga, mutila e mistura imagens. Combinadas de várias formas, elas compõem um modelo infantil do universo, protótipo do heterocosmo do artista, cuja obra, “mosaico de citações”, integra fragmentos da história literária. Esse uso de tesoura e cola, objetos míticos, emblemáticos do processo escritural, faz-se visível nos recortes de Abgar. Eles testemunham uma dupla experiência: a vida textualizada e o texto vivenciado. Contêm dados sobre sua atuação pública, desde os primeiros vãos do cronista adolescente e do poeta iniciante até o amadurecimento de sua carreira de poeta, professor, educador, político, administrador, Secretário de Estado de Educação, Ministro da Educação, representante do Brasil em entidades internacionais e Ministro e Presidente do Tribunal de Contas. Nas coleções batizadas por mim de *Caderno I* e *Caderno II*, os recortes documentam a vivência pessoal, profissional e literária do poeta. Mostram-se também inseparáveis do cenário de

² NAIPAUL, V.S. Two Worlds. *PMLA, Publications of the Modern Language Association of America*, v. 117, n. 3, maio 2002, p. 479.

sua época. Giram, no exterior, por três continentes, e, no Brasil, pelo eixo Belo Horizonte-Rio-Brasília.

Crônicas sociais, leves e mundanas; reflexões em prosa poética; comentários políticos, crítica literária, e, sobretudo, poemas – a maior parte juvenil publicada em periódicos mineiros e cariocas – o material contido nos dois *Cadernos* não poderia constar da *Obra Poética* publicada em 1990, necessariamente seletiva. A coletânea – um dos pilares desta (auto)biografia – reúne em nove livros a produção que o poeta julgou melhor representá-lo. Construção caleidoscópica, de estilos diversificados, amalgamados por uma poética individual amadurecida ao longo de sete décadas – ela testemunha a presença do passado no que a arte literária oferece de mais contemporâneo. O conjunto integrado por essa produção poética, pela correspondência, pelos cadernos de recortes, trechos de um diário íntimo, depoimentos de amigos e familiares de Abgar e por algumas lembranças minhas, estabelece o nexo de sentidos subjacente a este livro.

Antes de iniciá-lo, insisto na relevância da interrelação obra/vida, e, portanto, de *Obra Poética*, para o relato (auto)biográfico. Tanto quanto a experiência da literatura no século XX (nunca o modismo de ocasião) foi a vida, cambiante em seus encadeamentos, que ditou a composição desse mosaico. É ela, a vivência do poeta, o rosto detrás da máscara, que primordialmente me interessa. Leio a obra como uma reescrita da vida. Busco em cada livro o lance de uma história. Ela inclui não apenas o poeta, mas também o homem, que cumpre com exatidão as etapas de uma existência quase centenária: filho amoroso, inquieto estudante, jovem apaixonado, marido atento, pai enlutado – inseparáveis do professor, homem de estado, administrador, educador, cronista e intelectual envolvido nas tramas do poder e de suas contradições.

Interessada em seu perfil humano e literário, não ignoro a natureza escorregadia do terreno a ser palmilhado, especialmente quando se visa, na obra, a seu autor. A leitura articulada de vida e obra, mesmo apoiada em textos (auto)biográficos de diversas feições, envolve problemas complexos, a começar pela própria noção do eu.

Neste livro, penso sobretudo em questões mais específicas, discutidas por uma série de teóricos.³ Eles alertam para a ambigüidade e complexidade da prática escritural, desenvolvida no terreno liminar entre o empírico e o imaginário. Fugindo à falácia referencial, como ao equívoco de um relato ingenuamente laudatório, pretendo manter-me atenta aos perigos de uma transposição direta do textual para o vivido. Busco não esquecer que, na enunciação autobiográfica, uma cisão do eu, ao mesmo tempo sujeito e objeto da escrita, preside à metamorfose do autor real no autor implícito, ou à leitura retroversa, deste para aquele. Tenho sempre em mente a semelhança entre a lógica *sui generis* da construção poética e a do discurso onírico, mais próximas do desejo que do registro factual.

Ainda assim, não esqueço que, intermediado por múltiplas reinvenções, deformações, lacunas, fraturas e assimetrias, um eu empírico tenta construir-se no eu textual. A persona lírica supõe um rosto, que, formatando sua máscara, também se (re)constrói. É esse rosto, e suas máscaras, que busco nos nove livros de *Obra Poética*, na correspondência pessoal, nos cadernos de recortes legados por Abgar Renault, e também nas imagens que dele fizeram alguns de seus amigos e contemporâneos. Círculos concêntricos, ora mais próximos ora mais afastados de um eixo único, contornam um (auto)retrato, claramente visível ou apenas insinuado.

Por outro lado, não deixo de contemplar a elaboração formal, predominante na criação literária, que abrange a escrita do eu. Nunca transcrição, o texto desponta como transfiguração e transcriação da experiência vivida. No agrupamento dos poemas, cujas datas não se dispõem linearmente em todos os livros, sigo pistas estilísticas e temáticas. *Sonetos Antigos*, iniciado ainda na adolescência e concluído em 1923, forma um consistente bloco neo-barroco, pontilhado de

³ Refiro-me, por exemplo, a Phillippe Lejeune, Roland Barthes, Michel Beaujour, Jean Starobinski, Jean Ricardou, John Sturrock, Antonio Candido, Jean Tibaudeau, Eugene Vance, Paul De Man, Elizabeth Bruss, Jacques Derrida, John Eakin, Alain Finkielkraut, Moses Finley, André Gide, Antonio Gomes-Moriana e Georges Gusdorf, entre outros.

evocações camonianas. *A Princesa e o Pegureiro*, composto entre 1924 e 1926, é uma longa celebração amorosa, de cunho simbolista. Nos livros seguintes os poemas são datados, estendendo-se da terceira à nona década do século XX. Os longos cortes cronológicos mostram que, em anos aproximadamente coincidentes, as criações assumiam estilos diferentes, ou, pelo contrário, conservavam traços recorrentes em épocas muito distintas. Na ordem de sua produção, os textos de *A Outra Face da Lua* cobrem os anos de 1920 a 1980. Os poemas de *Cristal Refratário* estendem-se de 1951 a 1979, os de *Íntimo Poço*, de 1933 a 1985, seguidos de *Thanatos*, com poemas de 1936 a 1983 e *Rio Escuro*, de 1922 a 1986. Na contracapa de *Sofotulafai*, de 1972, lê-se que foi escrito em 1951. Em todos esses, e no material complementar, constituído sobretudo pela correspondência e pelos cadernos de recortes, rasteio as correlações biográficas registradas no decorrer deste livro.

Contemplo uma produção setuagenária, ininterrupta, iniciada nos anos vinte e mantida até os anos noventa do século que se findou. A continuidade é tão mais singular por combinar linearidade e simultaneidade. A progressão cronológica convive com a simultaneidade de estilos e temas, agrupados, conforme sua tonalidade afetiva, em livros distintos de *Obra Poética*. O esperançoso namorado de *A Princesa e o Pegureiro* compõe seu canto simbolista quase ao mesmo tempo que o desolado amante petrarquiano repassa o barroquismo de *Sonetos Antigos*. O viajante internacional de *A Outra Face da Lua*, cujo olhar oscila entre paisagem íntima e a topografia exterior, explora variadas possibilidades estilísticas, do simbolismo ao modernismo e pós-modernismo. Em datas aproximadamente coincidentes, seguem-se a crítica bem humorada e a reflexão metapoética de *Cristal Refratário*, a meditação filosófica de *Sofotulafai*, o subjetivismo acerbo de *Íntimo Poço*. Nas sete décadas dessa obra multifacetada, Abgar é também, da juventude promissora à fecunda velhice, o inigualável poeta da morte, cuja voz se adensa em *Thanatos* e *O Rio Escuro*. Apoiada nos poemas mais significativos para os objetivos propostos, e também no material complementar descrito, convido o leitor a percorrer comigo este itinerário vivido e escrito.

O percurso é necessário. A produção poética aqui focalizada permanece até hoje insuficientemente divulgada, em parte como resultado da postura do próprio autor. Abgar atribuía maior importância a sua atuação como educador e tradutor. Deu voz a outros poetas, antes de fazer soar publicamente a sua. Só às vésperas de completar noventa anos publicou *Obra Poética*, selecionada de uma produção quase totalmente dispersa em jornais e revistas.

Há de se notar ainda que o volume de 1990 comprime os textos, de forma a ocupar muito menos páginas do que ocorreria numa edição bem cuidada. Apesar disso, e da ausência de vasto material refugado pelo autor, *Obra Poética* ocupa bem mais do que as duzentas páginas de poemas com os quais T.S. Eliot contribuiu para revolucionar a poética do século 20.

Este livro almeja dar um primeiro passo para a reparação dessa injustiça, cometida pelo poeta, contra sua própria obra e contra nossa literatura.

PRÓLOGO ESSENCIALÍSSIMO: Os Pais

Do lado paterno, Abgar Renault descende de uma família franco-alsaciana. Seu bisavô, Pedro Victor Renault de Sierck, emigrou para o Brasil para prestar serviços ao governo de Pedro II.¹ Dos dois sobrenomes, seus descendentes conservaram apenas o penúltimo, *Renault*, originalmente alemão, que significa “Presidente do Conselho”.

Após a morte de Abgar, contatos ocorridos entre familiares seus e os parentes de Pierre Victor residentes em regiões hoje pertencentes à França adicionaram informações preciosas sobre o ancestral comum. Em viagem de trabalho junto à firma Michelin em Paris, um Renault brasileiro encontrou por acaso uma prima distante. Descoberto o parentesco, o encontro acabou resultando numa festa de confraternização no Automóvel Clube de Belo Horizonte, onde se reuniram descendentes europeus e brasileiros de Pierre Victor. Após o jantar e os discursos, uma parente francesa ofereceu uma explicação pitoresca para a emigração do bisavô. Ela teria ocorrido como consequência de um romance com uma mulher casada. Por causa dela o jovem Renault Sierck teria matado em duelo – já então ilegal – um personagem importante. Para escapar à prisão, teria sido obrigado a deixar a pátria. Uma versão menos romântica atribui a fuga aos ideais republicanos de Pierre Victor, incompatíveis com o regime de Napoleão III, então à testa do governo francês.

Aportando no Brasil com uma vaga carta de recomendação para um posto de engenheiro em mina de ouro de Sabará, o rapaz enfrenta enormes dificuldades. Chega a passar privações. Graças a seus

¹ Já nonagenário, escrevendo ao irmão Lívio em 31 de março de 1992, Abgar indaga: “Que acha do nome completo do nosso bisavô? – Pedro Victor Renault de Sierck. Não parece alemão aquele Sierck? Talvez tenha vindo por intermédio da Alsácia.”

conhecimentos de francês, alemão, inglês, biologia, química, física e matemática, sobrevive dando aulas particulares. Por delegação de José Cesário de Miranda Ribeiro, Presidente da então província de Minas Gerais, empreende em 1836 uma perigosa exploração no interior, enfrentando momentos difíceis entre tribos indígenas. Desse contato resulta um léxico e um glossário de línguas indígenas. Viajando por via ora terrestre ora fluvial, descobre o rio Mucuri e atinge as proximidades do Jequetinhonha. Sobrevive a inúmeras peripécias, entre as quais um naufrágio. Só regressa após dezoito meses de labuta. Outras missões lhe são confiadas por Antônio da Costa Pinto, novo Presidente da Província: uma expedição exploratória até às margens do rio Paracatu, e a criação de uma estrada de 400 quilômetros, ligando Ouro Preto ao Rio de Janeiro. Em razão de doenças contraídas durante as viagens, Pierre Victor submete-se a um tratamento com um médico, cuja filha vem a ser sua futura esposa.

Da longa e aventureira carreira do jovem emigrante limito-me a assinalar que, fixando-se em Barbacena como chefe de uma família logo numerosa, Pierre Victor desempenha uma série de atividades pioneiras, de extrema utilidade para sua segunda pátria. Funda em Barbacena o Colégio Renault, instituição de nível secundário, então inexistente na região. Publica no Rio de Janeiro dois preciosos manuais didáticos e uma espécie de Enciclopédia, intitulada *Tesouro das Famílias*. Também introduz no Brasil o sistema métrico decimal, originado na França apenas cinqüenta anos antes. Em sua maturidade, escreve aos familiares que lhe restam na Europa, retoma contato com seu país e torna-se Cônsul da França. Recebe visitantes ilustres como Richard Burton, Peter Lund, Louis Agassiz, João Monlevade, e o etnólogo Emmanuel Liais.² Diante de percurso tão rico, não é difícil imaginar a contribuição de Abgar Renault para a Literatura e a Educação como um prolongamento da obra de seu bisavô.

² Para mais detalhes sobre a vida de Pierre Victor Renault de Sierck, seus ascendentes e familiares europeus, cf. MARAUX, Vincent. *Pierre Victor Renault - Un pionnier français au XIXème Siècle*. 1811-1892. 1999, manuscrito inédito.

Um neto de Pierre Victor, Leon de Araújo Renault, também educador, foi o pai de Abgar. Casou-se com Maria José de Castro, uma jovem de família local, de origem portuguesa. Leon deve ter sido marido dedicado, pois, em 17 de maio de 1926, escrevendo à noiva sobre doença de Maria José, então hospitalizada, o jovem Abgar comenta que Leon está “desatinado”. O casal teve seis filhos, quatro meninos e duas meninas – uma falecida na primeira infância.

Sempre ocupado, absorto com as múltiplas funções de professor e funcionário público, Leon Renault permanecia ausente de casa a maior parte do dia, confiando à esposa a educação dos cinco filhos. Maria José de Castro Renault desempenhou com dignidade o único papel que lhe destinava o cenário da época: esposa irrepreensível, mãe amantíssima – os adjetivos convencionais brotam da verdade. Mulher simples e doce, fez-se amar por uma insuperável ternura, recordada pelas duas noras, que até há pouco lhe sobreviviam. Perto dos noventa anos, Abgar, lembrando-se dos pais, observou que a extrema brandura da mãe a tornava incapaz de repreender severamente os filhos. A tarefa, se necessária, cabia a Leon Renault.³ Não sem razão, Maria José foi adorada por toda a família e pelos filhos, especialmente Abgar, cuja solicitude beirava às vezes a irracionalidade. Por ocasião de uma doença sem gravidade da mãe, escrevia aos familiares em termos dramáticos, aterrorizado com a mera possibilidade de perdê-la. A presença materna sulca a poesia de Abgar e espraia-se, reiterada, em vários momentos de sua criação. Reflete-se no olhar adolescente de sua primeira *persona* poética, envolta ainda na vaga música e nas imagens brumosas do Simbolismo. Tal é o poema “Teus Olhos”, conservado em recorte de jornal datado de 1919, com a dedicatória *À minha adorada mãe*. O soneto, ilustrado por dois crucifixos justapostos, em harmonia com suas ressonâncias místicas, exhibe uma curiosa construção em

³ Cf. Entrevista concedida por Abgar Renault em 02/07/1987 a Maria Claudia Bonfim, constante do Banco de Dados do Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras, de agora em diante mencionada simplesmente como *Entrevista*.

ricochete. A mirada poética mergulha no olhar materno, onde encontra a imagem idealizada do jovem virtuoso que almeja encarnar. Os dois olhares entrecruzam-se amorosamente, em mútua iluminação: Os olhos do filho advinham, nos da mãe, alegrias e dores, que se desdobram, duplicando as dele. Construído *en abîme*, jogo espelhado de olhares em múltipla refração amorosa, o soneto merece ser reproduzido. Note-se a ortografia antiga, que o poeta nunca abandonou em seus escritos pessoais, realçada pela impressão em caracteres góticos:



TEUS OLHOS

A minha adorada Mãe

Teus olhos, Mãe, irmãos da luz dos luas,
Em que uma sombra de minh'alma espreito,
São do meu culto, rusticos e imperfeitos,
Os luminosos, mysticos altares.

No seu clarão me fogem meus pezares,
Fic-me tão puro, Mãe, e tão perfeito,
Que, si os sinto a sonhar nos meus olhares,
Nécessitam astros dentro de meu peito!

Como anda a dêr junta á alegria, emtanto...
Teus olhos, Mãe, ah! que ancias malcoffridas!
—Nem sabes Tu quanto padeco, quanto!

Si os vejo, Mãe, tristinhos e maguados...
Si suspeito que, a sóz, ás escondidas,
Andas chorando pelos meus peccados...⁴

⁴ O soneto foi publicado ao lado de dois outros, também dedicados à mãe, sob o título *Sonetos de minha Mãe*, em *O Arauto* (21/02/1922) *Ilustração Brasileira*, de maio de 1924, com as datas de composição (1919, 1920, 1921) e pequenas alterações acrescentadas a mão pelo autor (*Caderno I*, p. 60 e *II*, p. 8). Já aparecera antes em *Minas em Foco* (27/12/1919), *Sericultor*, e *Alvorada* (abril-maio 1922), (*Caderno I*, p. 16, 17 e 18).

“Teus Olhos” foi republicado vários vezes, uma delas acompanhada de dois outros sonetos, sob o título “Sonetos de minha Mãe”. Os três traçam um retrato idealizado da “mãe piedosa e pura” em cujo seio, na alegria ou na “dôr canora”, o filho encontra refúgio e compreensão. Os retratos evocam a visão contemporânea da mulher ideal, cheia de doçura e resignação. Os mesmos traços reaparecem na carta de 16 de maio de 1926, endereçada à noiva, Ignez Caldeira Brant. Vendo o pai “desatinado” e a mãe prestes a hospitalizar-se para uma intervenção delicada, Abgar escreve: “Se visses a sua fraqueza, a serenidade do seu semblante, a sua resignação, a ternura esperançada com que se despediu de nós! (...) Eu não mereço a Mãe que tenho”.



Maria José de Castro Renault, mãe de Abgar Renault

Excetuados os sonetos dedicados à mãe, uma entrevista para a *Folha de São Paulo* e outra para o *Banco de Dados da Academia*

Brasileira de Letras, Abgar manifesta-se sucintamente a respeito dos pais e avós. Refere-se ao avô materno, Herculano de Castro, como músico de valor, pai do pianista e compositor Pedro de Castro, tio do poeta, mencionado em suas crônicas sobre os saraus mineiros de sua juventude.⁵ Menino ainda, acostumou-se a ouvir boa música, cujo gosto, cultivado durante toda a vida, declara ter herdado da mãe. A afinidade com a música é confirmada pelo poema “Voo”, que foi musicado por Villa Lobos e por sua imorredoura paixão por Mozart e Scriabin.⁶ À influência do pai professor atribui “o amor aos estudos e o interesse pelas cousas da educação, em que foi precursor”.⁷ Acrescenta que Leon Renault “lecionava em caráter particular, em casa, para filhos de famílias ricas. Depois foi convidado pelo governo para fundar o Instituto João Pinheiro, que era destinado a menores carentes. Ali ele fez uma história muito rica de vida, algo que durou até mais de 40 anos”.⁸

Nota-se que, ao contrário da lembrança materna, e excetuada a dedicatória conjunta, *À memória de meus pais*, em *A Outra Face da Lua*, a figura paterna acha-se ausente de toda a produção poética de Abgar. Não aparece no pequeno álbum de retratos montado com poemas dedicados a dois irmãos e às cunhadas, e complementado por *Lápide sob a Lua*, inspirado pela perda do filho Carlos Alberto. Que não se trata de falta de amor fica bastante claro. O fato é testemunhado pelas referências ao pai contidas na correspondência dirigida pelo poeta de vinte e quatro anos à futura esposa. Em

⁵ CANÇADO, José Maria. Um depoimento inédito de Abgar Renault, o último poeta modernista. *Folha de São Paulo*, Mais!, 17/03/1996.

⁶ Cf. SANTOS, José Francisco dos. Abgar Renault comemora seu aniversário com poesia. *Estado de Minas*, 05/05/1994.

⁷ *Depoimento*. In: OLIVEIRA, Solange Ribeiro de; RENAULT, Affonso Henrique Tamm (Org.). *Abgar Renault*. Belo Horizonte, Centro de Estudos de Letras da UFMG, série Encontro com Professores Mineiros, 1966, p. 33.

⁸ CANÇADO, José Maria. Um depoimento inédito de Abgar Renault, o último poeta modernista. *Folha de São Paulo*, Mais!, 17/03/1996.

novembro de 1925, estando Leon Renault acamado com um problema renal de certa gravidade, Abgar aflige-se muito. Em carta do dia 27, agradece à noiva os votos pela saúde da “pessoa amada de Papae”, cuja doença confessa tê-lo deixado “desolado”. Em função disso, adia uma visita à noiva, residente no Rio de Janeiro. Em 16 de novembro, escreve-lhe:

não me conformo com vel-o a soffrer! Já está tão cansado e vive sempre tão doente! Seria tão melhor que tombasse eu e, si possível, de uma vez e para sempre. Afinal, sou moço, e é melhor que soffra uma pessoa jovem, capaz de supportar mais facilmente uma dôr physica, do que uma que viveu intensamente pelos que lhe são caros, e que já vae descendo a grande encosta...

Em outras cartas do mesmo mês, Abgar descreve os detalhes da doença, a febre intermitente, as recomendações de três médicos que assistem o doente, suas melhoras e recaídas, a lenta convalescença. Empenha-se para que o pai não volte à diretoria do Instituto João Pinheiro – mostra-se, enfim, quase obsessivamente dominado pela preocupação, que se manifesta ainda na cartas dirigidas à noiva no mês seguinte. É o que se observa também na correspondência com Lívio, o irmão a quem era especialmente ligado. Do Rio, já Diretor Geral de Educação do ministério Capanema, no breve período de 6 a 16 de junho de 1936, Abgar escreve três cartas instando para que, sem alarmar o pai, Lívio o faça dar seguimento a uma consulta médica feita no então Distrito Federal. O motivo da consulta – uma pequena excrescência surgida poucos dias antes no lábio superior – não parece justificar tanta inquietude. Explica-a, sim, o amor do filho.

Diante disso, a total ausência da imagem paterna em *Obra Poética* não chega a ser excepcional. Como fonte de inspiração poética, a figura materna tradicionalmente supera a paterna. Se algumas indagações permanecem, não é difícil imaginar respostas. Teria Abgar, segundo a tese de Harold Bloom em *A Ansiedade da Influência*, experimentado uma reação edipiana, que o levaria a eliminar simbolicamente a figura paterna, rival na vida intelectual? O parricídio emblemático seria necessário à auto-afirmação do poeta,

também professor e educador, em caminhos já trilhados pelo pai? A hipótese contrária seria igualmente verossímil. Apesar de todo orgulho que sentia pelo filho ilustre, Leon Renault manifestava certa rivalidade com a carreira dele, de maior repercussão que a sua. Essa possibilidade não elimina mais uma hipótese. A ausência paterna na galeria familiar poderia ser explicada por certa mágoa pelo segundo casamento de Leon Renault. Teria Abgar sentido que o pai viuvo tentava substituir a imagem da esposa morta, que, para o filho, seria insubstituível? Homem reservado, Abgar não confirmaria qualquer das hipóteses. Resta apenas constatar, no mural familiar, a moldura vazia, que circundaria o retrato do pai.



Leon de Araújo Renault, pai de Abgar

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA: Um Menino no Parque

Ah! musicas que ouvi quando era criança...
A vida envelheceu, e ainda as escuto

“Velhas Musicas”, poema inédito de Abgar Renault

Abgar de Castro Araújo Renault nasceu quase com o século XX, no dia 15 de abril de 1901, na cidade mineira de Barbacena.¹ *Obra Poética* nada diz sobre a cidade natal, o que se explica pela mudança da família Renault para Belo Horizonte, quando seu novo membro tinha apenas quatro meses. É, pois, a capital mineira que Abgar considera a sua cidade, terra da infância, cujas manhãs frias rememora com saudade. Afirma em seu *Depoimento* que, mesmo tendo vivido no Rio de Janeiro intermitentemente, e mudado para lá em 1971, já septuagenário, sente que ainda vive, e sempre viveu, em Belo Horizonte.

¹ A data do nascimento de Abgar gerou uma polêmica, instaurada por certos jornais em 1970 quando, segundo eles, o poeta estaria prestes a completar 70 anos e deveria aposentar-se compulsoriamente do cargo que ocupava no Tribunal de Contas da União. Se assim fosse, não teria nascido em 1901, mas em 1900. No depoimento à Academia Brasileira, Abgar, contesta a informação. Declara que o *imbroglio* foi gerado por um adversário político. Encerrado o episódio, o ano do nascimento foi reconhecido como 1901, e o centenário corretamente celebrado em 2001 pelas duas Academias de Letras, a Mineira e a Brasileira, que contaram Abgar entre seus membros. A polêmica causou certo desgosto ao poeta. Escrevendo ao amigo Fernando de Azevedo em 16 de novembro de 1976, ele menciona o episódio entre os “assuntos que ainda hoje me inquietam e entristecem”. VIDAL; CARDOSO. *Conversa de Educadores: Catálogo Analítico da Correspondência entre Abgar Renault e Fernando de Azevedo*, p. 5.

Os cadernos de recortes do poeta omitem quase totalmente referências à meninice. Uma possível exceção é o recorte da crônica “A Esmo”, sem data e sem referência, incluído no *Caderno II* à p. 28, entre publicações de 1921. A crônica reconstitui um Natal, revivido em sonho:

À noite, quanto me custava dormir! A idéia de que Noel poderia não vir, roubava-me o somno. Como era doloroso o meu temor! Quanto era terrível a duvida que me assaltava o espirito!

No dia seguinte, ainda ao lusco-fusco, o peito offegante, cheio de uma indizível anciedade que me fazia bater violentamente o coração, debrucei-me sobre a beira do leito e lancei um olhar aos meus sapatos...

Nada vi...estirando o braço, agarrei-os, tremulo, num nervosismo singular...

Ah! Papai Noel viera! lá estavam – prova incontestável de sua passagem – os meus sapatos recheados de brinquedos, transbordantes de bonbons e nozes!

Se a descrição não for totalmente fantasiosa, e reportar-se a uma experiência real, a infância de Abgar, em ocasiões festivas, foi semelhante à das crianças de seu grupo social, com os hábitos e as alegrias próprias da idade. Na entrevista concedida à Academia Brasileira de Letras, o poeta informa que, ao contrário do segundo irmão, Áureo, foi um menino “recolhido, pouco dado a estrepolias”. Lembra-se da professora particular que o alfabetizou, a competente Dona Maria Cândida. Como a convivência com o pai, o contato com a professora deve ter contribuído para despertar o interesse pela pesquisa pedagógica, que mais tarde marcaria a vida do futuro Secretário e Ministro da Educação. Para testar processos de alfabetização, Dona Maria Cândida, que tinha dois alunos, adotou um método para cada um. Com Abgar, recorreu à tradicional silabação, e com seu colega, a um método então novo. O resultado da experiência foi favorável ao processo mais antigo, pois Abgar aprendeu a ler em dois meses, enquanto seu colega demorou um ano para realizar a façanha. Fica a pergunta: o resultado teria sido diferente se a professora tivesse invertido a experiência, usando a metodologia mais recente com Abgar, e a mais tradicional com seu companheiro de estudos?

Em 1908, já alfabetizado, Abgar seguia a cavalo para a Escola Primária do Calafate, onde completou o curso primário. A escola ficava a três ou quatro quilômetros da Gameleira, onde a família residia, pois Leon Renault havia sido nomeado diretor do Instituto João Pinheiro, localizado naquele bairro. Abgar não frequentou o curso secundário, então chamado de ginásial, que só existia no centro da cidade, muito distante da casa familiar. Segundo informa Pedro Nava em *Beira-Mar*, Abgar iniciou em 1914 os estudos equivalentes ao ginásio com professores particulares, Antônio Afonso de Moraes, Boaventura Costa e Silvestre Moreira.² Para validá-los, submeteu-se aos rigorosos exames parcelados do então Ginásio Mineiro, depois Colégio Estadual. Na cidade, frequentava aulas particulares de Inglês, às oito da manhã. Para chegar a tempo, tinha de madrugar e percorrer quatro quilômetros a cavalo, antes de tomar um bonde até o alto da cidade. A lembrança das madrugadas sonolentas talvez explique a ojeriza pelos primeiros horários da manhã, que o poeta conservou através da vida. Chegou a recusar um convite de Alceu Amoroso Lima para lecionar em Nova Iorque só porque teria de acordar cedo. (O convite foi aceito por Érico Veríssimo). De qualquer forma, o sacrifício matutino deu os resultados esperados. Aos doze anos, Abgar já tinha lido seu primeiro livro em Francês, e logo viriam as leituras em Inglês. Lia tudo que lhe caía nas mãos: romances, contos policiais em fascículos semanais, além de obras da pequena mas selecionada biblioteca do pai.

Aos treze anos, começou a escrever textos em prosa e verso, em cadernos que conservou até a velhice. Um deles, espécie de diário, datado de 1914 e 1915, cujo acesso me foi facultado pelo professor Affonso Henrique Tamm Renault,³ registra as incursões no mundo da leitura, com frases copiadas dos autores mais diversos. Os

² NAVA, Pedro. *Beira-Mar*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978. p. 211.

³ O caderno do adolescente antecede as coleções de recortes organizados por Abgar entre os dezoito e os sessenta anos, que denominei *Caderno I e Caderno II*, e que constituem uma fonte essencial para esta (auto)biografia.

nomes aparecem listados na última página: Camões, Bernadim Ribeiro, Alexandre Herculano, Camillo Castelo Branco, Eça de Queiroz, Almeida Garrett, Manuel Bernardes, Castilho, Luiz Guimarães, Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Aluísio de Azevedo, Olavo Bilac, Raul Pompéia, José de Alencar, Máximo Gorki, Teixeira de Melo, Edgar Allan Poe, Charles Dickens, Edmundo de Amicis, Alexandre Dumas, Victor Hugo e Lamartine (os dois últimos no original francês). Entre as frases copiadas, uma demonstra, por um lado, o interesse do menino pelas questões internacionais (“Right or wrong – my country”⁴), e, por outro, seu incipiente conhecimento de línguas estrangeiras, vital para o futuro profissional, e, sobretudo, para o tradutor de Tagore e tantos outros poetas incluídos em sua *Poesia – Tradução e Versão*, publicada em 1994 pela editora Record. O caderno do pré-adolescente inclui uma espécie de galeria particular dos objetos de sua admiração: pequenas fotos de escritores, artistas e estadistas, recortadas de revistas e caprichosamente coladas, com um papel de seda colorido superposto. O papel simula uma cortina, pronta para ser erguida e revelar, entre muitos outros, retratos dos franceses mais célebres do século XIX, escolhidos numa pesquisa da revista *Petit Parisien*: Louis Pasteur, Victor Hugo, Gambetta, Napoleão, Lazaro Carnot. A “galeria” particular termina com uma foto legendada – “A Trindade Immortal” – de Alberto de Oliveira, Raymundo Corrêa e Olavo Bilac. Em seqüência a esse caderno, o menino Abgar organizou outros, com seus poemas prediletos, evidenciando a formação inicial de seu gosto literário.

Obra Poética oferece poucas pistas sobre os primeiros anos de Abgar, apenas mencionados em poema dedicado à mãe – *vestígios últimos da minha infância, fechados na tua mão*.⁵ A exceção é “Semi- internato”, publicado em *A Outra Face da Lua* e dedicado a

⁴ Do político e soldado norte-americano Carl Schurz (1829-1906): *My country, right or wrong; if right, to be kept right. And if wrong, to be set right*. A frase foi proferida em discurso perante o senado em 1872.

⁵ “Infinitamente Ausente”, *A Outra Face da Lua*, p. 88.

Pedro Nava. O poema projeta uma imagem bastante detalhada do colegial de onze anos. Recuando a esse momento, numa fusão einsteiniana de tempo e espaço, o texto cita o endereço de uma escola, o semi-internato particular freqüentado pelo menino, situado na esquina da Rua Timbiras com a Avenida João Pinheiro:

Outrora é ali naquela esquina de Timbiras
Onde estou ainda parado sem querer entrar

O poema dá claro testemunho da cisão entre a visão adulta, sujeito da escrita, e a do pré-adolescente, que a persona poética tenta recapturar. O “olhar de hoje quando translê submersas ruas” visa reconstruir o ontem percorrido pelos olhos do rapazinho. Na fusão deliberada de tempo verbal e tempo interior, o poema transfigura, na memória do homem que o compõe, a jornada do colegial, as dores de sua pequena vida – o sono interrompido, a saudade da casa e da mãe, os aborrecimentos durante as aulas – e as canhestras tentativas de evasão:

Dor de sentir a manhã entrando debaixo das cobertas,
E de ter de sair correndo para pegar o bonde das seis
(e sair sem correr para não pegar o bonde das seis.)
(...)

Hoje não vou porque estou com dor de dente,
Como é que hei de ir com esta roupa?
Não sei a lição e hoje não vou.
Não vou porque também a comida é muito ruim.
E ia hoje sem roupa no bonde das seis.
E ia hoje sem lição no bonde das seis.
E ia hoje sem dor de dente no bonde das seis.
Ia ficar com fome o dia inteiro – e partir no bonde das seis –
Para só voltar às seis com o meu sono e a minha tarde precoce
(...)
e era dentro das paredes grossas que sem olhos, nem ouvidos
revivia as horas de pagode em casa
e pensava gravemente no olhar de sombras dos olhos longín-
quos de minha mãe.

Nota-se uma hesitação, ou mesmo uma contradição, entre a memória consciente do autor e sua transfiguração onírica no poema. Na entrevista concedida quando já membro da Academia Brasileira, Abgar afirma ter sido um menino “recolhido, pouco dado a estrepolias”. “Semi-Internato” faz o leitor questionar essa imagem. Seria apenas em seus devaneios que o menino fugia da escola, desmentindo seu bom comportamento na lembrança do poeta octogenário? Teria ele sido o colegial “assíduo e inocente”, ou o pré-adolescente que, travesso, ainda de calças curtas, também anunciava o futuro poeta meditativo? Continuemos a leitura:

Assíduo e inocente, eu fugia das aulas e do almoço.
e meditava o Parque Municipal contemplando os gramados e as pontes,
(dor misteriosa de ver as águas fluindo sob a indiferença das pontes
paradas)
e vadiava com meus sonhos vagarosos pelas ruas desabitadas e infinitas,
em busca dos doceiros que aceitavam coupons de bonde como dinheiro.

Se era “assíduo e inocente”, o menino não poderia fugir à aulas para “vadiar” no Parque Municipal. Com isso incorreria em falta considerada grave em qualquer colégio, especialmente dentro dos rígidos padrões do início do século XX. Mas poderia, sim, mesmo encerrado nas “paredes grossas” da sala de aula, viver aventuras imaginárias nos lugares de sua predileção.

Nessas circunstâncias – meros devaneios durante as lições ou escapadelas reais – o rendimento escolar não seria tão exemplar como faria crer o sisudo senhor entrevistado pela Academia Brasileira de Letras. Ele é desmentido pela voz poética.

A fantasia foi finalmente concretizada pelo colegial. Faltou às aulas durante semanas e foi por isso transferido para outro colégio. Resta ao leitor escolher entre as diferentes versões da figura de Abgar nessa fase de sua vida. O relato do membro da Academia de Letras descreve um estudante aplicado e pontual. O poema “Semi-Internato” sugere transgressões que poderiam ser imaginárias. Finalmente, a história familiar relata as conseqüências desses devaneios: transformados em realidade, determinaram a transferência do menino para outro

colégio. As várias versões podem conciliar-se na verdade superior da criação literária.

“Semi-Internato” deixa ainda vislumbrar o despertar da puberdade, que funde fantasias roubadas ao cinema e premonições do sexo:

eu fugia nas águas de barcarola do Parque, com Nick Carter e os primeiros punhais de mulher.

Nessas circunstâncias, o rendimento escolar não seria tão exemplar como faria crer o sisudo senhor entrevistado pela Academia Brasileira de Letras. A voz poética faz pensar na contradição entre memória consciente e sua transfiguração onírica, própria da poesia, quando declara:

Não aprendi o francês de Halbout, nem história sagrada, nem análise

– afirmação totalmente contrariada pelos textos conservados nos cadernos do colegial de 1914 e 1915.



Abgar Renault em 1910

Esses primeiros anos do poeta coincidem com os da capital mineira, inaugurada em 1897. “Semi-Internato” esboça o retrato de uma Belo Horizonte mal entrada em sua segunda década, com seus bondes, seus cavalheiros enfarpelados, seus poucos taxis na Avenida Afonso Pena, seus cinemas, o Parque Municipal pontilhado de vendedores de doces e a Rua da Bahia, que, na obra de escritores como Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade e do próprio Abgar, irá transformar-se numa arquetípica região literária:

... Gratuidade da vida simples em que passagens de bonde compravam doces!
 Ó antigüidade sem ônibus! Ó cinco automóveis da Avenida Afonso Penna,
 que eu conversava, acariciava e de olhos fechados conduzia!
 Ó distribuidora de Eletricidade! Ó frack do Dr. Carvalho Brito!
 Ó Cinema Familiar do Poni na Rua da Bahia sem nunca matinée!

Essa é ainda a Belo Horizonte dos “monóculos, tilburis e cupês”, por cujas “ruas largas e vazias, caminhavam, a passo pachorrento, cavalheiros de fraque, egressos da Ouro Preto destronada, detendo-se de vez em quando, para sorverem o adocicado aroma das magnólias em flor”.⁶

Vivendo nessa cidade mas também em seu mundo fictício, Abgar foge da escola por um mês. Por isso, é transferido em 1913 para o Colégio Arnaldo, educandário dirigido por padres da congregação do Verbo Divino. Parece adaptar-se bem ao novo ambiente. Aí pratica seu esporte predileto, o futebol. Esse hábito inspira a Carlos Drummond de Andrade um poema intitulado “Craque”, que faz pensar num trecho do diário juvenil onde Abgar descreve sua exibição de perícia como jogador. Visava impressionar uma menina, que o observava da varanda de sua casa. Conhecedor desse gosto do amigo, o poeta de Itabira imagina Abgar marcando

⁶ ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1994, p. 265.

o gol decisivo, que garante a vitória de seu time, para, finda a partida, retomar a composição de um soneto interrompido.⁷

Segundo half-time.

Declina a tarde sobre o match
indefinido.

O Instituto Fundamental envolve o adversário.

A taça já é sua, questão de minutos.

Mas Abgar, certo, irrompe
de cabeçada,

conquista o triunfo para o deprimido
team confuso do Colégio Arnaldo.

Olha aí o Instituto siderado!

Despe Abgar o atlético uniforme,
simples recolhe-se ao salão de estudo
para burilar um dolorido
soneto quinhentista:

Em vão apuro a minha fortitude

Senhora, por vencer o meu amor...⁸

No Colégio Arnaldo Abgar tem Carlos Goes como professor de Português, o que de certo contribuiu para os aspectos conservadores de sua relação com a linguagem. Na maturidade, essa postura, é desmentida pelo uso revolucionário da língua, em *Sofotulafai*, *A Outra Face da Lua*, *O Rio Escuro*, *Thanatos*, e nos fragmentos que denominei *Machina Literaria*. Os anos no Colégio Arnaldo imprimem outra marca importante na formação do jovem. Apesar das dúvidas que virão matizar a visão do homem, a formação religiosa deixa rastros indeléveis no seu caráter. Criou o hábito da frequência à missa dominical, da Comunhão anual e especialmente a devoção a Santa

⁷ Segundo Mário Casasanta, amigo de Abgar e de Drummond, a série de sonetos foi iniciada quando o autor tinha apenas dezesseis anos. Muito tempo depois, ampliada e refeita, deu origem à coletânea publicada com o título de *Sonetos Antigos*.

⁸ Carlos Drummond de Andrade, "Craque", em texto sobre a *Biblioteca Carlos Drummond de Andrade*, no folheto *A cultura ganha espaço em B.H.*

Rita dos Impossíveis. Abgar costumava visitar a igreja dedicada à santa, sempre a pé. Os textos que julgava importantes para sua vida – como o discurso por ocasião da entrada na Academia Brasileira de Letras e a página final de *Sofotulafai* na edição particular publicada e autografada em 1972 – são rubricados com as iniciais da santa, S.R.I. Em *Obra Poética* o poema “Confiteor” remete a esse viés religioso, associado a um sentimento de culpa tipicamente católico:

Eu me feri, Senhor, nas pedras mais agudas
e misturei com poeira o meu hálito ardente e o meu sangue mau.
E do barro amassado com meu sangue e meu hálito
nasceu esta imagem implacável da minha miséria.

Toma-a nas mãos, arranca-lhe a vida que nela palpita,
desfaz o barro vil, separa o que é meu do que não me pertence,
derrama, no meu coração, esse punhado de poeira casta
e deita ao chão, senhor, a ardência do meu hálito e as gotas do
meu sangue.

(“Confiteor”, *A Outra Face da Lua*, p. 84)

A oblíqua referência à provável natureza sexual do pecado de que se acusa a voz poética faz pensar em “Victoria”, soneto juvenil publicado no periódico *Cidade de Barbacena*. O poema alude aos “tormentos de quem quer ser puro”, e invoca um ideal de castidade certamente infundido pelos padres do Colégio Arnaldo.⁹

De fato, quando frequenta o Colégio, o interesse do poeta pelo sexo oposto já despertou. Data dos treze anos sua primeira paixão. Seu objeto foi a menina Marta, vizinha no bairro da Gameleira, filha de uma família amiga, descendente de alemães. Entre 1914 e 1915 o rapazinho extravasa esse despertar amoroso no mesmo caderno onde anotava frases de seus autores preferidos. A partir da página 47, o caderno transforma-se num diário íntimo, registro de alegrias e dúvidas, desespero e lágrimas, e, finalmente, da alegria de saber

⁹ “Victoria”, publicado em *Cidade de Barbacena* de 27/06/1918 e dedicado ao “brilhante espírito de Vito Leão”, o soneto foi republicado no *Jornal da Tarde* de Belo Horizonte, dessa vez com dedicatória a Flausino Valle (*Caderno I*, p. 1).

correspondido o seu amor. A linguagem exaltada é a da platônica paixão adolescente, mais tarde (não muito mais tarde) depurada em *Sonetos Antigos*:

Sou feliz amando-te... sim para mim é a maior alegria que há é poder estar junto de ti. A minha vida sem o teu amor, querida, seria um deserto sem um unico oasis onde pudesse ser abrigada a caravana que, batida e rota, se aproxima (...) Penso em ti todo o tempo da vida. Os dias passo-os escrevendo estas linhas que só em ti falam. Às noites, se durmo, sonho contigo sempre. Todas as manhãs da vida gasto-as pensando também em ti, a doce e loira virgem dos meus amorosos sonhos da mocidade. (p. 48-49, 50).

Em outro trecho, o futuro poeta funde as duas paixões de sua jovem vida: o futebol e o amor pela vizinha, a quem escreve: “o football para mim, si não morasses tão perto do campo, não seria divertimento algum. Enquanto estás na varanda esforço-me por jogar o melhor possível, e, graças a Deus, na tua vista, nunca fiz um feio”. O interesse pelo futebol acompanhará Abgar pela vida adulta. Está documentado em sua poesia e no poema que lhe dedica o amigo Carlos. Quanto ao prelúdio amoroso, encerra-se em fevereiro de 1915, quando a menina querida deixa a Gameleira para freqüentar o colégio. A respeito dos estudos, causa dessa dolorosa partida, escreve o desolado Abgar: “O que é a Algebra, a Arithmetica, a Geometria, a Trigonometria, o Portuguez, o Francez, o Inglez e estas outras tantas materias que se estudam e que têm tão grande numero de letras, diante deste maior vocabulo: Amor!! O que é? Nada.” A despedida é descrita no diário:

Ella partiu na carrocinha, fui esperal-a à porteira: abri, mais uma vez, subi à corrocinha, e ella se despediu de mim, murmurando triste e pausadamente- Até a volta, Dido... e chorava, e chorava. As lagrimas lambusavam as suas roseas faces... A carrocinha partiu, então, definitivamente, e ella ainda virou-se para traz, como para me dizer o derradeiro adeus. Segui com a vista a carrocinha até que ella com a minha adorada M—— desaparecesse para sempre dos olhos. Só a perdi de vista ao subir o morro que ao longe se sumia. Da casa dos praticantes quis ainda ver a carrocinha subir o morro, mas triste desillusão... Os coqueiros tapavam-na e ela foi-se, foi-se (p. 53-54).

A narrativa revela que Marta chamava Abgar por seu apelido de infância, “Dido”, que ele conservou por longos anos, em cartas à mãe e ao irmão Lívio.¹⁰ Ao despontar da adolescência, após a partida da namorada, “Dido” consola-se com a esperança de sua volta, ao fim do ano letivo. Cultiva as lembranças dela, especialmente as de uma tarde, quando novamente se misturam amor e futebol:

Aquella tarde em que eu “shootava”, e a bolla rolando devagar, devagar, devagarinho, entrou no jardim da sua casa, e que ella, fagueira, regava. A bola sempre rolando chegou aos pés della e ella olhando para traz viu-a e voltou-se mais e seus ternos olhos azues encontraram-se com os meus, num magico olhar, enquanto os seus labios desabrochavam um captivante sorriso, que se casou com o meu, como o canto alegre do sabiá com a araponga (p. 55-56).

Essas notas, tocantes na pureza de sua sinceridade, ilustram a sensibilidade do futuro poeta e suas tentativas de autobiografia literária. Datadas do “Instituto João Pinheiro, Pavilhão Central, Gameleira” valem como instantâneos do cotidiano de adolescentes nos arredores da bucólica Belo Horizonte ao início do século XX. Quanto ao ingênuo namoro, parece encerrar-se com o caderno de notas. Na penúltima página, datada de 4 de janeiro de 1915, numa letra já bem parecida com a do Abgar adulto, o rapazinho escreveu: “Adeus! Adeus! Oh! doce e loira virgem dos meus doirados, loucos e ardentes sonhos de mocidade!...” O adeus não apagou totalmente a lembrança do romance juvenil. Octogenário, Abgar conservava ainda um cacho dos cabelos da primeira namorada. Se é dela o que se encontra firmemente preso entre as folhas de um dos cadernos organizado na mesma época, é lícito duvidar da cor da cabeleira de

¹⁰ Consultando as cartas para seu irmão Lívio (especialmente ligado a ele “pela sensibilidade, pelo gosto, pela vocação literária”, como lhe escreve Abgar em 31 de março de 1991), verifico que o poeta usou como assinatura o apelido de infância, “Dido”, até 1960, passando, depois, a assinar “Abgar”. Octogenário, o poeta lembra ainda o apelido. Um cartão datado de 18 de agosto de 1981 termina, em tom de brincadeira: “Abraço. Abgar, vulgo Dido” (!!).

Marta. A linguagem arrebatada de seu adorador descreve-a como a “loira virgem” de seus “sonhos doirados”. Entretanto, os cabelos encontrados entre os papéis do poeta são, sem sombra de dúvida, castanhos. A ordem natural teria sido invertida? O tempo teria escurecido os cabelos? Ou, pelo contrário, teriam sido alourados pela desculpável licença poética do futuro autor de “Sofotulafai”?¹¹

¹¹ Encontrando-se, muitos anos depois, com a dona da madeixa (Marta Neuchwander), um membro da família Renault notou que, como era inevitável, seu rosto perdera a frescura adolescente. Em compensação, a “menina” adquirira bigodes.

DUAS CIDADES: Barbacena e Belo Horizonte

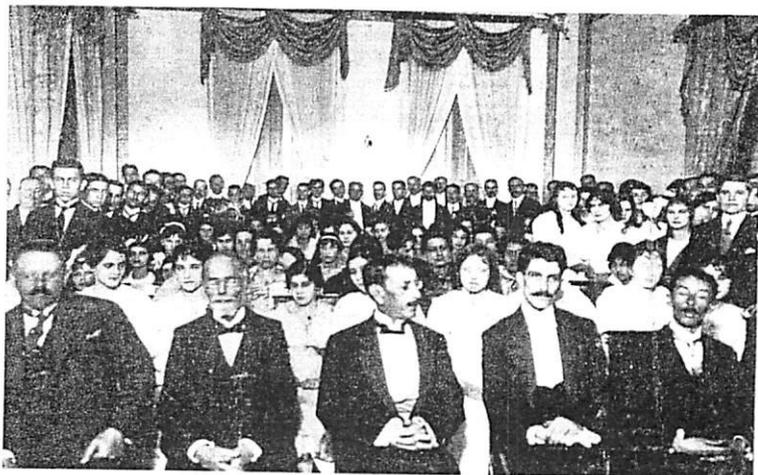
O gado plácido e pesado,
que pastava pacificamente pelo prado,
desapareceu do Tempo, à luz da lua cheia,
e gravemente rumina a silenciosa eternidade que o rodeia.

“Noite em Curral del Rey”, *A Outra Face da Lua*.

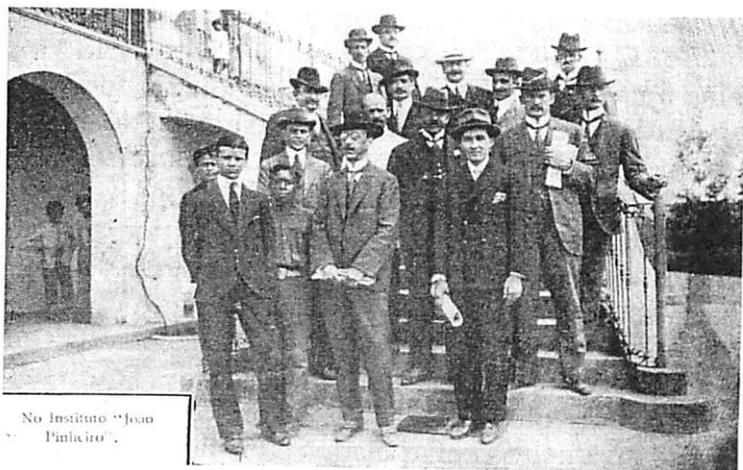
Aos 15 anos, Abgar já se envolve com determinação na vida cultural de Minas. Em fotografia de 1916 aparece com destaque ao lado de Olavo Bilac quando o “Príncipe dos Poetas Brasileiros” empreende um périplo pela jovem capital mineira. No Teatro Municipal, faz uma conferência sobre tema aparentemente afastado do convívio das Musas, o escotismo. O Clube Belo Horizonte oferece-lhe uma “soirée” dansante. É recepcionado com outro baile no Clube Acadêmico e, no Grande Hotel, participa de um banquete em sua homenagem. Os ambientes são de gala. As jovens usam longos vestidos brancos, que quase lhes tocam os sapatos. Os homens ostentam camisas engomadas e “black tie”. As fotografias documentam a solenidade elegante desses ambientes, em uma Belo Horizonte decididamente ainda *belle époque*.

A visita se estende à Escola Normal, à Fazenda da Gameleira e ao Instituto João Pinheiro. Neste, Olavo Bilac, destacado pela figura alta e magra, e por volumosos óculos redondos, deixa-se fotografar rodeado por cavalheiros enfarpelados e enchapelados. Atrás dele, está Leon Renault, Diretor do Instituto. Tomando a dianteira ao pai, Abgar coloca-se na primeira fila, ao lado do visitante ilustre, em pose descontraída, embora já de terno e gravata, como os adultos. Assumindo uma maturidade precoce, o rapaz (menino?) de quinze

anos afirma seu compromisso com a poesia, ao lado de seu “Príncipe”.¹



Bilac no Clube Belo Horizonte em 1916



No Instituto “João Pinheiro”.

Abgar ao lado de Olavo Bilac no Instituto João Pinheiro de Belo Horizonte, 1916

¹ Reportagem fotográfica sobre a visita de Olavo Bilac. Revista *A Vida de Minas*, 1916, sem referência. Arquivo do professor Affonso Henrique Tamm Renault.

Três anos depois, concluídos os estudos secundários, o rapaz de dezoito anos inicia o curso de Medicina. Logo verifica sua falta de vocação para a carreira e a necessidade de desvincular-se da Escola. O afastamento é precipitado pela brincadeira de um colega. Conhecedor da repulsa de Abgar pelas aulas de Anatomia, coloca-lhe no bolso o dedo de um cadáver, de aspecto particularmente repugnante. O sinistro achado leva Abgar a abandonar imediatamente a Medicina. O ano de 1919 já o encontra matriculado no curso de Direito da então Universidade de Minas Gerais. O futuro bacharel não abandona as línguas estrangeiras. Informa em seu *Depoimento* que, para dominar o Inglês falado, trava amizade com americanos residentes em Belo Horizonte, e com eles conversa longamente. Acaba adquirindo a fama de profundo conhecedor da língua, o que leva um grupo de estudantes, reprovados no severo exame parcelado do *Colégio Mineiro*, a procurá-lo para aulas particulares. Temeroso de não estar à altura da tarefa, o rapaz hesitou, deixando-se finalmente vencer pelo argumento de que o único professor de Inglês da cidade não poderia ministrar as aulas, pois iria atuar como examinador. Abgar reunia seus alunos em torno da mesa de refeições da família, ao lado de um quadro negro, o que resultou na aprovação de todo o grupo. Animado com o sucesso, o mestre adolescente passou a aceitar rotineiramente alunos particulares. Entre eles figuraram alguns que se projetariam nacionalmente, como o jovem Francisco Clementino Santiago Dantas. Sobre o clima dessas aulas, mantidas enquanto cursava a Faculdade, entre 1921 e 1924, temos o depoimento de Arthur Versiani Velloso, que veio a desempenhar papel de relevo na futura Universidade Federal de Minas Gerais. As aulas eram na casa do pai de Abgar,

em rua tranquila, sombreada por enormes mangueiras. Ao lado do alpendre simples e amigo havia um jardim com camélias e manacás (...) Foi nesse alpendre, em inesquecíveis tardes daquele tempo, que tomamos conhecimento, por intermédio do Abgar, de Baudelaire, Verlaine, Mallarmé e Rimbaud, em largas e dilatadas letras, somente interrompidas às sextas-feiras, quando íamos à tradicional sessão Fox do Odeon (...) Já naquele tempo Abgar versava perfeitamente a

língua inglesa e adorava os seus poetas". (...) Lembra-me muito bem a roda que se fazia então espontaneamente em sua casa para ouvir a sua leitura.²



O jovem Abgar

Sem saber, o mestre iniciante preparava-se para exercer o magistério secundário, sua primeira atividade profissional. Poucos anos depois foi convidado para lecionar no prestigioso Colégio Mineiro. Na entrevista concedida já na Academia Brasileira de Letras, Abgar informa que o exercício do magistério, que acabou se prolongando até a Universidade, revelou-se sua verdadeira vocação. Só o abandonou quase septuagenário, para se tornar Ministro do Tribunal de Contas.

² VELLOSO, Arthur Versiani. O Poeta Abgar Renault. *Panorama. Arte e Literatura*. Revista publicada por João Calazans. Belo Horizonte, v. I, n. 5, 1948. p. 23.

Enquanto estudante, o curso de Direito e as aulas de línguas não preenchem todo o tempo de Abgar. Poeta desde os treze anos, começa a publicar em jornais de Barbacena e de Belo Horizonte. Também escreve textos em prosa, colecionados nos cadernos de recortes. Eles acompanham o desenrolar da vida do acadêmico de Direito e também descrevem os dois cenários entre os quais divide a sua jovem rotina. O primeiro, terra de seu nascimento, é Barbacena, pequena cidade da Serra da Mantiqueira, no centro da região ferrífera de Minas Gerais. Nascida do povoado no local de antiga fazenda estabelecida em 1698 por Garcia Rodrigues Paes, filho de Fernão Dias Paes, foi promovida a vila em 1791 e elevada a cidade em 1840. Ausente de *Obra Poética*, a cidade natal, famosa pelo cultivo das rosas, revive nos recortes de jornais e revistas locais, colecionados por Abgar de 1919 a 1961. As coleções de recortes, aqui referidas como Caderno I e Caderno II, lembram os “álbuns de recordações” cultuados pelos adolescentes de todos os tempos e preservam não só textos do próprio poeta mas também notícias sobre suas atividades, incluindo as idas e vindas entre a cidade natal e Belo Horizonte. Na nova capital, sua terra de adoção, freqüenta o curso de Direito entre 1919 e 1924.

Quanto à cidade natal, a Barbacena histórica não interessa tanto à sua biografia como a que emerge dos recortes, filtrada pelos olhos de Abgar. Nos deslocamentos entre as duas cidades, Barbacena é anunciada pela paisagem da região, àquela época ainda recortada pelas “alterosas montanhas de Minas”, depois desfiguradas pela mineração predadora. O panorama deslumbra o olhar do jovem e, no poema “Em Viagem” converte-se, em trampolim para excursões subjetivas. Publicado em *A Outra Face da Lua*, onde leva a data de 1920, “Em Viagem” aparece também na revista *Fon-Fon* em 1927, ligeiramente alterado. A primeira data, bem como a descrição nas quadras iniciais, é que permite associar o texto às viagens de Abgar ainda adolescente. O olhar poético percorre a paisagem enquanto viaja até a terra de seu nascimento:

Montanhas, vales, céus – tudo nevoento,
Toda a paisagem, num burel de bruma,
que ora se adensa, ora se esgarça e esfuma,
e é um bocejo de tédio e desalento...

Planície aqui. Além, surge e se apruma
o cabeça de um monte. Agora, lento,
um rio serpenteia e, sem intento,
despenha, ao longe, vórtices de espuma.

Segundo confessa a voz lírica, a vista passa desse panorama para a paisagem interior:

Desperta, enfim, minh'alma adormecida,
Numa ânsia intensa de emoções estranhas...
A dor é um triste aceno que me convida...

Saudade minha! és tu que me acompanhas,
através da tristeza indefinida
destes céus, destes vales e montanhas.³

A paisagem assim vivenciada é antes subjetiva que descritiva. Os textos em prosa colados em *Caderno I* são vasados em estilo bem diferente e refletem uma observação cuidadosa do mundo social a que tem acesso o poeta itinerante. Pacata como todas as cidades interioranas da época, Barbacena salta singularmente viva do caderno de recortes, com seus jornais, clubes, residências festeiras, cenários de jantares, banquetes, encontros, bailes e saraus.

A leitura de um recorte do periódico local *A Cidade de Barbacena*, datado de 14 de agosto de 1919, ajuda a recuperar a linguagem e a postura afetada da época. Leitores, sentimo-nos convidados a entrar com Abgar e “todo nosso *grand monde*” no Clube Barbacenense para “uma encantadora e fina reunião” em

³ *A Outra Face da Lua. Obra Poética*, p. 78. Também *Fon-Fon*, 07/05/1027, *Caderno II*, p. 73. Uma versão anterior foi publicada no *Jornal do Povo* de 28/04/1920, e outra em *O Arauto* de 05/03/1922, conforme recortes no *Caderno I*, p. 18 e 62.

homenagem a seu presidente, Dr. Lincoln da Cruz Machado. Assistimos à chegada desse “ilustre médico e *gentleman* dos mais perfeitos de nosso *set*, acompanhado de sua distinctíssima esposa e graciosa filha”. Ouvimos as palmas após a saudação que lhes faz, no salão de dança, a senhorinha Iracema de Souza Marques, também encarregada de oferecer à senhora Machado “uma formosa *corbeille* de flores naturaes”. Segue-se “um magnifico programa litero-musical que, dictado pelo bom gosto e pela alta cultura” de outra distinta dama, “agradou immenso a quantos o puderam apreciar”. Imaginamos que Abgar admira as “formosas *jeunes-filles*”, que “se houveram com muita graça” “dizendo versos ou cantando cançonetas” ao bandolim. Não lhe deve escapar a presença de outra jovem, que, “com a maestria que lhe é peculiar”, executa ao piano *O Romance* de Arthur Napoleão. Não conseguimos ver se o moço, tão elegante e sério, ri durante uma comédia apresentada por duas senhorinhas “que estiveram impeccaveis na interpretação”. Mas sabemos que contribui para o sarau: declama versos, como outros rapazes. Serão poemas seus? Como gostava de dançar, acreditamos que Abgar participa das danças que se sucedem até alta madrugada, revezando tangos, *rag-times* e *fox-trots*. Nada de sambas e maxixes, que, à época, eram ritmos malditos, e sim tangos, *rag-times* e *fox-trots*, que se prolongam até alta madrugada. Podemos imaginá-lo, alto, com a postura desajeitada de adolescente e a magreza que conservou toda a vida. Cabelos partidos ao meio e rosto inclinado para uma das “senhorinhas”, volteia com ela pelo salão. O agradável exercício não parece cansar o poeta, pois outro recorte de *A Cidade de Barbacena*, também datado de 14 de agosto, dá notícia de sua participação, como representante do jornal onde é agora colaborador assíduo, em outra ocasião festiva, um banquete oferecido ao Embaixador Alexandre Bosdari no Grande Hotel (em Belo Horizonte?). Consultamos o *menu*, todo italiano, servido em mesa “em forma de C, caprichosamente ornamentada”, ao som de uma “excellente orchestra”.⁴

⁴ O texto é “Club Barbacenense. A festa de domingo último”. *Cidade de Barbacena*, 14/08/1919. *Caderno I*, p.10.

As idas a Barbacena devem ser freqüentes, pois, em fevereiro do mesmo ano, o noticiário informa: “acha-se na cidade o inteligente moço, Sr. Abgar Renault nosso presado colaborador”. Em março *A Cidade de Barbacena* noticia novamente a visita do “jovem de grande sensibilidade”. Ressalta que, “afastado embora de Barbacena, residindo em Bello Horizonte”, o moço “é pertencente a uma das nossas mais illustres famílias” e, “ainda que muito jovem, já escreve versos excelentes”. No melífluo palavraeado da época, o jornal também registra o 18º aniversário do visitante:

Abgar Renault, o jovem e distinto poeta barbacenense, cujos versos harmoniosos e plenos de Arte e de Sentimento lhe prenunciam um brilhante futuro nas letras, viu passar, a 15 do corrente, a data de seu natalício, rodeado daquelles que lhe são caros, em Bello Horizonte, onde reside e onde vem de iniciar os seus estudos na Faculdade de Direito. Querido, como é, na Capital do Estado, tanto quanto em nossa cidade que teve a honra de lhe ser berço, Abgar Rénauld recebeu, neste dia, inumeros cumprimentos dos seus amigos e das pessoas das relações de seus paes...⁵

O fato de terem sido conservados por Abgar mostra a importância que atribuiu a esses reflexos de sua presença em Barbacena. Entretanto, predominam no caderno poemas de sua autoria, quase todos excluídos de *Obra Poética*, organizada pelo poeta em 1990. Há ocasionais textos em prosa, poética ou humorística. Jovem Narciso, parece gostar de mirar-se no perfil lisonjeiro que lhe esboçam os jornais. Também busca ampliá-lo, debuxando uma persona literária, em versos modelados pelo Romantismo e Simbolismo reinantes. Muitos dos sonetos sugerem namoros passageiros e afetam a máscara convencional do enamorado suspiroso, ou de uma desencantada persona byrônica. Não admira que, com sua linguagem rebuscada, não tenham encontrado guarida em *Obra Poética*. A título de curiosidade, não

⁶ Todas as referências às idas de Abgar a Barbacena encontram-se nos recortes de *Cidade* datados de 11/02/1919, 16/03/1919, 24/08/1919, e 17/04/1919, p. 4 e 5, 7, 10 do *Caderno I*, respectivamente.

custa citar alguns dos poemas, parte de uma juvenília cujo interesse se restringe ao biográfico. “Sugestão” canta um “desconforto mádido e profundo”, uma “esthesia mórbida e dolente”. A persona lírica é um “eu – sombrio Mazeppa da Tristeza”.⁶ “Scepticismo” exhibe o mesmo voluptuoso *spleen*,⁷ reiterado pela epígrafe de Heitor Lima a outro poema, intitulado simplesmente “Soneto”: “É meu prazer ser infeliz”.⁸ A nota repete-se em “Sentimentalismo”,⁹ votado à “exquisita volúpia de ser triste”. No mesmo tom, que hoje nos faz rir (o autor tem 18 anos!) “Dominado” fala de uma “alma avelhentada e doente/ entregue a uma soturna hypocondria”. “Descrença” exhibe um ser “curvado ao peso da tristeza”, enquanto sonha um “grande amor”.¹⁰ “Tristitia”, longo poema espacializado, antecipa o uso de *carmen figuratum* em trechos de *Sofotulafai* e proclama o culto à “suavíssima Tristeza – divina fôrma de meu grande Amor”.¹¹

A persona lírica adota como amada a dama esquiva da tradição petrarquiana. De “rosto santo”, com a “mesma sempre eterna indiferença”, tem os “olhos semi-cerrados, indiferentes/ Para a vida do amor... do coração”.¹² A dama reaparece na “impenetrável e marmórea esphinge” de outro soneto.¹³ “Ultimos Versos” envia-lhe o adeus “daquele poeta simples e tristonho/que te quis muito e a quem jamais quiseste”. Ainda em 1923 Abgar insiste no tom

⁶ “Sugestão”. *Sericultor*, 06/06/1920, *Caderno I*, p. 20.

⁷ “Scepticismo”. *Cidade de Barbacena*, 23/02/1919, *Caderno I*, p. 4.

⁸ “Soneto”. *Cidade de Barbacena*, 09/10/1919, *Caderno I*, p. 11.

⁹ “Sentimentalismo”. *Cidade de Barbacena*, 28/12/1919. *Caderno I*, p. 16.

¹⁰ “Descrença” é também publicado duas vezes, em Barbacena e em Caxambu, *Caderno I*, p. 2.

¹¹ “Tristitia”. *Revista Mineira*, abril-maio-junho 1921. *Caderno I*, p. 89.

¹² Como “Descrença” e “Dominado”, “A uns olhos indiferentes” foi publicado em *Cidade de Caxambu*, datado de 17/10/1928. *Caderno I*, p. 1.

¹³ “Esphinge”, *Cidade de Barbacena*, 20/03/1919, *Caderno I*, p. 5.

melancólico, com mais um soneto, “Desconsolo”,¹⁴ enquanto pequenos textos em prosa, como “Num dia de chuva”, afetam a mesma postura.¹⁵ Justificadamente, nenhum dos poemas aparece em *Obra Poética*: merecem atenção apenas como testemunhos da formação literária do autor. Ele mesmo se encarrega de criticar a produção desse período. Em carta dirigida à futura esposa em 2 de dezembro de 1925, chama um poema de “desastre metrificado”, desculpável apenas num principiante. Resta saber se era muito diferente a produção de contemporâneos de Abgar, que também vieram a se revelar grandes poetas. O leitor que consulte *Caderno I*, p. 84-86. Encontrará, manuscrito e autografado por Carlos Drummond de Andrade, dedicado a seu amigo Abgar e datado de maio de 1923, um texto intitulado “Poema do Amor que não deseja”. Transcrevo as primeiras linhas:

Ah! Nunca has de saber o que vae dentro de mim, o que vae de ternura humilde, e piedosa devoção, no recesso de minha pobre alma... Se soubesses... Porém, nunca has de saber que fiz de ti o meu sonho mais querido, o sonho da noite azul que há no meu coração...¹⁶

Quem adivinharia nessas linhas lamuriosas o poeta revolucionário que breve lançará a sua “pedra no meio do caminho” da literatura brasileira?

Dos poemas refugados por Abgar Renault, restará, na produção madura, apenas seu ceticismo, que não flui de mera pose literária. Ultrapassada a fase de aprendiz, em seu próprio nome ou com suas outras vozes poéticas, o poeta conserva laivos da descrença juvenil, aliados a um viés humorístico, também visível na *juvenilia*. Texto em prosa, possivelmente de 1920, exemplifica essa veia cômica,

¹⁴ “Desconsolo”. *Paratodos*, 21/04/1023. *Caderno I*, p. 83.

¹⁵ “Ultimos Versos”. *Cidade de Barbacena*, 15/10/1919; “Num dia de chuva”, *Cidade de Caxambu*, 22/12/1918, *Caderno I*, p. 12 e 3.

¹⁶ “Poema do amor que não deseja” foi depois publicado em *Paratodos* de 16/06/1923. *Caderno I*, p. 88.

relatando a “História de uma cartola”, que, do cabide do dono aristocrata, passa à água-furtada de um estudante e daí a um antro de ladrões, até o descanso final num caixote de lixo.¹⁷ Aos 19 anos, o poeta envereda assim pela senda – que, intermitentemente, continuará trilhando – da velha colaboração jornalística em verso de tom jocoso ou satírico. Sirva de exemplo este retrato, que tanto pode ser de seu próprio rosto (marcado pela magreza desde a juventude) quanto de um misterioso contemporâneo indicado pelas iniciais L.S.N.



L. S. N.

Volve os olhos, bom leitor,
 volve os olhos com terror,
 que não é nada gostoso,
 neste mundo desditoso,
 estar com o olhar aterrado
 um só minuto pregado
 — numa mumia sobranceira
 — numa cara de caveira...¹⁸

As quadrinhas batizadas de “Epitaphios”, compostas no mesmo diapasão, disparam setas humorísticas contra seus colegas e professores da Faculdade de Direito. Eis o que têm a dizer sobre “um bolina”:

¹⁷ História de uma cartola” s/d e sem indicação do veículo de publicação. *Caderno I*, p. 20.

¹⁸ Publicado em *Minas Gerais*, de Belo Horizonte, 30/01/1921, *Caderno I*, p. 30.

Quando seu corpo baixava
de uma sepultura ao chão,
de mansinho se esfregava
contra as taboas do caixão.

O colega Franklin de Salles (apelidado de “Cabrito”) inspira esta:

Batendo o poeta o pito,
vermes mordem-lhe a barriga,
exclamando em ar de briga:
“Isto é carne de cabrito”.

Outro colega (L.R. L.) é retratado assim:

Possui tão vastas ventas
(coitado!) que por um triz
elle não foi enterrado
dentro do próprio nariz.¹⁹

As descrições jocosas não poupam os mestres. Sobre as aulas de um deles, indicado pelas iniciais B. de L. abaixo de uma caricatura, lê-se:

Do mestre da Economia
são as aulas tão amenas,
tão doces e tão serenas,
que dizem que, certo dia,
o homem falava... falava...
e, amedrontada, fugia
uma parte dos alunos,
enquanto outra resomnava...²⁰

Outro mestre é tratado com menos sem-cerimônia. Nem por isso o retrato é muito mais lisonjeiro:

¹⁹ A série de quadrinhas, com o título “Epitaphios”, também foi publicada em *Footing*, 12 e 19/06/1921, *Caderno I*, p. 37.

²⁰ *Revista Academica*, s/d, 1921 (?) *Caderno I*, p. 30.

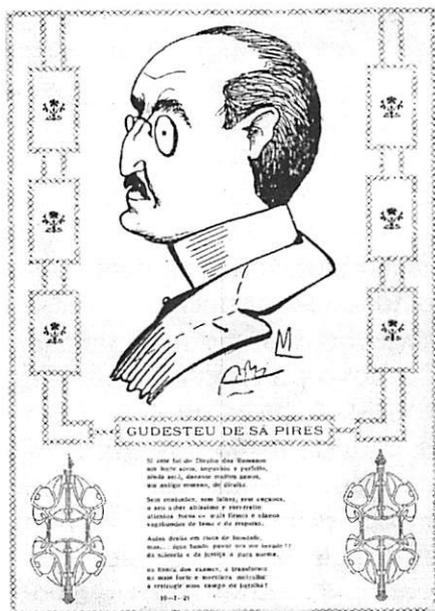
Gudesteu de Sá Pires

Si esse foi do Direito dos Romanos
um lente sério, impavido e perfeito,
ainda será, durante muitos annos,
um antigo romano, de direito.

Sem confusões, sem falhas, sem enganos,
o seu saber altissimo e escoreito
attentos torna os mais firmes e ufanos
vagabundos de fama e de respeito.

Aulas desfia em risos de bondade,
mas... (que fundo pavor me invade!)
da sciencia e da justiça a pura norma,

na banca dos exames, o transforma
na mais forte e mortifera metralha
a restrugir num campo de batalha!²¹



²¹ Gudesteu de Sá Pires. *Revista Academica*, 19/07/1921. *Caderno I*, p. 46.

Os textos cômicos às vezes são publicados ao lado de pomposos sonetos laudatórios, na mesma página, em Belo Horizonte. A cidade permanece o eixo das atividades do rapaz, apesar das constantes andanças por Barbacena. Na Capital inicia também sua vida social e literária, a partir da Escola de Direito. Aí adquire algumas das amizades que atravessaram a vida, e a *Revista Acadêmica* do Centro Acadêmico acolhe muitos de seus textos. Eles revelam, juntamente com brincadeiras de Abgar e seu grupo, uma dedicação séria aos estudos. A publicação dos números da *Revista* desperta certo interesse; vai sendo noticiada por outros órgãos da imprensa da Capital, como o *Minas Gerais* e o *Diário de Minas*. Entre os nomes dos colegas de Abgar notam-se alguns que terão papel de destaque na vida cultural e política do país. Em sua linguagem empolada, os jornais parecem adivinhar a importância futura desses jovens.

Em 08/08/1920 o *Diário de Minas* anuncia a publicação de “um numero interessante e caprichoso” do “orgam do Centro Academico da nossa Faculdade de Direito”. Chega a dar o “summaris de sua colaboração”, e avalia que “forçosamente impressionará muito bem a todos os leitores, tal o inexcédível carinho empregado pelos seus redactores, os academicos Franklin de Salles, Abgar Renault, Milton Campos, Raymundo Mendes e Luiz Gonzaga de Mello”.²² O *Diário de Minas* de 2 de maio de 1920 publica uma elogiosa matéria sobre o Centro Acadêmico e sua revista: o Centro “chegou a ser o interprete mais eloquente da mocidade academica de Minas”, com “atividade magnifica, de grandes benefícios sem dúvida para a classe.” A notícia destaca o programa do novo presidente do Centro, Candido Lara Ribeiro Naves. Sua proposta inclui a publicação mensal da *Revista* e reuniões quinzenais, com preleção por um lente, “sobre assunto de alto interesse jurídico e social”, bem como a prática de atividades forenses pelos estudantes, sob a orientação de um membro da Congregação. O jornal registra a sessão solene da posse do novo presidente, “com concorrência e animação digna de nota”, na tarde

²² Publicações. *Diário de Minas*, 02/05/1921. *Caderno I*, p. 22.

do dia anterior. Aberta a sessão por Pedro Aleixo, o futuro Vice-Presidente da República discursa sobre “sua satisfação por ver à frente da sociedade a “intelligencia reconhecidamente esforçada” do recém-empossado. Da notícia constam os indicados para a direção da *Revista Acadêmica*, uma espécie de *who's who* da vida política e cultural do futuro: Franklin Teixeira de Salles, diretor, Raimundo Mendes, Luiz Gonzaga de Mello, Milton Campos (será Governador de Minas e Vice-Presidente da República) Mario de Britto e Abgar Renault, redatores. Compõe a comissão de Imprensa Laercio Prazeres, Francisco Negrão de Lima e novamente Abgar. Mencionam-se na mesma sessão as falas dos bacharelados Aprígio Ribeiro de Oliveira e Raimundo Mendes. Eles debatem a conveniência de ser ou não adotado o sistema bi-cameral em Minas. A afirmativa é defendida pelo primeiro e a negativa pelo último, havendo réplica e tréplica.²³ São anunciadas as publicações de novos números da *Revista*. O *Minas Gerais* de 30 de outubro de 1921 comenta o número que comemora o jubileu de formatura do Conselheiro Ruy Barbosa em dezembro de 1920.²⁴ Em 10 de maio o *Minas Gerais* noticia a eleição de Oswaldo de Araujo como membro honorário do Centro Acadêmico, saudado por Mario Casasanta. São indicados redatores Elias Barbosa, Milton Campos, Abgar e Fausto Alvim, e, como secretário, Mário Casasanta.

Os recortes colecionados por Abgar exemplificam o conteúdo variado da *Revista*. As publicações têm caráter literário, crítico ou político, além das esperadas referências a fatos e personagens da vida acadêmica, como formaturas.

Abgar é um colaborador freqüente. No número de 18/05/1920 mostra-se intrigado com “a singularidade existente na obra immortal do maior de nossos poetas” (Quem senão Olavo Bilac, ídolo dos

²³ Reunião do Centro Acadêmico. *Diário de Minas*, 12/05/1920. *Caderno I*, p. 17.

²⁴ A série de textos mencionados a seguir, de autoria de Abgar, e, com exceção do primeiro, publicados na *Revista Acadêmica*, encontram-se em recortes do *Caderno I*, às p. 30, 35, 21 e 26, respectivamente.

amantes de Literatura naqueles anos?). O jovem crítico observa que, no soneto “*Vulnerant omnes, ultima necat*”, palavras no singular rimam com outras no plural (“cataractas” e “mata”, “prata” e “gratas”). O comentário revela um traço permanente da personalidade de Abgar, a minúcia na análise dos objetos de seu interesse, especialmente os relacionados com suas futuras missões de educador e administrador. Entre os comentários políticos, lê-se um sobre a indicação pelo P.R.M de candidatos às eleições federais. Trata-se de Vianna do Castelo e de Francisco Campos, este último lente da Faculdade de Direito, “uma das figuras mais impressivas do meio científico e intelectual de Minas”: “quer pelas suas virtudes morais, quer pela pujança de sua inteligência, saberá elevar bem alto o nome de nosso Estado na Camara Federal”.

Na mesma época – início dos anos 20 – ainda estudante de Direito, Abgar, tal como vários de seus amigos, é reconhecido nos meios intelectuais. Um recorte de *Leitura para todos* exhibe um texto datado de novembro de 1920. Celebra o poeta que surge em Belo Horizonte, “assignando bellos e sentidos versos. Não é um poeta que promette. É um poeta que realisa”.²⁵ A título de ilustração, o jornal publica dois sonetos junto ao retrato do autor.

Em 26 de maio de 1921 *Frivolidades* anuncia sua inclusão entre os colaboradores da revista. Também esbanja referências lisonjeiras ao “poeta sobejamento conhecido e admirado, seja em Minas, donde é filho, seja na propria Capital Federal, onde as mais illustres glorias literarias do paiz querem e applaudem o moço artista”.²⁶ A afirmação não é descabida, pois, em dezembro do ano seguinte, *Para Todos* publica “*Ad te clamamus*”, de Abgar, (que ele não preservou em *Obra Poética*) ao lado de poemas assinados por nomes de projeção nacional, como Guilherme de Almeida, Raul de Leoni e Olegario Mariano.²⁷

²⁵ Um poeta que aparece. *Literatura para todos*, maio de 1922. *Caderno I*, p. 26.

²⁶ *Caderno I*, p. 35.

²⁷ *Ad te clamamus*. *Para Todos*, s/d. 1922? *Caderno I*, p. 68. Também publicado em *Jornal Ilustrado*, 17/09/1922 e *Flamma*, 23/03/1923. *Caderno I*, p. 67 e 72.

Em tom mais sóbrio, o *Diário de Minas* de 16 de maio de 1921 noticia o aniversário, no dia anterior, do “talentoso academico Abgar Renault, moço bemquisto em nossas rodas intellectuaes”.²⁸ O objeto das referências elogiosas não parece muito impressionado pelos vaticínios auspiciosos. Deixa antever uma precoce consciência da morte como única certeza. A respeito, escreve na *Revista Acadêmica* de maio de 1921: “Vencer a vida! Não há phrase mais oca e mais inexpressiva. Na realidade, vencer a vida que é sinão ser, ao fim de tudo, derrotado pela morte? – O melhor é, pois, não pensar em vencer a primeira e deixar-se, estoica e fleugmaticamente, derrotar pela segunda”.²⁹ No mais, Abgar continua a publicar na Capital versos semelhantes aos divulgados pelos periódicos de Barbacena, quase sempre toscos ensaios de vãos futuros.

²⁸ *Caderno I*, p. 35.

²⁹ “Na espira de um cigarro”. *Revista Acadêmica*, maio de 1921. *Caderno I*, p. 37.

CRONISTA DA JOVEM CAPITAL: Belo Horizonte no início do Século 20

antiga estampa da
cidade vista atrás de um horizonte

Sofotulafai

Madrugadas mineiras de 1920, entre rosas da praça do govêrno e bifes a cavalo no Guarani, com discussões peripatéticas em que brilhavam Gustavo Capanema, Gabriel Passos, Mário Casasanta, com dramatizações de João Guimarães, brigas heróicas de Roberto Pimentel, sonetos gloriosos de Da Costa e Silva, festas literárias em casa das moças Vivacqua! (...) Nunca vi uma cidade cheirar tanto a jasmim; até onde não há jasmineiros ou imaginação deles, até nas tristes ruas Guaicurus e Oiapoc...

Carlos Drummond de Andrade,
"Aqueles Rapazes de Belo Horizonte".¹

Residi no Rio. Resido em Brasília. Mas, em verdade, sempre morei, moro e morarei em Belo Horizonte.

Abgar Renault. *Reflexões Efêmeras*

Os recortes colecionados nos cadernos de Abgar freqüentemente permitem reconstituir, sob sua ótica, a vida social em Belo Horizonte. Exibem um quadro bastante vivo da cidade que vai emoldurar a maior parte de seus dias e da qual, ao mudar-se para o Rio, declara afastar-se com pesar. A jovem capital, tão provinciana da perspectiva do século XXI, apresenta-se nesses recortes como uma cidade com pretensões sociais, animada por visitas, saraus, bailes e festas variadas.

¹ *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28/06/1952

Nela Abgar viveu um amor juvenil, conheceu sua futura esposa e fez alguns de seus melhores amigos, cujos nomes são hoje parte obrigatória de nossa história cultural e política: Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade, Milton Campos, Gustavo Capanema, Mário Casasanta, Pedro Nava... É a “pré-história” dessa Belo Horizonte menina, com seus habitantes pudicos, sua vida pacata, sua paisagem desataviada, semi-rural, que o poeta evoca, mais de meio século depois:

Ó íntima pré-história
 cheiro de capim meloso
 cheiro de cana cortada
 suaves ruas vesperais
 ruas de damas-da-noite,
 de acácias e de magnólias
 a perfumar o silêncio
 alguma vez nos passeios
 sobretarde o sol já posto
 em cadeiras de palhinha
 os risos e fala mansa
 da família reunida
 em torno da sua vida
 mulheres ainda vestidas
 mulheres de ocultas coisas
 homens de nenhuma pressa
 e alguma cerimônia
 recato e sóbrio decoro
 desavionados crepúsculos
 de já mortos horizontes
 plácida vida sadia
 ainda desvitaminada
 sem enzimas no sabão
 que lava em profundidade
 viver simples e discreto
 sem qualquer anfetamina
 nenhuma psilobicina
 (...)
 quintais gaiolas varandas
 galinheiros e varais
 riachos vales prados fontes
 compassada vida a pé

irreversível relógio
da Matriz de São José
a dizer as horas mortas
sob o antiquíssimo luar
que a lua verte ainda virgem
em todo o Curral d'El Rey

(“Poema Retrógrado”, Cristal Refratário, *Obra Poética*, p. 161)

Na capital adolescente o jovem poeta passa aos poucos a freqüentar o cinema Odeon, o Bar do Ponto – “mais café do que bar” – e o Café Estrela – “mais bar do que café”. Em Beiramar, Pedro Nava descreve o local:

Era um prédio de dois andares, estilo art-nouveau, pintado de óleo verde gaio. Cimalha toda ornada. Tinha, em cima, três sacadas de serralheria, que correspondiam às entradas embaixo. A bem do centro (hoje desaparecida e fechada – a portada transformada em três janelas) descia até o piso da rua por dois ou três degraus de mármore. Era onde nos sentávamos para a conversa horas e horas de noite adentro os que se demoravam mais na rua. O próprio Milton. Carlos Drummond de Andrade. Emílio Moura. Abgar Renault. Martins de Almeida. Eu.

A freqüência ao café acabou dando o nome ao grupo, continua Nava: “tínhamos o hábito de nos reunir na *Livraria Alves* e principalmente no *Cafê e Confeitaria Estrela*. Daí, além do pejorativo *futuristas* que nos davam os infensos, a designação de *Grupo do Estrela* – como nos chamavam os indiferentes”.

A freqüência a livrarias também era obrigatória. Em *A menina do sobrado*, Cyro dos Anjos comenta relato de Emílio Moura sobre a sofreguidão com que o grupo ocorria à tradicional Livraria Francisco Alves:

Emílio Moura contou, em entrevista, como se assanhava a roda, quando, à vista dela, se desencaixotavam os livros, no Alves. Sabia o Kneipp que, se chegassem Maeterlinck e Verhaeren, cumpria guardá-los para o João Alphonsus. Se se tratava de Apollinaire, Cocteau, Max Jacob, Giraudoux, fregueses certos seriam o Drummond, o Emílio, o Abgar, o Martins de Almeida, o Pedro Nava.

A uns e outros se reservavam, por igual, Valéry, Lautréamont, Laforgue, Francis Jammes. E, obviamente, Rimbaud. Na prosa, acredito que os mais requestados fossem Gide e Proust.²

No *Estrela* Abgar encontra repetidamente sua roda, “para copiosas libações e longas conversas sobre livros e autores”, como lembra em seu *Depoimento*:

Lá nos encontrávamos quase todas as noites e ficávamos entregues aos chopos, cafés e versos até alta madrugada, quando voltávamos para casa, a pé; havia poucos taxis, nem eles eram necessários, pois naqueles dias longínquos tudo era perto e ninguém corria o risco de ser assaltado e trucidado. Às vezes, alguns se encharcavam de chope em demasia, caminhavam com alguma dificuldade e eram assessorados até suas residências pelos que se achavam em condições menos precárias. Entre os primeiros nunca figurei, não por virtude, mas por incompetência.³

Ajudado por fotografias da época, o leitor poderá visualizar essas cenas, que se passavam também no interior de um *Bar do Ponto* espaçoso, freqüentado por cavalheiros engravatados, muitos usando chapéus. As paredes ornadas de espelhos e quadros caprichosamente emoldurados, os altos armários de madeira torneada, com portas de vidro corrediço e fundo espelhado, compõem uma aparência requintada, semelhante à que ainda hoje se vê na tradicional confeitaria *Colombo* do Rio de Janeiro. Pedro Nava descreve o *Café Estrela* como um “prodígio de decoração *belle-époque*, pelo luxo das madeiras entalhadas e pelos espelhos”, com vitrines para bebidas caras, queijos estrangeiros e latarias. Havia também prateleiras circulares de preciosa madeira torneada, expondo salsicharias, queijos e vitualhas.⁴

² ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1994. p. 315.

³ Em OLIVEIRA, Solange Ribeiro de; RENAULT, Affonso Henrique Tamm. *Abgar Renault. Depoimento*, p. 34 e 41.

⁴ NAVA, Pedro. *Beira-mar*, p. 99.

Na reticente capital mineira pouco se sabia, entretanto, do grupo do Estrela, contemplado à distância por Cyro dos Anjos, outro jovem cultor da literatura:

Dois ou três trabalhavam no *Diário de Minas*, todos escreviam na Revista, só isso se sabia. Não conseguíamos distinguir qual deles era o Carlos Drummond – se o magro, de óculos e de fala incisiva, lacônica, ou aquele outro não menos magro, sem óculos e de compridíssimas pernas, em quem depois identificaríamos o Emílio Moura. E o João, filho do Mestre Alphonsus, por algum tempo confundimos com o Pedro Nava. Ressalvo, no concernente ao Abgar, que eu já o conhecia, dos Sonetos Antigos e das aulas de inglês. E, a propósito do Martins de Almeida, esclareça-se que logo o fixamos, pelo chapéu-coco e pelo riso de muitos dentes, e afiados.

Saber-se tão pouco sobre o grupo seria para admirar, tratando-se de cidade pequena, se ela não fosse tão fechada e cerimoniosa. Procediam, os seus moradores, de zonas diferentes de Minas; todo mundo sentia-se forasteiro. E, contando a nova capital apenas trinta anos, poucos, pouquíssimos de seus oitenta mil habitantes tinham nascido lá.⁵

Cyro dos Anjos descreve também a timidez reverente com que finalmente se aproxima de Abgar e seus amigos. O objetivo é pedir-lhes colaboração para a revista *Cidade Verde*, que Cyro ajudara a fundar:

Assinaiei que a turma do Estrela agia à mineira, sem estrépito. Como anteriormente procederam os futuristas de São Paulo, ocupando o *Correio Paulistano*, órgão do conservantismo perrepista, também os de Belo Horizonte vieram a estabelecer o seu Quartel-General no *Diário*, porta-voz do PRM. (...) vizinhos no Estrela, eu e os companheiros procurávamos avidamente ouvir o que eles diziam, sem jamais nos animarmos a abordá-los.

Só três anos mais tarde, quando fundamos a Cidade Verde, Newton e eu nos decidimos a procurá-los. (...) O ar malicioso com que os rapazes do Diário nos ouviram não excluiu benévolo atendimento. Carlos Drummond- assim o chamávamos em Minas, onde nunca se dispensava o prenome – e Emílio nos prometeram

⁵ ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*, p. 306.

poemas. João Alphonsus, uma página em prosa. Pedro Nava ficou de ver se tinha algo à mão, em seus guardados. Abgar nos mandaria também qualquer coisa. Nem por isso se abriu intimidade.⁶

Entrevista de Abgar à *Folha de São Paulo* oferece mais informações sobre a convivência do grupo no *Café Estrela*: “Ficávamos até uma, duas horas da manhã, discutindo os autores da época e os clássicos. Era um contato muito rico, muito cheio de novidades. Nós levávamos o que cada um tinha escrito na véspera e líamos os textos um para os outros”. Após esses encontros, com suas intermináveis conversas, o grupo se dispersava. Pedro Nava lembra os diversos caminhos tomados pelos membros, Emílio Moura e Abgar subindo juntos para suas casas, “galgando Bahia lentamente ritmando os passos pela cadência dos versos lançados à noite”.⁷ Abgar refere-se aos companheiros dessas noitadas. A respeito de Carlos Drummond de Andrade, diz que “sempre foi muito intransigente. Achava-o difícil. Mas nunca tivemos nenhuma desavença”. Abgar relata que escreveu certa vez ao amigo itabirano: achara muito exagerado um poema dele sobre Belo Horizonte. Drummond respondeu “de forma bastante contrariada”, acrescenta Abgar. Fala de Milton Campos, como “um crítico excelente, muito engraçado nas suas observações”, que tinha muita influência sobre o grupo, embora escrevesse pouco – “talvez ele tenha sido o grande orientador”. De Pedro Nava Abgar conta que “era bravo” e “gostava muito de um chope”.⁸ Na *Entrevista* para a Academia Brasileira, Abgar refere-se novamente às noitadas vividas nos bares e cafés, facilitadas pela tranquilidade das ruas. Ocorrido à época, lembra-se de um único roubo. O velho poeta não se esquece de mencionar um garçon do Café Estrela, chamado Simeão, amigo do grupo. Simeão conhecia as preferências individuais dos rapazes. Servia-lhes café carioca – como se chamava a

⁶ ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*, p. 391-392.

⁷ NAVA, Pedro. *Beira-Mar*, p. 106.

⁸ CANÇADO, José Maria. “Um depoimento inédito de Abgar Renault, o último poeta modernista”. *Folha de São Paulo*. Mais! 17/03/1996.

combinação de café forte e um pouco de água, para enfraquecer a mistura. O grupo de estudantes também freqüentava o Cine Odeon. Aí, segundo Pedro Nava, Abgar ficava encarregado de escolher o fundo musical, indispensável naqueles tempos de cinema mudo:

Aquela combinação do andamento do filme com música identificante ficava, por delegação nossa, com o Abgar (...) O Abgar sentava na frente, rente à orquestra, para passar *touyaus* (sempre de acordo com o desenrolar do drama) ao Flausino que os transmitia ao Buzzachi, ao Vespasiano. Agora a quinta de Beethoven, Flausino. Agora, coisa leve, valsa de Strauss. Agora, Momento Musical de Schubert, Flausino. Chopin. O Largo de Haendel. Está acabando, Flausino, pode entrar com seu tango. Era La Carcajada com que a orquestra tinha o hábito de encerrar o espetáculo à hora que o beijo final desmaiava aos poucos e que começava a se desenhar tremulando e ficando cada vez mais nítida e vibrante a bandeira americana – propaganda que entrava em qualquer drama dos diretores de Hollywood como Pilatos no Credo.⁹

Para exemplificar festas e saraus freqüentadas por Abgar e seu grupo, em residências pomposamente chamadas de “palacetes”, nada melhor que uma notícia do *Minas Gerais* de 28 e 29 novembro de 1921 a respeito de certo sarau na casa da família Vivacqua. O texto deixa entrever os costumes e o gosto eclético da sociedade culta da jovem capital, bem como os divertimentos ingênuos, que misturam declamação de poemas, peças cantadas ou tocadas ao piano, danças francesas, jogos de salão e até números de prestidigitação. Além da descrição do ambiente e de destaques para os convidados, a notícia inclui o programa. Detalha os nomes dos poemas e de peças musicais européias, bem como de *rag-times* e choros. Há uma “Pintura Relâmpago” e um “Jornal Falado”, provavelmente um jogo de adivinhação, com recados cifrados e charadas sobre os convidados. Abgar recita o poema “Exaltação”, certamente de sua autoria, mas, como a maior parte da juvenilia, expurgado de *Obra Poética*. Acompanham-no alguns amigos, entre eles Oswaldo Araujo, Milton Campos, Annibal Machado

⁹ NAVA, Pedro. *Beira-Mar*, p. 104.

e Carlos Drummond. Nesse dia, os quatro rapazes têm como missão apresentar, além de seus poemas, o “Jornal Falado”. Podemos assistir a esse sarau, aberto por Pedro de Castro, tio de Abgar, pianista e professor de Música, cuja fama chega aos nossos dias.

SERÃO LITERO-MUSICAL - Quando o piano ferido pelas mãos de Pedro de Castro espalhou no ambiente as primeiras notas daquele subtil “Capricho espanhol” de Moszkowski, a assistencia viu confirmadas todas as suas esperanças: a festa seria deliciosa de vibração e espiritualidade. Era na noite de Domingo, no palacete Vivacqua. A sociedade bellorizontina, pelos seus elementos mais finos, enchia literalmente os amplos salões do elegante palacete. E começaram, então, os escolhidos numeros do programma: Mlles Helena Barcellos e Inhazinha Prates enlevaram a assistencia, cantando lindas e commovidas composições de Tosti, Gregh e Massenet. Os poetas Nilo Bruzzi, Baptista Santiago e Abgar Renault apresentaram trabalhos de originalidade, emoção e teknica (sic). O primeiro fez “Um kilo de prosa”, entremeado de versos, despertando applausos entre os ouvintes. Baptista Santiago e Abgar Renault, dizendo “Olhos que falam...” e “Exaltação” conseguiram merecido triunfo. E que dizer do “Jornal Falado”? Este foi um numero de fino humorismo, logrando innumerous applausos.

A familia Vivacqua foi inexcedível de amabilidades: todos se sentiram captivados pela fidalguia do trato que alli receberam.¹⁰

A notícia do *Minas Gerais* reproduz a íntegra do programa, que se encerra com “vários cotillons”. Os comentários finais destacam o requinte da reunião, e sublinham um detalhe interessante: a diversidade de produções culturais, num ecletismo que parece realmente inovador, considerando-se o ambiente afrancesado então cultivado pelas chamadas elites:

Pelo seu cunho de intellectualidade, de belleza e de graça, este serão litero-musical foi, na expressão mais ampla do vocábulo, um acontecimento.

¹⁰ A notícia, recortada em *Caderno I*, p. 55, explica que “Um kilo de prosa” é o título de uma palestra.

Destacou-se em extremo dos nossos bailes habituaes, em que muito raro apparecem juntamente os tangos e os versos, os “rag-times” e as melodias de Chopin...

O recorte não traz o nome do autor do texto, que, com toda probabilidade, é Abgar. A festa deve realmente ter marcado época, pois repercutiu em outros órgãos da imprensa. O *Diário de Minas* de 27 de novembro de 1921 acrescenta comentários sobre a “assistência, que era finíssima”, e os anfitriões, “família que vem firmando em nosso meio social uma tradição de fidalguia e elegância pouco comuns”. Esclarece também o motivo da reunião:

O dr. Atilio Vivacqua, um perfeito gentleman, em palavras muito expressivas revelou a razão da festa. Tratava-se de com um serão lítero-musical, reunir os mais altos e graciosos elementos da nossa sociedade para a comemoração de um fato de enorme relevo: o restabelecimento da gentilissima senhorita Angelica Vivacqua.”¹¹

Algumas páginas da revista *Footing* exibem a imagem idealizada das “gentilíssimas senhoritas” que, a exemplo da jovem Vivacqua, povoavam as festas de Belo Horizonte. Suas “Silhuetas” – quadrinhas assinadas com o pseudônimo Tarlton – estão preservadas em recortes do *Caderno I*. Eis uma delas:

M.C.

Toda a feminina graça,
Que vive nela brilhando,
Quando por nós ela passa,
Fica em nossa alma cantando...¹²

Ao lado da quadrinha, uma vinheta representa a jovem. Ela encara brejeiramente um admirador invisível. Ostenta com desenvoltura uma capa orlada de pele e arrematada por um broche, que fecha o decote. Logo abaixo, ilustrando outro poema, aparece mais uma

¹¹ *Caderno I*, p.56.

¹² *Caderno I*, p.44.

“silhueta”. Envolta numa *renard* sinuosa, os olhos morteiros mal despontando sob um grande chapéu, essa Theda Bara belo-horizontina estufa o busto farto, as mãos enroscadas num gesto estudado.

SILHUETAS

III



Nesta silhueta risonha
 ha a peregrina candura,
 a celestial formosura,
 que a gente vê... ta:—sonha!

A refulgencia tristonha,
 que em seu lindo olhar fulgura,
 talvez toda se componha
 do brilho de astros da altura.

De su'alma santa a simpleza,
 alma pura que resume
 —o azul destes céos escamos—
 dá-lhe a singular belleza,
 o encanto, a graça, o perfume
 de uma flôr... zita dos campos..

IV

L. G.



Gen'l e candida e serena,
 alma que tem, por certo, a alvura
 que só se vê numa acenna,
 outra não ha mais linda e pura.

De sua graça que fulgura,
 não pode dar idéa a penna;
 ella é a celeste formosura
 em uma synthese terrena.

No seu olhar ha tal bondade,
 tanto fulgor delle deriva,
 candura tal nelle se encerra,
 que, afinal, tudo nos persuade
 ser ella toda, humana e viva,
 bem mais do céu do que da terra.

TARLTON

“Silhuetas” de 1921

As ilustrações parecem recortadas de uma revista de moda francesa, como as que costumavam importar as elegantes da época. Seriam realmente assim as jovens mineiras? Não custa confrontar as “silhuetas” com a fotografia de mulheres e homens num recorte de *Para Todos* contendo um texto de Abgar (“Bilhete Inútil”).¹³



Figuras mineiras, 1921

Em festas como a oferecida pela família Vivacqua, Abgar e seu grupo têm oportunidade de admirar as “gentilíssimas senhoritas”. Para impressioná-las, com certeza, os rapazes exibem sua produção literária. Declamam poemas ou recitam textos em prosa, como informa a notícia sobre o sarau de 27 de novembro:

Um programa ideado com o maior carinho deu ensejo a que se fizessem ouvir requintados louvores em prosa e verso. Assim por exemplo as poesias de Abgar Renault e Batista Santiago, dois jovens e bellos artistas que, rompendo a estreiteza do nosso meio literario, teem adquirido justo renome. E tambem a conferencia de Nilo Bruzzi, que, pesando honestamente um kilo de prosa, disse lindas coisas sobre o amor, a mulher e a saudade. Milton Campos, Oswaldo

¹³ *Caderno I*, p.90.

de Araujo e Annibal Machado, este, representado, produziram paginas em que appareciam, de continuo, magicas de scintillações de humorismo, graça e ironia.

Carlos Drummond obteve tambem um triumpho notavel com os seus "Poemas em Prosa".

Em 1921, ano da celebrada festa, Abgar ainda freqüenta o curso de Direito. Intercala a vida social com atividades literárias e, às vezes, políticas, documentadas por textos seus ou por notícias veiculadas nos jornais. É ele que, no Centro Acadêmico da Faculdade de Direito, profere "formoso discurso", para analisar a obra e a personalidade literária do "eminente cronista" João Luso, que discorre sobre "O amor nas trovas populares".¹⁴ Em 1922, atua ainda no Centro Acadêmico, ao lado de Pedro Aleixo, Villas Boas e Negrão de Lima. Integra o corpo editorial da *Revista*, juntamente com Milton Campos, Aguinaldo Costa, Affonso Teixeira Lage, Fausto Alvim, Mario Casasanta e Hamilton T. de Paula Filho.¹⁵

Os saraus afrancesados, provavelmente não muito freqüentes, seriam insuficientes para animar o cotidiano da tranqüila Belo Horizonte. Como entretenimento habitual, pouco havia além do cinema. Alvejada pelos puritanos, a então chamada sétima arte resistia às críticas, entre elas a acusação, mais pertinente nos dias de hoje, de encorajar a violência. Um divertido texto de Abgar, datado de 26 de agosto de 1920 e publicado na *Revista Acadêmica* no mês seguinte, abandona os temas sisudos para rebater as acusações e afirmar a importância do cinema, único entretenimento regular acessível à época. Há informações pitorescas sobre filmes e atores preferidos. Inicialmente o texto resume os argumentos usados contra o cinema, apoiados por um fato alegadamente ocorrido em Minas:

(...) Da influencia do cinema sobre o nosso povo, sobre sua indole e seus costumes, já se disse que elle – o cinema – é, quando mal comprehendido, quando não devidamente censurado e, sobretudo,

¹⁴ Minas Geraes de 09/11/1921. *Caderno I*, p.55.

¹⁵ Minas Geraes de 04/05/1922, *Caderno I*, p.64.

quando os films são de enredo ou de fundo pouco moral, – um elemento corruptor da sociedade, da familia, da honra, do pudor e outras coisas que, para certa qualidade de gente, não passam de palavras ôcas, de pchibesbeques vagabundos e baboseiras sem significação, nestes bellos tempos que atravessamos...

Ainda há pouco tempo, lemos em um jornal que, numa cidade mineira, um gury de uma dezena de annos mais ou menos, só pelo prazer de imitar as irrisorias façanhas do façanhudo Monroe Salisbury, puxou de uma pistola e com um certo tiro prostrou por terra um irmão ou amigo, não sabemos bem. E o gury fez isso imitando Monroe Salisbury, que não é dos mais bellicosos actores de cinema!

Há referências irônicas a respeito de filmes e de publicação populares sobre o mundo cinematográfico:

Imagine o leitor si a imitação tivesse por modelo Wiliam Hart ou Tom Mix! – A estas horas, haveria uma cidade a menos no mappa destas gloriosas e honestas Minas Geraes, porque o tal gury, a cavallo, teria tiroteiado toda a população da cidade, matando, um a um, seus componentes, acabando por pular de algum tellhado à sella do corcel e por agarrar, na fuga, levando-a à sua garupa, a primeira romantica menina que encontrasse à beira do caminho e que, à moda de Wanda Hawly, Margery Wilson ou qualquer outra, lá estivesse a soborear de longe, de olhos quasi esbugalhados, as bravuras de seu glorioso heróe! Mas isso não é nada! (...) Actualmente, a “Caretá”, o “Fon-Fon”, a “Selecta”, o “Malho”, o “Tank”, etc., etc., etc. incluem sempre entre suas paginas uma galeria de actores e atrizes e algumas há até que só tratam de cinema. Nestas ultimas só há isto: actriz ou actor tal, edade, peso, altura, a principio a gente até pensa que se trata de traços caracteristicos de algum cavallo ou egua de corrida..., casado agora com...; divorciou-se 50 vezes e meia, tem mãe, tem pae: tantos filhos (é raro) netos (fatalmente, mais raro ainda...); recebe correspondencia em... etc, etc. A continuarem as cousas como andam em breve não será para admirar que as mensagens presidenciaes e relatorios de secretarias dediquem ao menos algumas de suas linhas aos lindos palminhos de cara que costumam fulgir na tela... mesmo porque os auctores dessas mensagens e relatorios são, ao que parece e salvo engano, homens como nós outros.

Entretanto, o cronista declara que a própria *Revista* onde escreve está pronta a aderir à cinefilia:

E, pois, a “Revista Academica” acompanhando esse movimento geral de interesse pelo cinema, vae tambem introduzir em suas paginas umas chronicas sobre cinematographia, sendo esta que o leitor está lendo (ou começou a ler, resolvendo não acabar...) a primeira. Prestará a nossa “Revista” quaesquer informações sobre actores e actrizes (é excusado acrescentar – de cinema e cumpre dizer eu mais completas do que as prestadas por qualquer homem! – A um amigo ouvimos dizer, certo dia, que um Jéca de uma cidade tambem mineira, tanto e tanto se emocionou com a beleza de Bertini ao vel-a em uma dessas fitas capazes de por arrepios electricos até nos nervos de uma estatua (si ella os tivesse...), que, ao ser o film remetido a outra cidade para outras exhibições, – o pobre homem lá seguiu cavalgando um magrissimo bucephalo, atrás do empregado que levava, à vizinha cidade, tambem a cavallo, as latas em que se achavam os rolos de fita, em cujo celluloides, por sua vez, se achava nitidamente gravada a imagem da actriz da patria de Victor Emmanuel e de outros grandes varões, notaveis nas epochas de hoje, nas passadas e nas futuras...

O parágrafo seguinte resume o argumento em favor do cinema: em Belo Horizonte, não há outro divertimento. O autor deve estar pensando nas sessões, a que assiste com os amigos, antes de partir para o Estrela. Também menciona os recortes de fotos de astros e estrelas, colecionados pelo irmão caçula:

Mas ora bolas! Afinal de contas, o cinema é a cousa melhor do mundo... em Bello Horizonte... Quem não vae ao cinema aqui, que faz? Ou muito nos enganamos ou nada faz quem, quer chova, quer não, quer faça frio ou calor, em se approximando os ponteiros do relógio das 7 horas, não se dirigir às portas do “Odeon” ou do “Pathé”. E é tal a importancia do cinema entre nós todos e de tal fórma tem ele conseguido empolgar a alma das moças e dos moços, dos velhos e velhas, dos meninos e meninas, que já se não encontra quasi ninguem que não conheça, letra por letra, com pronuncia errada ou certa, os nomes arrevesados das estrellas e estrellos mais brilhantes, actualmente no firmamento cinematographico. Entre a criançada, talvez nenhum fedelho haja que não tenha cuidadosamente

guardada, debaixo do travesseiro ou do colchão, ou no fundo de alguma canastra ou mala ou bahú, si o leitor preferir, a sua preciosa collecção de actrizes e actores. Eu, por mim, posso, sob palavra de honra, attestar que meu irmão mais moço, um gury de 6 anos, possui uma vasta collecção de photographias de artistas cinematographicos, meticulosamente recortados de jornaes e revistas, e, depois, mais meticulosamente ainda, collocadas em um grande caderno que passa a ter o pomposo nome de album. E o peor é que, lá em casa, já não se tem o direito de ler jornal algum, que em suas paginas estampe retratos, de Harts, Franums, Reids, Rays, das Talmadges, Pearsony, Daltons, etc., porque mal chegam são escondidos para após soffrerem algumas tesouradas que os despojem das empolgantes physionomias dos principes do cinema.

As “tesouradas” necessárias à composição dos albuns infantis lembram a prática já consolidada do próprio Abgar: recortar jornais e revistas, para colecionar recortes com os textos que anda publicando. O texto menciona novamente a curiosidade sobre a vida das estrelas e a disposição da *Revista* em servir ao interesse geral:

É, hoje, caro leitor ou cara leitora, não há revista alguma que não se interesse pelo cinema. Assim, entre outras cousas, poderemos contar a nossos leitores quantos dedos tem a linda Dorothy Dalton; se as adoraveis covinhas de seu rosto são naturais ou postiças; si Virginia Pearson tem mais de 18 anos ou não: si June Caprice tem dois olhos ou mais de dois; si Norma Talmadge usa tomar café, chá ou chocolate ao deitar, si Juanita Hansen tem callos e o que usa para extirpal-os; quantos se acham encarapitados sobre cada dedo, etc., etc. etc.

Uma nota irônica fecha o texto. O autor proclama a impossibilidade de tratar do tema anunciado no título, “A influência do cinema sobre o nosso povo”: ele próprio já aderiu à cinefilia. Tem pressa de abandonar a redação para assistir a um dos filmes condenados pela patrulha da “Liga pela Moralidade”:

Como o leitor vê, jamais terá informações mais interessantes, mais completas e mais verdadeiras do que as que, em breve, attendendo às consultas que nos forem dirigidas, a “Revista” publicará. Era nosso intento falar nestas linhas, conforme o leitor inferiu do titulo dellas, da influencia do cinema sobre o nosso povo, sobre seus

costumes, sobre a moda e até sobre a legislação civil patria. Mas a divagação (é em nós um vicio inveterado) tomou-nos todo o tempo e, agora, às 6.30 da tarde, estamos tratando de arranjar do melhor modo possivel a nossa vulcanesca physiolastría, para ir ao “Odeon” assistir à projeção de Norma Talmadge, na “Mariposa”, – fita condemnada como prejudicial e attentatoria aos nossos pudores e bons costumes pela directoria illustre da não menos illustre “Liga pela Moralidade”.¹⁶

Brincadeiras à parte, o moço poeta apreciava mesmo o cinema, e sua ironia é também auto-ironia. Afinal, na Belo Horizonte dos anos 20, *Quem não vae ao cinema, que faz?* Em outro texto, Abgar volta ao assunto. Fingindo noticiar progressos na cidade, ironiza a monotonia da vida belo-horizontina, onde acidentes de carro “já formam alguma cousa digna de nota”. Em *Notas mundanas*,¹⁷ usa o pseudônimo Donan Coyle. Alista alguns sinais de “progresso” na capital: “Bello Horizonte, digam o que disserem os pessimistas, progride e civiliza-se. Para confirmar tal asserção, outrem citaria, por exemplo, o augmento do numero de bondes da ineffavel C.V.U.E.B.H., o numero de fabricas que se abriram por aqui ultimamente, a falta de casas, etc.” Em seu próprio nome, Donan Coyle prefere destacar o “delíquio em que tombou a celestial Liga pela moralidade”. A Liga lutara em vão para desbaratar os freqüentadores do Pathé e do Odeon, este último, quase à esquina da Rua da Bahia com a Avenida Afonso Pena.

Mais que na Liga pela Moralidade, o cronista se detém em “alguns desastres de automovel efectuados, oficialmente, com maior ou menor perícia, por autos do governo ou, mais modestamente, por autos da praça (...) [O]s vehiculos particulares, desse genero, ultimamente se têm mantido numa obscura mediocridade a esse respeito”. Esses desastres, segundo o articulista, constituem “um dos thermometros do progresso sempre ascendente desta bôa terra”,

¹⁶ *Caderno I*, p.24

¹⁷ *A Nova Idéa*, 09/04/1922. *Caderno I*, p. 64.

mbora, por enquanto, se resumam “em simples escoriações, equenos traumatismos e *outras cousas dessa mesma qualidade, sem qualquer interesse para quem quer que seja, a não ser a vítima...*”

Tudo isso parece divertir a *persona* investida em Donan Coyle. Mas o que de fato lhe atrai a atenção é a “alta cotação” de que Thespsychore gosa atualmente” “no cambio social bello horizontino”, isto é, o grande número de bailes, “mais de 10 ou 12”, realizados “em plena, em pleníssima quaresma”:

há muito maior somma de interesse, do ponto de vista do progresso da cidade, em um fox-trot bem remexido e bem rythmado, nestes salgados dias de ovos e bacalháu, do que no facto de um Studebaker ou um Fiat, de 30 ou 40 H.P., a 80 kilometros por hora, investir, às cegas, e às tontas, sobre um pobre e descuidado transeunte, e acabar por tirar-lhe apenas um braço ou uma perna, ou estraçalhar um cão vagabundo que rói um vagabundíssimo osso no meio da rua....

Ao jovem Abgar, até tão pouco tempo compenetrado aluno do Colégio Arnaldo, essa Quaresma festeira talvez escandalize um pouco. Certamente, também o atrai, pois Donan Coyle, apesar da observação rônica, parece ter fartas informações sobre as danças de então:

Eu juro que, a estas horas, há um bom punhado de santos, lá pelo céo, que hão de estar atordoadamente escandalizados com o arrastado dos tangos argentinos, e ripinicados dos tanguinhos, a doçura deslisante dos one-steps e a sacolejante harmonia dos fox-trots tocados ultimamente aqui, além (em menor escala) do turbilhante rumor das valsas e alguns outros archaismos da mesma raça, que, felizmente, já vão ficando à margem do caminho. (Eu diria melhor: ao canto dos salões de danças...)

Donan Coyle afirma não ser amigo de bailes e reuniões. Mas membros da família declaram que Abgar gostava de dançar. A voz implícita em “Notas mundanas” alega ter pouco interesse por danças e festas:

De todos os bons christãos desta christianissima cidade, que, mais tarde, no purgatorio ou no inferno, terão de pagar pelo peccado feissimo de dançar durante a quaresma, eu, muito sinceramente, tenho o convencido desplante de confessar que sou quem menos

há de soffrer porque, bem a meu pezar, só fui a dous de muitos bailes quaresmaes aqui levados a efeito. Tanto assim é que só de um posso dar notícia, incompleta, sem dúvida, porque falo do mesmo com pleno conhecimento de causa.

Nesse trecho da crônica fica evidente a ironia das observações anteriores. Elas constituem um pretexto para noticiar o baile realizado “no palacete da illustre familia Ribeiro da Luz, a 27 de março”. A partir daí, fala o cronista social. Ele registra, além de nomes que breve repercutirão no cenário cultural brasileiro, a presença de algumas “senhorinhas”. Entre elas, menciona Belarmina Rache, que terá papel importante para a criação dos *Sonetos Antigos* de Abgar. Fora isso, o texto de Donan Coyle prossegue no tom de sempre: “houve varios numeros de canto, piano e violino” e “lindos recitativos”; o serviço de *buffet* foi verdadeiramente irrepreensível”; a “illustre familia Ribeiro da Luz foi infatigavel em cortezias e gentilezas”; “a alegria reinou durante todo o sarão”, que “se prolongou até altas horas da madrugada”... O autor declara não se alongar na descrição, para não tornar-se “ainda mais *chapudo*”.

Nem só de saraus e bailes se alimentava a vida social do rapaz. Igualmente o encantava o futebol, pois o ano de 1919 já encontra o acadêmico de Direito como secretário do Clube Atlético Mineiro, pelo qual, como seus irmãos Lívio e Áureo, torceu durante toda a vida. É como secretário do Atlético que agradece uma recepção oferecida ao Clube na sede do Athletic em 1919. A presença feminina chama a atenção. A festa é oferecida pelas torcedoras, em cujo nome, “em phraseado elegante”, fala “a gentil senhorinha Nair Magalhães”. Conforme informa o Estado de Minas de 07 de outubro de 1919, com palavreado semelhante ao das descrições de saraus elegantes, “a festa correu animadíssima até altas horas da manhã”. “[R]einou muita cortezia por parte das commissões encarregadas da organização da festa e muita alegria e contentamento entre todos os presentes”, sendo servidos “finos doces”.¹⁸ A linguagem solene pode surpreender o leitor das páginas de esportes atuais. Na verdade, futebol e poesia

¹⁸ *Caderno I*, p. 11.

se encontram em *Obra Poética*. Um poema celebra um jogador atleticano e as partidas de outros tempos, num jogo lingüístico cheio de humor. O texto leva o nome do atleta:

Jasminor

Melhor soaria Jasmineiro,
mas chamava-se Jasminor,
e era do Atlético Mineiro
lá por volta dos anos de mil
novecentos e trinta e um...

(*A Outra Face da Lua, Obra Poética*, p. 123)

Além do popular futebol, do cinema, dos bailes e saraus, a capital amava o Carnaval, a que também não se furtava a pena de Abgar. Ele dá conta do Carnaval belo-horizontino ao início dos anos 20, numa crônica publicada duas vezes, a primeira em 22 de fevereiro de 1923 com o título “Carnaval”, em *O Arauto*, e a segunda, “Momo”, em dezanove de março do mesmo ano.¹⁹ Na descrição da atmosfera carnavalesca, o vocabulário erudito choca-se com exclamações espalhafatosas e denuncia a ironia do cronista:

Apertam-se as mascaras aos rostos...desmascaram-se as almas!
Evohé! Sabohé! Evohé! Sabohé! E entre guisos estrídulos, agudos

¹⁹ *Caderno I*, p. 63 e 70, respectivamente. Em nota datada de 27/03/1923, o mesmo *Arauto* apresenta-se como um novo jornal, caprichosamente impresso e brilhantemente redigido, o qual, como orgam da “Associação Republicana do Calafate”, se consagra aos interesses do mesmo bairro, “defendendo os direitos das classes proletárias, combatendo o alcoolismo, a ociosidade e todos os vícios que definhando energias, abatendo caracteres, esterilizando capacidade, ennegrecendo destinos, concorram de uma forma ou de outra para o abalo do bem comum”. O jornal também professa objetivos políticos: velar “pela estabilidade dos principios e das instituições republicanas, indicando os direitos e deveres do cidadão, consignados na nossa Carta Magna”. Entre outros colaboradores estão Abgar e seu pai, Leon Renault. *Caderno I*, p. 63. Textos do *Diário de Minas* de 29/01/1922 e 24 de fevereiro seguinte também registram o aparecimento do novo jornal. *Caderno I*, p. 59.

tintinábulo, agudíssimos clarins, atroantes zabumbas, numa barbara harmonia, feita de gritos, trons, brados e uivos, surge, anno a anno, o Carnaval.” Segue-se uma lista das mudanças no ritual carnavalesco: Momo, deus “amigo de Baccho... de Terpsychore... e de Eros” “já não é o mesmo de 20 annos atraz. Isto ao menos na apparencia formal do culto que se lhe dedica. Ao hysssope das bisnagas de agua pura substitui-se o de agua perfumada e a este, enfim, o do lança perfume. Os banhos forçados, a policia, em nome da civilisação, os prohibiu...”

A essas mudanças no ritual carnavalesco corresponde a vitória do anárquico Arlequim sobre o romântico Pierrot – vitória que o cronista debita à influência maléfica de Colombina. No retrato dela pode-se talvez advinhar alguma jovem *socialite* da época: Colombina “transmudou-se da emotiva enamorada em frivola *flirteuse*... Trocou Pierrot por Arlequim. Preferiu à alma romantica e commovida do primeiro a escandalosa alegria de satyro do segundo. E si Pierrot mudou, a culpada única é Colombina”. O cronista não faz mistério de sua simpatia por Pierrot (“Pobre Pierrot! Eu te admiro e te lastimo”), em cuja boca põe alguns versos chorosos. As singelas sextilhas heptassilábicas, adequadas à atmosfera carnavalesca, advertem Colombina sobre os riscos de sua futilidade:

O teu amor, que eu exalço
 minha linda Colombina,
 passa em breve, é vão e falso,
 pois, no fundo, se resume
 numa onda de perfume...
 num rolo de serpentina....

Em meio à folia acesa,
 o teu vulto surge e passa,
 estonteante de belleza...
 surge e passa de repente,
 phantasmagoricamente,
 como um sonho de fumaça...

Colombina, essa alegria
 Que rebenta em tua bocca,
 Que os teus olhos extasia,

Sabes tu que, louca e triste
 Vem ferir o amor que existe
 Na minh'alma triste e louca?
 Colombina tem cuidado
 Tem cuidado com o teu sonho...
 Olha que, assim desprezado,
 elle morre entre sorrisos,
 como o riso dos teus guisos
 ante o teu olhar risonho...

Em ti não crê minha vida:
 Teu amor, que se resume
 Numa ancia falsa e fingida,
 Foge, ó linda Colombina,
 Num rolo de serpentina,
 Ou numa onda de perfume...²⁰

De repente, o cronista muda de tom. Associa a melancolia de Pierrot a “uma ancestral tristeza... uma dôr grande”, que, por uma

fatalidade estranha, – que é a da nossa formação ethnica” – atormentou os nossos antepassados e tênue, quasi apagada, mas sempre audível, se transmitiu, de geração em geração, num fio infrangível, até nós. (...) Quem já não sentiu que há, em cada tango, em cada one-step, em cada fox-trot (...) uma passagem em que vibra uma angustia abafada, um secreto gemido, um quer que seja de tristeza, afinal, que contrasta extremamente com os demais trechos?

A reflexão, estranha para um contexto carnavalesco, acaba levando o cronista a citar “Musica brasileira”, soneto de seu amado Bilac, que também associa a criação musical à “flor amorosa de três raças tristes”. Não é difícil explicar essa meditação melancólica, destoante das exclamações “Evohé! Sabohé! Viva Momo! Viva o Carnaval!”, ao final do texto. Se a descrição do Carnaval mal disfarça as farpas do cronista, também sua identificação com os versos de Bilac

²⁰ Com o título de “Canção de Pierrot” o poema, isolado, é publicado novamente na *Revista dos Grandes Hotéis* em fevereiro de 1924 e em *Para Todos* de 15/02/1924. *Caderno II*, p. 7.

e a máscara de Pierrot apaixonado têm um fundo autobiográfico. O texto “*Indiscreções*– Vultos da Faculdade Livre de Direito”, assinado com o pseudônimo “Indiscreto” e publicado na *Revista Acadêmica* poucos meses antes da crônica sobre o Carnaval, refere-se jocosamente a uma crise amorosa vivenciada por Abgar. Sua magreza (que durará toda vida, apesar dos esforços do poeta e, mais tarde, da esposa), é apontada como sintoma de um amor não correspondido.

Qual! Digam vocês o que quiserem, mas paixonite aguda é praga que, quando desembesta para cima de um christão, dá-lhe cabo do canastro!

Bem andou a nomenclatura científica em chrismar com “ite” as peiores doenças deste mundo.

Há cousa de uns quatro annos conheci o Abgar, que era então a mais fagueira esperança do logar. Vibrante de espirito e de felicidade, era de vel-o na sua pose. Mas uma vez (sempre o enfadonho mas) a tal “tata juba” do amor deu-lhe uma arranhadela por deante, e o nosso heroe, de então por deante, entrou a decair até o ponto em que o vemos hoje – casulo murcho de onde desertou há muito a chrysallide da borboleta – illusão!

Excellent cidadão, embora não muito recommendavel pelo physico, exerce o nosso heroe, nas horas vagas, o officio de versejar – e verseja bem.

Sua mollestia... Homem, queira Deus que ella não o faça dar com os costados no “hotel” da linda terra em que nasceu!...²¹

As tinturas são cômicas, mas o quadro é real. Abgar está, de fato, apaixonado, e seus queixumes a “Colombina” vão bem além da postura literária.

²¹ *Footling*, 12/06/1921, *Caderno I*, p. 37.

AMOR E PERDA: O Barroquismo de *Sonetos Antigos*

Desfortuna de Amor, de tal crueldade
Feriu meu coração, & tam a tento,
Que hum dia, em hum só curto momento,
Annos me deu de fel à mocidade.

Sonetos Antigos, XVIII

Adolescente, Abgar encantara-se com diversas mocinhas, como deixam entrever poemas de sua juvenilia, conservados pelo poeta nos recortes de jornais e revistas. Os versos documentam um aprendizado poético e, obliquamente, uma evolução amorosa. O aspecto carnal, reprimido pelos rígidos padrões do jovem século XX e pela orientação católica absorvida no Colégio Arnaldo, mal se deixa vislumbrar em uma ou outra linha, com veladas referências à luta contra as solicitações do sexo. A educação amorosa vai se construindo lentamente, no amadurecimento para envolvimento futuros. Os versos compostos entre os dezessete e os dezoito anos deixam entrever arroubos sentimentais, provavelmente mais alimentados pela fantasia que por experiências concretas – entusiasmos fugazes, vagamente direcionados para uma ou outra jovem que o poeta admirava em ruas e saraus. Destaca-se um detalhe: a voz adolescente celebra quase exclusivamente os olhos das jovens musas – etapa visual da experiência amorosa, afinada com os pudicos flertes da provinciana Capital. Um soneto de 1918, “A Uns Olhos Azuis”, ilustra a essa postura da persona lírica:

Olhos, ó céos serenos, transbordantes
 De atrações infinitas e sem par...
 Olhos de amor famintos... supplicantes...
 Lindos olhos azues da côr do mar...¹

De quem seriam esses olhos? O soneto, exercício de aprendiz, nem de longe sugere a personalidade real de uma jovem homenageada. Trai apenas a predisposição amorosa do poeta. Em suas fantasias, os olhos da moça, como os dele, “de amor famintos”, procuram o objeto do desejo. Vagueiam pela cidade, “na mesma ancia”, “a scismar noutras almas”, “que estão lá longe”. O devaneio amoroso, que não vislumbra a concretização do desejo, deságua em sua sublimação. Busca refúgio num “divinal clarão”; ele iluminará a escuridão da culpa associada ao sexo. No terceto final, a persona poética pede uma espécie de benção, o que aproxima a musa de uma imagem materna, refúgio contra os imperativos do sexo:

Desperta em mim, num rapido lampejo,
 Através vosso effluvio bemfazejo,
 O doce luar da minha Redempção...²

Irrealizado, o sonho permanece “vago, aereo, subtil” (...) “fumo”, “nada”, como se lê em outro soneto, “Amor”.³ A fantasia amorosa, concentrada no olhar de amadas provavelmente hipotéticas, transparece também no soneto “A uns olhos indifferentes”, datado de 1918. Acentuam-se as associações místicas, que se desdobram em imagens religiosas. A persona lírica insiste em fixar o “rosto santo” de uma jovem “de olhos semi-cerrados” “para a vida do amor”. “Em honra” a seu “doce encanto”, sagra-se “cruzado de um ideal inspirador”, onde busca armas para que, “titanico”, se “vença”. A

¹ “A uns olhos azues”. *Cidade de Barbacena*, 06/10/1918.

² *Caderno I*, p. 1.

³ “Amor”. *Cidade de Barbacena*, 17/08/1919. *Caderno I*, p. 9.

celebração do objeto inatingível serve a um amor idealizado, como na poesia trovadoresca.

Outro poema, “Olhar”, formalmente inferior, insiste na temática visual. Celebra “um negro olhar”, em cuja “escura treva” a persona lírica sorve “embriagante bebida”.⁴ Em certo sentido, o texto diverge dos demais. A celebração da “escura treva”, tradicionalmente associada a impulsos pecaminosos, e a referência a lembranças enigmáticas, esboçadas “no colleio bizarro/ do fumo de um cigarro”, permitem imaginar uma admiração menos etérea. A mudança de tratamento sugere uma postura alterada face à mulher: o *vós* arcaico e cerimonioso dos dois primeiros sonetos cede ao *tu* menos distante. Entretanto, a voz poética ainda insiste no culto aos olhos da musa. Evita outros traços fisionômicos e o corpo e aponta ainda para a espiritualidade. Coerente com os padrões comportamentais vigentes, que distinguiam as chamadas “moças de família” das “outras”, acessíveis, a união carnal opõe-se ao amor-sentimento. A fixação visual retorna em um texto em prosa poética, que relata a lenda de duas estrelas extintas, cujo brilho se teria transferido para os olhos da amada.⁵ Não será por acaso que “Teus Olhos”, soneto dedicado à mãe do poeta, também privilegie os olhos. Tradicionalmente, associam-se à espiritualidade, em oposição, por exemplo, às sugestões eróticas da boca. A fixação visual, tanto em referência às amadas quanto à mãe do poeta, aponta para musas construídas à imagem e semelhança desta e bloqueia maiores associações eróticas. Esse traço singulariza os poemas escritos entre 1918 e 1919 excluídos de *Obra Poética*.

Em 1919, quando ingressa na Escola de Direito, o rapaz de dezoito anos inaugura uma nova fase. Passa a escrever sobre a vida acadêmica, aborda temas de caráter filosófico ou atividades sociais e culturais, sem renunciar à produção poética. Mas continua

⁴ “Olhar”. *Sericultor*, 09/01/1919. *Caderno I*, p. 4.

⁵ “Lenda”, *Cidade*, 10/08/1919, *Caderno I*, p. 9.

cantando o amor idealizado, marcado pela obsessão visual, como nesta quadrinha singela:

Teus olhos que tanto almejo,
que tristonhos que eles são!...
mas suavizam como um beijo,
consolam como um perdão!⁶

“Perfeição”, soneto de 1920, avança um pouco na percepção da figura feminina: fixa-se na “olympica nobreza” do porte. Mas é ainda nos olhos que finalmente repousa a mirada lírica, para neles enxergar, “pura e acesa”, “a chama dos Amores sem venenos” / “Que anda na terra, mas ao Céu se liga”.⁷

O cotidiano, com seus crescentes contatos sociais e acadêmicos, inclusive com amigos brilhantes, que não desdenham escapadas boêmias, reduz aos poucos o distanciamento reverente na representação da mulher. O poeta parece sentir-se mais à vontade no relacionamento com o sexo oposto, pois chega a tratá-lo de forma humorística. Em 1921, ao lado das habituais composições de tom byronico ou filosófico e de diversificados textos em prosa, dois ou três poemas retratam comicamente temas românticos. Retomam a tradição do jornalismo em verso humorístico, como em “Temor”. Nesse soneto voz lírica reverte a tradição petrarquiana. Na luta amorosa, caça e caçador trocam de posição. A persona poética se diz perseguida por uma jovem, cujo queixo e nariz descreve grotescamente. Destaca o detalhe da boca sequiosa (“teus lábios de escarlata”), nada convidativa ao beijo:

⁶ *Revista Acadêmica*, setembro de 1920. *Caderno I*, p. 23. Na mesma página, “Soneto” retoma as habituais reverberações místicas associadas ao olhar feminino:

Ante o esplendor sereno desse olhar,
Em que perpassa um extase de prece,
Ajoelha-se meu ser, qual se estivesse
Deante do mysticismo de um altar.

⁷ “Perfeição”. *Tank*, 20/10/1920. *Caderno I*, p. 25.

Temor

A ti, que sempre foste uma pirata,
 este soneto, enfim, dizer-te vae
 porque fujo aos teus labios de escarlata,
 queixes-te embora, simulando um ai.
 Si assim me esquivo a esta ansia que arrebatava
 E si meu rosto, frio, se contrae
 (dirás – bem sei – que conto uma bravata...)
 não é por medo do braço de teu pae...

Ei-la, a razão- vê que é de grande peso-
 por que de te beijar, querida, eu deixo,
 a flor desses teus labios tão gentis:

é o temor de p'ra sempre ficar preso
 entre esse formindando e tórto queixo
 e esse adunco, vastíssimo nariz!⁸

Dirigida a uma jovem desdenhosa, a quadrinha transcrita abaixo também recusa a postura petrarquiana, além de insinuar pouco apreço pelo físico do autor:

Quem vê cara

Não me queres Tens razão,
 pois a coisa é muito clara:
 tu vês bem a minha cara
 Mas não vês meu coração!⁹

Nesse tom, o rapaz de 20 anos, descontraído pela vivência de estudante, permite-se apontar pés de barro nas deusas que constrói. “Sem rumo”, série de reflexões em prosa, expressa um misoginismo afetado, talvez postiço, mas claramente avesso à idolatria da figura feminina: “Idéas de cabeça de mulher e certos frutos equívalem-se: ou pôdres ou amargas: não se aproveitam nunca.”¹⁰

⁸ “Temor”. *Footling*, 28/08/1921, *Caderno I*, p. 52.

⁹ “Quem vê cara”. *Footling*, 28/08/1921, *Caderno I*, p. 52.

¹⁰ “Sem Rumo”. *Revista Acadêmica*, agosto 1921. *Caderno I*, p. 52.

Mas o tempo passa. O poeta atinge um momento propício a amores mais reais. Para isso o predispõe, além da juventude, sua aguda sensibilidade, exacerbada pela formação literária. “Sem Rumor” fala da melancolia de seu temperamento, da desconfiança com que sempre encara a felicidade, da “esthesia doente” de sua “sentimentalidade”. Haverá algum exagero nessa auto-avaliação e muito da postura poética herdada do romantismo. Mas parte da descrição corresponde realmente a um temperamento inclinado ao pessimismo, compatível com peculiar senso de humor. Abgar também continua inseguro em relação a seus dotes físicos. Com certa razão, pois já nessa época Carlos Drummond destaca no amigo, ao lado do “sorriso claro e bom”, uma calva precoce.¹¹ De algumas linhas em prosa datadas de 1921, intui-se que esteja pensando em si próprio, quando associa a feiura ao fracasso amoroso: “Para ser amado pelo comum das mulheres, a condição essencial é, antes de tudo, antes mesmo de ser bonito, ser idiota. Já é um consolo para o desconsolo dos infelizes do amor, que se julguem feios, e menos ou mais inteligentes”.¹²

Esses breves comentários apenas falam da feiúra que Abgar se atribui. Data dessa época – por volta de 1923, tempos de presença do Grupo do Estrela na rua da Bahia, Cinema Odeon, e bailes do Clube Belo Horizonte – um minucioso retrato de Abgar, traçado por Pedro Nava em *Beira-Mar*. O memorialista atesta que o amigo “irradiava mocidade e alegria”, e lembra “sua capacidade extraordinária de extrair o chiste de tudo, de todos e o não escapar-lhe balda de ninguém”. No rosto do amigo, Nava destaca

seus olhinhos extraordinariamente vivos, pequenos, brilhantes, expressivos e sempre prontos para completarem o riso. Eles ficavam dentro de cavidades orbitárias um pouco fundas, sob a testa vertical, lado a lado do nariz repentino que depois de suas sinuosidades ia

¹¹ ANDRADE, Carlos Drummond. Aqueles Rapazes de Belo Horizonte. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28/06/1952.

¹² “Na espira de um cigarro”... *Revista Academica*, maio de 1921, *Caderno I*, p. 37.

terminar sobre lábio superior predominante, boca bem desenhada e geralmente aberta no riso que mostrava os melhores dentes da nossa roda. Tinha o queixo voluntarioso e firme com pequena cova central. Mas o que chamava a atenção era sua cor dum rosado igual e daquela turgência especial que configura o material da pele nova em folha. Claro, barba cerrada e sempre cuidadosamente escanhada.

O memorialista descreve com minúcia a elegância do porte e o apuro no vestir, que Abgar manteve até a velhice:

Era muito tratado e elegante, sempre metido em ternos impecáveis. Digo bem ternos porque nunca estava sem o colete altíssimo abotoado até quase abaixo do colarinho. Estes também subiam muito e suas pontas eram presas pelo alfinete transversal que ficava sob o laço da gravata parabólica e saliente. Paletós da época, cintados, longos, dum botão só, mangas espremidas sobre os punhos apertadíssimos que desciam até abaixo do pulso cobrindo um pouco o princípio das mãos. Calça de boca estreita que terminava exatamente na altura do cano da botina de dois materiais. O verniz e o cano de camurça, pelica ou gabardine. Em resumo silhueta magra e duma elegância seca – aliás a mesma que ele conservou até hoje, andando como andava, sem costas curvas, sem derreamento de ombros e sem a desonra das banhas.¹³

Continuando, Nava encarece o brilho do amigo, seus múltiplos interesses, seus amigos mais chegados:

Sua palestra era viva e brilhante. Gostava de recitar a nosso pedido e dava-nos Laforgue, Samain, Verlaine à vontade; às vezes poesia inglesa e os clássicos portugueses – os antigos e os então recentes

¹³ A indumentária é semelhante à do próprio Nava, “no trinque dos almofadinhas da época. Chapéu enterrado até às orelhas, colarinhos altos com gravatas borboleta ou longas e se perdendo, estas, depois de parábola ousada, no alto colete de doze casas de que a inferior nunca era abotoada. Paletós cintadíssimos e eompridos, atochados de enchimentos nos ombros e nos peitos. Calças largas em cima e apertadíssimas em baixo (...) Calçado ponto de agulha. Flor no peito, como os outros moços e como eles quase todo o lenço para fora do bolso alto do paletó.” (*Beira-Mar*, p. 50).

Quental, Antônio Nobre, Cesário Verde. Nosso Alphonsus. Nosso Bilac. E fazia-o com a dicção admirável que caracteriza sua maneira de pronunciar – fossem poemas em luso-brasileiro, em inglês ou no francês ancestral. Ah! É inútil o tempo passar sobre “aqueles rapazes de Belo Horizonte”. Vejo-os sempre como eles eram. No caso de Abgar ajudado pela minha memória e por uma velha fotografia que ele tirou ao lado de Gastão Coimbra da Luz, Gabriel de Rezende Passos e Ezequiel de Melo Campos por ocasião de uma excursão de estudantes a São Paulo. Leio a data: junho de 1923. Seus amigos mais íntimos eram Drummond, Gabriel, Capanema, Mário Campos, Casasanta, Hamílton.¹⁴

Por volta de 1922, o acadêmico de Direito parece pronto para um envolvimento menos literário que os anteriores, agora com uma jovem de carne e osso. Ela surge na pessoa de Belarmina Rache, uma das “senhorinhas” presentes no sarau oferecido pela família Ribeiro da Luz em 27 de março. Citada numa crônica social preservada nos recortes, possivelmente redigida por Abgar,¹⁵ Belarmina bem pode ser a jovem retratada numa das “Silhuetas”, quadrinhas galantes, que, atendendo aos pudores da época, citavam apenas as iniciais das homenageadas. Ao recortar e colar o texto, Abgar julgou necessária maior discreção quanto à identidade da musa, pois as iniciais ao alto da primeira quadrinha – a que possivelmente retrata Belarmina – foram apagadas do recorte. A rasura, certamente praticada pelo próprio autor, não resultaria de puro acaso, pois ocorre em dois recortes do mesmo poema, um colado à página 44 e outro à 51 de *Caderno I*. O apagamento do nome faz pensar em Antoine Compagnon, que inclui a rasura entre os gestos simbólicos do processo de criação literária. Cabe também um paralelo com o procedimento conhecido como pentimento, ou “arrependimento”, na pintura: para aproveitar uma tela, o artista pinta sobre um desenho anterior, que se torna invisível. A imagem pode, entretanto, ser recuperada por técnicas modernas, sugerindo a reconstituição do passado, através da

¹⁴ NAVA, Pedro. *Beira-Mar*, p. 212-213.

¹⁵ “Notas Mundanas”. *A Nova Idéia*, 09/04/1922. *Caderno I*, p. 64.

lembrança. No caderno de Abgar, a rasura indica o inverso, a busca consciente do esquecimento, a tentativa de eliminar da memória uma página dolorosa. A intenção foi até certo ponto frustrada. Excluída da vida, a página permanece, transfigurada na poesia de *Sonetos Antigos*, sabidamente inspirados por Belarmina.

O autor fez deles um julgamento favorável, pois essa foi a primeira criação de juventude que incluiu em *Obra Poética*, além de ter sido publicado em 1968, em edição do autor. O julgamento foi ratificado pelo jovem Carlos Drummond de Andrade, que se refere à composição dos sonetos nos versinhos denominados *Craque*. Conforme narra Abgar em seu *Depoimento*, Drummond apresentou-se a ele em 1922, à porta do Cinema Odeon. Queria cumprimentá-lo pelos *Sonetos Antigos*, recém-publicados nas revistas *Acadêmica* (dos alunos da Escola de Direito) e *Radium* (dos da Escola de Medicina). Nem sempre a recepção foi lisonjeira. Colegas de Abgar não pouparam comentários jocosos. Assinado apenas com um C., um texto de 1923 a respeito de jovens intelectuais – Mário Mattos, Nilo Bruzzi, Baptista Santiago, Annibal Machado, Silva Guimarães, Arduíno Bolívar – refere-se a Abgar como “Cavalleiro esquecido de batalhar, derramando nos ‘Sonetos Antigos’ a saudade do que não fez”.¹⁶ Abgar conservou o texto entre seus recortes, sinal de que se divertiu com a brincadeira. Ou seria ele próprio o autor, disfarçado sob uma inicial enganadora? A auto-ironia nunca foi estranha ao autor dos *Sonetos Antigos*.

A seqüência de sonetos bem merece esse título. Antiga, antiquíssima, é sua armadura formal. Na língua portuguesa, evoca certos poemas de Camões, precursores do barroquismo, com seus arcaísmos, oxímoros e antíteses paralelas. Da perspectiva atual, a delicada filigrana estilística poderia constituir mera curiosidade literária, não fossem dois aspectos cruciais: sua relação com a biografia do autor e sua profética revalorização do pastiche. Já no início da segunda década do século XX, a intuitiva premonição do artista

¹⁶ “De um lápis vadio”. *Diário*, 20/07/1923. *Caderno I*, p. 94.

abandona a poética romântico-simbolista para, abraçando o pastiche, dar um primeiro passo em direção a uma estética pós-moderna. Por outro lado, a seqüência ilustra a recuperação do barroco não apenas como expressão de um certo tipo de sensibilidade ou de expressão cultural de uma época, mas, sobretudo, em razão de sua adequação à textualização do vivido. Somada a seu temperamento conflituoso, uma experiência amorosa vivenciada por Abgar encontra ressonância no amálgama da tradição petrarquiana com a poética seicentista. Como parte do legado literário e autobiográfico do autor, os *Sonetos*, além de evocar o barroquismo, remetem a seqüências semelhantes em outras tradições européias, com rasgos estilísticos equivalentes.

Segundo atestam familiares do poeta, a discreta referência a certa “senhorinha” na crônica social de março de 1922 relaciona-se com uma paixão cultivada desde o ano anterior, quando jornais e revistas publicam alguns *Sonetos*. A exemplo do que ocorre em seqüências semelhantes, eles subentendem uma narrativa, uma história de amor, pontuada de súplicas amorosas, ternas recriminações, breves esperanças e céleres desenganos, que simultaneamente exaltam e deploram a virtude da donzela. No soneto XI a amada lembra a dama petrarquiana, sedutora e inacessível. Negando-se a seu cantor, ela inspira um extravasamento poético/amoroso não menos tocante por sua postura convencional:

Que eu, Senhora, de mi, dêis a triste hora
 Que na alma tive o vosso olhar tam lindo,
 Ando tam cêgo, tam perdido ando,

 De maneira ferido estou agora,
 Que nem sei se he em prantos que ando rindo,
 Ou se he em risos que ora estou chorando.

No soneto XX, o apelo ao raciocínio, visando vencer a indiferença da dama, evoca a retórica barroca:

Senhora, que fazer por merecer-vos,
 Si inda vós não tenho merecida
 Após tanta crueza já soffrida
 Dêis o momento em que cheguei a ver-vos!

Que amostrar-vos, & que mais dizer-vos,
 Depois que esta minh'alma mal ferida
 Hei posta no meu gesto, & com tal vida,
 Sem que seu fim lograsse de mover-vos?

Será que vos não amo como devo
 Ou será que a ventura me he agora
 Muyto menos doçura que travor?

Que virtudes quereis, no que em mi levo
 Pera vos merecer, alta Senhora,
 Si só hei por virtude o meu amor?

A pessoa da amada, “tam pura” “& tam benina” (V), sua “serena fermosura” (IV), “sua esvelteza” (V) sua virtude, “que as mostras” lhe “empresta de uma santa” (IV), justificam a adoração do poeta. A seu lado, crê-se “rudo”, “mau”, “imperfeito” (I). Desafortunadamente, a amada retribui tanta devoção com “fereza” e “esquivança” (V). O humilde adorador atribui esse desdém à distância moral que julga existir entre ele e a sua musa:

Mas he sem cura o mal que anda a pungir-me:
 Que, si agora padece este meu ser,
 Porque eu vos vejo contra mi tam firme,
 O dano de querer-vos sem vos ter,
 Em vos sentindo minha, há de ferir-me
 O mal de ter-vos sem vos merecer. (III)

A frieza da amada, razão de “altissima tristura” (XVI) e tantos queixumes (XV) não anula breves momentos de esperança, seguidos de novos desenganos (IV). Nem apaga o mal disfarçado ressentimento do amoroso rejeitado (III, VI, VIII, XVI, XVIII), suas perplexidades (IX), seus extremos de dor e alegria (X), seu pranto (XII), que desperta o riso da “cruelissima dama” (XVII). Faz parte do seu enigmático encanto que, apesar de “tam fria”, e “tam avara”, a amada também esboce às vezes um gesto de agrado – “deshonesta falsidade” (XVIII), como quer a persona poética, ou coqueteria? O desditoso amante, vencido por tanta “cruieza, & desconcerto, & despiedade” vê-se forçado a renunciar ao amor que “em hum só curto momento/Anos

me deu de fel à mocidade" (XVIII). Finalmente a voz poética declara-se livre de sua obsessão, que se converte em desprezo:

E por serdes quem sois, dura Senhora,
Força he, malgrado meu, expôr aqui
Que, em troco, a mi me mereceis agora
Muy menos que eu a vós não mereci. (XIX)

A pretendida fortaleza não exclui momentos de recaída, novos apelos (XX, XXI) e esperanças. Previsivelmente, não impedem o desfecho infeliz, com a conclusão amarga, resumida na epígrafe, tomada ao soneto XCIV de Camões:

He tanto mais o amor depois que amaes
Quanto são mais as causas de ser menos.

Resta um consolo: o sentimento barroco da volatilidade de todas as coisas:

Mas he tudo ilusão, que Mocidade,
Belleza, Engenho, Amor, Gloria, Alegria
Em nada tudo se consome & há de
Passar asinha como a noite & o dia. (XXIV)

Será realmente possível ler nessa trajetória a história do amor de Abgar por Belarmina? Não há como esquecer as rasuras, omissões, acréscimos e assimetrias inevitáveis na metamorfose da vida em arte. No entanto, em seus contornos gerais, é verdadeira essa história de amor e perda, como terá sido a do amor de Camões por Catarina. As lágrimas registradas nos *Sonetos* foram realmente derramadas, segundo testemunhas da mocidade do poeta mineiro. A moldura barroco-petrarquiana acomoda com elegância uma paixão verdadeira. A caracterização convencional da dama esquiva e do frustrado amante assenta à namorada descuidada e ao poeta de vinte anos. Se Abgar busca na arte a transfiguração da vida, esta igualmente imita a arte. A dama altiva e o desditoso amante podem parecer máscaras convencionais, mas, no conjunto coincidem com os protagonistas do episódio vivido em Belo Horizonte. Abgar amou de fato a moça

mineira. Renunciou a ela por se julgar desconsiderado. O motivo foi um gesto que, nos dias de hoje, pouco significaria, mas à época, poderia ser lido como manifestação de desinteresse. Belarmina teria saído sozinha, ou com uma amiga, sem avisar o pretendente. Conta-se que, depois, arrependida, durante uma sessão de cinema (grande cenário contemporâneo para encontros de namorados), a moça teria fixado longamente os olhos no ex- pretendente. Ele, entretanto, não aceitou esse convite mudo à reconciliação. Preferiu suportar o rompimento, selando-o com versos definitivos:

a mi me mereceis agora
Muy menos que eu a vós não mereci. (XIX)

De Belarmina, a musa real, *Sonetos Antigos* não chega a debuxar um retrato. Limita-se a vagas referências à “linda face mansa” (V) e à costumeira celebração do olhar. Refere-se a ela, como creio, a primeira das “Silhuetas” publicadas em *Footing* com o pseudônimo Tarlton, ao lado de uma ilustração representando uma elegante dos anos vinte? A data, 24/07/1921, é bem próxima à de um sarau na casa da família Vivacqua (também descrito em recorte de *Caderno D*) ao qual Belarmina provavelmente compareceu. Alguns traços da “Silhueta” conferem com a figura entrevista nos sonetos. A “luz mansa” dos olhos no soneto IX transforma-se em “Silhueta” nos “dois astros minúsculos”, “tristes como dois crepúsculos”. O poeta lê neles “dois versos feitos de luz”, onde imagina encontrar, “o amor em ansias secretas”.

Vale a pena conferir as quadrinhas dessa “Silhueta”, preservadas num recorte que, curiosamente, aparece na mesma página que o soneto IV, contrastando as duas vertentes estilísticas associadas à namorada juvenil:

Fina, esguia, quasi magra,
alada como um perfume,
em si a graça resume
das silhuêtas de Tanagra.

Mas comparação alguma
dá idea de seu passo
parece que anda no espaço
com a leveza de uma pluma.

E seus pés!... que pequenez!
 Quem outros assim teria?
 Temo que se quebrem, um dia,
 sustendo tanta beleza!

Si, acaso, fitaes seu rosto,
 tão pallido como a lua,
 o rubôr nelle fluctua,
 como um raio de sol-posto...

Seus olhos, em que reluz
 o amor, em ansias secretas,
 são, para as almas dos poetas,
 dois versos feitos de luz.

Esses dois astros minusculos
 são, mesmo quando risonhos,
 serenos como dois sonhos,
 tristes como dois crepusculos...

No todo leve e encantado,
 lembra, entre menina e moça,
 uma boneca de louça
 que se houvesse humanizado...

Mas, porque em sua alma encerra
 qualquer cousa de divino,
 lá do céu relembra um hymno
 a espalhar bençams na terra.

Do meu sonho no tumulto
 resumindo um devaneio,
 cheio de susto e receio,
 a meu olhar vago e estulto,

sempre ella surge e... afinal,
 me foge, como uma pena,
 aerea, intangível, serena,
 leve, alada, immaterial.¹⁷

¹⁷ *Caderno I*, p. 44. "Silhueta" é republicada com o título *Menina e Moça* em 01/12/1926, sem indicação do nome do periódico. O recorte está em *Caderno II*, p. 52.

Diversamente dos versos da juvenilia, essa descrição não se detém no olhar da jovem. “Fina, esguia, quasi magra”, a “Silhueta” confirma a “esvelteza” cantada no soneto, em harmonia com os pés pequenos (dignos da *pata da gazela* de Alencar) e o passo, que emula “a leveza de uma pluma”. No rosto “pálido como a lua”, que enrubece ao olhar dos admiradores, advinha-se a discreta maquiagem dos anos vinte. Ela assenta ao “todo leve e encantado” de menina-moça, lembra “uma boneca de louça/ que se houvesse humanizado”. É o rosto da namorada real, semelhante ao das melindrosas de pós-guerra, ou sua face idealizada? O retrato espiritual da jovem, cuja “alma encerra/ qualquer cousa de divino” confirma a virtude cantada nos *Sonetos*, e desmente as denúncias de “crueldade” e “deshonestidade”, que sinalizam o despeito do pretendente maltratado. Transfigurada em poesia, a figura que passa pela Avenida Afonso Pena da jovem capital, deixa-se contemplar pelo “olhar vago e estulto” do cantor da “Silhueta”, que confirma a perplexa adoração dos *Sonetos*. Por outro lado, a “Silhueta” também antecipa o desfecho da história real. Como a dama petrarquiana, “aérea, intangível”, “serena e leve”, “alada e imaterial”, a jovem descrita afasta-se, com todos esses adjetivos, de seu desolado adorador.

A série completa dos 24 *Sonetos Antigos* esperou quarenta e cinco anos pela publicação em livro, que só ocorreu em 1968. A edição fora do comércio, organizada pelo autor, preserva a ortografia antiga e a data de 1923, em algarismos romanos, na folha de rosto. Esse ano provavelmente assinala tanto a conclusão da série quanto a do episódio amoroso. Na publicação definitiva, como segundo livro de *Obra Poética*, dedicado a Branca, única irmã de Abgar, o autor acrescentou os sonetos XXI e XXII, intercalados entre o XX e o que, na edição de 1968, era o XXII, perfazendo o total de vinte e quatro.¹⁸

¹⁸ Onze dos vinte e quatro *Sonetos Antigos* encontram-se entre os cadernos de recortes, documentando sua publicação inicial, geralmente em periódicos de Barbacena ou Belo Horizonte. Diferentemente dos poucos poemas de juventude que, bastante modificados, foram preservados pelo autor, as versões, nos anos vinte, dos sonetos I, II, III, IV, VI, VIII, IX, XIII, XV, XVI e XXIV apresentam-se quase idênticas às incorporadas no volume de 1968 e no segundo livro da *Obra Poética* em 1990.

Algumas vezes – nem sempre – os *Sonetos*, em sua primeira versão, encontrada nos recortes, são numerados, indicando a concepção seqüencial desde o início. A numeração ocasionalmente diverge da adotada em edições e republicações diversas.¹⁹ Significativamente, um soneto às vezes aparece ao lado de recortes contendo outros que, embora conservando a forma de sonetos, apresentam traços românticos, diversos da configuração barroca da seqüência. Como fará sempre em toda a sua produção literária, Abgar trabalha simultaneamente com tonalidades estilísticas diferenciadas, sugerindo blocos de inspiração distintos. Começa a esboçar-se em sua obra algo semelhante à arquitetura pós-moderna, quando um mesmo edifício incorpora “citações” de diferentes momentos artísticos.

Significativo para a biografia de Abgar, *Sonetos Antigos* não é, pois, menos importante para a avaliação de *Obra Poética*. Basta considerarmos a perfeição da seqüência enquanto pastiche do poema barroco, bem como a relevância do pastiche para a criação pós-moderna. Cabe aqui evocar o conceito de pastiche, sua relação com a paródia e o papel representado por ambos, tanto na literatura pós-moderna quanto na obra de Abgar. Forma de construção intertextual, em que o paralelo ou o contraste com um texto anterior

¹⁹ Os sonetos de números VIII, IX, XVI e XXIV aparecem numerados de I a IV na *Ilustração Brasileira* de fevereiro de 1927; o I consta como XIII em sua primeira publicação, em *Frivolidades*, em 31/07/1921, enquanto o III, o IV e o VI já apresentam numeração idêntica à de 1968 e 1990. Indico a seguir os periódicos que acolheram as primeiras publicações dos Sonetos: I (*Frivolidades*, 31/07/21 e *Diário de Minas*, 13/11/27); II (*Fon-Fon*, 04/12/1920 e *Radium*, maio de 1921); III (*Revista Acadêmica*, julho de 1921, já com o número definitivo, e *Ilustração Brasileira*, junho de 1921, 1927); IV (*Diário de Minas*, 29/08/1910, *Minas em Foco*, 20/11/1920, *Cidade de Barbacena*, 07/07/1921, já com o número IV); VI (também com o número definitivo, *Revista dos Grandes Hotéis*, abril de 1923); VIII (com o número I, *Ilustração Brasileira*, fevereiro de 1927); IX (como II, *Ilustração Brasileira*, fevereiro de 1927); XIII (*Para Todos*, 25/02/1922); XV (*Ilustração Brasileira*, agosto de 1922); XVI (com o número III, *Ilustração Brasileira*, fevereiro de 1927); XXIV (*Diário de Minas*, 04/11/1921, *O Arauto*, 12/03/1922, como IV em *Ilustração Brasileira*, fevereiro de 1927). Os recortes com essas publicações encontram-se no *Caderno I*, p. 23, 25, 27, 34, 43, 44, 47, 50, 55, 61, 62, 66, 72, 93 e no *Caderno II*, p. 71 e 83.

contribui para a construção do novo, o pastiche pode ser lembrado como uma imitação que, ao contrário da paródia, não visa a um efeito humorístico ou satírico. Tem sido avaliado de diversas formas por teóricos contemporâneos, discutidas num lúcido texto de Margaret A. Rose, que passo a resumir.²⁰ Entre os julgamentos negativos destacam-se os de Fredric Jameson e Jean Baudrillard. Ambos consideram o pastiche uma forma “cega” ou “vazia” de paródia. Jameson o reduz a uma manifestação “esquizofrênica”, uma “reabilitação nostálgica do passado”. Conclui que, “num mundo incapaz de renovação estilística, só resta a imitação de estilos mortos, a fala através das máscaras e com as vozes dos estilos do museu imaginário”... O pastiche seria assim inferior à paródia, já que lhe falta a intenção satírica, impossível num mundo esvaziado de padrões morais. Pelo uso do pastiche, que ele atribui à falta de historicismo e ‘presentificação’ da arte,²¹ Jameson critica não apenas a literatura, mas também o cinema e a arquitetura contemporâneos. Na mesma linha de argumentação Hal Foster vê no ecletismo do que ele chama o “estilo oficial do pós-moderno”, “uma ameaça ao próprio conceito de estilo, pelo menos enquanto expressão singular de uma época (...) um sinal de desintegração estilística e do colapso da história” – um sintoma, enfim, voltando a Jameson, de incapacidade para inovações formais, que caracterizaram o Modernismo.

No polo oposto, no qual tendo a situar-me, outros teóricos avaliam o pastiche de modo construtivo, ligando-o, como faz Ihab Hasan, a “uma concepção diferente de tradição, na qual se misturam continuidade e descontinuidade”, “não para imitar, mas para expandir o passado, trazendo-o até o presente”. Nesse presente plural, todos os estilos encontram-se dialeticamente disponíveis, no lúdico intercâmbio entre o Agora e o Não Agora, o Mesmo e o Outro. Assim,

²⁰ Cf. ROSE, Margaret A. *Parody: Ancient, Modern, and Post-Modern*. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1993, especialmente p. 220-221, 222-223, 225, 227. Nas frases citadas, a tradução é de minha responsabilidade.

²¹ HASAN, Ihab. The question of Postmodernism. Apud ROSE, p. 213. Tradução da autora.

o conceito heiddegeriano de “eqüitemporalidade” torna-se realmente uma dialética da eqüitemporalidade, uma intertemporalidade, uma nova relação entre elementos históricos, que não suprime o passado em benefício do presente. Dick Hebdige oferece outra defesa do pastiche e da colagem, integrando-os no “ecletismo radical” do pós-moderno: pastiche e colagem permitem ao consumidor do texto tornar-se, pelo menos potencialmente, co-produtor e processador do significado”. Longe de sinalizar mera imitação, destituída de função e de criatividade, o pastiche, ao evocar estilos de outras épocas, fundidos numa mesma construção, estaria contribuindo para a criação de algo novo.

Cabe mais uma vez lembrar a reflexão de Antoine Compagnon sobre o processo de criação e citação literária, com suas estratégias de recorte e colagem, análogas à prática infantil de recortar, colorir e colar imagens de papel. Como Joyce, Compagnon confere à tesoura e à cola o status de objetos míticos, indispensáveis à composição poética.²² Essa concepção harmoniza-se com a função do pastiche. Assim como as figuras recortadas e coladas pela criança compõem seu modelo do universo, também o pastiche, conjugado a textos de diferentes feições estilísticas, propicia um novo quadro literário, que rejuvenesce a tradição.

Na produção poética de Abgar Renault, marcada pelo ecletismo estilístico, o pastiche do barroco, além de homenagear o passado – criando literatura a partir da própria literatura – exerce efetivamente uma função rejuvenescedora. Não podemos esquecer que o leitor contemporâneo lê os *Sonetos Antigos* com o conhecimento de todo o panorama da literatura existente até os nossos dias. A grade associativa desse leitor é bem diversa da que teria o leitor do barroco setecentista, o que torna diferentes tanto a leitura atual quanto o texto que a originou. É preciso lembrar também que o ecletismo, visível em *Obra Poética*, já se faz presente na obra de Abgar desde os

²² Cf. COMPAGNON, Antoine. *La seconde main ou le travail de citation*. Paris: Éditions du Seuil, 1979.

experimentos iniciais. Nos anos vinte do século passado, quando a seqüência foi elaborada, o barroco não é o único estilo revisitado pelo autor. Além dos poemas de inspiração romântico-simbolista que prevalecem nos recortes, encontramos, na mesma página, um dos *Sonetos Antigos* ao lado de outro, cuja temática, elaboração e clareza descritiva evocam o parnasianismo de Bilac ou Heredia:

Perfeição

Todo o esplendor da classica Belleza
que outr'ora o mundo viu brilhar em Venus,
vive e fulge na heraldica pureza
dos traços teus, perfeitos e serenos.

Revive nos teus olhos, pura e accêsa,
a chama dos Amores sem venenos
e, no teu porte, a olympica nobreza
que eternizou os marmores hellenos.

Por onde passas – tudo se resume
num riso, num lampejo, ou num perfume,
que anda na Terra, mas ao Céu se liga.

E o artista que te vê, cuida, risonho,
vêr assomar, na bruma do seu Sonho,
o vulto egregio de uma deusa antiga.²³

“Perfeição” não consta entre os poemas que o autor preservou nas publicações da maturidade. Mas a data da composição, muito próxima à de *Sonetos Antigos*, atesta a versatilidade estilística dos poemas juvenis, que antecipa o ecletismo da obra madura. Como um grande painel pós-moderno, ela percorre a história da poesia brasileira. Ao longo de sete décadas, desenha um mosaico de estilos, cimentado por traços recorrentes. Só dentro desse conjunto julgo apropriado situar os *Sonetos*, como textualização e transcrição proto-pós-moderna de um trajeto amoroso.

²³ Publicado em *Punk*, 20/10/1920 e republicado em *O Diário*, 27/07/1924. *Caderno I*, p. 25 e *Caderno II*, p. 13.

O SIMBOLISMO EM CORPORAL ILUMINAÇÃO: Amor Correspondido

Um momento da tua corporal iluminação

“Disfarce de Deus”, *A Princesa e o Pegureiro*

Em 17 de abril 1923 o *Diário de Minas* noticia o aniversário de Abgar comemorado dois dias antes. Refere-se ao “jovem e scintilante poeta”, cujas produções são festivamente recebidas pela nossa elite intelectual”. A notícia acrescenta que Abgar “foi muito felicitado pelos seus amigos e admiradores”, e sugere que o poeta e cronista, sempre cercado por amigos brilhantes, tem uma reputação já consolidada em Minas Gerais.¹ Em quatro de outubro do mesmo ano, Abgar é citado pela *Gazeta de Notícias* ao lado de Gil Pereira e Carlos Drummond, compondo a “plêiade magnífica” de “prosadores e poetas nas ‘alterosas’”.² A *Gazeta* registra também uma guinada estilística na produção de Abgar: “até há pouco era um parnasiano”, embora “diferente do comum”. Agora, “sua Musa soffreu um desvio notável”, um “desvio ascendente”: “ele se passou para a estrada larga dos emancipados (não confundir com aquella deploravel estrada futurista em que transitam Mario e Oswald de Andrade) e pode apresentar trabalhos cuja intensidade emotiva não atingira antes”.³

Assim prestigiado, e absolvido de contactos com o que o autor considera a “deploravel estrada futurista”, Abgar é freqüentemente solicitado a receber intelectuais em visita a Belo Horizonte. Para

¹ *Caderno I*, p. 71.

² Minas Intelectual. Os Novos. *Gazeta de Notícias*. *Caderno I*, p. 103.

³ Minas Intelectual. Os Novos. *Caderno I*, p. 103.

ilustrar o tipo de recepção oferecida aos visitantes ilustres, vale a pena conferir detalhes no *Diário de Minas* de 19 de julho de 1923.⁴ Nesse dia, às 10 horas da manhã, o escritor e político português Júlio Dantas, acompanhado pelo então Deputado Augusto de Lima, que representa a Academia Brasileira de Letras, chega de trem noturno à Estação da Central no Barreiro. Ouvem-se duas bandas militares, “palmas e vivas calorosos”. “Coberto de flores por distintas senhoritas”, o escritor é recebido por “altas auctoridades estaduaes e federaes”, membros da Academia Mineira de Letras, comissões de alunos das escolas superiores, do Ginásio Mineiro, da Escola Normal Modelo, do Grupo Barão do Rio Branco, além de enviados do Centro da Colônia Portuguesa, enfim, por “todas as nossas classes sociaes, pelas suas figuras mais representativas”. A senhorinha Maria de Lourdes Prata, bacharelanda de Direito, oferece ao “glorioso poeta da *Ceia dos Cardeaes*” “um lindo ramilhete de flores naturaes” e o estudante de Direito Gustavo Capanema Filho “faz-lhe uma saudação em nome da mocidade acadêmica”.⁵ Um “grande cortejo de automóveis” acompanha o escritor até o Grande Hotel. Julio Dantas precisa realmente de descanso. Espera-o, além do discurso no Centro Acadêmico, uma conferência sobre “Elegancia” no Teatro Municipal. “Enfeitado artisticamente” (...) “com letras de lampadas eletricas”, o teatro contará com a presença, nos camarotes, de Raul Soares, Presidente do Estado (era esse o título do governador), secretários de governo, prefeito e chefe de polícia e outras autoridades. Há que enfrentar ainda uma audiência com Raul Soares, visitas ao Centro da Colônia Portuguesa e à Escola Normal. No Diretório Acadêmico,

⁴ Julio Dantas. Deverá chegar amanhã o ilustre escritor. *Diário de Minas*, 19/07/1923. *Caderno I*, p. 92.

⁵ Abgar guardou dois convites para a recepção no Centro Acadêmico, no mesmo dia. Aí consta seu nome, integrando a comissão do Centro, ao lado de Francisco Negrão de Lima e outros bacharelandos. *Caderno I*, p. 91. Os recortes sobre a visita de Júlio Dantas são dos jornais *Diário de Minas* (de 16, 17, 18, 19, 20 de julho de 1923) *Jornal do Comércio e Imparcial* de 20/07, ocupando oito páginas de *Caderno I*, p. 89, 91 a 97.

autor do convite que trouxe Júlio Dantas ao Brasil, Abgar o saúda como orador oficial.

No mesmo ano, também visita Belo Horizonte Antônio Ferro, outro escritor português, que profere duas conferências no Teatro Municipal sobre os temas “A arte de bem morrer”, em 6 de fevereiro de 1923, e “A idade do jazzband”, no dia 7. Abgar saúda o conferencista no dia 6, num discurso que tem pelo menos o mérito de ser breve, e no qual louva o escritor por ser, “antes de tudo, um anti-complicado: pensa com simplicidade, sente com simplicidade, escreve com simplicidade”.⁶ No dia seguinte, o jornal *Seis Horas* publica flórida notícia sobre a primeira conferência, e acrescenta um pormenor significativo para a história intelectual da mulher, que à época, já cursava a Escola de Direito em Minas: também falou ao público a esposa do escritor, “D. Fernanda de Castro Ferro, mulher viva, inteligente, escriptora de raros méritos”.⁷ Ainda no dia 7 o *Diário de Minas* comenta a conferência de Antônio Ferro e publica o texto de Abgar sobre seu encontro, que parece ter sido casual, com o escritor. O jovem poeta faz uma elaborada descrição do acontecido na Livraria Moraes. Acabara de atravessar a Avenida Afonso Pena, em cujo “dorso cinzento”, devido a uma “chuva dramática”, “guarda-chuvas esparsos punham círculos pretos”. “Os bondes guinchavam, repletos”, quando, entrando na livraria, encontra “um cavalheiro gordo, esparramado sobre uma cadeira”. É Antônio Ferro, “homem absolutamente sensacional”, escritor, romancista e poeta, sobre cuja obra o cronista discorre com um entusiasmo que hoje parece exagerado.⁸

⁶ O discurso foi publicado em *Ilustração Brasileira* em dezembro de 1925 com o título “Palavras...”. *Caderno II*, p. 33.

⁷ Antonio Ferro. A sua Conferência no Municipal. *Diário de Minas*, 07/02/1923. *Caderno I*, p. 69

⁸ RENAULT, Abgar. A Alma Tumultuosa de Antonio Ferro. *Diario de Minas*, 008/02/ 1923. *Caderno I*, p. 70.

Os horizontes de atuação do jovem Abgar começam a ampliar-se. Em 24 de junho de 1923 o *Correio Paulistano* noticia uma visita sua à redação do jornal na capital paulista, em companhia de Ezequiel Mello de Campos, Gabriel Passos e Carlos Cunha. A delegação mineira é recebida pelo Presidente do Estado. Visita também a Secretaria de Justiça e da Segurança Pública, além de “estabelecimentos científicos e de instrução” de São Paulo. Dela, os bacharelandos seguem para o Rio, onde terão atividades semelhantes. Abgar mantém, ao mesmo tempo, sua intensa atividade cultural, como atestam vários textos, entre os quais uma resenha sobre versos de Flausino do Valle, no *Diário de Minas* de 23/08/1923.⁹

Tanta visibilidade confirma que o rapaz, preparado para concluir o curso de Direito no ano seguinte, está se projetando na vida social e intelectual da Minas. Está se tornando o que as jovens casadoiras (e suas mães) costumavam então chamar de “bom partido”. Superada a perda da inspiradora de *Sonetos Antigos*, está livre para novas vivências sentimentais. Não perde tempo. Cultiva amizades femininas, possíveis namoradas, como se depreende de vários poemas copiados e colados em seus cadernos, para serem oferecidos a jovens admiradoras. Um soneto datado de 1923 vem acompanhado de uma pergunta provocante: “Não me arranjarias um título para isto?”¹⁰

Abgar continua cultivando os amigos, universitários como ele, a maioria da Escola de Direito, mas também de outras faculdades, como Pedro Nava, estudante de Medicina, e Carlos Drummond, de Farmácia. Em *Beira-Mar*, Nava relembra o bando de jovens que breve se tornariam ilustres. Conhecido como Grupo dos Futuristas, depois como o Grupo do Estrela, encontrava-se para noitadas boêmias e literárias. Nava lembra que, após a segunda sessão no Cinema Odeon,

⁹ “Um livro que aparece”, *Diário de Minas*, 23/08/1923 *Caderno I*, p. 101.

¹⁰ *Caderno I*, p. 82.

ficávamos a espera dos jornais na esquina da casa do Seu Artur Haas, dali subíamos ao Estrela, do Estrela saíamos a vaguear pelas ruas de uma Belo Horizonte deserta de homens mas cheia de sombras e cheiros vegetais e finalmente escalávamos todos os infinitos – inclusive o de cada um de nós (...) Era enorme o grupo a que o Carlos me apresentou. Era composto do próprio poeta, de dois moços da casa da Madame – Francisco Martins de Almeida e Hamilton de Paula e mais de Abgar Renault, João Guimarães Alves, Heitor Augusto de Sousa, João Pinheiro Filho, dos irmãos Alberto e Mário Álvares da Silva Campos, de Emílio Moura, Mário Casassanta, Gustavo Capanema, Gabriel de Rezende Passos, João Alphonsus de Guimaraens e Milton Campos. O tempo traria ainda para nossa convivência Dario Magalhães, Guilhermino César, Ciro dos Anjos, Luís Camilo e Ascânio Lopes. Escrevendo o nome desses amigos de mocidade e vendo o que eles foram depois – não posso deixar de dizer do orgulho de ter pertencido a grupo tão ilustre. Dele sairia, já nos anos vinte, a contribuição mais importante de Minas para o Movimento Modernista. Tínhamos o hábito de nos reunir na Livraria Alves e principalmente no Café e Confeitaria Estrela. Daí, além do pejorativo futuristas que nos davam os infensos, a designação de Grupo do Estrela – como nos chamavam os indiferentes.¹¹

Nessa roda alegre, esvaíam-se os aspectos melancólicos do temperamento de Abgar. Emergia outro lado de sua personalidade, um humorismo descontraído, que nunca o abandonou e que mais tarde o fez descrever-se como “um pessimista bem-humorado”. Partilhava com os amigos as oportunidades de fazer blague durante seus passeios, quando admiravam as belezas da Capital. Pedro Nava relata:

os risos do grupo eram “contra-regrados” pelo Abgar, pelo Hamilton, pelo Alberto. De repente diminuía o tom das conversas e ia-se cavando silêncio boquiaberto diante das belezas que desciam Bahia ou entravam por Afonso Pena acompanhadas de mães, tias, irmãos, pais – como torres – tornando-as sempre distantes e inabordáveis.¹²

¹¹ NAVA, Pedro. *Beira-Mar*, p. 91-92.

¹² NAVA, Pedro. *Beira-Mar*, p. 103.

Integrado em seu grupo, Abgar vive um momento de alegria despreocupada e de calma sentimental. Esta não dura muito. Breve se interessa seriamente por outra jovem, Ignez Caldeira Brant. Em 21 de setembro de 1925, já seu noivo, escreve-lhe para comemorar um ano de namoro, e aproveita para lembrar sua primeira aproximação:

Tenho, vivos, no pensamento, todos os dias, todas as horas que antecederam o instante em que te falei pela vez primeira. Com que ansiedade, Ignez, eu esperei aquele momento lindo! Trepidavam em mim a angustia, a covardia, a precipitação, o temor de quem ia decidir uma vida e um destino.

É que eu já te amava, Ignez. E nem sequer o suspeitavas... A principio, antes de saber quem eras, temi-te. Depois... veio o começo do encantamento. Disséram-me que eras boa. (Eu sempre tive sêde de bondade.) E o encantamento completou-se. (...) E assim foi que, quando te conheci, já sonhava dentro de mim este amor a ti, rude e doloroso, mas grande, sincero e perfeito como nenhum outro. Naquele dia, dêste-me, pelo vulto, a impressão de uma menina. Menina e moça. Foram alguns dos melhores momentos de minha vida. É certo que outros viéram, depois, mais altos e mais luminosos. Mas aquelles – a primeira vez que te falei – ficaram também, e para sempre, vivendo na minha vida interior.

Abgar tem razão. Inicia realmente a etapa decisiva de sua trajetória amorosa. Bonita, viva, inteligente, com uma independência e clareza de propósitos rara entre suas contemporâneas, Ignez é filha de Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant, autora de *Minha vida de menina*, diário de uma adolescente de ascendência inglesa na Diamantina do século XIX. O interesse literário e cultural do texto só encontra rival na personalidade da diarista. O humor, a objetividade, a espontaneidade, visíveis no *Diário*, são características que Alice preservou até a velhice. Ignez herdou esses traços da mãe, acrescidos da energia e humor do pai, o advogado e político Augusto Mário Caldeira Brant. Muito da espontaneidade de Ignez, da deliciosa irreverência que nunca a abandonará, pode ser atribuída à infância alegre e descontraída que lhe proporcionaram seus pais. Uma carta dirigida por Alice a Vera Brant dá uma idéia de episódios de sua vida com Augusto Mário e os filhos:

eu, com toda a pobreza de meus pais, vivi a minha infância. E, depois de casada, ensinei Augusto Mário a viver.

Hoje quero lhe descrever alguns episódios na minha vida, depois de casada.

Não me cansava de obrigar Augusto Mário a fazer aventuras. Imagine nós dois viajando a cavalo, com uma família de doze pessoas e uma grande carga, com colchões, travesseiros e mantimentos! Isso, com mais três filhos pequenos e mais uma menina que eu criava.

A viagem era de dois dias, dormindo-se no caminho, em ranchos abertos.

Uma vez em que íamos a Santa Bárbara e nos arranchávamos para dormir, a empregada foi afastando uma pedra para fazer a cama dos meninos, quando viu, embaixo, um ninho de escorpiões.

Eu estava, nessa hora, no rio, dando banho nos meninos, por isso não vi. Augusto Mário proibiu que me contassem e passou a noite sentado à beira da cama, lendo e vigiando os pequenos.¹³



Ignez Caldeira Brant em 1926

¹³ Cf. Carta de Alice Brant para Vera Brant, 05/06/58, em <http://www.verabrant.com.br>.

Ignez Caldeira Brant cresceu nessa atmosfera alegre e informal. Na infância, tomou banho em rios e dormiu a céu aberto, nas divertidas excusões descritas por sua mãe. A partir da adolescência, valeu-se das oportunidades de cultura e sociabilidade propiciadas pelo brilhante círculo carioca de sua família. Inicialmente, isso pareceu uma ameaça a seu admirador, rapaz sisudo, limitado pelas montanhas de seu estado natal. Com o tempo, confiante no amor de Ignez, deixou que ela o ensinasse a viver, tal como Alice fizera com Augusto Mário. Na realidade, Abgar foi seduzido por todo o clã Brant. Na entrevista para o Banco de Dados da Academia Brasileira de Letras, destaca o quanto apreciava o humor e a originalidade da família a que veio a pertencer pelo casamento.

Desde o início, quando conhece em Belo Horizonte o bacharelado de Direito, a moça carioca ocupa um espaço privilegiado na vida do rapaz, tanto do ponto de vista amoroso quanto de sua vocação literária. É ela que inspira os poemas publicados quase setenta anos mais tarde com o título *A Princesa e o Pegureiro* – em tudo contrastantes com *Sonetos Antigos*. Ao novo amor, agora correspondido, nem de longe assentaria a moldura barroca para uma dama desdenhosa. A persona poética já não assume a postura do apaixonado infeliz. Prefere a máscara do pegureiro, o pastor, humilde mas esperançoso diante de sua princesa. Em termos da sociedade brasileira da época, de seus dons pessoais e de sua inexcusável importância na vida amorosa de Abgar, Ignez, quando ele inicia sua corte, é realmente uma princesa. Como se diz das verdadeiras princesas, tinha o dom da simplicidade. Isso o surpreendeu agradavelmente, escreve Abgar às vésperas do casamento, em 1 de junho de 1926. Antes de conhecê-la temia que a jovem fosse frívola e afetada. Logo mudou de opinião. Ao contrário da Ignez camoniana, sua Ignez não precisou morrer para se tornar rainha. Reinou por mais de meio século no coração de seu pastor.

Sessenta anos depois do casamento, ao celebrar a longa união, a dedicatória de *A Princesa e o Pegureiro* diz muito sobre a personalidade da companheira:

À minha Ignez, coração sem mácula, esta resposta de meu coração agradecido.

O livro constitui, pois, uma “resposta”, uma reação interlocutiva, que supõe uma ação inicial. Conclui-se que o primeiro passo para o entendimento amoroso teria sido dado por Ignez? Literalmente, é impossível saber a quem teria cabido a iniciativa do namoro, o primeiro olhar, a primeira palavra. A se considerar a prática da pudica Belo Horizonte da época, o rapaz teria de tomar a dianteira. Mas permanece a possibilidade, confirmada por atitudes típicas de Ignez, de que, direta ou indiretamente, ela teria propiciado a aproximação. Isso constituiu uma benção para Abgar. Em contraste com a reserva dele, a personalidade extrovertida da esposa, às vezes manifestada de formas nada convencionais, contribuiu muito para o equilíbrio do casal. A influência de Ignez não se restringiu à vida doméstica. Segundo depoimento do próprio poeta, contribuiu para sua indiferença inicial diante do Modernismo, que, na época, teria desagradado à jovem. Mais uma vez a experiência vivida dita a opção literária.

Composto depois de *Sonetos Antigos*, que constitui o segundo livro, *A Princesa e o Pegureiro* aparece em primeiro lugar em *Obra Poética*. A inversão cronológica reflete a hierarquia amorosa. O amor por Ignez Caldeira Brant sucede no tempo à celebração da namorada juvenil, a qual, entretanto, precede e supera em termos de múltipla influência sobre Abgar. Ao amor frustrado, tecido de adoração à distância, convinha a antiga fórmula, idealizada e abstrata. Nos *Sonetos* a voz poética pouco celebra além dos olhos da amada, seu porte esbelto, seu passo leve. A dama permanece “aérea, intangível”, “alada e imaterial”. Em resumo, não tem corpo.

A Princesa e o Pegureiro, celebração de namoro e noivado, pinta um quadro bem diverso. Sob o véu evanescente do Simbolismo, estilo dominante no livro, a persona poética rodeia o objeto cobiçado como algo tangível, quase ao alcance da mão. Um discreto erotismo, matizado pelos pudores da época, esgueira-se entre os versos. Permite flagrar uma lenta aproximação, até a “corporal iluminação” prefigurada no poema “Presente de Deus”. A musa desce do

pedestal, faz-se mulher. Em poemas diversos, suas feições vão sendo reveladas, até se juntar no corpo inteiro, de uma mulher real. Aos poucos, cristaliza-se a apreensão concreta e sensória da amada. A ela própria, o autor empírico, o poeta de carne e osso escreve, em carta data de 6 de outubro de 1925:

Fecho os olhos e fico a memorar-te... e vejo-te, minha Ignezinha; vejo-te e ouço-te toda: a graça esbelta do teu vulto, o rythmo inconfundível do teu passo, o accento inesquecível do teu riso, a graça incomparavel da tua voz, a curva harmoniosa dos teus labios, a suavidade branca dos teus braços, a seducção subtil das tuas mãos, o perfume inebriante dos teus cabelos.

Nos poemas esse retrato aparece diluído. As feições vão sendo reveladas aos poucos, surpreendidas de relance por uma câmara interior que tem dificuldade em apreender, por inteiro, o objeto do desejo. Em “A Intangível Beleza”, o pegureiro não se detém no olhar, como em suas composições de adolescente. Surpreende os “olhos de maio”, “verdes, esveltos, evasivos”, aprecia o sensual “esmorecer de suas pálpebras”. Rodeia “o alvo rosto do efêmero” (“Nas mãos de Deus”/II), “a alva luz” da pele (“Disfarce de Deus”), confere as promessas eróticas dos lábios e da boca (“Soneto Romântico”), demora-se em suas curvas (“A Intangível Beleza”), buscando as mãos – “ó carne! ó sonho! –” (“Aurora e Noite”). Acompanha a promessa implícita nos “curvos braços feitos para se fecharem” (“A Intangível Beleza”), o desenho do corpo, que embebeda “de curvas e de azul todos os minutos de cada hora” (“Aurora e Noite”). Finalmente, o olhar amoroso desce ao detalhe de um “resto de unha” (“Sonho de Verão de uma Noite”) ou dos “pés no chão” (“A Intangível Beleza”), para deter-se humildemente nos seus “sapatos velhos” (“Soneto Romântico”).

Vislumbrado aos poucos pela crescente ousadia da mirada lírica, o corpo, “alva composição de sonho e carne” (“Penúltima Tristeza”), revela-se finalmente por completo, à espera da “mão de rei” que há de tocá-lo um dia:

Esquecer e Lembrar

Esqueço tudo que lembrar devia
 porque te li e lembro esta leitura:
 pés, braços, pernas (quase tu); o dia
 nas mãos; a luz da voz; a prematura
 sombra no olhar imenso: a ausência fria
 que não disfarça vida em sepultura;
 a frente grave; o andar que arrasta e guia
 os homens; o verão sob a frescura
 do corpo cheio de manhãs; os dentes
 rindo branco na curva contagiosa:
 o torso e o ventre sob a mesma lei
 do teu clima de mar; teus continentes;
 o céu fechado e, nele, a lira e a rosa,
 reino surdo, sem cetro e mão de rei.

(A Princesa e o Pegureiro, p. 46)

A “corporal iluminação” inicia-se com a superação de antigas lembranças talvez a paixão por Belarmina Rache:

Desarrumei as cores já guardadas
 misturei o que foi e o que não é,
 lavro insônias, florestas e arquipélagos,
 e amo-te.

(“Eco”, p. 28)

O amor à primeira vista é anunciado em “Sub Specie Æternitatis”:

Vi-te, e sobre mim baixou, vinda do teu céu,
 uma fulguração de raio, que feriu de vertigem
 o meu destino de distâncias e negações
 e deixou meus olhos sem pálpebras
 para outro sol que não seja o teu esplendor. (p. 17)

Na linguagem semi-cifrada, afim a um Simbolismo que só em parte embaça os contornos da realidade, não é difícil discernir as etapas de uma história amorosa, do primeiro encontro ao namoro e ao casamento: o silêncio inicial da moça (“Alegoria”), a insegurança do admirador

("Branca noite de luar"), a paciente espera ("Humildade") diante da jovem intocada ("Momento"), "verde fruto" ("Manhã") que parece às vezes escapar ("Eco"). Seguem-se as angústias de ocasionais ausências ("Desespero", "Caos"), ciúmes ("Caminhos do Esquecimento), breves desentendimentos ("Desamparo") e reencontros tranquilizadores ("A Busca").

O processo da conquista é, ao mesmo tempo, velado e claro. O erotismo delicado e contido vem à tona em poemas como "Se":

Se alguma coisa valesse
de certo valeria esse
urgente, doido esforço
por saber teu corpo moço,
por saber adivinhar,
com o pensamento e o olhar,
o corpo que a alma habita,
o corpo de alma finita. (p. 47)

"Entre o gesto e o búzio" deixa clara a frustração do desejo:

O teu gesto de chuva, de asa e lâmina
deserda o sonho entre meus braços nulos
(...)
e às aves da tristeza, que suplicam,
e aos enxames de abelhas, que carregam
desejo e mel, fechas os interstícios
de esquecimento e música infinita
que um minuto de ti pudera abrir (p. 42)

"Encantamento" sugere a contenção forçada diante da "flor soterrada a sete chaves":

Tu és, às minhas mãos, fluida, fugace
como um sonho que nunca se sonhasse
ou como a sombra vã de outra sombra... (p. 17)

Persistente, a persona poética mantém-se atenta ao objeto do desejo:

Flores e ninhos buscam tua mão
(“Soneto do Equívoco”, p. 26)

Com crescente ousadia, imagina a nudez subtraída à amorosa curiosidade. Afasta o

vestido cálido
 que afagou as nebulosas,
 o vinho, as ondas e as rosas
 do teu subvertido corpo
 (“Em busca da estrela”, p. 21)

A reticência desse lirismo não bloqueia imagens eróticas quase explícitas, como em “Flor”

Eu quero a espada de um minuto
 do teu espinho, ó flor aberta (p. 21)

Ou em “Ali”:

Refiz com meu degredo
 teu vulto duvidoso
 perdi-me em sua forma
 de labirinto, flor
 e casta nuvem pálida.
 Entornei minha vida
 – ah desolada tinta!
 para afagar teus pés (p. 33)

“Corpo e Alma” recapitula o caminho percorrido até a consumação nupcial. O desfecho feliz não encerra o anseio, sempre renovado, por uma união que se quer ao mesmo tempo erótica e transcendental:

Corpo e Alma

A junção das almas foi lenta, grave,
 mas, quando veio – criação diversa –
 fechou-se numa chama casta,
 que ardia em pássaros e desconhecimentos.

A conjunção das almas foi penosa,
 porque o parto que buscavam cegas – e iria ser –
 doeu na hora, antes de ser,
 e previu, no horizonte que baixava,
 a vermelha rosa.

A junção das almas foi no alto imenso.
Depois as almas descem aos seus corpos,
veste cada qual a forma de sua carne arisca,
e raízes entram, rasgam, doem silenciosamente.

O meu corpo é mais triste com a sua alma
(serão todos os corpos mais tristes com suas almas?)
por saber profundamente que todas as alturas
e todos os mares da alegria podem habitar
– e habitam intimamente – o teu corpo, esse infinito lugar. (p. 32)

Ao contrário do que costuma acontecer com celebrações poéticas, o canto nupcial não encerra o livro. Conforme confidenciou a seu sobrinho Affonso Henrique, as “Quatro Velas”¹⁴ indicadas no título desse poema de *A Princesa e o Pegureiro* são a esposa e os três filhos, e portanto indicam uma composição bastante posterior à maioria dos textos. O último só é escrito sessenta anos após o casamento:

Bodas de Diamante

Sessenta anos? Sessenta dias?
Duas vidas ou uma vida?
É uma só, e bem vivida.
Triste, sim, que o mundo é triste,
mas, por igual, muita alegria
que a alegria também existe,
e a vida é múltipla mistura.
A minha pálida fraqueza
– confesso aqui com gratidão –
só encontrou um firme chão
em tua excelsa natureza
e em teu profundo coração
e eu jamais quis outra ventura
que me não desse a tua face
ou o teu ser não retratasse.

O poemeto tem um duplo interesse, ao mesmo tempo biográfico e literário. Resume a longa vida em comum, pontilhada de dores e

¹⁴ “Quatro Velas”. *A Princesa e o Pegureiro*. *Obra Poética*, p. 52.

alegrias, o nascimento de três filhos, a perda de um deles, os altos e baixos de uma carreira, as mudanças do casal de uma para outra capital brasileira, suas viagens pelo mundo e o apoio essencial da companheira, cujo caráter decidido contrabalançou a sensibilidade melancólica do marido. Por outro lado, escrito quando o poeta já roçava os noventa anos, “Bodas de Diamante” testemunha a longa distância entre a poética da juventude e a da maturidade. A beleza despojada do poema contrasta com a tonalidade estilística do livro. Apesar de imediatamente posterior à revolução modernista, *A Princesa e o Pegureiro* preserva o apuro formal, a estética autocontemplativa e os contornos simbolistas ainda dominantes entre 1924 e 1926, quando foi escrito. Muitos anos depois, Abgar afirma não se ter logo entusiasmado pelo Modernismo, que associava à destruição formal e ao poema do tipo busca-pé. Atribui essa postura a sua formação parnasiana, fortalecida pelo contato com o poeta Vito Leão, hoje esquecido. Mas esse desinteresse, típico da independência do poeta em relação a modismos literários, relembra também o entrelaçamento entre vida pessoal e percurso estético. Abgar é quem o diz: “à época (...) eu namorava a moça com quem tive a ventura de casar-me e o que me interessava era escrever cousas que lhe agradassem e a comovessem... O mais nada importava para mim”.¹⁵ O livro inspirado pela noiva permanece, pois, fiel à herança simbolista, que representa em *Obra Poética*. Nos sonetos, canções, baladas e composições mais livres de *A Princesa e o Pegureiro* predominam as rimas ricas, as imagens refulgentes, a grandiloquência, a adjetivação abundante, o vocabulário precioso. A sugestão e a evocação substituem a descrição e analogia explícitas da “objetividade” parnasiana. Destaca-se a qualidade musical, “a hesitação prolongada entre o som e o sentido” pretendida por Valéry. O aspecto transcendental do Simbolismo manifesta-se no culto à Idéia essencial, incarnada na amada:

¹⁵ *Depoimento* a Solange Ribeiro de Oliveira e Affonso Henrique Tamm Renault, p. 44.

Vi-te e vi a expressão essencial
da forma, da graça e da luz.
Vi-te e vi a trêmula fragilidade do efêmero
vestida das roupagens do eterno.

(“Sub Specie Æternitatis”, p. 17)

Aqui e ali anuncia-se a despojada beleza de *A Outra Face da Lua*, que segue a *A Princesa e o Pegureiro* em *Obra Poética*, e que, no próprio título, anuncia uma nova opção estética. Como denominador comum aos vários livros, destaco algo que, em outro trabalho, denomino “estética da negação ou do objeto sem função”.¹⁶ Recorrente em toda a obra de Abgar, pode ser ilustrada por expressões como “o sono sem sono”, ligadas à idéia do oco, do vácuo, do vazio. Ocasionalmente, ouvem-se também ecos do barroquismo de *Sonetos Antigos*, que sobrevive às metamorfoses estilísticas. Estas, como a vida, continuam.

Entretanto, nem tudo que foi vivido e textualizado vem à luz. Abgar dedicou à noiva outros poemas, que não publicou. Copiou-os à mão num livrinho encadernado de couro.¹⁷ Precedendo o título, *Poemas do Romance Silencioso*, aparece o nome Ignez Brant, em elegante caligrafia, que oscila entre a escrita e o desenho. Na folha seguinte destaca-se um esboço a bico de pena mostrando uma curvilínea silhueta de mulher, ladeada de flores violeta e rosa. O desenho lembra o estilo de Aubrey Beardsley, ilustrador da *Salome* de Oscar Wilde e de *The Yellow Book*, famosa revista do fin-de-siècle inglês. As ilustrações são um presente de Pedro Nava, cuja pena, como a de Beardsley, trabalhou igualmente o desenho e a literatura. Entre os poemas de *Poemas do Romance Silencioso*, cito “Offerenda”, que exhibe a forma especializada, a ser popularizada no Brasil pela poesia concreta, e usada por Abgar em *Sofotulafai*:

¹⁶ Cf. OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. Modernidade de Abgar Renault. Criação e Transcrição. OLIVEIRA, Solange Ribeiro de; RENAULT, Affonso Henrique Tamm. *Abgar Renault*, p. 9-32,

¹⁷ O livrinho de couro parece ter sido presenteado a Ignez por uma amiga, como indica a dedicatória datada de 1925, assinada em letra quase ilegível por “Annette”: “Para minha querida Ignez guardar as poesias do seu distinto admirador”.

Aqui
 meu verso leve
 que soluça e sorri
 tonto de Ti, em canticos, Senhora
 de mãos de neve e coração de neve,
 dona do olhar de noite e da bocca de aurora,
 irá cantando a Ti, por esta Vida em fora
 minha Tristeza, meu Amor, minha Amargura,
 o que amei, o que fui, o que vivi,
 o meu romance silencioso, cheio
 de gloriosa Ventura,
 que toda vem
 de Ti.

Abgar não selecionou esses poemas para publicação em *Obra Poética*. Guardados por sua mulher, percorridos apenas pelo olhar de familiares e alguns amigos, permanecem como documentário do simplesmente vivido, sem a chancela do autor, ou da comunidade interpretativa, que os oficialize como Literatura.

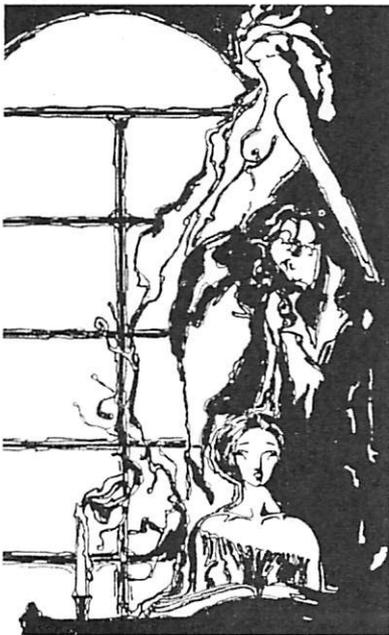


Ilustração de Pedro Nava para um soneto de Abgar em revista da época.

ENTREATO

Ah! rosa vã dos tempos e das águas,
não durastes o que uma rosa dura.

“A Rosa e as Águas”, *Íntimo Poço*.

Enquanto atravessa um período de transição amorosa e profissional, Abgar prossegue ativamente em sua vida intelectual e acadêmica. Um ano antes da colação de grau, o *Minas Geraes* de 4 e 5 de novembro de 1923 noticia um seu discurso saudando o Dr. José Oswaldo de Araujo. Na condição de ex-aluno consagrado como brilhante profissional, o Dr José Oswaldo é convidado a voltar à Escola de Direito, dez anos após sua formatura, para receber o título de membro honorário do Centro Acadêmico, presidido por Negrão de Lima. O cronista do *Minas Geraes* não poupa espaço para uma floreada descrição da “elegância da reunião, das mais finas de quantas têm ocorrido em nossos meios acadêmicos”. A notícia evidencia a importância dessas ocasiões para a pacata vida social belo-horizontina da época. A “concorrença distinta que ocorreu ao edifício da Faculdade” inclui “consideravel numero de familias e cavalheiros do nosso meio social”, entre os quais o ajudante de ordens e representante do vice-presidente do Estado em exercício. Comparecem também o secretario da Agricultura, Daniel de Carvalho, Flavio Santos e Noraldino Lima, prefeito e director da Imprensa Oficial, comandantes e oficiais da Força Publica e a maioria dos professores da Faculdade e de outras escolas”. O homenageado, “acompanhado de sua exma senhora”, a quem uma senhorinha oferece um “bouquet” de flores (dessa vez o jornal não informa se são “flores naturaes”), é conduzido de sua residência até a Faculdade de Direito por uma comissão. Na sala da Congregação é recebido com “palmas calorosas.” O discurso de Abgar, prossegue a notícia, é uma “pagina scintillante”.

O orador cita poemas do homenageado, saudando-o como um “extranho e singular filho pródigo”: “singular e extranho” porque volta à casa, “não como o “bíblico personagem” – humilhado, faminto e sedento – mas luminoso, sereno e triunfante”, “filho prodigo que saíu para vencer e venceu”. O Senador Camillo de Britto, membro da Congregação, faz entrega “ao recipiendario de um rico cartão de prata – diploma de socio honorario” – e concede-lhe a palavra. O Dr. Oswaldo de Araujo pronuncia “uma oração digna” do “alto valor” de seu “espírito de estheta”. “Maravilhado e comovido”, evoca seu passado de estudante na mesma Faculdade, lembra “a phalange de moços” de seu tempo, “vultos queridos dos mestres, nossos amigos e conselheiros, fronte nimbadas por um halo extranho, e tantos delles já afastados do vosso convívio, alguns por ascensões gloriosas, outros arrastados na correnteza fria da morte, como Saraiva, Levindo, Gonçalves Chaves, Tinoco Donato da Fonseca, Virgilio de Mello Franco”...

A solenidade prolonga-se com outra cerimônia, a pitoresca Festa da Chave, que busca iniciar uma tradição, e simboliza a transmissão da Faculdade pelos formandos aos demais estudantes. O bacharelendo Christovam Breyner, “proferindo um discurso cheio de verve”, entrega a chave emblemática ao representante da turma do 4º ano, o acadêmico Gabriel Passos, que responde com “uma pagina de humorismo fino”.

O jornal não dispensa detalhes. Menciona a parte musical, com peças ao violino pelo “jovem Vicente Tropa”, “artista que conta apenas 10 anos de idade”. Acompanha-o ao piano a “gentilissima senhorita Maria Auxiliadora de Lima”. Encerrando a sessão, fala o senador Camillo de Brito. Segue-se um serviço de sorvetes e frutas, a cargo da confeitaria Trianon, “em pequenas mesas habilmente enfeitadas e dispostas pela varanda central da Faculdade”. “Durante essa parte da festa (...) desenvolveu-se uma palestra cordial entre todos, o que contribuiu para que somente às 18 horas” (a cerimônia fora iniciada às 15) “começassem a retirar-se os convidados”. No saguão, toca uma banda de música da Brigada Policial.

Deixo essas manifestações, de uma solenidade um tanto cômica para olhos de hoje, e volto à parte do discurso de Abgar que

descreve a vida de estudante, tal como imagina tenha experimentado o homenageado. Provavelmente é sua própria experiência, um tanto floreada, que o orador descreve:

São os doirados tempos de estudantadas (...) São os tempos das noitadas e serenatas ao luar, entretecidas daquela espiritualidade superior a que os francezes chamaram gaaloiserie, (sic) cheias de chiste, de ironia, de "humour", de lindos versos, bellas cantigas e vinhos amaveis.

São os lindos tempos de bohemio, de todo verdadeiro estudante, que como vós, como bom estudante e bom artista, tivestes certamente. Não por cabotinismo, que não conheceis, nem por amor a vãs e grotescas attitudes, que despresaes, mas por uma como instinctiva necessidade, porque, como Remy de Gourmont, bem comprehendestes a verdade subtilissima de que, "para ser alegre é preciso sorrir... para ser feliz é preciso ensaiar gestos da felicidade".¹

Descontados os arroubos da oratória contemporânea, a descrição lembra episódios relatados mais realisticamente na memorialística de Pedro Nava, contemporâneo e amigo do poeta, e em crônicas de Carlos Drummond de Andrade.² Outro discurso de Abgar, mais descontraído e verossímil, pronunciado em 1930 em homenagem ao colega Gustavo Capanema, relembra sua própria vida acadêmica:

Lyricos e descuidosos, liamos a nossa literatura – o que afinal já era alguma coisa – fazíamos versos, contemplavamos, noite afora, a lua e as estrellas, e choravamos por dentro, copiosamente, deante de qualquer crepusculo de segunda classe (...) Com o nosso descuido,

¹ "Uma linda festa acadêmica. A recepção do dr. Oswaldo Araujo e o inicio de uma tradição no Centro Academico da Faculdade de Direito". "Centro Academico da Faculdade de Direito. Recepção do Dr. Oswaldo Araujo – Festa da Chave – Audição de Violino "Textos do *Minas Geraes* de 04 e 05/11/1923. Faculdade" *Caderno II*, p. 2, 3. Outro texto sobre o mesmo assunto, assinado por Teixeira de Salles no *Diario* de 07/11/23 é "A Festa da Faculdade". *Caderno II*, p. 7.

² Cf. "Aqueles Rapazes de Belo Horizonte". *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 28/06/1952.

a nossa imprudencia afoita e o nosso desdem por tudo quanto fosse serio, eramos o grupo de bebados.”³

Como se vê, a preocupação literária permeava a vida de estudante. Nos últimos anos do curso de Direito, Abgar prefacia o livro de versos do engenheiro Antero de Magalhães,⁴ publica versos, reflexões críticas, prosa poética,⁵ participa de eventos culturais. Ainda em 1924, Paulo Torres, “scintillante artista do verso e da prosa” visita Belo Horizonte, e faz no Teatro Municipal uma “palestra literária”, durante um festival de artes. Nessa ocasião, “o intellectual Abgar Renault” recita “uns versos de ouro” e Pedro Nava exhibe o trabalho de seu “lapis bizarro, original, seguro”.⁶ Na mesma época, “o fino caricaturista Delfino Junior” expõe “caricaturas, feitas no momento, de pessoas de destaque do nosso meio e de fóra, estando as respectivas legendas a cargo do poeta magnifico que é Abgar Renault”. Como “nota humorística”, continua o texto, há os “*portraits charges*” de typos populares do nosso conhecimento”.⁷ Não esqueçamos o ilustrador Angelus, “jovem director artístico de *Idéa Ilustrada*”, responsável pelo “Salão de Poetas de Belo Horizonte”. Há ilustrações de versos de Abgar, Noraldino Lima, Abilio Machado, Anibal Mattos, Abilio Barreto, Austen Amaro, Carlos Goes, Mario de Lima e Evagrio Rodrigues. De Abgar, são ilustrados os versos “E vae chorando luz por sobre os lagos/E vae chorando luz dentro de mim”.⁸

³ “Estamos vivendo uma hora trepidante e angustiosa” e “A festa de hontem em homenagem ao sr. Gustavo Capanema”. 20/12/1930. *Caderno II*, p. 133 e 134, sem indicação do periódico.

⁴ “Publicações” *Minas Geraes*, 07/12/1923. *Caderno II*, p. 7

⁵ “Soneto”, *Ilustração Brasileira*, janeiro de 1924. “Do homem para a vida”, *Para Todos*, 16/02/1924. “Canção de Pierrot”, *Para Todos*, 15/02/1924, *Caderno II*, p. 7. “Chronica das Alterosas”, *Frou-Frou*, junho de 1924, *Caderno II*, p. 9.

⁶ “Paulo Torres”. *O Diário*, 07/05/1924. *Caderno II*, p. 10.

⁷ “Festival de Arte”. *O Diario*, 09/07/1924. *Caderno II*, p. 10.

⁸ “O Salão de Poetas de Bello Horizonte”. *Diario*, 07/05/1924, *Caderno II*, p. 10.

Dividido entre o trabalho, o fim do curso de direito e o noivado, continua participando da vida intelectual de Belo Horizonte. Conforme registra um dos recortes de seu caderno, em julho de 1924, um correspondente do *Correio da Manhã* anuncia uma série de conferências quinzenais na Academia Mineira de Letras, iniciadas pelo historiador Diogo de Vasconcelos, “homem de 80 anos, mas ainda robusto”. O correspondente anima-se com a iniciativa, pois, segundo ele, a vida acadêmica em Belo Horizonte está longe de ser brilhante. As palestras programadas serão o “primeiro passo que dá o gremio em prol das letras mineiras”, pois “há muito o cenaculo não publica a sua revista. Muito poucos academicos têm ultimamente mandado livros aos editores. A Academia só tem aberto as portas para receber os academicos que entram preenchendo as vagas dos que saem, isto é, dos que morrem”. Seguem-se outras observações um tanto desairosas para os belo-horizontinos. O articulista lembra a rivalidade então existente entre os cidadãos da Capital e os de Juiz de Fora, orgulhosos do número de intelectuais lá residentes e da proximidade com o Rio de Janeiro, centro cultural do país:

o grosso dos academicos de Minas mora em Juiz de Fora: só a séde da Academia está aqui. A vida intellectual de Juiz de Fóra é indubitavelmente mais intensa que a de Bello Horizonte. Aquella cidade mantém mais de dez jornaes diarios, alguns brilhantes e todos independentes.

Belmiro Braga mora ali e, Belmiro, é na opinião unanime dos povos, o mais expontaneo poeta e o maior trovador mineiro.

Em torno dessa figura scintillante, giram talentos novos: pennas ageis que fazem da Princeza de Minas um centro intellectual de primeira ordem.

Bello Horizonte não tem um só jornal diario verdadeiramente independente: o “Diário de Minas” é o orgão do P.R.M. e o “Minas Geraes” é a folha oficial.

Revistas de Arte não temos. Casa editora nunca existiu aqui e ninguem pensa em fundar.

O comentário é amenizado por algumas concessões finais: “Mesmo assim, há dentro e fóra da Academia espiritos fulgurantes. Entre os novos: Bernardo Guimarães Filho, Abgar Renault, Milton

Campos, Osvaldo Araujo, Annibal Matos, Mieta Santiago, Maria Rita Burnier, Julinda Alvim e muitos outros”.⁹ No ano seguinte, Alberto Deodato retoma o assunto da Academia Mineira de Letras e da falta de produtividade literária no Estado. A princípio, parece concordar com o azedo colunista do *Correio da Manhã*:

Belo Horizonte bem podia ser um centro intellectual a derramar coisas novas pelo Brasil (...) Mas a maioria dos que sentem essa cidade e têm nos olhos a visão dessa beleza recolhem-se dentro d’alma para um prazer intimo ou esbajam esse ouro nas palestras inuteis. A repartição publica e a politica absorvem o intellectual mineiro. O funcionalismo destroe a inciativa, moe o pensamento e, no fim de seis horas de trabalho machinal e arido, a alma está alheia à beleza da vida. As dolorosas necessidades materiaes, o marasmo de todos os dias, a inactividde da burocracia, tudo isso embota a sensibilidade e prende, por fim, o artista no prosaismo da vida. O amanuense intellectual é, aos trinta annos, um “blasé”, um sceptico. (...) Si o politico é um intellectual, ou transforma a sua literatura numa alavanca ou abandona-a de vez. E, para enganar a si mesmo, vai dizendo aos outros que continúa escrevendo, que tem um livro inedito a publicar...

Deodato aponta algumas exceções a esse quadro. Existem ainda, segundo ele, “espíritos verdadeiramente dignos de admiração – os que lutam contra o ambiente”. Depois de citar escritores de cidades do interior, volta o olhar para Belo Horizonte, onde, resume, encontram-se a Academia de Letras, o *Diário de Minas*, a Revista e residem “as figuras expressivas da literatura mineira”. Recapitula a polêmica sobre a localização da Academia. Naturalmente, apóia sua permanência em Belo Horizonte:¹⁰

⁹ “Minas pelo Correio”. *Correio da Manhã*, 02/07/1924, *Caderno II*, p. 11.

¹⁰ Não é essa a única divergência em torno da Academia. Anos antes, em 1921, o *Diário Popular* publicara uma reportagem anônima citando os nomes dos 39 membros que então integravam a Academia (a vaga restante, aberta com a morte de Alphonsus Guimaraes, ainda não fora preenchida.) Segundo a reportagem, os nomes deveriam ser substituídos por trinta membros representativos das letras mineiras, entre os quais Abgar Renault.

Fundada em Juiz de Fora, a Academia, depois de discussão acalorada, passou-se para a capital do Estado, logo depois de construída esta. Vencedora a iniciativa, houve uma cisão puramente theorica. Os academicos de Juiz de Fôra protestaram não pôr mais os pés na Academia. Cumpriram a promessa, mas, em tempo de eleição, caballam cohesos e, se não vencem, tornam interessante o pleito.

Finalmente, em defesa da vida literária de Belo Horizonte, Deodato cita a *Revista*, “creação nova e empolgante”, que, “desfraldando uma bandeira de sonho de arte”, “conseguiu uma tiragem assombrosa” (...) “[E]m suas paginas, fulgura Minas nova e vibrante, senhora de uma arte nova”, entre cujos valores inclui Emilio Moura, Carlos Drummond, Abgar Renault, Milton Campos, Capanema Filho e Magalhães Drummond”.¹¹

Há quem não tenha opinião tão favorável à *Revista*. No ano seguinte, um texto anônimo, de redação truncada, refere-se à publicação, que considera

chefiada por futuristas leigos, convencidos e, até mesmo, cretinos, que vêm há muito querendo se impôr contando com a “rodinha” dos srs Carlos Drummond, Martins Almeida e outros.

Rapazes ambiciosos (os do côrpo da Redacção) que dizem ser os “eleitos da troupe” dos novos de Bello Horizonte, entendem que “literatos” aqui em Minas são exclusivamente “elles”, o que não passa de uma grande ambição e convencimento desses “eleitos” (...)

Carlos Drummond, o chefe dos futuristas desta pleiade de novos, o talentoso poeta que disse, numa das suas memoráveis poesias que “a rua da Bahia não tem fim...” vive, ou melhor, é tido pelos “grandes literatos”, como por exemplo, Abgar Renault, um rapaz de uma vastíssima erudição, um brilhante talento e outros qualificativos mais, hoje tão em uso...

Enquanto que a “REVISTA” dos “eleitos” fecha as suas portas aos outros literatos de Bello Horizonte, como Brito Machado, Wanderley

¹¹ Alberto Deodato, “Minas Intellectual”. *Paiz*, 01/10/1925. *Caderno II*, p. 24. Há outro recorte com o mesmo artigo, republicado no *Minas Geraes*, tendo como indicação da data apenas outubro de 1925. *Caderno II*, p. 27.

Villela, José de Quintella, Albano de Moraes, Cesar Burnier, João Dornas Filho, etc.¹²

Abgar guarda recortes com esses textos, mas não parece ter se envolvido em polêmicas, absorto com o fim do curso de Direito e o início de uma fase de intenso trabalho e realização afetiva. Em 1924 a formatura encerra sua vida de estudante, sendo ele o orador da turma e Tito Fulgêncio o paraninfo.¹³ Antes de finalizar essa etapa, publica uma série de sonetos sobre os colegas, intitulados “Recordações Acadêmicas”. A tradição jornalística do verso satírico reaparece nesta descrição de um futuro candidato ao governo de Minas:

G.R.P.

Peito largo, ombros largos. grossos braços,
de vidraças um par sobre o nariz,
num passo de alemão, que, por um triz,
não desfaz os passeios em pedaços;

– eis, senhores, em poucos, firmes traços,
em cores pouco vivas, mas subtis,
o ferfil magestoso do feliz
bacharel Gabriel Resende Passos.

Crésó da pose, Crésó da alegria,
é de si mesmo tão glorificado,
(aqui falhou, leitor, a risma em esmo)

que todos temem que ele morra um dia,
coberto, suffocado, acachapado
pela infinita glória de si mesmo.¹⁴

Outros sonetos cômicos atingem mais formandos. A descrição de um deles, identificado apenas como G.O.V, começa assim:

¹² “Factos e Comentários”. *Diário*, 15/12/1925. *Caderno II*, p. 27

¹³ Bacharelados de 1924. *Diário*, 01/07/1924, *Caderno II*, p. 10, 14.

¹⁴ Recordações Acadêmicas. Bacharelados de 1924. I. G.R.P. *Diário*, 10/09/1924. *Caderno II*, p. 14.

É o cavador mais sério da cidade,
Sendo, por isto mesmo, tido e havido
Como o bacharelado mais querido,
Mais distinto de toda a Faculdade¹⁵

A copiosa cobertura jornalística da formatura atesta a importância desses eventos para a vida cultural e social da cidade. Isso se explica por sua relativa infreqüência: nos anos 20, poucos privilegiados chegavam a concluir um curso superior. O *Diário* de 27 de dezembro de 1924 menciona o orador da turma, “scintillante interprete dos novos bachareis”, cujo “formoso discurso” o jornal promete publicar, já que é “impossível” resumi-lo.”¹⁶ Em 25 de agosto o mesmo jornal acrescenta detalhes curiosos: além da tradicional colação de grau, e da missa de ação de graças, há uma romaria ao cemiterio do Bonfim, para depositar flores nos túmulos dos “saudosos professores Raul Soares, Camillo de Britto, Bernardino Lima e José Pedro Drummond”. O jornal informa que “a Companhia de Electricidade poz um bonde à disposição dos bacharelados para essa romaria, na qual poderão tomar parte todas as pessoas que o quizerem”.¹⁷

¹⁵ Recordações Academicas. Bacharelados de 1924. VI. G. O. F. *Diário*, 28/09/1924, *Caderno II*, p. 15.

¹⁶ “Colação de grão dos novos bachareis”, *Diario*, 27/12/1927. *Caderno II*, p.17. Abgar não perderá seu interesse pelo Centro Acadêmico. Em 1925, faz lá uma conferência em homenagem aos antigos mestres, “Mendes Pimentel, “tão espartano”, Tito Fulgêncio “septicamente indulgente”, Raphael Magalhães, “mestre do Direito e mestre apollineo do estylo”, Francisco Barcellos, Washington Pires, Francisco Brant, Rodolpho Jacob, Francisco Campos, “honra e gloria de nossa intellectualidade”. *Caderno II*, p. 79. “Festa Academica”, recortado de *A Patria* (05/03/26) noticia outra “entrega das chaves”, a que Abgar deve ter comparecido. *Caderno II*, p. 35.

¹⁷ “A solenidade de hoje na Faculdade de Direito”, com a lista dos novos bachareis, *Diario*, 25/12/1924. “Bachareis de 1924”, *Minas*, 15/12/1924, *Diario*, 15/12/1924. “Collação de grau”, *Minas*, 26/12/1924. *Caderno II*, p. 16.



Retrato de formatura de Abgar Renault e do paraninfo, Prof. Tito Fulgêncio (*Caderno II*, p. 16)

O novo bacharel começa logo a trabalhar, mas raramente como advogado. Torna-se professor de Português na Escola Normal Modelo e de Língua e Literatura Inglesa no antigo Colégio Mineiro. Exercidas em alto nível, essas funções gozavam de prestígio hoje difícil de avaliar. Ofereciam remuneração razoável e atraíam bacharéis de várias áreas, pois não existiam cursos de licenciatura para a formação de professores.¹⁸ Em sua vida pessoal Abgar também ensaia novos vãos.

¹⁸ Até a década de 30 só havia no Brasil cursos superiores profissionalizantes, como os de Direito, Medicina ou Engenharia. Não existiam cursos superiores de Letras e Filosofia, visando à formação de pesquisadores e professores. Só em 1934 nasce a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e, em 21 de abril de 1939, no salão nobre da então Casa d'Itália (Colégio Marconi), a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Minas Gerais, instituição particular, ainda não autorizada a funcionar pelo Ministério de Educação. O magistério na área de Letras era exercido, nas modelares escolas secundárias então existentes em Belo Horizonte ou em cursos ligados a serviços culturais estrangeiros, como eram as antigas Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa ou a Alliance Française.

COPACABANA SOBE ÀS ALTEROSAS: Abgar Renault e Ignez Caldeira Brant

A inocência maliciosa das mulheres... (1924)

Abgar Renault. *Reflexões Efêmeras*.

A frustrada paixão por Belarmina ficou para trás. Enquanto investe em sua vida profissional, Abgar prossegue sua corte a Ignez Caldeira Brant, transtextualizada em *A Princesa e o Pegureiro*. Em outro registro, a história transparece na torrente de cartas enviadas quase diariamente para o endereço da noiva carioca, à Rua Contante Ramos, 89, no Rio de Janeiro, entre setembro de 1924, quando se inicia o namoro, e meados de 1926, ano do casamento.

O trajeto epistolar entre Belo Horizonte e Copacabana merece a atenção do estudioso da cultura, como testemunho das diferenças, então marcantes, entre a rotina da pachorrenta capital mineira nas primeiras décadas do século XX e a atmosfera do Rio de Janeiro, centro da vida política e cultural do país. A correspondência entre o bacharel recém-formado e sua noiva carioca reflete essas diferenças. Registra pequenos mas contínuos desencontros, verdadeiros choques culturais, só superados pelo que o tempo revela ser um afeto real, mútuo e profundo. Com dezoito anos, bonita e inteligente, Ignez Caldeira Brant circula em um meio culto e elegante. Não renuncia aos privilégios oferecidos a sua classe pela vida carioca, arejada e quase cosmopolita, se comparada com a pudica e reservada Belo Horizonte. À jovem parecem naturais, e mesmo indispensáveis, as constantes trocas de visitas, a presença regular em jantares, teatros e concertos, a frequência à praia e a prática de esportes como a natação e o tênis. Esses hábitos, incomuns entre suas contemporâneas belohorizontinas, inquietam o namorado mineiro. Como seus conterrâneos, ele vê com desconfiança o que então parecia uma

perigosa liberdade de costumes litorâneos. Entretanto, o próprio Abgar admite o provincianismo de Belo Horizonte. Em carta à noiva, descreve um episódio de rua, que lhe dá a oportunidade de condenar a conduta de certos políticos:

Convenho agora que Bello Horizonte é uma cidade inhabitavel. É um povoado. A única cousa que houve de anormal, depois que te foste, foi um meeting de estudantes no qual fizéram o enterro do prof. Rocha Vaz, da Faculdade de Medicina dahi. Aliás, a policia intervém dispersando o ajuntamento a patas de cavallo. Feridos de ambos os lados. Protestos perante o Presidente, que, ao que se diz, não recebeu muito bem os estudantes. Esse homem falhou. Foi desleal para com a demagogia e foi desleal, durante uns dias, para com o seu senhor. Os politicos, em geral, procuram acender uma véla a deus e outra ao diabo... Elle conseguiu o inverso: conseguiu apagar as duas vélas...

Excetuado esse raro comentário desfavorável sobre Belo Horizonte, o que Abgar geralmente condena é o estilo de vida carioca. A essa desaprovação Ignez responde com uma postura firme, embora conciliatória. Não renuncia a práticas costumeiras em sua família. Parece sentir que a divergência não é apenas entre dois namorados, mas entre dois padrões culturais. Essa diferença explica certa reserva que inicialmente parece ter existido por parte da família Brant. Decorrem quase dois anos até a realização do casamento, apesar da insistência do noivo em apressá-lo. As cartas dele dão a entender que, vindo a Belo Horizonte, o reticente pai da jovem procura acompanhar as providências tomadas por Abgar para receber a futura esposa na chácara do Santo Antônio. Augusto Mário Brant teme talvez, o contraste entre o ambiente quase rural e o vibrante círculo carioca de sua família. Com tato e afeto, Ignez contorna as divergências. Mas deixa escapar que seus pais, pesarosos com a perspectiva de sua mudança para uma cidade distante – sobretudo em função dos precários meios de transporte da época – também temem que a filha se “descivilize”.

Uma das primeiras cartas de Abgar, datada de 6 de novembro de 1924, indica um namoro já consolidado. Começa com “Minha

Ignezinha mil vezes adorada”, e termina de forma bastante ousada para a época: “Beija-te longamente, enternecidamente, o teu Abgar”. Outra carta, repassada de um machismo amável, insiste na pergunta, repetida nos dois anos seguintes, sobre a próxima vinda de Ignez a Belo Horizonte, já que o poeta, retido pelo trabalho, não pode viajar:

Afinal, que podes dizer-me de seguro e definitivo acerca de tua vinda? (...) Si desta vez a minha esperança de ter-te junto de mim por um punhado de dias me lograr, não terei esperança de mais coisa alguma nesta vida. E não vale a pena mesmo... Esperança é mulher... Não te zangues. É brinquedo. Mas, sem brinquedo nenhum, é curioso como tudo que é bom é feminino: Esperança, Felicidade, Bondade, etc. Amor, porém, é masculino, por exceção”.¹

Duas páginas adiante, retoma a pergunta: “Mas, voltando ao que me interessa: quando vens ao certo? Não há meios de fixar uma data, mais ou menos? Ainda que seja problemática, cita-m’a. Eu quero contar os minutos que ainda me separam de ti”.

Se dependesse do pretendente o namoro seria curto. A família de Ignez procura conter essa pressa. Em 6 de novembro de 1924, Abgar alude ao gosto melancólico de voltar aos lugares onde estivera com a namorada. A propósito, menciona uma visita à casa de suas tias, residentes em Belo Horizonte. Descreve seu embaraço diante do que considera a desagradável indefinição da data do casamento:

Lá estive até 8 ½. Conversei, ri, brinquei... Mas sabe Deus, só Deus, o que ia dentro de mim... Só um momento a minha amargura acerba se estampou quasi viva no meu rosto. Foi quando tuas tias me perguntaram si já havíamos marcado o nosso casamento... a minha felicidade.

Respondi uma banalidade qualquer, que ninguém acreditou talvez. Em todo o caso, foi melhor do que dizer abertamente, claramente, que isso é tão longinquo que não vale a pena pensar ou que tua Mãe não quer o nosso casamento agora... Ella só? Ella apenas?... Sabe-o Deus, que tudo sabe.

¹ A data, evidentemente equivocada, escrita ao alto dessa carta é 2 de fevereiro de 1923 – ano em que Abgar ainda não conhecera Ignez Brant.

Como o casamento só acontecerá em 1926, Abgar desfiará suas queixas pela ausência da noiva ou de suas cartas por quase dois anos. Em 30 de novembro de 1924 descreve seu desespero às segundas-feiras, dia em que, naquele tempo, não se distribuía correspondência em Belo Horizonte:

Minha querida:

Positivamente, segunda feira é, por varios titulos, o peor e o mais feio dia da semana, desde que o mundo é mundo e desde que eu existo. Mas agora, a partir de quando mudaste para Copacabana, segunda feira nem chega a ser um dia propriamente para mim: é uma noite fugindo do dia; são 24 horas bem escuras e bem mais longas do que todas as outras; 24 horas quase todas indormidas, que eu quizéra passar mergulhado num somno profundo, até que raiasse a 3ª feira. Não me acosumo. Não me acostumarei.

Em outra carta Abgar demonstra seu descontentamento com a demora do futuro sogro em assinar e devolver os documentos indispensáveis para a cerimônia civil, enviados pelo aflito correspondente:

Si há uma cousa que seja possivel imediatamente é a devolução [de documento enviado]. O que há a fazer é só isto, vê bem: duas assignaturas de teu Pae e trez ou quatro assignaturas tuas; depois disto, informações da Pretoria Civil a que pertence Copacabana e o anno do nascimento de teu Pae e de tua Mãe. E é so. – Cousa que se faz em 5 minutos, Ignez. Por que, pois, tanta demora? Asseguro-te que isto me entristece muitissimo. Aliás, já esperava...

Em 14 de novembro de 1925, Abgar responde a algumas ponderações de Ignez. Afirma acreditar que a família Brant não tenha prevenção contra ele, mas que, às vezes, aparenta o contrário. Atribui a lentidão das providências a dúvidas do pai sobre a felicidade da filha. Compara a conduta de Augusto Mário à do futuro sogro de Caio, irmão de Ignez, que também está noivo: “Parece-lhe, a elle, pelo que vejo, que vae assignar ou a sentença de teu degredo ou de tua morte (...) Vê bem a diferença: enquanto o sr. Queiroga cuida, elle proprio, dos papeis do Caio teu Pae trepida em assignar os que

lhe mando já preparados!” No mesmo sentido, visando ao casamento religioso, o noivo aflito pede a imediata remessa da certidão de batismo de Ignez; “É urgente. Si não tens quem cuide disto ahi, manda dizer-me em que igreja foste baptisada e em que anno. Si possível, o dia tambem e o mez.” Em 10 de janeiro de 1926 volta a escrever instando para que se marque a data do casamento. Não poderá sair pelo menos em junho? Caio planeja casar antes disso, o que não parece justo a Abgar, cujo noivado antecedeu ao do futuro cunhado.

Não tive acesso às cartas de Ignez, mas apenas às do noivo. Através delas é possível entrever traços da personalidade da jovem que é objeto da pendência amorosa. Abgar louva os dons da noiva, sua bondade, finura, inteligência e bom gosto, seu pendor para línguas estrangeiras, para a literatura, a pintura e a música. Envia-lhe partituras para piano, estimula-a a ler e a escrever, elogia um soneto dela, (“bôa forma, simples e equilibrada”) sugerindo apenas algumas mudanças. Partilha com a noiva seu conhecimento da língua inglesa, que Ignez também estuda. Carta de 21 de novembro de 1925 mostra que os noivos trocam correspondência nessa língua, e que Abgar louva a correção de texto enviado por Ignez.² Apesar de sempre aparentemente tranqüila e animada, ela alega ter uma sensibilidade semelhante à do noivo. Escreve-lhe que se comove tanto com a beleza de uma música, ou da lua, que chega a chorar: “a própria felicidade haveria de entristecer-me”.

Percebe-se que a moça responde com vivacidade e inteligência às elucubrações ciumentas do noivo, algumas vezes quase tão intrincadas como as de seus sonetos barrocos. Demonstra uma franqueza e independência infreqüente entre as moças de seu

² O hábito de escrever em outro idioma, testemunhando o interesse do casal por seu estudo, persiste durante a longa união. Em 15 de janeiro de 1968, Abgar, de Brasília, dirige à esposa uma curiosa carta em espanhol, iniciada, com afetuosos humor: “Muy querida señora mia”. Dá notícias de interesses de amigos e manda lembranças a filhos e netos, “aunque los unos y los outros sean o muy ruidosos o muy ácidos en sus criticas”. Acervo do professor Affonso Henrique Tamm Renault.

tempo, além de raro equilíbrio físico e psíquico. Segundo escreve Abgar em 16 de novembro de 1925, Ignez está “sempre bôa, sempre forte, sempre alegre e feliz”. Curiosamente, isso contribui para a intranqüilidade do apaixonado distante. A razão não é difícil de advinhar. Tanta saúde pode estimular uma vida social já intensa. Como a muitos mineiros de seu tempo, o ambiente do Rio de Janeiro parece “deletério” ao moço mineiro, segundo confessa em 3 de outubro de 1925. Desconfia de visitantes e vizinhos da casa da noiva, e de algumas companhias que julga “indignas” dela. “O meu sofrimento vale sempre um pouco menos do que as tuas relações”, queixa-se em carta de 14 de maio do mesmo ano. Cinco dias depois, repisa: “olhas toda gente com muito bons olhos... com demasiado bons olhos...” Em exaltada carta de 26 de maio de 1925, de linguagem inusitadamente agressiva, Abgar chega a referir-se a algumas das relações da noiva como “aquela corja”, que acusa de “falta de vergonha, de caracter, de fidelidade, de honestidade, etc”, Uma amiga, ex-colega do Colégio Sion, o desagrade por ser “trop civilisé”. Julga “amoral” e “inconveniente” uma senhora casada, que acompanha a noiva à ópera. Em termos típicos da época, censura uma amiga de Ignez e o marido, cuja honra, insinua, só poderia ser lavada a tiros (carta de 13 de janeiro de 1926). A resposta de Ignez, subtendida em carta de Abgar de 1 de junho, não é menos incisiva. A moça argumenta que só alguém perfeito poderia censurar os defeitos alheios. E o noivo retruca: se assim fosse, a crítica teria de ser abolida do mundo.

Mesmo quando tenta disfarçar, Abgar encontra meios de censurar a noiva por freqüentar a *Companhia Lyrica*, cinemas e teatros:

Eu absolutamente não quis fazer allusão à tua ida a theatro, nem a cinemas. Não pensei nisto. Estás longe de imaginar o que seja. Não pensei, nem poderia pensar, mesmo porque não me esqueci de que, certa vez, embora eu (eu, e não Mamãe) doente em Diamantina, foste ao cinema aqui. Si não foste capaz do enorme sacrificio de deixar de ir a um cinema por estar eu doente, claro é, Ignez, que não iria esperar que o fizesses por Mamãe, embora o caso della fosse gravissimo...

O mineiro aborrece-se sobretudo ao verificar que Ignez teme perder, com o casamento, as oportunidades culturais do Rio:

O mal que me fez aquilo! Perceber que estavas – mais do que triste – alarmadamente preocupada com o facto de, por estares já casada, não poderes ver e ouvir taes cousas! (...) Enquanto eu sonhava aqui com a nossa vida de casados, com a nossa lua de mel na chácara, tu te preocupavas com uma Companhia Lyrica.

As restrições do noivo estendem-se a roupas e maquilagem. Em 29 de setembro de 1925 chega a lamentar a frequência de Ignez à manicure (“incoadunável com a tua belleza, tão pura e tão encantadoramente simples e natural”). Condena recursos “falsos”, “em que as almas se pintam e se mascaram muito mais que os rostos”. Não vá a amada perder “o maior de [seus] encantos physicos”: a “graça virginal” de sua simplicidade. O exaltado poeta embarca numa longa reflexão sobre a superioridade da beleza espiritual. A beleza física, escreve em 7 de novembro, associa-se a “mero arrepio epidérmico”, em contraste com o verdadeiro amor, voltado para a beleza espiritual. Abgar também fala com reserva de certas “vestimentas de banho”. É o que se deduz do trecho abaixo, de 19 de maio de 1925:

O facto de as vestimentas de banho serem iguaes àquellas da revista não constitue uma excusa, absolutamente. Quer apenas dizer que tanto uma como outras são immoraes. Um abuso não justifica outro abuso. Convence-te disto. Si não há revistas que não sejam ao menos moraes não vás a nenhuma. Lucrarás mais, muito mais, quero crer.

As tais “vestimentas” são, certamente, “as primeiras audácias das roupas de banho”, descritas por Pedro Nava com deleite de *voyeur*.

[As moças] tinham deixado as antigas vestes de sarja azul. Usavam uma espécie de sunga de calças até o meio das coxas e prolongando-se por blusa decotada e com manguinhas soltas, por onde podia-se arriscar um olho até a sovaqueira que graças a Deus! ainda não era moda raspar. Para disfarçar as rotundidades da bunda esse traje

era completado por um saioite muito pregueado que ia até à altura da boca dos calções. Já se viam os joelhos.³

Nem por isso a moça renuncia à rotina carioca. Argumenta que precisa emagrecer, pois está “uma baleia”, e continua indo à praia. Aprende a nadar, joga tennis, e não poupa ao noivo informações a respeito. Na opinião de Abgar, “americaniza-se” com a prática de esportes, que também lhe deixam menos tempo para escrever-lhe. Os preconceitos masculinos do início do século XX emergem sem disfarce nestas linhas de 26 de novembro de 1925:

Já sabes nadar? Que pena! Como estás americana! Como vaes ficar cheia de musculos e rizezas corporaes com esse exercicio, que é o mais completo de todos! Americanizar-se (para as mulheres) equivale a desfeminizar-se. É pena! Eu prefiriria que não soubesses. No fundo, talvez seja ciume do mar. Deve ser isto.

Ou nestas observações, a respeito de esportes:

não acho que vá mal algum em uma mulher jogar ‘tennis’ e nadar. À beleza e à delicadeza de uma mulher como tu é que nem o primeiro nem o segundo farão bem. Uma mulher com musculos é um espectáculo incompreensivelmente doloroso. Quando penso nos callos que a ‘raquette’ faria ou fará nas tuas lindas mãozinhas tenho vontade de chorar... Compreendes-me agora? Detesto tudo quanto é costume americano – para mulher principalmente e principalmente os ‘sports’ embrutecedores do corpo, quando não da inteligencia também. O único musculo que compreendo que uma muher eduque e fortaleça é o coração, pela bondade, pela virtude, pelo amor. Os outros podem bem ser o que são e ficar nisto.

Condenando os “trajes de banho” da época, comicamente pudicos para o olhar de hoje, Abgar chega a duvidar da sensatez de certa amiga da noiva porque usa os tais “trajes de banho” acima dos joelhos. Ignez pouco retruca, a não ser, como se deduz de resposta de Abgar em 28 de janeiro de 1926, para rotular essas observações

³ NAVA, Pedro. *Beira-Mar*, p. 110.

de “jequismo” e alegar que, afinal, ele também faz seus passeios na Praça da Liberdade. Impertubável, a moça mantém seus hábitos cariocas. Freqüenta o Automóvel Clube, o teatro, a ópera. De carta de Abgar de 18 de setembro, deduz-se que ela foi ouvir Gigli, que, entretanto, não correspondeu a sua expectativa. Pela do dia 27, infere-se que assistiu com admiração à ópera *Thaïs*, de Jules Massenet. Abgar considera a ópera imoral, e oferece à noiva o que reconhece ser “conselho de jéca”, “preso numa roda de preconceitos mais ou menos românticos e imbecis”: Ignez não deve ler o romance homônimo de Anatole France, “conquanto seja admirável”, nem *Antoinette*, de Romain Rolland, pois ambos constituem leitura imprópria para uma jovem.

Exceto como ilustração de um profundo envolvimento afetivo e de um choque cultural, as cartas de Abgar – longas, com raríssimas rasuras, escritas na ortografia antiga que manterá sempre na correspondência pessoal – fazem sorrir o leitor atual (sobretudo se não estiver apaixonado) por mais que o comovam sentimentos tão espontaneamente extravasados. As cartas interessam mais ao estudioso da alma que ao crítico literário. O emocionalismo exagerado e o conteúdo obsessivo raiam o tedioso. Traem um temperamento apaixonado, torturado pelo exclusivismo, a impaciência e a suspeição próprios das fixações amorosas. Abgar escreve obsessivamente, às vezes, a lápis, como faz durante uma viagem de trem para Barbacena, em 1 de maio de 1925, após uma noite mal dormida (“nas piores condições materiaes e intellectuaes”) ou da cama, gripado, no dia seguinte. As cartas são quase diárias: vinte e seis em setembro desse ano, vinte e uma em outubro, vinte e uma em novembro. O ritmo da correspondência será mantido até o casamento. “Quando começo a escrever, sobretudo a ti”, declara o missivista em 20 de novembro, “sou alarmante e perigoso”. “Ler, escrever, escrever-te, trabalho, eis a minha vida”, resume em 16 de novembro de 1925.

Os assuntos são sempre os mesmos: censuras aos hábitos cariocas, juras de amor, protestos de saudades, informações sobre as datas de visitas da noiva a Belo Horizonte ou dele ao Rio,

observações sobre a ausência ou brevidade de cartas de Ignez, namoros de amigos comuns (do irmão de Ignez e sua noiva Elza, de Milton Campos e Déa, sua futura esposa, de Mário Paiva e uma namorada), e problemas de saúde do noivo ou de seus pais.

Outro assunto recorrente até o casamento é alegada demora e a brevidade das cartas de Ignez: “nem hontem nem hoje tive carta de ti”. No entender de Abgar, as cartas dele são invariavelmente mais longas e mais ternas do que as dela. Em 26 de dezembro de 1925, repisa a queixa costumeira: “Só agora lembro que o tamanho de tua carta é para mim uma blague melancholica: a tua lettra é demasiado grande” (a dele é “microscópica”). Abgar pondera as possíveis causas de atraso: desinteresse da jovem, suas atividades sociais, retenção das cartas pelo correio, dificuldades em postá-las, descuido em registrá-las, ou mandá-las expressas. O signatário inclui uma brincadeira, que parece aborrecer Ignez e trai certa preocupação com a fortuna dela: “si fosses muito pobresinha, eu te remeteria os sellos para que tuas cartas viessem todas expressas, evitando-me o trabalho de ir eu buscal-as ao correio. Mas, como infelizmente não é este o teu caso (...) nada faço”. A carta termina indagando pelo aparecimento, no Rio, da revista *Ilustração Brasileira*, e pedindo que a amada mande um exemplar, caso inclua algum texto do signatário – as publicações parecem demorar a chegar a Belo Horizonte.

Abgar fala também do trabalho, das aulas, das reprovações aos alunos, que registra, ora com pesar, ora com irritação. Queria aproveitar um intervalo no fim do ano letivo para ir ver a noiva. Não poderá fazê-lo, pois foi indicado para lecionar História Universal no ano seguinte e terá de estudar mais a matéria (“questão de ser ou não ser honesto”, observa, tipicamente, o jovem professor.) Conclui que “esta história de noivar separado não dá certo”. Buscando distração, dispõe-se a assistir a uma peça da Companhia Leopoldo Fróes, em visita a Belo Horizonte. O título parece-lhe “convitativo”: “Mulheres não têm alma”. A carta termina com a queixa e a ternura de praxe. “Estou temendo horrivelmente que não me hajas escripto hontem. Beija-te longamente, enternecidamente o teu Abgar”. Outro

tema recorrente é a saúde do poeta, vítima de insônia, inapetência, distúrbios digestivos, repetidas gripes, resfriados e defluxos. Haverá alguma hipocondria em tudo isso? Ou o desejo inconsciente de alimentar a solicitude da noiva? Gentilmente, Ignez recomenda que ele deite cedo, evite o álcool e o fumo e se alimente bem.

A descrição das mazelas de Abgar é temperada por seu bom humor. Em 28 de outubro de 1925 menciona uma espécie de síncope quando despachava um documento no emprego que havia conseguido na Estrada de Ferro Oeste de Minas. Como estava assentado, o mal estar não teve maiores conseqüências, diz o jovem hipocondríaco: “De tudo resultou um grande vasio mental e, bem assim, um pouco de experiência. Só andarei sentado, de agora em diante.” A disposição humorística condiz com outra observação, em 25 de outubro de 1925: “sou um triste, mas um triste de bom humor”, afirmação que, muitos anos depois, repetirá numa entrevista.

Ocasionalmente, a correspondência deixa entrever alguma rusga. Carta de Abgar de 27 de fevereiro de 1925 inicia-se com um seco e inusitado “Ignez”, terminando com um sóbrio “sincera e respeitosamente teu, Abgar”. A carta menciona “duras e severas palavras” da moça, que o signatário teme escondam pretexto para um rompimento.⁴ Mas tudo continua como dantes. Em dezembro de 1925, é a noiva que se mostra seriamente maguada, embora cale o motivo por vários dias. Abgar tem crises emotivas mais desesperadas do que as habituais. Finalmente, Ignez revela a causa de sua rispidez: um boato sobre o namoro do noivo com certa poetisa mineira. Visivelmente sinceros, os veementes protestos dele seriam cômicos, se não fossem comoventes. Carta de 15 de dezembro esclarece a causa do mal entendido. Em visita a amigos comuns, Abgar fora

⁴ Um texto em prosa poética, “Palavras do amor que se calou”, publicado por *Frou-Frou* em maio de 1925, parece referir-se a esse desentendimento entre os namorados, já que são próximas as datas da publicação e da carta: que “nunca saibas da felicidade inútil, que eu sonho, de nunca mais te ver, de nunca mais te falar, de nunca mais de encontrar”.

apresentado a um senhor e à filha poetisa, que a carta classifica de “uma *bas bleu* caricata”, com um comentário depreciativo sobre “o ridículo” de “quasi todas as mulheres litteratas”. A observação preconceituosa, desmentida pela admiração de Abgar por poetas como Cecília Meirelles, pode ser explicada pela ansiedade em acalmar os ciúmes de Ignez. A correspondência logo retoma o ritmo, as juras e queixas de sempre. Segundo escreve em 25 de outubro de 1925, Abgar crê no amor de Ignez, mas crê “com intervalos”.

Ela sabe serenar e alegrar o noivo (“quando quer”, escreve ele). Mostra-se solícita com os futuros sogros. Envia pequenos presentes, como uma bengala, que Abgar agradece em 17 setembro de 1925. Contorna com paciência sua insegurança e exigências. Certamente sente-se compensada pela ternura dele. Sobre a partida da noiva, após uma visita de três meses a Belo Horizonte, escreve em 3 de maio de 1925:

Eis-nos novamente separados. Eis-me de novo longe da graça envolvente e miracular da tua juventude, que me sorri nos teus olhos, na tua bocca, nas tuas mãos, em todo o teu vulto amado. Eis-me novamente longe de mim mesmo: estar longe de ti é o mesmo que estar, de uma forma estranha e inexprimível, longe de mim. Sim, é estar ausente de mim mesmo. Em que ou em quem, senão em ti, podem os meus olhos pousar com felicidade? Que riso poderá corresponder ao riso da minha bocca sinão o teu? Onde irei sentir a alegria tranquilla e profunda, que às vezes me envolve sinão junto de ti? Onde irei agora repousar e alegrar o meu coração? Em que carinho poderei acarinhar o carinho das minhas mãos? A quem irei entregar, frente a frente, coração a coração, bocca a bocca, as amarguras e as doçuras da minha alma? Como estás longe, amor, e como eu sou inutil – eu todo – longe de ti.

As queixas sobre o atraso das cartas continuam sendo um *leitmotif*, bem como os problemas de saúde do noivo, seu temperamento melancólico, suas oscilações, “dúvidas e sobressaltos”, “esperanças e desesperanças” e “angústias dolorosas”. Agradecendo as palavras consoladoras de Ignez, escreve: “não são improficuos os esforços que fazes para acalmar os desequilibrios da minha sensibilidade. Si

pensas o contrário, hei de parecer-te exigentíssimo, não?” Repetem-se os protestos de uma saudade, sempre considerada mais intensa que a sentida por Ignez. Em 1925, a 14 de maio, diz o apaixonado missivista:

Não é só de vez em quando, como contigo, que me vem um infinito desejo de apertar-te toda contra o meu coração, e de beijar-te muito, e de falar-te muito, como outr’ora: não é só de vez em quando: é a toda hora; é sempre. Devem, pois, ser bem maiores as minhas saudades.

Abgar chega a sentir ciumes de seus colegas, que Ignez nem conhece, só por imaginar que a noiva vai vê-los numa fotografia ao lado dele. Remetendo um instantâneo, em 9 de setembro, o noivo recomenda: “Será de bom aviso que recortes a minha figura. Há muita gente comigo. Poderei ter ciumes.” A insistência é temperada pela ternura habitual: “Beijo o beijo que me mandaste”. A saudade é ocasionalmente aliviada por visitas, como as de Ignez a Belo Horizonte, em agosto e outubro de 1925, em fevereiro e abril de 1926, e de Abgar ao Rio em janeiro deste ano. No dia 8 do de julho de 1925, talvez como vingança pela propalada escassez da correspondência dela, Abgar descreve as consequências de um encontro com o amigo Milton (Campos?):

O Milton surgiu e... levou-me para o mau caminho. Não me deixou ir ao medico e me fez jantar (ou tentar jantar) com elle num restaurante. Tudo era contra mim: não me sentia bem nem physica, nem moralmente (dois dias me deixaras sem cartas tuas!). a noite estava fria e triste. Uma lua serena apontou lá longe... Não suportei, Ignez... e... que fiz?... Advinha, meu amor. Advinha, mas perdôa, sim? Aliás, não foi a primeira vez depois que partiste. Não te alarmes, que não foi cousa grave. Advinha, e dize-me o que é. Quem suportaria uma ausencia sem um...?

Se desejava despertar o ciume de Ignez, o missivista deve ter ficado decepcionado. Em carta datada de 10 de setembro, Abgar escreve: “Porque deixaste sem resposta e sem comentario algum

tanta coisa que te falei? Desinteresse?” Sabiamente, Ignez silencia. Também omite outros assuntos: remessa de alguns textos solicitados pelo noivo, fotos, observações relativas a companhias julgadas inconvenientes. Em setembro, no dia 12, Abgar avisa que remeteu o poema “A Ingênua Felicidade”.⁵ Ignez permanece muda. Dia 14, Abgar menciona a “carta desvairada” que escrevera no dia anterior, mas também as palavras carinhosas que acaba de receber da noiva. Ignez faz um levantamento das contínuas queixas e dúvidas nas cartas de Abgar, e conclui que, em cada dez, só uma parece totalmente positiva, do princípio ao fim. Às vezes os excessos de emoção do noivo parecem moderar-se, e então é a vez de Ignez recriminá-lo por estar escrevendo menos. Vaidosa, como se deduz da carta de Abgar de 23 de setembro de 1925, queixa-se de que ele teria dito que, nela, a bondade superava a beleza. Abgar responde, galante: “Isto não quer dizer que a última seja pequena”. Nesse ano de 1925 acumulam-se as referências do noivo a abalos na saúde – dores de cabeça, tonturas, repetidas gripes, que parecem resultar de uma sensibilidade exarcebada e são tratadas com injeções. Dramaticamente, Abgar cola ao rosto a máscara do romântico tísico: pede que Ignez chore por ele, quando morrer, e ela responde com a solicitude habitual. À guisa

⁵ O soneto, publicado no *Correio Mineiro* de 21/06/1926, e conservado em recorte do *Caderno II*, p. 48, evoca o Simbolismo de *A Princesa e o Pegureiro*. Sem o apuro formal dos poemas desse livro, foi excluído de *Obra Poética*, mas vale como registro biográfico da corte a Ignez:

A Ingenua Felicidade

À unção crepuscular do teu olhar,
subitamente vae-se a minha vida
espiralando, aerea e entontecida
numa voluta de perfume no ar

Ao gesto dessa mão miracular
meu céu e minha estrada desflorida
rasgam-se numa esplendida ferida
de flores e de estrelas, a brilhar.

E eu me ponho a caminhar, descuidado;
e no meu sonho purificador,
– sem lume, sem surrão e sem cajado, –

contemplando a paisagem verde e calma,
vou sorrindo e sonhando, meu Amor,
que Deus anda sorrindo na minh'alma.

de consolo, o noivo pede também que ela borrife na próxima carta o seu perfume: “aquele que usavas. Quero sentir-te”. Mas em 24 de setembro reclama ao saber que ela está usando o perfume *Ideal Houbigant*, e não o presenteado por ele.

No íntimo, Abgar sabe que é amado. Afirma ter ouvido da mãe da noiva que esta só é alegre junto dele. Ansioso pelo casamento, Abgar, em 19 de maio de 1925 e, seguidamente, em cartas desse ano e do seguinte, descreve as providências na casa da chácara que está preparando para a noiva. Inumera detalhes sobre canteiros e cerca de jardim, portão, pilastras, ladrilhos, pintura e armações para cortinas. A intervalos, continua reclamando da demora da família Brant em fixar a data do casamento, e reitera sua perplexidade diante do que lhe parece uma procrastinação nunca bem explicada pela noiva. Avisa que gostaria de uma cerimônia simples – “nada de ruídos, nem carnavaledas. A felicidade é uma cousa feita de simplicidade natural, incompatível com os foguetórios, os clarins e os tambores da exibição indiscreta e deselegante”, escreve em 18 de outubro de 1925.

À medida que se aproxima o casamento, vê-se pelas respostas de Abgar a Ignez que a jovem começa a sentir-se insegura: outras mulheres, mais belas e inteligentes do que ela não são amadas como merecem, escreve. Para tranquilizar a noiva, ele pergunta, em 22 de outubro: “Sou eu o marido delas?” Ignez parece temer que, uma vez casado, Abgar possa ser infiel, como outros maridos. Com inusitada insegurança, escreve, em 14 de novembro de 1926: “Nunca ninguém gostou de mim a vida inteira”. Talvez para vingar-se pelos ciúmes inspirados pela noiva, Abgar não a tranquiliza de todo. Escreve em 26 de outubro de 1925 que “há, sim, poligamia no Brasil, mas em menor escala”. Nesse fim de ano, há outra inversão nas situações dos noivos: é ele que começa a inquietar-se pela saúde dela, pois Ignez sofre uma misteriosa síncope. Submete-se a uma operação de garganta, ao mesmo tempo que, ao contrário do noivo, esforça-se por emagrecer (cartas de 4 e 24 de outubro).

No meio dessa revoada epistolar, Abgar, repete a citação da frase de Remy de Gourmont no discurso de homenagem a Oswaldo de Araujo, e escreve à noiva em 21/10/1925 que está ensaiando seus

“gestos de felicidade”. Reitera sua determinação de trabalhar e triunfar: “Não sou muito pior do que outros.” Trabalha febrilmente. Complementa os vencimentos do Colégio Mineiro e da Escola Normal com aulas particulares e com um emprego na Estrada de Ferro Oeste de Minas, onde, em carta de 20 de janeiro de 1926, declara já ter sido promovido duas vezes. Parece esperar também um emprego encaminhado por um certo (Francisco?) Campos. Talvez com o mesmo objetivo, pede à noiva o endereço de Álvaro Moreira. Informa estar estudando com vistas a um concurso. Relata que, vindo a Belo Horizonte em janeiro de 1926, o pai da noiva parece aprovar o futura morada da filha. Já não deixa entrever tanto temor de que ela se “descivilize”. Afinal, escreve Abgar em 9 de maio, “se fosse como elle diz, nem tua Mãe nem elle jamais se adaptariam ao Rio, pois que ambos viveram sempre ou quasi sempre em Diamantina, (salvo teu pae, que esteve em São Paulo) que, afinal, há de ser um tanto mais jéca do que Bello Horizonte.”

Aproxima-se o casamento, e a alegria do noivo é turvada apenas pelas preocupações com a saúde da mãe, submetida a uma operação para retirada da vesícula. Em 6 de maio de 1926, mais tranqüilo, admite que o Rio é mesmo “perfeitamente adoravel”, com duas coisas que o “deslumbram”: o mar e a possibilidade de freqüentar concertos. Em 21 de maio assegura à noiva que sua vinda para Belo Horizonte “não é sentença de degredo perpétuo” e muito menos “sentença de morte.” Promete levá-la regularmente ao Rio, para visitar a família e fruir da vida cultural, incluindo as temporadas da Companhia Lyrica. O pegureiro labuta como nunca, para aninhar logo sua princesa na residência que lhe prepara. Em 7 de maio, fala da beleza das manhãs na chácara do bairro Santo Antônio, futura residência dos noivos – onde hoje se situa a Rua Mar de Espanha. Avista-se Belo Horizonte ao longe, envolvida numa “bruma esbranquiçada”, “justamente o que empresta maior belleza à paisagem”. A casa é espaçosa, com varanda, sala de visitas e de jantar, escritório, cômodos para costura e pintura, quarto de vestir, além dos dormitórios. Ao início de junho de 1926, com a ajuda da tia e da avó de Ignez, a casa está totalmente renovada, pintada de novo (com ladrilhos comprados na Casa Lunardi), engrinaldada

de trepadeiras, cercada por jardim e pomar. Há árvores frutíferas, promessa de ameixas, caquis, pêsesgos, maçãs, peras, laranjas e marmelos. A propósito de algumas pinturas com que planeja decorar as paredes de uma sala, Abgar pergunta a Ignez se ela gostaria de paisagens marinhas. Parece estar querendo compensar a noiva pela perda de sua cidade litorânea, e encomenda para a casa mineira pinturas que representam o mar. O episódio é emblemático de toda a vida do casal, nutrida pela diversidade de temperamentos. Contrastantes, embora complementares, lembram a oposição entre o mar e a montanha e entre as raízes culturais dos noivos.

No ano seguinte ao casamento, Ignez volta ao Rio para o nascimento do primeiro filho. Lá permanece durante os quarenta dias do resguardo regulamentar, um pouco prolongado para visitas a amigos e reforma do guarda-roupa. A senhora Renault nunca abandonará completamente o trajeto entre a montanha, seu novo lar, e o mar de sua juventude.



Foto de casamento de Abgar Renault e Ignez Caldeira Brant- 1926.

"HABEAS CORPUS" PARA A FELICIDADE: Modernismo

A primavera esteve aqui há muitos anos

"O Caminho Espera", *Thanatos*.

Em 1926, em carta enviada a Carlos Drummond, o jovem bacharel relata ao amigo itabirano seus planos de trabalho e vida nova. Afirma que, para casar, precisava dar aulas no Colégio Mineiro e na Escola Normal, além das particulares. A comunicação foi feita por carta, pois, no início do ano, Drummond havia deixado Belo Horizonte e fixado residência no Rio de Janeiro. Abgar foi encarregado do discurso de despedida, proferido durante o "agape de intellectuales" oferecido ao poeta que se ausentava. O estilo pomposo da época não impede o orador de dirigir-se familiarmente ao amigo, em discurso que julga importante, pois envia uma cópia do recorte de jornal à noiva distante. O orador lamenta a mudança de Drummond, aproveita para salientar o caráter pioneiro de sua produção poética: "havia em ti, desde a primeira página que traçaste, muito mais do que o simples e comuníssimo sarampo literário, que ataca toda gente em certas épocas da vida (...) A melhor verdade da estética moderna, há anos, tua a apreendeste e realizaste, numa intuição surpreendente..."¹

É, pois, do Rio que Drummond responde à carta onde Abgar fala de suas novas atividades no Colégio Mineiro e na Escola Normal. Não parece entusiasmado com a escolha do magistério, encoraja o

¹ "Homenagem a Carlos Drummond. Um agape de intellectuales". *Diário*. 05/02/1926. *Caderno II*, p. 32.

amigo a praticar o jornalismo e recomenda que não o faça sem remuneração.² O conselho é pelo menos parcialmente seguido, pois Abgar, casando-se em 1926, não interrompe as publicações em periódicos. Em 28 de outubro do mesmo ano o *Diário de Minas* anuncia que nesse dia, Abgar Renault, “poeta magnífico e prosador dos mais fulgurantes da nova geração literária no Brasil”, “inicia sua brilhante contribuição” no jornal, “o que virá valorizar as suas edições de quinta-feira”.³ Nesse ano de seu casamento, nada mais natural que o poeta desafivele velhas máscaras. Já não é o desolado amator de uma dama indiferente, nem o pegureiro, de cajado e surrão depositos aos pés da amada, tampouco o inseguro correspondente dos meses de noivado. Conquistou sua princesa. Abandonou há anos a tristeza ritual de *Sonetos Antigos*. Encerra agora as oscilações emotivas do livro de noivado, e passa a cantar a felicidade, completada pelo nascimento do primeiro filho, Caio Márcio Brant Renault, em 1927.

Próximo à data do nascimento, Ignez viaja para o Rio em abril desse ano. Só regressa em junho, após ter dado à luz o primogênito. Abgar permanece em Belo Horizonte, ocupado com as aulas no Colégio Mineiro e o emprego na Oeste de Minas. Na ausência da esposa, retoma o hábito de escrever-lhe quase diariamente. Sempre que pode, passa uns dias no Rio. Ao enviar suas impressões sobre um dos percursos entre as duas capitais, descreve seu encantamento quando vê no trem um bebê, que o faz sonhar com o nascituro. A correspondência conserva o tom das cartas de noivado, apenas modificado por informações sobre o prosaico cotidiano. O jovem marido se queixa de que o Estado atrasa os vencimentos dos funcionários, o que lhe causa embaraços no pagamento das contas do armazém, do açougueiro, e do leiteiro. Abgar não quer depender

² As duas cartas foram lidas pelo neto, o diplomata Caio Mário Renault, por ocasião da celebração do centenário de Abgar na Academia Mineira de Letras, em 19/04/2001.

³ *Diário de Minas*, 28/10/1926. *Caderno II*, p. 45.

da “inexcedível generosidade” do sogro, escreve em 25 de abril. Envia a Ignez seu salário na Estrada de Ferro Oeste de Minas assim que o recebe. Dá notícias sobre seu trabalho, suas gripes, rotina doméstica, encontros com a família e amigos comuns, sempre misturadas aos velhos temas do noivado, o amor, a saudade e os atrasos do correio. Os vocativos carinhosos agora incluem expressões como “Minha mulherzinha adorada”, e os presentes são as frutas desejadas pela futura mãe. Mostram preocupação com a saúde dela, “coitadinha”, antes do nascimento da criança e, depois, com os incômodos do pós-parto, o aleitamento, a queda do umbigo do recém-nascido... Ignez desejaria batizá-lo como Carlos Alberto, mas Abgar insiste em Caio Márcio. O nome sugerido pela esposa será dado a outro filho do casal. A beleza do pequeno Caio enche de orgulho o pai estreante. Ele envia ao Rio uma máquina fotográfica, para poder receber fotos do bebê. Esclarece que deseja uma dele “nuzinho”. Em 2 de maio, escreve: “Estou louco por vê-lo tomando banho”. Alegria-se com o fato de que é “mansinho”, dorme bem, deixa descansar a jovem mãe. Em 3 de maio, reflete ternamente: “Aliás, por que não haveria ele de ser bonzinho? Tu és mansa, desde o nome. Ignez quer dizer cordeiro. Eu, por meu lado, não sou nenhum leão.” Deseja que a esposa volte logo, mas aconselha que ela desista da viagem programada para 21 de maio, pois a mãe de Abgar pondera que a nora deve observar o resguardo de 40 dias. Ignez adia um pouco mais a volta a Belo Horizonte: precisa fazer algumas visitas e reformar o vestuário. Isso, o marido não aceita tão prontamente. Saudoso (duplamente, escreve Abgar, já que agora está distante de dois entes queridos, a esposa e o “filhinho adorador”), retoma o tom queixoso do noivado: “Falo-te de saudade – tu me respondes vestidos. Falo-te em coração – tu respondes visitas”. Em 1 de junho, discorre sobre o assunto. Queixa-se ainda de Ignez ter dansado com um familiar, coisa que Abgar desaconselhara, “também pelo teu estado”. E observa: “Si pensas que, depois de casado, fiquei menos sensível, estás profundamente enganada”.

Breve Ignez está de volta à chácara em Belo Horizonte. A vida do casal retoma seu ritmo. O nascimento do filho coincide com um

ano de grandes realizações para o pai. A iniciação na vida profissional, uma guinada estética decisiva em direção à modernidade, maior reconhecimento como poeta, tudo ocorre ao mesmo tempo. Até a política parece sorrir a Abgar, que, ainda em 1927, é eleito Deputado Estadual pelo Partido Republicano Mineiro. Entretanto, não abandona a poesia. No mesmo ano da eleição, a *Revista Antropofágica* de Oswald de Andrade publica sua “Balada Triste”, selando o reconhecimento de Abgar pelos papas do Modernismo.⁴ Outros poemas, entre os quais “Felicidade”, aparecem na revista *Verde*. Texto assinado por A.C. no Diário de Minas de 05/11/1927 fala desse periódico, que se tornou histórico. Com provinciana modéstia, o colunista diz ratificar o julgamento de “outras columnas mais autorizadas do Rio e São Paulo”. Assevera que *Verde*, revista de arte e cultura lançada por “meia dúzia de rapazes desabusados” em Cataguases, no interior de Minas”, é “nada menos que uma revista de vanguarda, attestando, de maneira escandalosamente inedita, o grau de cultura a que já atingiu toda uma geração de creanças crescidas de uma cidade da Zona da Matta”.⁵ O impacto de *Verde* é bem maior do que fariam crer os escassos cinco números publicados. A respeito, Henrique de Rezende louva a perspicácia de seus fundadores, que, “não obstante a chacota dos velhos e a indiferença dos que leem”, “procuraram reunir em torno da brilhante revista cataguazense os mais notáveis e curiosos nomes da moderna geração brasileira de intelectuais.”⁶

⁴ O poema, ainda com o título de “Balada Triste”, foi publicado também no *Diário de Minas* de 21/05/1929. *Caderno II*, p. 88. Em *Obra Poética*, integra *A Outra Face da Lua*, com um novo nome, “Balada da Irremediável Tristeza” (p. 80).

⁵ O cronista acrescenta que essas “creanças” formam hoje o agrupamento literário mais interessante do Estado e, a nosso ver, o único realmente coeso. No segundo número da revista, figuram, ao lado dos “moços de Cataguazes”, Mario de Andrade, Alcantara Machado, Sérgio Milliet, Abgar Renault e outros. *Diário de Minas*, 05/11/1927, *Caderno II*, p. 83.

⁶ “Cataguazes, que surpreende o Brasil que lê, com a revista Verde”. Entrevista de Henrique de Rezende ao *Diário da Tarde*, 29/01/1932. *Caderno II*, p. 155.

A publicação de poemas nos dois periódicos de vanguarda atesta a múltipla metamorfose vivida por Abgar, numa fase muito propícia, tanto da experiência vivida quanto de sua transubstanciação poética. Não é de admirar que 1927 seja o ano da publicação de “Felicidade”. O poema representa a consumação dos “gestos da felicidade”, que, no discurso de homenagem a José Oswaldo de Araújo, o poeta se propusera ensaiar. Assinala igualmente seu encontro com a modernidade. A confluência é registrada ainda pelo irônico e ambivalente “Habeas Corpus”, assinado com o pseudônimo de Martim Pescador. Publicado no *Diário de Minas* de 25 de maio de 1927 e dedicado a Drummond, João Alphonsus e Emilio Moura, o texto esclarece que se trata de “poema mui sincero de adesão ao modernismo”. Alusão humorística “à nova postura poética, encena uma atitude ambígua em relação à revolução literária dos anos vinte, que simultaneamente acolhe e ironiza. “*Habeas Corpus*” começa com uma Introdução, atribuída à persona de um certo Martim Pescador. Essa voz saúda o novo movimento e a adesão de mais um membro, cuja identidade não é difícil advinhar. Conforme lembra o texto, o Modernismo subverte

toda a nossa architectura literaria, obrigando as “convicções ‘passadistas’ a permittir que as convicções modernistas tambem occupassem um lugar ao sol” (...) “[A]s hostes libertarias se avolumam dia a dia com prestigiosos elementos do campo adverso (...) Um caso typico é o de um jovem poeta e prosador da ‘direita’, queridissimo das elites mentaes do nosso Estado e mesmo do Rio, culto, intelligente, polido, e que acaba de passar com armas e bagagens para a phalange modernista.⁷

Para engrossar essa falange é que o “jovem poeta e prosador” pede o habeas corpus indicado no título. Martim Pescador convoca um Tribunal de Letras para julgar o pedido do “sympathico intellectual”, e transcreve o poema, que começa com uma descrição do novo horizonte estético. Eclipsou-se a lua romântica, e levou consigo a parafernália romântico-simbolista:

⁷ Cf. “Habeas-corpus literário”, *Diário de Minas*, 25/05/1927. *Caderno II*, p. 77.

Noite escura. Noite sem lua. Noite sem estrelas. Noite sem céu.
Noite sem coisíssima nenhuma. Uma noite rebimba!

Há toda uma bagagem a ser descartada, que é inventariada pelo poema. Lá se vão antigos modelos, prosadores, historiadores, filósofos, gramáticos e até dicionários:

Livros. Livros. Livros toda a vida.
Sabedorias “à la minute” para todos os paladares.
Sabedorias: Oquidões irremediáveis. Confusões. Cháos.
Cocktails de linguas, papéis, typos e estylos. Que falta me fazem aqui umas traçazinhas!
Meus velhos livros me olham. Enigmaticos. Com as palavras cruzadíssimas nos olhos.
Não os entendo. Não me entendem.⁸

A voz poética renega sua prática literária anterior. Junto com os velhos livros, joga fora rima, métrica e velhas formas fixas, especialmente o soneto:

Eu estava atrasado! Tão atrasado!
Minha hora chispava de aeroplano,
e eu com cara de besta andando de 2 ou de 4.
Tartaruga e veado. Fiquei na rabada.
E cansei. E ferrei no somno no meio do caminho.
Somno tão grande, que não caberia dentro do meu quarto!
Quando acordei, estava com este cheiro de mofo na alma.
E senti em tudo o mesmo cheiro.
Cheiro de mofo nas minhas roupas.
Cheiro de mofo nos meus livros.
Idem, idem na minha papelada.
Idem, idem nos meus versos.

⁸ Essa condenação aos livros acumulados, explicável pelo “fingimento” do poeta, não poderia ser mais fictícia: a biblioteca de Abgar só faz crescer, provocando protestos brincalhões de Ignez, que, alegando a quantidade de volumes a serem limpos e arrumados, assegura que, em outra encarnação, não haverá de casar com um intelectual. Quarenta anos depois, em *Sofotulafai*, a biblioteca é evocada, em tom muito diferente.

Meus versos! Quadras! Quadrinhas. Tão mimosas. Tão engraçadinhas. Tão coitadinhas!

E sonetos. Oh! Sonetos! Sonetos!!
Medidinhos, contadinhos ali no duro.

Certinhos.

Rimadinhos.

Ajuizados.

Ponderados.

Uniformizados e bem comportados como meninos que vão para o collegio,

e têm medo de fazer gazeta do sio Mestre.

14 versos. Sempre 14 versos. Todos rimados!

Êta symetria damnada! Êta medo! Êta covardia!

Meus pensamentos, meus sentimentos, minha ALMA –

– tudo metrificado, rimado, mettido na fôrma
como um tijollo! Pobre olaria espiritual!

Tudo mettido na fôrma. Ou a fôrma mettida em tudo como
um sapato Clark ou Fox daquelles que a Guanabara vende!

Sapataria da minha arte!

Minha ALMA presa no xadrês. Pão e água.

Sentinellas terriveis da grammatica, da métrica

e da rima rica fazendo guarda na porta

Com espingardas e facões desta idade!

O pedido anunciado no título é afinal ruidosamente formulado,
para selar o pacto com a modernidade:

HABEAS CORPUS! HABEAS CORPUS!

pra minha ALMA!

A hora formidavel da libertação já berrou no ar.

Este poema é escandalosamente sincero!

O texto termina com uma provocação:

Quem foi que disse que eu era passadista?

Com sua adesão irônica, “*Habeas Corpus*” ilustra a independência que Abgar sempre manteve em relação às inovações literárias. Por um lado, não tenta deter o curso do rio, e absorve mudanças. Reconhece a necessidade de liberar o verso do jugo parnasiano. Mas

nunca se deixa limitar por propostas redutoras: sabe vê-las com distanciamento. É o que afirma, José Maria Cançado, em função de entrevista concedida pelo poeta. Ele

nunca deixou de fazer valer seu esquema pessoal de autonomia. Assim, não achou muita graça na famosa passagem da caravana paulista por Minas Gerais em 1924, Mário e Oswald de Andrade à frente, e que foi vivida decisivamente como um misto de happening e acúmulo de forças pelos modernistas de Belo Horizonte. Essa autonomia funcionou também numa situação na qual, fazendo parte de uma geração quase caricaturalmente francesa, de ‘caboclos bovarizados’, como dizia o próprio Mário, Abgar Renault tenha seguido por outra: a língua e a literatura inglesas.

Na mesma entrevista, José Maria Cançado lembra que Drummond e Nava consideraram decisivo seu encontro com os paulistas – especialmente com Mário de Andrade – em sua célebre visita a Minas. A respeito, Abgar comenta, peremptório: “Para mim, não foi.” O poeta mineiro observa que os paulistas “tinham uma preocupação muito grande de fazer graça. Todos. Especialmente o Mário de Andrade”.⁹ Enfim, como afirma o entrevistador, Abgar acolhe o modernismo, sem abrir mão de sua autonomia literária. Parte de sua poesia, sempre independente, conservará certo traço neoclassizante, lembrando a “musa retardatária”, que Alexandre Eulálio aponta no Drummond de *Claro Enigma*. Da mesma forma, Abgar não cumpre a promessa, feita em “*Habeas Corpus*”, de descartar o soneto. Ele o revisitará seguidas vezes, embora com fundas modificações. O fenômeno repete-se na poesia brasileira como um todo. Reabilitado nos anos 40, o soneto é absorvido até pela revolução pop.¹⁰

⁹ CANÇADO, José Maria. Um depoimento inédito de Abgar Renault, o último poeta modernista. *Folha de São Paulo*. Mais ! 17/03/1996.

¹⁰ A respeito da reabilitação do soneto, cf. MORICONI, Italo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 89-90.

Em “*Habeas Corpus*” a “sincera” adesão ao modernismo é temperada pela reserva crítica que distingue o poeta desde a juventude. Assim se explica, atribuída a outra persona embutida nesse texto dialógico, a recusa ao “*habeas corpus*” tão estridentemente solicitado. Em impagável jargão paródico poético-jurídico, a sentença é proferida por um “Supremo Tribunal de Letras”, que, após uma série de “considerandos”, justifica a negativa da seguinte forma:

considerando que os actuaes pruridos modernistas do impetrante só lhe podem trazer prejuízos literários e outros inconvenientes; considerando que a tendência manifestada nestes versos é producto de artifício, facil ao impetrante que possui grande intelligencia; considerando que o impetrante não deve ter motivos de queixa contra o passadismo, que lhe sorriu tão cedo, e, tão cedo, fez a sua reputação;

considerando que para ser de seu tempo não é necessaria modernizar-se e sim affirmar-se, e que a affirmação de um temperamento literario não é mais que sua expansão sincera; considerando que as fórmãs de expressão não passam de preconceito e só valem pelo que exprimem, e que os meios expressionaes são deficientes para enunciar as altas manifestações artísticas, não fazendo mais do que suggeril-as, e que, portanto, as formas de expressão só têm valor cabalístico:

ACCORDAM negar a ordem impetrada.

Condemnam o Impetrante nas custas da impressão.

Ismael Fontoura, relator;

Vinicius Cavalcanti;

Claudionor Rezende;

Geraldo Seixas;

Anacleto Catumby, vencido.¹¹

Em outro mometo da vida, decorrido mais de meio século, às vésperas do século XXI, Abgar parece não reconhecer o interesse intrínseco e histórico desse poema. Não o inclui em *Obra Poética*, e, sem maiores explicações, declara que, decorridos sessenta anos,

¹¹ “No supremo Tribunal de Letras”. *Caderno II*, p. 144, sem indicação do periódico onde foi feita a publicação.

ainda se envergonha de “*Habeas Corpus*”.¹² Não é esse o único exemplo da exagerada autocrítica de Abgar. No mesmo depoimento taxa de “passadistas” os seus *Sonetos Antigos*, sem atentar para sua profética valorização do pastiche. Esses dois julgamentos, a meu ver equivocados, servem para lembrar que quase nunca é o autor o melhor juiz de sua obra.

Se “*Habeas Corpus*” mostra o lado humorístico do Abgar moderno, “Felicidade”, composto na mesma época, revela sua face lírica. Julgue o leitor da beleza sóbria desse texto, que, por um lado, mostra a assimilação do poema curto, de fôlego reduzido e linguagem coloquial, legado pelo Modernismo dos anos 20, e, por outro, celebra a felicidade pessoal conquistada pelo autor:¹³

Felicidade

Felicidade – o título tão comprido deste poema tão pequeno!
 Felicidade – substantivo comum, feminino, singular, polissilábico.
 Tão polissilábico. Tão singular. Tão feminino. E tão pouco comum.
 Substantivo complicado, metafísico
 que cabe todo
 na beleza clara de alguém que eu sei
 e no sorriso sem dentes de meu filho.¹⁴

¹² OLIVEIRA, Solange Ribeiro; RENAULT, Affonso Henrique Tamm. *Depoimento, Abgar Renault*, p. 40.

¹³ O tema da felicidade, não muito afim à sensibilidade melancólica de Abgar, pouco aparece em sua obra. É tratado em texto, inédito, em prosa, conservado no *Caderno I*, p. Em versos, o tema surge em sua juvenilia, numa estrofe despreziosa publicada na *Revista Acadêmica* da Escola de Direito em agosto de 1921:

Felicidade! Quantas doudas almas
 aqui a buscam entre mil abrolhos!...
 Para nós, ella está nas ansias calmas
 das tuas mãos presas nas minhas palmas,
 dos teus olhos sonhando nos meus olhos...

¹⁴ Uma versão quase idêntica (na qual “todinho” é substituído por “todo”, e “bondade” por “graça”) é publicada na revista *Fon-Fon* em fevereiro de 1933.

No *Depoimento* Abgar declara que quando compôs “Felicidade” tinha abandonado preconceitos literários e sentia-se inteiramente aberto às conquistas da poesia moderna: “alcançara compreender o sentido fundamental do modernismo”. O poeta tem razão. “Felicidade” confere a seu tema eterno um tratamento moderno – modernista? – no sentido em que, nas palavras do próprio Abgar, Drummond, independentemente do movimento de 22, já nasceu moderno: pelo “total despojamento retórico, uma ausência completa de qualquer ressonância verbal e de imagens coruscantes, uma pura nudez de expressão, ausência de rimas e liberdade métrica”. Ou, como dirá em outra versão do *Depoimento*: modera-se a efusão emotiva, há “menos artifício e retórica, menos figurino, menos manequim, menos espartilho, menos *maquillage*, e, em conseqüência, menos forma obrigatória e cristalizada, em suma: a expressão existencial da poesia, graças a sua aproximação mais íntima ao próprio exercício da vida”.¹⁵ Salta aos olhos o abismo entre essa nova forma poética e a dicção canhestamente tradicional de um soneto também sobre o tema da felicidade, enviado a Ignez durante o noivado. Mais uma vez, à transição na experiência vivida – a passagem do sonho à realização amorosa – corresponde uma transformação estética.

“Felicidade” consta em *A Outra Face da Lua*, terceiro livro de *Obra Poética*, pouco divergindo da primeira publicação na revista *Verde* em 1927, excetuada a atualização ortográfica e a substituição de algumas palavras. O breve poema explora a definição dicionarizada da palavra “felicidade”, para recriar, sem idealizá-la, uma ventura muito concreta, ao lado de uma jovem mulher, com o primeiro filho nos braços.

O texto parece ter nascido virtualmente perfeito. Mesmo assim Abgar não deixa de burlá-lo, com o mesmo desvelo com que, em casa, rodeia o berço do primogênito. O cotejo com versões anteriores

¹⁵ *A Aventura Modernista*. Texto de conferência proferida em Belo Horizonte, introduzido por Fábio Lucas em *Revista da Academia Mineira de Letras*, v. XXVI, set., out., nov. 2002, p. 7-21.

mostra que, na versão final, o pronome “todo”, mais grave e contido, substitui o coloquial “todinho”, e “beleza clara” toma o lugar de “bondade simples” e “graça simples”. A troca dessas expressões, paralelamente à “corporal iluminação” descrita em *A Princesa e o Pegugreiro*, revela as qualidades encontradas na esposa.¹⁶ Ela é “bôa, pura e simples” (...) “fina”, “amavelmente inteligente”, e “bella”. Seus traços de “caráter, inteligência e sensibilidade” irão exercer “rara influência” sobre a vida do poeta, como declara mais de meio século depois.¹⁷ Esses dons ornamentam a jovem mãe e a singela felicidade que, em 1927, encontra expressão no poema homônimo. No tom direto, característico do Modernismo, o texto exhibe a mesma integração de forma e tema, que, no pastiche do barroco, ditara a fórmula para a frustração amorosa, e, no Simbolismo, para a lenta conquista da amada.

¹⁶ Em publicação muito diferente, Abgar parece estar também falando da esposa: (...) “tu, embora sejas quem és, és também mulher... mulher antes de tudo. Sim, antes de seres bôa, pura e simples; antes de seres fina e amavelmente inteligente: antes mesmo de seres bella, – és mulher, simplesmente mulher”. Desconfio que essas palavras, constantes de um texto em prosa “Cartas sem Resposta”, dirigidas a “Minha amiga” na revista *Frou-Frou* em agosto de 1924, refiram-se a Ignez Brant. O texto encontra-se entre os recortes dos cadernos confiados a Affonso Henrique Renault, e incorpora observações às contidas em carta de Abgar a Ignez, de 18/09/1925: “Tu me dizes que tua qualidade única é a sinceridade. Não é assim. Dize, antes, que ella é uma das tuas qualidades. Antes de seres sincera, és bôa. E que fôra uma mulher, si não fosse boa.”

¹⁷ Essa declaração foi feita por Abgar em discurso de 1979, ao receber o título de Professor Emérito da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.



Abgar e Ignez Renault, recém-casados, na chácara do bairro Santo Antônio

“Felicidade” registra a liberação de velhos padrões métricos, a conquista do verso livre, de novas colocações lexicais e construções sintáticas. Também em outros poemas dessa fase desaparecem a musicalidade dolente do Simbolismo, os contornos difusos, as imagens rebuscadas, a sublimação erótica. Inaugura-se uma forma enxuta, marcada pela reticência, a ambigüidade, a bem-humorada ironia, sobretudo a auto-ironia. A metamorfose não caracteriza, entretanto, uma rendição incondicional. Sensível ao novo movimento, Abgar nunca se torna propriamente um modernista. Não se identifica com qualquer de seus grupos ou assina os programas lançados de 1922 a 1930. Em termos estilístico-biográficos, o tom despojado de “Felicidade” pode ser associado à despreocupação desse momento da vida, quando todas as portas parecem abrir-se, e a felicidade, no lar e na profissão, espanta a melancolia que sempre rondou o temperamento do poeta. Em 1929, com a mesma forma enxuta, o

poema “Estado de Alma” continua celebrando a felicidade, valorizada pelo prazer de sabê-la íntima, secreta, anônima numa grande cidade. Versão mineira do *flâneur* baudelairiano, a persona lírica vagueia pelas ruas. Transcrevo o poema, não incluído em *Obra Poética*, embora merecesse melhor destino. Segundo o título, integra um conjunto maior, uma “antologia modernista”, cujo todo não consegui localizar:

ANTOLOGIA MODERNISTA

XXVIII – ESTADO DE ALMA

Eu estava sozinho
na rua larga da grande cidade
Eu com a minha felicidade.
Todo mundo passava,
ninguém me via.
Eu era estranho ali,
olhando tudo com olhos estranhos.
Eu estava perdido na grande cidade,
sem conhecer ninguém, nem ninguém me conhecer.
E como era doce, como era bom
sentir minha felicidade anonyma
rolando tumultuosamente,
no coração indiferente da grande cidade!¹⁸

A que cidade se refere o poema? A Belo Horizonte? A jovem capital não justifica ainda a qualificação de “grande cidade”. Só em 1940 ultrapassa 200 000 habitantes, embora, comparada com a pequena Barbacena de seu nascimento e visitas de adolescente, possa, no limiar dos anos trinta, ter parecido a Abgar uma metrópole.

Diferentemente de “Estado de Alma”, “Poemeto Matinal”, da mesma época, deixa poucas dúvidas sobre o cenário a que alude. É certamente Belo Horizonte ao início do século XX, de montanhas

¹⁸ Em *Caderno II*, p. 88, aparece outra versão do poema, ligeiramente modificada, publicada com o título “Intimista” em *O Jornal* de 27/08/1929. Outro recorte do poema, em *Caderno II*, p. 87, não traz indicação do veículo de publicação, o que ocorre novamente em *Caderno II*, p. 85 e 160, este último datado de 31/08/1933.

ainda intocadas pela exploração do minério de ferro, como intocado estaria o Pico Cauê de Itabira, que hoje sobrevive quase só na paisagem de Drummond. Vindo de seu bairro, o autor de “Poemeto” dirige um Ford pelas ruas já esburacadas dessa Belo Horizonte, que, como o automóvel, assemelha-se, no texto, a uma criatura viva. Cidade e carro espelham o jovem adulto. De olhos, narinas e lábios alertas, ele recobra a meninice, e desperta alegre para o trabalho. Abgar deve estar realmente feliz para sentir-se assim às sete da manhã, ele que, deitando-se habitualmente tarde, detestava acordar cedo! Aos que conheceram esse seu vezo, surpreende esta celebração das primeiras horas do dia:

Poemeto Matinal

O ar da manhã beija a minha face.
 A minha alma beija o ar leve da manhã
 e olha a paisagem longínqua da cidade,
 que branqueja alegremente na distância
 e sorri humanamente
 um sorriso branco no caiado das casas
 que montam os flancos das colinas azuis
 e espiam pelos olhos escancarados das janelas.

7 horas. Vai começar a função.
 O despertar das sirenes fura liricamente
 o silêncio doirado da manhã.
 Parece que a vida acorda agora pela primeira vez
 e esfrega os olhos deslumbradamente...

Meu Ford fordeja dentro da manhã
 e sobe a rua velha do meu bairro,
 arquejando, bufando, fumando gasolina.
 Meu Ford a cabriolar nos buracos da rua descalça
 é um cabrito todo preto a cabriolar, prodigioso.
 O ar leve beija o radiador
 e beija a minha face.

A meninice de todo o meu ser
 na doirada névoa desta manhã!

Composto em 1926, ano do casamento de Abgar, o poemeto, denominado apenas “Matinal”, é publicado em 1927 no número 3 de *Verde*. A revista traz, em folha de papel verde, separada, o “Manifesto do Grupo Verde de Cataguazes”. Registra a “linha divisória” que os signatários dizem separá-los dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros”. Declaram-se “objectivistas, embora diversíssimos uns dos outros”, e proclamam: “Não damos a mínima importancia à critica dos que não nos compreendem”. Os nomes dos autores incluem, entre outros, Emílio Moura, Mário de Andrade (com “Caso da Cascata”, de *Macunaíma*) Oswaldo (sic) de Andrade (com excerto de *Serafim da Ponte Grande*), Carlos Drummond de Andrade (com o poema “Quadrilha”), e Pedro Nava, cuja contribuição, o poema “Ventania”, usa a nova ortografia brasileira dos modernistas, e acompanha o trajeto do vento por pontos marcantes da jovem Belo Horizonte: o cemitério do Bomfim, a praça do mercado, a Avenida do Comércio, a Avenida Afonso Pena, o obelisco da Praça Sete e o Cruzeiro, chegando à mata vizinha e à Serra do Curral. Lê-se também uma curiosa quadrinha de Blaise Cendrars, endereçada às “jeunes gens de Catagazes (sic)”:

Tango vient de tanguer
Et jazz vient de jaser
Qui importe l'etymologie
Si ce petit Klaxon m'amuse?

Nesse número de *Verde*, “Modernismo”, texto de Martins de Oliveira, comenta o “brilho estonteante” de vários nomes, entre os quais Manuel Bandeira, Graça Aranha, Mario de Andrade, Menotti del Picchia, Oswaldo de Andrade, Buarque de Hollanda, Raul Bopp. Entre as “tendências modernizantes”, cita Abgar Renault e Guilherme de Almeida. Entre os “novíssimos”, situa Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade e nomes hoje quase esquecidos: “artistas brabos, cheios de esperanças e alegrias”. O artigo comenta os combates que o modernismo é obrigado a travar, mas também profetiza seu triunfo, e aponta suas fortalezas mineiras:

O modernismo existe: está ahi, à vista de todos. Será como têm sido os variados movimentos estheticos em todos os tempos: uma coisa a ser contada amanhã pela história. Os livros estão aparecendo. A discussão aumenta. Há gritos, há chinfrins. Tudo é combate. O que é certíssimo é que, amanhã, pelas cartilhas de historia da literatura, leremos qualquer coisa parecida com o capitulo que segue: “o Brasil commemorou seu centenario com grandes e extraordinarias festas. Enquanto as grandes associações litero-scientificas tormavam (sic) champanha francêsa e o legitimo e capitoso Burgogne, entre leituras insípidas, fastidiosas de interminaveis monographias e relatorios, – os modernos humildes à roda das mêsas, no Tavares, no Lamas, do Rio, e Bar do Ponto, em Bello Horizonte, discutiam, entre goles de café e guaraná-espumante, as possibilidades de um Brasil grandioso, desse Brasil postigo que anda a querer enxugar o nariz no lenço d’alcobaça de Camillo e repetir os motivos de Lamartine ou de Flaubert.”¹⁹

“Matinal”, o poemeto de Abgar, depois incluído em *A Outra Face da Lua*,²⁰ é também publicado em diversos jornais, com versões ligeiramente diferentes. No *Diário do Comércio* de 17/05/1928, é precedido de uma nota que ressalta (sem ironia) o novo rumo literário tomado por Abgar:

a poesia moderna chegou até Minas. A phalange modernista das alterosas é grandiosa. Os valores novos filiaram-se às novas correntes estheticas. Haja vista as ultimas produções de Abgar Renault, o fino poeta que todos nós admiramos. Abgar abandonou a rima e a métrica. É hoje o poeta da simplicidade. O verdadeiro poeta.²¹

Essa avaliação não poderia prever que não cessaria aí a pesquisa formal na poética de Abgar. Os livros posteriores revelarão fronteiras discursivas plurais, lugares enunciativos sempre cambiantes,

¹⁹ OLIVEIRA, Martins de. *Modernismo. Verde*. Cataguazes, ano 1, n. 3, 1927, p. 17.

²⁰ Cf. *Obra Poética*, p. 79.

²¹ O poema aparece também no *Estado de Minas*, 16/05/1928, e em *Festa*, 01/02/1928. Há ainda um recorte com a tradução feita por Alberto Guillén, para o livro *Poetas Jovenes de America* (Madrid, 1930) *Caderno II*, p. 87, 80, 79.

próprios da progressiva constituição de um sujeito poético que, encarnando simultaneamente a continuidade e a ruptura da tradição, acaba por se fazer pós-moderno.

BAUDELAIRE DAS GERAIS

Eu estava sozinho
na rua larga da grande cidade

“Estado de Alma”

No poema “Estado de Alma”, surpreendemos o poeta dirigindo seu Ford em direção ao local de trabalho. O carro deve ser o mesmo que, em carta à noiva, em 8 de maio de 1926, Abgar se mostrava pronto a vender, caso ela preferisse um chevrolet. Belo Horizonte, a “grande cidade” mencionada no poema, mal contava cem mil habitantes. Ela emerge dos cadernos de recortes, museu particular dos aspectos da capital mineira que cativaram o olhar do poeta. Podemos imaginar sua figura alta e esguia, flanando por ruas e praças qual novo Baudelaire – ou João do Rio belohorizontino – freqüentando bares e cinemas, salas e salões mineiros. Entre os textos de outros autores colecionados por Abgar destaco um, de Paschoal Carlos Magno. Visão romantizada de Belo Horizonte em meados dos anos vinte do século passado, apresenta a capital como “Cidade-Jardim”, “cidade de amores religiosamente verdes, vestida de esperança”, “cidade que só sabe rezar”, sem o “tumulto incendiário das metropoles”. Povoada de poetas, “festa floral de rhythmos e pensamentos”, cita Abgar Renault em primeiro lugar. Para Carlos Magno, Abgar “renova o pantheismo de S. Francisco de Assis, falando às águas-moveis, amando o cantico dos passaros e o vôo das abelhas...” Em termos igualmente melífluos, a crônica menciona Djalma Andrade, Emilio Moura, Baptista Santiago, Mario de Lima, Noraldino Lima, encerrando a lista com Carlos Drummond, Albano de Moraes e Evagrio Rodrigues. O autor não se esquece das poetas: Henriqueta Lisboa, Mieta Santiago, Celina Coelho, Maria Rita Burnier,

Julinha Alvim, Berenice Prates. A lista de nomes, que ilustra a presença de mulheres entre os intelectuais da época, não parece impressionar o autor. Ele se detém num fato bem mais banal, que ele considera “uma particularidade notável de Bello Horizonte”: o pequeno número de loiras da cidade. As belorizontinas “parecem ter nascido à hora das vespéras. São typos morenos, de largos olhos, como vindos das terras santas da Palestina”. Acrescenta que a “Cidade Jardim” parece “despovoada de moças”. “Só se vêem homens: nas ruas, no theatro, nos cinemas, na igreja”.¹

O jornalismo da época nem sempre valida essa visão de uma Belo Horizonte bucólica e quase monástica. A cidade começava a imitar as metrópoles, pelo menos no que diz respeito a crimes passionais. Entre os recortes de Abgar, encontra-se a notícia de um rapaz de Porto Novo do Cunha que vem à capital para assassinar a esposa, fugida do lar em busca de outro amor. Felizmente os cinco tiros disparados erraram o alvo.² Mas há outros sinais de crescimento. Já em 1926 Abgar, que continua a cultivar a crônica jornalística, assinala ironicamente a adoção generalizada dos novos aparelhos do “progresso”, as inovações tecnológicas, que anunciam outras mudanças na vida urbana. “O silêncio é a sabedoria”, comenta, “sobretudo depois do gramophone e do telephone”. No entanto, o poeta sabe que não é possível, nem desejável, deter o rumo das coisas: o “ponto final não existe. Tudo continúa”.³ Tudo continua, e, portanto, muda. Não é coincidência que, na mesma página da revista carioca onde consta o texto de Abgar, o cronista Heitor Pereira, assinale a chegada das saias curtas, que “estão no rigor da moda”, pelo menos no Rio de Janeiro:

¹ Paschoal Carlos Magno. “A Cidade-Jardim”. *A Patria*, 17/01/1926.

² “Tentativa de assassinato”. *Minas Geraes*, 05/11/1923. *Caderno II*, p. 2.

³ “Palavras, muito simplesmente”. *Para Todos*, 27/02/26. *Caderno II*, p. 34.

Pernas bem feitas, assim como pernas escanifradadas e pernas obesas, exibem-se dentro das celebres meias côr de carne, com uma semcerimonia nunca vista, por toda parte da cidade. Curtas e rodadas as saias agora em voga prestam-se perfeitamente a uma exposição completa de canellas. Não é necessario o menor trabalho por parte dos marmanjos para gosar a plástica impeccavel de certas pernas, como o “mocotó” ou o “caniço” de outras. Há mesmo algumas “melindrosas das mais exageradas, que deixam propositadamente de fora as suas graciosas rotulas”.⁴

No entender do cronista, essa desenvoltura não valoriza, pelo contrário, desvaloriza, as jovens, que ele considera exibicionistas:

Antigamente as pernas femininas eram cobiçadas pelos olhares avidos dos “moços bonitos” durante o “trottoir” da Avenida. Hoje, entretanto, parece que as saias curtas desvalorisaram as pernas, pois é notório o pouco caso dos senhores “almofadinhas” para com as nossas lindas aves pernaltas. No “footing”, não mais se preocupam os rapazes, com os tornozellos, joelhos, ou outro qualquer accessorio das pernas. Formosas pernas da côr do leite ou morenas da côr do milho tostado, passam hoje quasi alheias aos olhares dos homens. É a lei natural da oferta e da procura. Quanto maior é o offerecimento menor é a cobiça. As pernas foram tão facilmente offerecidas pela exigencia da moda, que acabaram vulgarisadas (...) Detenham as modistas e as costureiras a marcha perigosa das modas, senão, veremos as pobres “coitadinhas”, como simples figuras de gesso, indesejaveis...⁵

Em outro recorte, com textos em prosa de Abgar Renault,⁶ vê-se a foto de uma senhorinha” do C.R. (Clube Recreativo?) Vasco da Gama, que parece feita para ilustrar a crônica de Heitor Pereira.

⁴ Heitor Pereira, “As saias curtas”, *Para Todos*, 27/02/1926. *Caderno II*, p. 34.

⁵ *Para Todos*, 19/03/1927.

⁶ Abgar Renault, “Sem Qualquer Intenção”. *Para Todos*, 19/03/1927. *Caderno II*, p. 69.

Assentada, grande chapéu e sorriso triunfante, a jovem usa uma saia curtíssima.



A moda das saias curtas - 1927.

Em Belo Horizonte, as coisas não parecem diferentes. Ao contrário de Paschoal Carlos Magno, o Abgar *flanêur* nota a presença de mulheres por toda parte, nas ruas, nas praças, nos bondes, nos confeitarias. Registra a ousadia de saias e decotes:

Quadras da moda

Pelas modas actuaes
sòmente está bem vestida
a mulher que possui mais
coragem de andar despida.

Os queixos ficam cahidos
perante esta lei medonha:
sobe o cambio dos vestidos,
desce o cambio da vergonha...

Hoje, p'ra sahir à rua,
sem ficar com a cara em brasa,
a mulher sâe quasi núa,
e deixa a vergonha em casa.

Si acaso sobe num bonde,
ao que mostra já não liga;
e se alguma coisa esconde,
é muito acima da liga...

O decote vai baixando,
a saia lá vai subindo...
O caso em si é nefando,
mas o resultado é lindo:

pois, si assim continuar,
(é sério, ninguém se ria!)
o decote e a saia, um dia,
acabam por se encontrar...

Nesse dia (ô pae Adão!)
cessada toda a algararra,
as modas retornarão
À simples folha de parra...⁷

Essa voz lembra o Abgar que, a respeito dos vestidos curtos, escreveu à noiva em de 23 de outubro de 1925:

Reprovo-os, porque entendo que as apparencias poderão dar, como dão (aos outros, é claro), uma impressão diversa de ti. Ninguém traz o pudor no vestuario. Mas as apparencias é que fornecem a impressão mais forte. Que pensariam de mim, si eu apparecesse amanhã na Avenida com um fato rôto? No minimo, alguns pretenderiam dar-me esmolâs.

Ignês deve ter contra-argumentado com a petulância de sempre, porque, no dia 29 do mesmo mês, Abgar volta ao assunto, para ressaltar que não duvida do recato dela: "Nem sou mendigo, nem tu és leviana". Ignês sabe conciliar a moda e o gosto do noivo, tanto que, em carta

⁷ "Quadrâs da Moda". *Diário*, 27/11/1926. *Caderno II*, p. 50.

de 27 de maio de 1926, ele reconhece a importância da moda, e louva a discrição que a jovem afirma adotar nos vestidos do enxoval.

Em suas andanças diurnas, Abgar costuma passar pela sorveteria Trianon, “ponto de reunião da nossa gente elegante”. O lugar atrai as moças, cuja ardente beleza, segundo o cronista, derrete sorvetes e faz ferver os “cocktails” dentro dos cálices.⁸ As jovens deixam-se admirar também em outros lugares, entre os quais a Praça da Liberdade. Em 11 de maio de 1926, dirigindo-se ainda à noiva, Abgar descreve a praça num feriado, “admirável de iluminação e repleta de gente”, “por motivo da chegada do futuro presidente ou rei do Brasil”. Com saudades de Ignez e preocupado com uma doença da mãe, o missivista escreve ironicamente, indiferente à beleza do lugar. Em outro momento da vida, em sua lua de mel, assume um bom-humorado lirismo. Descreve a Praça como cenário do *footing* belo-horizontino, animada por banda de música, repleta de namorados espalhados pelos bancos:

Footing

Na Praça da Liberdade,
à luz branca do luar,
é que os olhos da cidade
gostam mais de “footingar”.

Ao barulho dos dobrados
da banda policial
vêm surgindo os namorados,
como pombos num pombal.

Enchem-se os bancos de gente,
e nas ruas do jardim
ouvem-se indiscretamente
confissões de amor sem fim,

De amor eterno que dura
o quanto dura uma flor,
mil promessas de ventura

⁸ “Vida Frivola”. *Correio Mineiro*, 13/11/1926. *Caderno II*, p. 47.

com casorios a vapor...
 Mas quando a banda se cala
 vae pouco a pouco tambem
 calando-se a humana fala,
 e eis a praça sem ninguem.

Fica, porém, pelos ares
 um perfume de mulher
 e por todos os lugares
 petalas de malmequer...

Depois os vultos calados
 das arvores ao luar
 ainda são namorados
 cansados de "footing".⁹

Cyro dos Anjos descreve em prosa essa Praça. Em seu jardim

modelado pelo de Versalhes (...) havia retreta aos domingos, invariavelmente aberta com a Protofonia de O Guarani. E, melhor que a retreta, o footing: na alameda à direita de quem ia no rumo do Palácio, caminhavam rapazes e moças de família;

Depois os vultos calados

na esquerda, que passava ao pé do coreto, criadas e soldados de polícia. Uma rua central, em meio a renques de palmeiras-imperiais, separava a sociedade e a plebe; democráticas, as roseiras floriam indiscriminadamente do lado preto e do lado branco.¹⁰

Nesse cenário o grupo de Abgar admirou as jovens casadouras e, segundo Nava, Milton Campos namorou Dea Dantas, sua futura esposa.¹¹

Nem só na Praça da Liberdade os belo-horizontinos fazem o *footing*. Numa breve crônica, após dias de chuva, Abgar nota o

⁹ "Footing". *Correio Mineiro*, 07/11/1926. *Caderno II*, p. 48.

¹⁰ ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*, p. 268.

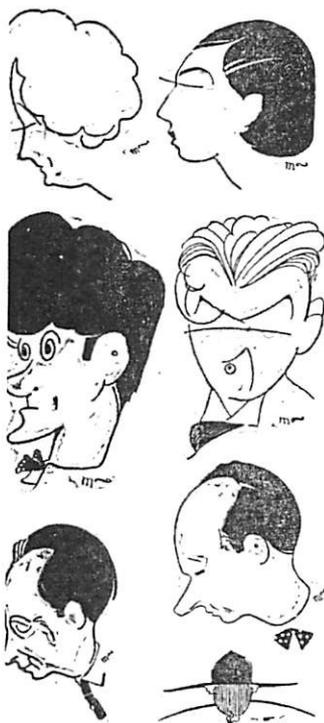
¹¹ NAVA, Pedro. *Beira-Mar*, p. 29.

movimento na rua da Bahia, “saudosa do passo leve das mulheres e das militares passadas dos homens”. Menciona os adeptos do “gosto elegante de fazer um footing amavel”, associa figuras conhecidas e alusões literárias. Entre as mulheres, além de Lucia e Ruth Pinheiro, de Maria Emilia Lima, das senhoras Olavo Pires, Gudesteu Pires, e de uma senhora Decat, destaca, sem indicar seu nome, “a elegantissima senhora X, que deve, em tudo por tudo, ser aquella mesma de que sempre fala Julio Dantas”. (Será a recém casada senhora Ignez Brant Renault, que sempre primou pela elegância?) Entre os homens, fazem o *footing* os senhores Deputados Elpidio Cannabrava e Washington Pires e os doutores Alberto Campos, Manoel Alvares, Carlos da Cunha Peixoto, Gago Pimentel e outros.¹² O jovem Alberto Deodato, que se notabilizaria como jurista, também deve andar por perto. Deodato chama a atenção por “sua cabelleira florestal” que conservou até a velhice. Segundo informa o cronista, em 1926 Deodato havia escrito uma comédia, na qual discutia o tema da calvície. Esclarece que, ao contrário de certas opiniões, “careca” (a palavra mais obscena da língua portuguesa) não significa “inteligente”, mas apenas “sem cabelo”.¹³ O interesse de Abgar pelo assunto poderá ser atribuído à inveja que lhe inspiram as madeixas de Deodato? Possivelmente. Com o recuo dos cabelos, o poeta já exhibe uma testa avantajada na foto de casamento. O início da careca é confirmado por uma caricatura de Abgar, incluída entre as de outras “figuras de relevo de Bello Horizonte: poetas, pintores, artistas”, pelo lapis “subtil e ironico” do caricaturista Monsã. Os esboços valem como amostra das figuras representativas que circulavam pela capital.¹⁴

¹² “Da sociedade”. *Correio Mineiro*, 12/11/1926. *Caderno II*, p. 47.

¹³ “Descabelladamente”. *Correio Mineiro*, 13/11/1926. *Caderno II*, p. 47.

¹⁴ “Belo Horizonte através do lapis de Monsã”. *A Manhã*, 18/11/1927. *Caderno II*, p. 4.



Flanando pelas ruas, nosso Baudelaire às vezes contempla visões inquietantes para os belo-horizontinos conservadores. As mulheres começam a fumar, dirigir carros, usar gíria. Abgar descreve algumas partidárias desses hábitos “masculinos”:

Mademoiselle Futilidade

A toda velocidade
por ser moderno o ser “chic”,
menina Futilidade
vai guiando o seu “Buick”.

É uma criatura areada
que abala a cidade inteira
só por ter uma manada
de macacos na mioleira.

Usa smoking e bengala,
 dança o charleston, já fuma;
 si acaso abre a boca, fala
 (só em gyria) cada uma!...

Flirta dez almofadinhas:
 é uma moça futurista,
 à qual, nas nossas rodinhas,
 Não há louco que resista

Eil-a que lá vae passando
 nos seus passos distrahidos
 os corações vão pulando,
 os queixos ficam cahidos...

E ante a rapaziada queda,
 apressando o passo lento,
 ella é um punhado de sêda,
 fluctuando ao léo do vento...¹⁵

Os conservadores podem ridicularizá-lo, mas o feminismo avança na cidade. O cronista transcreve trechos de uma conversa, que afirma ter ouvido por acaso: “já há engenheiras, advogadas, médicas, dentistas, e, segundo dizem, o Rio já possui autos de praça dirigidos por mulheres. Em alguns paizes ellas já votam e são votadas”. A observação faz parte de um diálogo, registrado numa crônica de Abgar, que declara tê-lo escutado num bonde da Serra, onde viajavam apenas três passageiros, (“uma moça elegante, um rapaz com ares de ‘sportsman’” e ele próprio). Segue um trecho do diálogo:

- “Pois saiba que eu sou feminista. É uma grande idea moderna.”
- “Nem é grande, senhorita, nem é moderna. Imagine que Platão cometeu a tolice de ser feminista”.
- “Si é tolice, é uma tolice victoriosa, que os homens temem...”
- “Não vejo razões para termores.”
- “Pois fique certo que há. Na Inglaterra, lady Terrington, e lady Astor entraram para a Camara. Na Dinamarca e na Turquia Nina e Halide Edite Hanum são ministras.”

¹⁵ “Mademoiselle Futilidade”, *Correio Mineiro*, 07/11/1926. *Caderno II*, p. 48.

- “Ahi tem a senhorita a explicação para os três sexos imaginados por um escriptor – masculino, feminino e suffragista...”
- “Não faça ‘blague’. As mulheres serão eguaes aos homens. Terão os mesmos direitos que elles.”
- “Perfeitamente. Fumar, usar bengala, collarinho, gravata e smoking. Isso mesmo já é demais”.
- “Tudo isto já temos. As nossas conquistas são agora de ordem política e social.”
- “Senhorita, a formação intellectual da mulher invalida-a para essas cousas as quaes só servirão para masculinizar-as”.
- “Qual! O exercicio continuo do meu cerebro nos dará o mesmo valor intellectual do homem. Não há diferença essencial entre homens e mulheres.”
- “Há!”
- “Ora, a diferença é uma coisinha atôa,” disse a moça discplicentemente.”
- “Perdão, senhorita (...) nem sempre é coisinha. Fique certa...”¹⁶

Irritado com o duelo verbal, o cronista desce do bonde numa rua distante: não apenas os lugares amenos ou pitorescos – bares, praças, jardins, salões, cinemas, bondes – atraem seu olhar. Ele se fixa também em sítios afastados. Aí a pobreza agrava a tragédia da morte, ante a indiferença dos homens e dos astros. Abgar desce num bairro pobre, e, por acaso, assiste ao enterro de uma criança. A cena pode ter inspirado um sóbrio e dolorido poema, Vibra nele uma nota social, despida do nativismo que logo virá marcar a literatura brasileira:

Na rua feia
 Na rua feia,
 de casas pobres,
 morreu o filhinho daquela mulher
 que lava o linho rico
 de um bairro distante.
 Morreu bem simplesmente,
 assim como um passarinho.
 O enterro saiu... lá vai...

¹⁶ “Feminismo”. *Correio Mineiro*, 14/11/1926. *Caderno II*, p.48.

um caixãozinho azul
num carro velho de 3ª classe.
Atrás dois autos. Dois.

A tarde irá pôr luto
na rua feia,
de casas pobres?

Garotos brincam de esconder
atrás do muro de cartazes.
Lá no alto
vai-se abrindo grande céu sem mancha
cruzeiro-do-sulmente iluminado.

(*A Outra Face da Lua*, p. 78)

Abgar toma outra vez o bonde, de volta à cidade. À porta do cinema Odeon, não resiste (“em Belo Horizonte, quem não vai ao cinema, onde vae?”). Ainda há tempo para assistir à segunda sessão. Só precisa enfrentar a fila para comprar o ingresso, que todos querem adquirir ao mesmo tempo. Estes versinhos registram a cena:

Cinema

Oito da noite. O Odeon
dá a nota do bom-tom.

- Uma entrada, faz favor!
 - Três aqui, siô bilheteiro!
 - Duas p’ra mim! E o dinheiro
- Tine às mãos do vendedor.

O suplício da espera oferece uma compensação: ouvir as conversas dos companheiros da fila:

Toda a sala regorgita.
Velha e velho, moço e moça
– tudo está em alvoroço
para ver a nova fita.

- Lon Chaney é um chamariz!
- Grande actor! – Não gosto delle!
- Olha essa moça...Que elle!

E aquella ali...Que nariz!

– Como a Maria está feia!
Que roupas mal enjambradas!
E tesouras afiadas
Vão tosando a vida alheia...

Mas a primeira sessão
está quase terminando:
sente-se, de quando em quando,
um puxão... um empurrão...

Ainda há que enfrentar a arrancada final, antes de conseguir entrar na sala de projeções:

É dado o grito de guerra:
esmagamento de callos...
chapéus quebrados, abalos,
tombos, tremores de terra!

E a furia de entrar é tal,
a estupidez tão intensa.
– Deus do céu! – que a gente pensa
estar fora de um curral!
Com vistas à polícia!¹⁷

Abgar volta ao assunto em texto em prosa, para comparar o espetáculo à porta do cinema ao “estouro da boiada”, de Rui Barbosa e Euclides da Cunha.¹⁸ Provavelmente a crônica não exagera muito, porque logo depois um leitor envia à redação uma carta de aprovação:

A rapaziada de Belo Horizonte que frequenta o ODEON necessita mesmo de uma lição de civilidade.

O signatario desta, não obstante julgar este cinema como um dos melhores da Capital, não o frequenta porque à primeira vez que lá compareceu rasgaram-lhe a roupa e quasi o esmagaram com empurrões na ansia desmedida de conseguirem o melhor logar!...

¹⁷ “Cinema”. *Correio Mineiro*, 16/11/1926. *Caderno II*, p. 48.

¹⁸ “O Estouro da Boiada”, *Correio Mineiro*, 19/11/1926. *Caderno II*, p. 48.

O título do seu “suelto” está adequado. Sim, senhor... O estouro da boiada... Não existe mesmo diferença!...¹⁹

Em relação ao cinema, Abgar já escrevera à noiva em 26 de novembro de 1925, esta crítica ao artificialismo das tramas folhetinescas:

O cinema está muito fora da vida. Há nelle uma logica forçada, que a vida desconhece. A virtude acaba sempre tendo um premio. O mal sempre termina castigado. Na vida a cousa nem sempre é assim. No cinema tudo finda sempre muito bem, como nos romances ‘rastaquéras’, porque há mais a preocupação de agradar do que a de ser verdadeiro. O cinema retrata muito bem os aspectos materiaes da vida, justamente porque é photographia. O resto... Mas, que fazer?... O cinema é americano...

Nem por isso Abgar deixa de assistir a seus filmes, de que realmente gosta, e de usá-los como pretexto para uma crônica abordando a relação entre Literatura e Cinema. Tendo assistido a uma versão cinematográfica de “O Leque de Lady Windermere”, publica um texto que, resumidamente, introduz a obra e a personalidade do autor da peça. Para Abgar, Oscar Wilde parece

alguem que tinha muito de grego em si: a sedução pessoal, repartida por um physico apollíneo e por um espirito apollíneo (...) uma especie de moderno sophista da arte (...) um moderno antytipo de Alcebiades, numa Athenas brumosa e indifferente, muito mais difficil de ser dominada do que a Athenas do sobrinho de Pericles.

Embora elogie a caracterização do protagonista, Abgar deplora que, sendo mudo, o filme americano tenha descartado o mais típico da peça, “o jogo de palavras, phrases e paradoxos com que o auctor se diverte, como um habil malabarista.” O cronista julga que a lacuna poderia ter sido suprida por legendas, e passa a considerações mais gerais: as (inúteis) resistências, às vezes com argumentos de ordem

¹⁹ “O Estouro da Boiada”. *Correio Mineiro*, 25/11/26. *Caderno II*, p. 49.

moral, à arte cinematográfica, a possibilidade (a seu ver negligenciada) de usá-la como meio educativo, etc. Também critica a inépcia na tradução das legendas, agravada pelo que o autor chama do “fetichismo da letra de forma”, que contribui para fixar formas lingüísticas incorretas. O artigo se encerra com uma reflexão sobre o melancólico fim de Wilde: sua “redempção”, “na prisão de Reading, que criou o *De Profundis*, humanizou um homem e talvez tenha redimido sua alma. A redempção de Wilde está na miséria trágica de seu fim – que foi o paradoxo doloroso da sua própria vida... o seu ultimo paradoxo”.²⁰

Fala nesse texto o ex-aluno de Carlos Goes, cuja preocupação com a linguagem vai acompanhá-lo pela vida afora. Prenuncia-se também o futuro professor de Literatura Inglesa, e o tradutor de alguns de seus poetas mais representativos.

Os anos vinte, reconstituídos por seu álbum de recortes, mostram os primeiros passos do jovem adulto na vida profissional, na política e na família que está constituindo. Percorrendo a cidade, a pé, de bonde, no seu Ford, observa o movimento na rua, e de tudo faz matéria para escrita – versos humorísticos, crônicas ligeiras, crítica literária. Não lhe escapam as mudanças no panorama literário, os escassos eventos culturais e as personagens elegantes ou pitorescas da capital. Em “Chronica Elegante”, faz o levantamento da semana anterior, “semana civilizada, sem chuva”, com “um luar de poesia”, “um luar passadista”. Um trecho da crônica resume a “semana cheia como poucas”, ofuscada por um acontecimento social previsto para a semana seguinte:

na Praça da Liberdade e na Avenida Affonso Penna, “footing” a valer; nos cinemas, boas fitas. No Theatro, excellentes espetaculos; bella concorrência à exposição Anibal Machado: experiencias de gazogeno e outras cousas em que a gente ouve falar desconfiadamente, a principio, e em que acaba crendo. Mas a semana que se iniciou já deitou por terra o prestígio da que passou, com uma nota inédita de suprema elegancia. A illustre senhora Antônio Carlos, num

²⁰ “Wilde no Cinema”. *O Diário*, 11/11/1926. *Caderno II*, p. 47.

requisiteiro gesto de fidalguia, abriu as portas dos bellos salões do Palacio da Liberdade ao que de mais fino e elegante possui a nossa sociedade. Assim é que das 16 às 19 horas, o Palacio presidencial regorgitou de senhoras e cavalheiros que se entretiveram na mais amavel “causerie” durante as horas esfusiantes de graça e de alegria da encantadora recepção da senhora Antônio Carlos.²¹

Haverá alguma ironia nessa linguagem rebuscada? Abgar também preservou entre seus recortes um texto que lamenta “a decadencia intellectual nos salões”:

Antigamente, em qualquer reunião familiar, alem das quadrilhas, valsas e outras danças, que foram o encanto de nossos avós, havia infalivelmente uma parte literaria, não menos querida e apreciada por todos os presentes. Havia improvisadores que glosavam motes e repentistas que faziam quadrinhas humoristicas alusivas aos convidados. Havia o poeta lyrico, de cabellos revoltos, gravata de pintor e bigodes empomadados que ao som da “Dallila” recitava o “Noivado do Sepulchro”. Tudo isso porém passou. Hoje, nos salões e nas reuniões as finuras da galanteria foram substituidas pelo jazz e todos os frequentadores das nossas festas têm um único desejo, dançar, dançar e dançar...

A descrição contrasta o novo ambiente com o de outros tempos, aparentemente preferíveis, apesar da referência irônica aos poetas “de bigodes empomadados”. Tais eram as reuniões literárias, que no tempo de Abgar ainda sobrevivem no Centro Acadêmico da Escola de Direito. É lá que, dois anos depois de formado, ele volta, para assistir a mais uma “Festa das Chaves”. O programa merece a aprovação do articulista:

constou exclusivamente de numeros de arte. O poeta Abgar Renault pronunciou uma bellissima oração, evocando com profundo sentimento, às vezes, e outras com finissimo humor, os seus tempos de academico. Houve recitativos e discursos humoristicos deixando tudo, no espirito dos que lá foram, uma grata lembrança.

²¹ “Chronica Elegante”. *Correio Mineiro*, 21/11/1926. *Caderno II*, p. 48.

O público de Belo Horizonte não parece partilhar a admiração por esse tipo de programa:

ao contrario das outras vezes, não foi lá tanta gente como se esperava. Sobretudo representantes do bello sexo. E porque isso? Porque não houve danças e nem comedorias. Anunciassem os moços academicos um chá dançante ou uma soirée regados a cerveja e guaranás e seria preciso, como de outras vezes, policiamento nas portas, para conter a multidão.²²

No próprio meio acadêmico há quem não ame tanto as letras ou mesmo os estudos. Num longo e saboroso texto, Abgar trata do assunto. Ele lamenta que “a vida barullhenta e velocissima desses dias de ‘jazz band’, ‘shimmy’ e aeroplanos não deixe margem a estudar. Ou estudar ou viver. As duas cousas a um só tempo – eis um impossivel”.²³

Fora do Centro Acadêmico, Abgar não encontra muitas atividades culturais. Há o recital de poesia de Zita Coelho Netto, realizado numa noite de sábado no Theatro Municipal, “cheio do que há de mais culto e elegante em Bello Horizonte”. O repertório inclui Vicente de Carvalho, Victor Hugo, Olavo Bilac, Olegario Mariano, este último louvado pela “deliciosa ingenuidade” de sua “Canção” e pelo “largo ambiente brasileiro” de “Saci Pererê”. Saudada por uma comissão de acadêmicos de Direito e de Medicina, que lhe oferece uma “corbeille”, a “gentil *disease*”, em sinal de agradecimento, recita “com felicidade versos dos poetas mineiros Abgar Renault e Carlos Drummond”.²⁴

²² As apreciações sobre o mesmo evento variavam de periódico para periódico. Reportando-se à mesma reunião, outro texto, registrando a presença de autoridades como o desembargador Raphael Magalhães, presidente do Tribunal da Relação, do dr. Gudesteu Pires, secretário das Finanças, do dr. Francisco Campos, secretario do Interior, etc., fala também da presença de “senhoras, senhorinhas e cavalheiros do escol bellorizontino”. Os recortes com os textos “A decadencia intellectual nos salões” e “Festa Academica” encontram-se em *Caderno II*, p. 35, sem indicação do autor ou do periódico onde os textos foram publicados.

²³ “Signal dos Tempos”. *Diário de Minas*, 16/12/1926. *Caderno II*, p. 55.

²⁴ “O recital de Zita Coelho Netto”. *Diário de Minas*, 09/11/1926. *Caderno II*, p. 46.

Cerca de um mês depois, visitam Belo Horizonte Alberto de Oliveira, “príncipe da poesia brasileira” e a declamadora Angela Vargas, que recitou versos de Tancredo Martins, Mario de Lima, Benedicto Lopes “e outros da velha guarda”. Estranhando a ausência dos poetas mineiros nesse repertório, o *Diário de Minas* comenta:

Foi uma nota de alta distinção que a festejada declamadora teve para com os nossos poetas. Angela Vargas, porém, não incluiu no seu programma nenhum nome da nova geração intellectual de Minas, dessa gente inquieta e cheia de arrojo, que trabalha serenamente para a renovação da arte. Angela Vargas se esqueceu de Abgar Renault, de Carlos Drummond, de João Alphonsus e outros brilhantes intellectuaes mineiros.

Carlos Drummond, com aquella ironia tão sua, dizia a um grupo de modernistas, há dias: “Angela Vargas não recita nossos poemas porque nós não rimamos...”²⁵

Sobre a poesia nas Alterosas, vale a pena lembrar um “plesbiscito” promovido pelo *Diário de Minas* para eleger o “Príncipe dos Poetas Mineiros”. A título de curiosidade, destaco alguns nomes citados na primeira apuração. Augusto de Lima, autor de “Contemporaneas”, é o mais votado, já que, alega um de seus eleitores, “embora tenha abandonado a poesia, a poesia nunca o abandonará”. O *Diário* deseja indicar um “príncipe”, mas um paladino ardoroso, desafiando a questão de gênero, prefere eleger uma princesa, “Mlle. Henriqueta Lisboa, a delicada sinzeladora de ‘Fogo Fátuo’”. Na primeira apuração, Abgar Renault é o quarto colocado em número de votos: “embora não tenha nenhum livro publicado, é hoje o nosso mais perfeito artifice do verso”, declara um leitor, que se assina A. Peixoto. O leitor faz uma ressalva: “Pena é que se vá deixando levar pelas extravagâncias do modernismo”.²⁶ Sucessivas edições do *Diário de Minas* vão publicando o resultado das apurações. Em 31 de

²⁵ *Diário de Minas*, novembro de 1926, sem título. *Caderno II*, p. 54.

²⁶ “O Príncipe dos Poetas Mineiros. O plesbiscito do ‘Diário de Minas’”. *Diário de Minas*, 19/12/1926. *Caderno II*, p. 56.

dezembro de 1926 Abgar aparece em primeiro lugar, posição que mantém por várias semanas. Em 13 de janeiro de 1927 conta 2528 votos, seguido de Belmiro Braga, o segundo colocado, com 1834. Após 25 de janeiro, o primeiro lugar passa a ser ocupado por Honorio Armond, (louvado por sua “contemplação das puras verdades espirituais”²⁷). Armond é finalmente proclamado o “Príncipe”, eleito com 12.763 votos, seguido de Belmiro Braga com 8.810, e, em terceiro lugar, por Abgar Renault, com 6.946. Entre as princesas, vence Julinda Alvim, com 9.341 votos, cabendo o segundo lugar a Henriqueta Lisboa, com 8.107, o terceiro a Maria Rita Burnier, com 4.513 e o quarto a Cecília Meirelles, que conquista 1.633 votos.²⁸

O ano de 1927 inicia-se assim auspiciosamente para o Abgar poeta e intelectual, de reputação consolidada em Minas Gerais. Nesse mesmo ano, eleito Deputado Estadual pelo Partido, passa por uma súbita transformação, sinalizando as mudanças da vida. Desaparecem as quadrinhas humorísticas, a ironia suave, o lirismo descontraído e leve das crônicas sociais. Aos vinte e seis anos, Abgar está deixando para trás a parte amena de sua mocidade.

²⁷ “Poesia Mineira. A significação dos concursos do ‘Diário de Minas’”. *Diário de Minas*, 03/03/1927. *Caderno II*, p. 60.

²⁸ “O Concurso do ‘Diário de Minas’. Honório Armond e Julinda Alvim, eleitos príncipes da poesia mineira”. *Diário de Minas*, 27/02/1927, *Caderno II*, p. 61.

DUAS REVOLUÇÕES: Abgar Renault, Deputado Estadual

Cada povo tem o eleitorado que suas escolas formam.

Abgar Renault, *Reflexões efêmeras*

Há, pois, como vêdes, duas espécies de política, tão opostas e contraditórias com o a noite e o dia, o bem e o mal, a inteligência e a estupidez. A palavra política, em seu genuíno sentido, vem do vocabulário grego *polites*, que significa cidadão. (...) Foi a má política que possibilitou e, pois, realizou a revolução (...) Foram os seus desmandos, as suas arbitrariedades, os seus abusos de poder, o seu desrespeito às leis

Conferência do Deputado Abgar Renault na Escola Normal de Belo Horizonte, em 17-10-1930.¹

Sempre tivemos uma República de elite. Um presidente da República era eleito com 200 mil votos – e votos descobertos. Em 1930, eu assisti na minha cidade, em Cássia, Minas Gerais, à última eleição a descoberto. O eleitor chegava e o coronel ao lado, fiscalizando. Depois de Getúlio, com a emergência das massas operárias, das massas urbanas, não foi mais possível manter esse estreitamento. O Getúlio era um caudilho esperto. Para manter as elites sob controle, abriu as porteiras e deixou o povo entrar, mas patrocinado por ele. Todavia, abriu a porteira, e ela está aberta até hoje.

Antônio Candido, entrevista a *Claudio Cerri e Rodrigo Savazoni*, disponível no site da campanha “Lula Presidente”, agosto 2002.

A partir de 1927 praticamente desaparecem dos *Cadernos* de Abgar os recortes de jornais que glosam o cotidiano de Belo

¹ “Na Escola Normal” Conferência proferida na Escola Normal em 17/10/1930. Sem indicação do periódico. *Caderno II*, p. 127.

Horizonte com quadrinhas líricas ou humorísticas e crônicas ligeiras, sarcásticas ou bem humoradas. Escasseiam igualmente a prosa poética, a crítica literária e os registros de eventos culturais. Os poemas não cessam de ser compostos, mas ficam engavetados,² só aparecendo em 1990, em diversos livros de *Obra Poética*, às vezes com a data da composição. Explica-se a negligência pela própria produção literária não tanto por modéstia, mas pela maior importância que o autor atribuía a sua atuação no campo educacional, como assinala entrevista publicada logo após sua morte.³ Mais que o apelo de sua vocação literária, importava servir à causa da educação, herdada do pai e bisavô. Nela centrará quase toda sua atuação política, deslanchada pela eleição como Deputado Estadual. Politicamente, o momento não poderia ser mais instigante. Em 1923, quando Abgar ainda curtia a perda da dama dos *Sonetos*, já fervilhava em surdina o descontentamento que acabaria por desencadear a revolução de 1930. Em 08-07-23 na mesma página de *Para Todos* onde Abgar publica um texto em prosa langorosa, centrado na perda de alguém que provavelmente é Belarmina, aparece uma notícia sobre os preparativos revolucionários no Rio Grande do Sul.

O ano de 1927, quando Abgar é eleito Deputado Estadual, mostra-se politicamente muito significativo. Ele coincide com o clímax do período – 1922 a 1927 – que, como comenta Raymundo Faoro, corresponde à profunda inquietação reinante no país. As causas, interligadas, incluem o abismo entre o poder e o povo, a farsa das eleições e o domínio hegemônico da política dos governadores.

² Excepcionalmente, Abgar conservou um artigo cujo autor não é indicado, “Panorama do modernismo brasileiro”, publicado em *Kosmos* de 05/01/1929. O texto anônimo menciona o aspecto “de interioridade e sutileza” da geração mineira, representada por Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, João Alphonsus, Miêta Santiago e Caio de Freitas. *Caderno II*, p. 89. Quanto aos recortes de poemas dessa época trata-se quase sempre de republicações ou traduções de Abgar.

³ CANÇADO, José Maria. Um depoimento inédito de Abgar Renault. *Folha de São Paulo*. Mais!, 17/03/1996.

Entre os mais esclarecidos, intui-se um anseio pela realização de tarefas políticas só exequíveis mediante reformas profundas.⁴ Direta ou indiretamente, os textos conservados entre os recortes refletem alguns dos fatos-chave que antecedem a Revolução de 1930. Entre eles, avulta a candidatura e eleição de Júlio Prestes, político paulista, que, rompe o acordo de revezamento no poder entre Minas e São Paulo, e assim agrava o inconformismo político e militar. O *Caderno II* de Abgar também documenta o assassinato de João Pessoa, outro fato detonador da Revolução, que gera o movimento militar chefiado por Getúlio Vargas no sul e por Juarez Távora no nordeste. 24 de outubro de 1930, data da destituição do Presidente Washington Luiz pelo exército, coincide quase exatamente com um antológico encontro, ocorrido cinco dias antes, de Abgar com alguns amigos, entre os quais Gustavo Capanema e Pedro Aleixo. O fim da República Velha e o início da etapa seguinte da política brasileira assinalam uma nova fase também na carreira do jovem intelectual. Nesse momento, parece empenhado em uma dupla revolução, de âmbito ao mesmo tempo coletivo e individual.

O poeta mantém as atividades de professor, enquanto sua vida sofre uma guinada súbita. No início de 1927, recém-casado, o “moço de grande talento e cultura, possuidor de raras qualidades moraes” é citado pelo *Diário da Tarde* entre os que “reunem maiores probabilidades de figurar na chapa oficial para a próxima renovação da Câmara Estadual”.⁵ O *Diário de Minas* comenta a inclusão de seu “brilhante colaborador” “entre os valores novos na chapa organizada pelo Partido Republicano Mineiro para constituição da Câmara dos Deputados de Minas”.⁶ Outros comentários correm na mesma direção, como uma nota do *Diário da Tarde*⁷ ou a de *Cidade de Barbacena*

⁴ Cf. FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Editora Globo, 2000, v. 2, p. 293.

⁵ *Diário da Tarde*, 23/02/1927. *Caderno II*, p. 64.

⁶ “Um Candidato da Intelligencia”. *Diário de Minas*, 11/08/1927. *Caderno II*, p. 65.

⁷ *Diário da Tarde*, 12/03/27. *Cidade de Barbacena*, 13/03/27, ambos em *Caderno II*, p. 65.

sobre o conterrâneo “de brilho invulgar nas letras mineiras”, tão diferente das “mediocridades” cujo mandato o P.R.M. havia renovado. Além dessas breves notas, encontram-se textos mais elaborados, como “Dois Candidatos”, de Eugenio Rubião, a respeito de Abgar e de Magalhães Drummond, advogado, jornalista e professor de Direito Penal. Rubião conclui que as indicações dos dois nomes “valem como uma afirmação victoriosa do intellectualismo mineiro.”⁸

O comentário deixa entrever o que era na verdade um dos caminhos para a carreira política no Brasil. Raymundo Faoro observa: “Na distribuição dos lugares nas chapas (...) adotava-se a seguinte orientação: alguns candidatos, pessoas da terra, de confiança dos chefes locais, representavam os interesses locais, outros, indicados pelo governo, homens de talento e cultura, mas sem prestígio, compunham as chapas.”⁹ A escolha de dirigentes e representantes não dependia propriamente das eleições, mas das atas que supostamente as documentavam, as famosas “bicos-de-pena”, que eram redigidas pelos membros das facções dominantes.¹⁰ A via do sucesso passava sempre por indicação do grupo dirigente, que ou fazia a escolha entre seus próprios participantes ou co-optava jovens recém-chegados, em razão de talento pessoal. A reputação de intellectual do moço Abgar permitiu a Mario Brant, personalidade de relevo na vida política e intellectual brasileira, encaminhar o genro para o Partido Republicano Mineiro. Na entrevista concedida à Academia Brasileira de Letras o próprio poeta lembra seu ingresso, pela mão do sogro,

⁸ “Dois Candidatos”. *Diario de Minas*, 01/09/1927. *Caderno II*, p. 70.

⁹ FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Editora Globo, 2000, v. 2, p. 271.

¹⁰ Cf. FAORO: Em 1910, dizia o “desabusado e duro” Carlos Peixoto, a respeito das “farsas eleitorais”: “A origem de nosso mandato é a mesma: bico-de-pena e ata falsa”. Acrescenta FAORO: “quem vota e elege são as atas”. Cf. também FAORO: “conta-se que Campos Sales, ante a queixa contra a deturpação da obra republicana pelo ‘bico-de-pena’” teria dito: “a coisa é essa mesma – depois, as autênticas [atas] feitas assim, clandestinamente, são melhormente escritas, com *boa caligrafia*, podendo-se lê-las com facilidade”. Op. cit, p. 277, 276.

no partido, ligado a Artur Bernardes e sua tentativa de renovação política. O partido o indicaria como candidato a Deputado Estadual.¹¹ A indicação bastaria para a eleição num tempo, como acrescenta o próprio Abgar, em que “praticamente não havia oposição”. Iniciou-se de forma semelhante a carreira política ou burocrática de vários intelectuais, como Gustavo Capanema e Carlos Drummond de Andrade, já que à época inexistiam outras trilhas para jovens talentosos sem bagagem política própria.

Assim, aos 26 anos, com uma trajetória intelectual reconhecida, o poeta e alguns colegas de seu grupo acadêmico aproximam-se do centro do poder. Abgar elege-se Deputado Estadual pelo velho P.R.I. para a legislatura 1927-1930. Seus recortes de jornais incluem algumas notas relativas à eleição. Na pitoresca linguagem dos anos vinte, os periódicos noticiam um “jantar íntimo” oferecido a Abgar no Restaurante Avenida no dia 07 de julho de 1927, quando “amigos e admiradores” comemoram seu ingresso na Câmara Estadual. “Ao champagne”, Pedro Aleixo, o orador, exalta as “ótimas qualidades” do novo Deputado, “de quem fôra colega nos bancos acadêmicos”. Abgar agradece, “em longo e substancioso discurso, cheio de conceitos novos e frases eloquentes”.¹²

¹¹ Sobre Bernardes, cf. FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Editora Globo, 2000, v. 2, p. 261.

¹² Os recortes não contêm os nomes dos jornais, mas registram a presença de personalidades como Raphael de Magalhães, Orozimbo Nonato da Silva, Achilles Vivacqua, Erico de Paula, Alvaro Mendes Pimentel, Paulo M. Machado, Austen Amaro, Noraldino Lima, Octaviano Soares, Pedro Netto, Leopoldo Netto e João Alphonsus. *Caderno II*, p. 103. Outra nota acrescenta os seguintes nomes à lista de adesões: Francisco Mendes Pimentel, Gustavo Capanema Filho, Carlos da Cunha Peixoto, Gabriel Passos, Milton Campos, Camillo Pimentel, Eduardo Barbosa e Carlos Drummond de Andrade, bem como os acadêmicos Alberto Campos, Dario Magalhães, Heitor Augusto de Souza, Manoel Campos e Affonso Magalhães. “Homenagem”. *Caderno II*, p. 104. Parte do discurso de Pedro Aleixo pode ser lido em outra nota, “Banquetes”, *Caderno II*, p. 104 e também em “Homengem ao Deputado Abgar Renault. Discursos trocados”. *Caderno II*, p. 144. Os nomes dos periódicos foram eliminados dos recortes.

Inicia-se uma carreira que só se define como política se tomada a palavra em seu melhor sentido, o do trabalho pelo bem comum. Abgar, político, foi sobretudo, ou tão somente, um defensor da educação, na qual sempre viu o caminho para a realização cívica e pessoal. Seu ingresso na Câmara dos Deputados, em momento de efervescência política e educacional, coincide com uma dupla revolução. Havia, por um lado, a reforma educacional, promovida pelo governo Antônio Carlos Ribeiro de Andrada. Ele enfatizava a mudança do ensino primário e a formação de um novo tipo de professores, aptos a efetivá-la. Por outro lado, havia o movimento, também apoiado por Antônio Carlos, que culminaria na Revolução de 1930, com o qual Abgar igualmente se engajou. A associação entre política e educação marca a confluência de vida pessoal e momento histórico. Fica particularmente clara se analisarmos seus registros nos cadernos de recortes – seu secreto livro de memórias.

Os recortes demonstram que, na política, o novo Deputado sempre foi o educador. Abgar logo integra a comissão de Instrução Pública da Câmara. Entre seus primeiros atos, encontra-se a apresentação de um parecer que antecipa toda sua trajetória enquanto defensor da causa que absorverá os melhores anos de sua vida. Recém-eleito, já em 23 de agosto de 1927, aborda o tema da educação pública, gratuita, de qualidade, ainda hoje tão necessitada de defensores. Em um de seus primeiros pronunciamentos – uma espécie de “maiden speech” na Câmara mineira – apresenta memorável parecer ao projeto número 25 da 10ª legislatura. A relevância do parecer, que destaca a importância da educação para o Brasil, justifica sua parcial transcrição:

Nem um problema, de quantos desafiam e empolgam a consciência dos países civilizados, nem um só se deparará que não esteja congenitamente, immanentemente conjugado ao da instrução pública, do qual, mais ou menos proximamente, mais ou menos imediatamente, todos os outros estão a depender. Assim é que – dos problemas sociais propriamente ditos às equações obscuras das nossas educação e cultura política – todas as questões nacionais vão,

em ultima analyse, vincular-se ao da instrução publica, numa razão identica à dos fins para os meios, tão premente e ineluctavel quanto ella.

Abgar declara que para atender plenamente às necessidades da educação em Minas Gerais seria insuficiente toda a arrecadação do Estado, montante a \$134.347.409.794 em 1926. Urgia criar novas fontes de renda, “seguras e permanentes, exclusivamente destinadas, por intermedio de assistência à infancia das nossas escolas, a incrementar a instrução publica”. Para esse fim, o projeto defendido por Abgar propõe a criação de um “fundo escolar”. Há muito prevista no artigo 120 da Constituição Mineira, a instituição desse fundo, já duas vezes tentada (nas leis número 41 de 1892 e 739 de 1906) fora duas vezes abortada. Proposta mais uma vez em 1915, por projeto do Deputado Alberto Alvares, a criação do fundo escolar morreu, após a segunda discussão, quando o defensor da proposta já havia deixado a Câmara. Abgar tenta ressuscitar a iniciativa. Recorre a todos os argumentos. Cita exemplos de outros países, como a proposta feita por Thomas Jefferson ao Congresso dos Estados Unidos em 1785. Lembra que, aceita com rapidez, a iniciativa de Jefferson irradiou-se de tal forma que apenas dez anos depois a 36ª parte das terras públicas já tinha sido transformada em propriedade exclusiva das escolas. Firmou-se assim um princípio entusiasticamente encampado entre nós por Rui Barbosa. Apoiado em parecer de Rui, Abgar cita muitas formas utilizadas para financiar a educação pública norte-americana. Enumera diversos tipos de impostos, inclusive o “school fund”, que, em 1878, já atingia US\$ 113.041.027. Continuando sua paciente e erudita argumentação, o jovem Deputado menciona providências semelhantes adotadas na Europa e em pelo menos três países da América do Sul, a Argentina, o Chile e o Uruguai, sempre visando à criação do fundo escolar. Para nós, “mais que para qualquer povo”, insiste Abgar, “o fundo é uma necessidade instante e inadiável”. Além do evidente resultado prático, o Deputado ressalta o efeito moral da criação de recursos para a educação: o “indissolúvel vinculo estabelecido entre a sociedade, ou melhor, entre cada contribuinte e a escola que esse contribuinte pessoalmente concorreu

para criar ou manter e aperfeiçoar”.¹³ Fere-se assim uma nota ainda não totalmente assimilada pelo público brasileiro de nossos dias: a responsabilidade de toda a sociedade na consolidação da cidadania através da educação.

A partir desse importante parecer, multiplicam-se, entre os recortes conservados por Abgar, as notícias relativas a sua defesa da educação. Um recorte de jornal contém artigo seu, de julho de 1927. Enaltece o decreto nº 7 680 de 3 de junho do mesmo ano, que dispõe sobre a criação de escolas para crianças abandonadas. Abgar menciona a necessidade de um sistema integrado, que contemple, além do programa habitual, Educação Física, formação técnica e até o futuro serviço militar do educando. Ressalto, nesse pronunciamento, a adoção, por parte de Abgar, da concepção de Claparède a respeito da criança, com suas especificidades, e não como miniatura do adulto, como a situavam antigas práticas educacionais.¹⁴ Em agosto de 1928 Abgar volta a argumentar em favor da criação do fundo escolar, com novos detalhes sobre a educação nos Estados Unidos. Insiste que, sendo o norte-americano “o povo menos livresco e menos literário do mundo”, nem por isso nega que “a educação, isto é, a instrução, é a força da Republica”. Abgar insiste também na necessidade da gratuidade do ensino: “Os Estados Unidos estão entre os países que mais despendem com a instrução pública, por isso mesmo que é aquele em que mais intransigentemente se observa o principio da gratuidade escolar”. Não faltam outros exemplos nas Américas. Um estado do México, informa o Deputado, chega a gastar 50% da arrecadação com a educação. Triste contraste com o Brasil, “onde, embora se despendam para outros fins 3 milhões de contos, o que se gasta com a instrução não monta a mais de 120 mil contos”.¹⁵

¹³ Parecer para a 2ª discussão do projeto n. 25 da 10ª legislatura. Publicado em órgão oficial, sem indicação do periódico, em 07/10/1927. *Caderno II*, p. 102. O mesmo parecer é publicado em 28/08/1930. *Caderno II*, p. 140-141.

¹⁴ “Infancia Abandonada”, 07/ 1927, sem indicação do periódico. *Caderno II*, p. 146.

¹⁵ Em 28/08/1928, sem indicação do periódico. *Caderno II*, p. 105.

Será fácil multiplicar os exemplos do interesse de Abgar pelo assunto. Em 27 de abril de 1928, o parlamentar, que continua como professor do então *Ginásio Mineiro*, concede a *O Jornal* minuciosa entrevista sobre “a alarmante questão do ensino secundário”. Faz o pronunciamento após o discurso do Professor Mendes Pimentel no dia 17 do mesmo mês. Por ocasião da abertura dos cursos da recém-fundada Universidade de Minas Gerais, Mendes Pimentel comentara “a alarmante questão da decadência do ensino secundário entre nós”. A partir dessa observação, Abgar propõe medidas substanciais, algumas delas proféticas, para melhorar as condições do ensino secundário. Comenta, além de tópicos como a ordem das disciplinas e o regime seriado nos estudos, a necessidade de cursos específicos para a formação de professores. Denuncia a carência de laboratórios e os absurdos exames de admissão, que, entre outras aberrações, exigiam de crianças de 12 anos a memorização de dados sobre tópicos totalmente alheias a seus interesses, como a organização constitucional do Brasil e a arbitragem em conflitos internacionais.¹⁶

Em 28 do mesmo mês de agosto, Abgar defende outra vez na Câmara a criação do fundo escolar, agora em sua segunda discussão.¹⁷ Um mês depois apresenta estudos sobre a conveniência da permanência da disciplina Psicologia Educacional nos cursos de aplicação das Escolas Normais.¹⁸ Com tanta operosidade, nada mais natural que a 4 janeiro de 1929 seja indicado secretário geral do Departamento Mineiro da Associação Brasileira de Educação, criado por iniciativa de Mendes Pimentel. No dia 3 do mês anterior, alguns membros chamados para compor a Associação haviam morrido tragicamente em desastre do avião “Santos Dumont”. Ao se instalar o Departamento,

¹⁶ “A Alarmante Questão do Ensino Secundário”. *O Jornal*, 27/04/1928. *Caderno II*, p. 108, 110.

¹⁷ “Na Camara”. *Diario de Minas*, 28/08/27. *Caderno II*, p. 127.

¹⁸ “O Dia na Camara”. *Diario de Minas*, 15/09/1928. O discurso defendendo a permanência da disciplina é publicado na *Gazeta de Ouro Fino* de 26/09/28, que o considera “uma verdadeira lição de pedagogia”. *Caderno II*, p. 109.

em sala da recém-fundada Universidade de Minas Gerais, cabe a Abgar homenagear os desaparecidos.¹⁹ No mesmo local, profere discurso evocando o primeiro vôo de Santos Dumont.²⁰

Nesse ano de 1929 atingia seu clímax a efervescência política, resultante do descontentamento que há anos consumia os grupos bem informados do país. Respondendo a outra face da necessidade de mudanças, acha-se em plena atividade o programa educacional proposto por Antônio Carlos, com Francisco Campos encarregado da execução. Em entrevista concedida a Dario de Almeida Magalhães, Abgar comenta a revolução que se vinha então fazendo no sistema educacional mineiro. A reforma do ensino primário e normal, encetada em 1927 pelo governo Antônio Carlos, é sem duvida “o maior dos commettimentos emprehendidos pela machina administrativa de Minas Geraes”, sendo ao mesmo tempo “obra de gabinete e obra de intimo contacto com a nossa realidade”. Abgar sublinha na reforma o papel do educando. Estabelece princípios até hoje destacados pela literatura pedagógica: “Pelo espirito da reforma a creança é o que deve ser o centro da escola (...) Através da reforma o ensino perde o seu character de imposição e o alumno a sua attitude de mera receptividade, isto é, de passividade diante do professor. Este e aquele passam a ser colaboradores effectivos de um mesmo fim”.²¹ Aqui, Abgar antecipa a postura que colocará o aluno como agente da própria educação, a autonomia no aprendizado, hoje enfatizada.

Em 1929, quando resta menos de um ano ao governo de Antônio Carlos, algumas cerimônias escolares constituem também acontecimentos políticos. Abgar participa deles com freqüência. Recorte do *Minas Gerais* de 7 de dezembro de 1929 noticia as homenagens prestadas na Escola Normal a Francisco Campos,

¹⁹ “Departamento Mineiro da Associação Brasileira de Educação”. *Estado de Minas*, 04/01/1929. *Caderno II*, p.113.

²⁰ *O Estado de Minas*, janeiro de 1929. *Caderno II*, p. 112.

²¹ “A obra educacional que se vem realizando em Minas”. Texto de 02/04/1929, sem indicação do periódico. *Caderno II*, p. 128 e 150.

Secretário do Interior. A presença de grande número de autoridades, incluindo o Comandante Oscar Paschoal, que representa o governo do Estado, evidencia o prestígio então conferido às atividades educacionais, simbólicas da ação governamental. A cerimônia é animada por um ritual reminescente dos saraus freqüentados por Abgar em sua primeira mocidade: uma curiosa “Festa Japonesa” denominada Miako-Odori, referência a “festividade nipponica ao início da primavera”. O festival inclui um bailado, números de ginástica rítmica e canto coral, sendo encerrado com um “arranjo” da ópera “Geisha”. Em outra ocasião, em sessão cívica realizada no Teatro Municipal, Abgar discursa em homenagem a Francisco Campos e a Mario Casasanta, este último Inspetor Geral da Instrução. As comemorações parecem ocorrer em série. De caráter francamente político, incluem a inauguração dos retratos de Antônio Carlos e Francisco Campos na Escola de Aperfeiçoamento. O ato é seguido de programa lítero-recreativo, com bailados, recitativos e até um chá dançante no grupo Afonso Pena.²² É o momento ideal para a consolidação do enlace entre política e educação, já então marca registrada do Deputado Abgar.

Da perspectiva política, destaca-se a enérgica e reiterada campanha pelo voto secreto, essencial para os anseios democráticos do Brasil de então. Essa campanha é a melhor defesa de Abgar perante aqueles que, em algum momento de sua vida, julgam conservadora sua atuação. Já em 20 de agosto de 1927, ano de sua eleição, defende a instituição do voto secreto, então em discussão. Invoca a necessidade de acabar com o “dualismo incoerente” – povo e Estado, que consoante observação de Oliveira Vianna, “não raro se desconhecem um ao outro, e muita vez se repellem – para ser uma unidade harmonicamente integrada”. Abgar associa essa proposta, marca do programa liberal, à causa da Educação. “Governar é, antes de tudo, educar. Todo governo é uma lição”. Argumenta que a implantação do voto secreto transcende objetivos imediatos, por seu alcance ético

²² “Dr Francisco Campos”. *Minas Geraes*, 007/12/1929. *Caderno II*, p. 121.

e educativo: ela também visa mostrar à população o cumprimento das promessas de campanha do governo. De fato, Antônio Carlos, responsável pelo executivo mineiro, incluíra em sua plataforma política a luta pela criação do escrutínio secreto: “É impondo-se por actos sinceros à confiança popular que os governos melhormente cumprem a sua tarefa de educar civica e politicamente a consciencia do povo”, afirma o orador. Conhecedor das fraudes que então viciavam o processo eleitoral – as famosas eleições “bico-de-pena”, em atas manipuladas pelos chefes situacionistas – Abgar, com a minúcia cada vez mais típica de sua ação, termina a defesa do projeto com o acréscimo de uma emenda, assim redigida: “A urna será tal, que as cédulas não se acamem por ordem da votação”. Desse modo, seria impossível violar o segredo dos votos, o que poderia acontecer caso os envelopes que os continham se empilhassem na ordem inversa da lista de chamada dos eleitores. Se violado o sigilo dos votos, conclui Abgar, “violada estaria a lei”, daí a necessidade de medidas concretas para impedir a identificação dos eleitores através da posição das cédulas dentro das urnas.²³ Com toda essa minúcia, o jovem Deputado colocava-se ao lado de Antônio Carlos. O chefe do governo mineiro sentia a inquietação política, o descontentamento com a farsa eleitoral, e mantinha-se à frente da Aliança Liberal e da campanha pelo voto livre. Daí a famosa frase a ele atribuída: “Façamos a revolução antes que o povo a faça”. Entretanto, às portas da revolução de 30, “o ondeante, sinuoso, fino Antônio Carlos Ribeiro de Andrade”, foi preterido, como candidato à sucessão de Washington Luiz, em favor do “distante, enigmático, duro Júlio Prestes”.²⁴

Ao lado do governo mineiro, contrário ao continuísmo defendido pelo Presidente da República, Abgar denuncia o governo central como aquele que “até agora, tem timbrado em viver isolado da opinião, contrapondo-se à opinião, sobrepondo-se à opinião, suffocando a opinião”. A denúncia integra um eloqüente e bem

²³ *Minas Geraes*, 20/08/1927. *Caderno II*, p. 107.

²⁴ FAORO, op. cit, p. 226.

fundamentado discurso a respeito do envolvimento do Banco do Brasil em “inconfessáveis manobras eleitorais”. Apoiadas pelo Presidente da República, esbraveja Abgar, essas intervenções criam a figura do “banqueiro-político”, “empreiteiro do congresso de bobagens, que é o director da carteira eleitoral do Banco do Brasil”.²⁵ Dois meses mais tarde, Abgar volta ao assunto. Insiste em denunciar a “atitude parcial e ilegal assumida pelo sr. Presidente da Republica ante o problema de sua propria sucessão e, particularmente, quanto à ingerência do Banco do Brasil na campanha a favor do candidato de sua excia”. Abgar comenta longamente a carta de demissão enviada a Washington Luiz por J. da Silva Gordo, que se demite em protesto contra as operações “anti-bancárias”, de caráter “não comercial”, que transformavam o Banco do Brasil em instrumento de “leilão de mercadorias eleitoraes”.²⁶ O *Minas Gerais* de 28 de setembro de 1929 faz coro às manifestações de apoio a Antônio Carlos. Notícia com destaque o “brilhante discurso” de Abgar na Câmara Estadual.²⁷

A partir daí, seus cadernos de recortes refletem a precipitação dos acontecimentos que culminariam na Revolução de 1930. Duas fotos ilustram a chegada do senador Olegário Maciel, vindo de Patos de Minas, à estação Oeste de Belo Horizonte. Numa delas, o governador eleito, que deveria assumir o governo de Minas a 7 de setembro, dirige-se em companhia do representante do presidente Antônio Carlos para o automóvel que o levará, seguido de um longo cortejo, até o Grande Hotel.”²⁸ Em outra foto o futuro governador aparece “ouvindo a oração do Deputado Washington Pires, em resposta à saudação que

²⁵ “Banco do Brasil, arma de acção política”. *Estado de Minas*, 28/07/1929. *Caderno II*, p. 118.

²⁶ “Carta do sr. Silva Gordo continúa em fóco”. *Diário de Minas*, 18/09/1929. “As operações não commerciaes do Banco do Brasil”. *Diário de Minas*, 04/10/1929. *Caderno II*, p. 120.

²⁷ “Sucessão Presidencial da Republica”. *Minas Geraes*, 28/09/1929. *Caderno II*, p. 119.

²⁸ Recorte datado de 22/07/1930, *Caderno II*, p. 91 e 123, sem indicação do periódico.

lhe foi feita em nome de todas as classes sociais pelo Sr. Abgar Renault”. O orador “saudou o venerando político em nome da Capital” e, em pinceladas de mestre, traçou-lhe o perfil inconfundível”. Realmente o discurso de Abgar é uma peça histórica, que acrescenta traços expressivos ao retrato de Antônio Carlos esboçado por Faoro. A saudação aponta no eleito “cultura cívica, política e intelectual”, “austeridade, que se não dobra, não se desvia, nem se acomoda”, ao lado de “um vasto capital de experiências, – o que vale dizer de desilusões e desenganos e, conseqüentememnte, de serenidade, de sabedoria e – por que não dizer? – “de certo scepticismo temperado, que talvez ainda seja o resíduo melhor da inquietação da nossa intelligencia e da nossa sensibilidade, através das horas e dos dias.”²⁹



Chegada de Olegário Maciel a Belo Horizonte.
À esquerda da foto, Abgar Renault.

Breve Abgar terá oportunidade de fazer outro discurso, em 11 de agosto, como parte das homenagens prestadas pela Câmara e pelo Senado mineiros a João Pessoa. Este fora apoiado por Antônio

²⁹ “A chegada, ante-hontem, do sr. Olegario Maciel à Capital”, 22/07/1930, *Caderno II*, p. 123.

Carlos para compor, como candidato à vice-presidência da República, a chapa oposicionista encabeçada por Getúlio Vargas. Na taça cheia do descontentamento com o governo Washington Luiz, o assassinato do governador da Paraíba pingou a gota d'água que faltava para desencadear a Revolução. Como nota o *Diário Mineiro*, o discurso de Abgar na sessão dedicada à memória de João Pessoa é “um libello tremendo e consciente à obra impatriótica do governo federal, culpado indirecto do innominavel attentado.” Abgar retrata em João Pessoa o “homem que encarnou a virilidade de um povo inteiro na defesa de sua dignidade, de sua cultura politica, de seus direitos elementares de liberdade e autonomia”. No polo oposto, o discurso denuncia o “governo irrisoriamente pragmatista, de visão inapta a devassar um horizonte mental, sem contacto com as idéas do nosso tempo”. Nesse momento de comoção nacional, uma citação de Carlyle, fruto do estudo da cultura e literatura inglesa que Abgar não abandonava, contribui para seu libelo contra aqueles que, como o governo federal, “largam mão do fundo mesmo da nacionalidade, isto é, a sua capacidade creadora de ideal (...): *‘There is no sadder symptom of a generation – escreve Carlyle – than such general blindness to the spiritual lightning’*”.³⁰

O pronunciamento harmoniza-se com o clima reinante. Para o Brasil, é o fim de uma era, a República Velha, e, para o mundo ocidental, também um momento inquietante. Numa coincidência significativa, o verso de um recorte sobre formatura na Escola de Aperfeiçoamento, datado de 16 de dezembro de 1930, traz uma manchete “Teria fracassado a revolução na Hespanha”.³¹ Nas carreiras individuais, aproxima-se o término do governo Antonio Carlos e dos

³⁰ *Diário Mineiro*, “A Camara homenageou, hontem, o Presidente João Pessôa”, 12/08/1930, *Caderno II*, p. 136. Cf. também “Homenagem ao sr. João Pessôa na Camara Estadual”, Homenagem do Congresso Mineiro à memória de João Pessoa”, “Homenagem da Camara Estadual Mineira ao presidente João Pessôa”, *Caderno II*, p. 136 a 141.

³¹ *Caderno II*, p. 131.

Deputados eleitos, como Abgar, para a legislatura 1927-1930. Notícia de 10 de setembro menciona as “manifestações expressivas e especiais” ao governador, por ocasião de seu aniversário, que coincide com a transmissão do governo de Minas a seu novo chefe. Realiza-se uma missa votiva celebrada no dia 5 por Dom Cabral, Arcebispo de Belo Horizonte, seguida de discurso do Dr Lúcio dos Santos. No mesmo dia Antônio Carlos é homenageado por Francisco Campos, no novo edifício da Escola Normal, emblema, segundo o orador, do sistema educativo erigido nos quatro anos de governo. Abgar fala a seguir. Louva Antônio Carlos e analisa sua obra política e administrativa. Finalmente, Augusto de Lima, “Deputado eleito, mas esbulhado”, menciona “as revoluções vitoriosas na Bolívia, no Peru e na Argentina”, de onde, segundo o orador, “o despotismo vai sendo banido”. São evidentes as insinuações de semelhança entre essas revoluções e o movimento prestes a eclodir no Brasil. Augusto de Lima chama a atenção para o pronunciamento da junta militar argentina. Ela defende a dissolução do Parlamento, cuja dignidade havia sido rebaixada, “com o maior desprezo pelos direitos do povo e pelas prerrogativas das províncias”.³² No mesmo dia Abgar propõe e obtém da Câmara dos Deputados aprovação para uma visita oficial ao Palácio da Liberdade com o objetivo de cumprimentar Antônio Carlos por seu aniversário e pela obra administrativa que encerrava. Celebrando a “finura, elegância, inteireza de caráter, a augusta serenidade, a inteligência e a cultura” do governador, o discurso detém-se nas realizações de sua administração. Destaca o encaminhamento oferecido ao problema da instrução popular, que, com otimismo algo excessivo, inusitado para seu temperamento, o orador considera “definitivamente solucionado, garantida como está sua continuidade”. A educação é “sua grande obra de democracia”, que Abgar vincula à defesa do voto secreto. Argumenta que “o direito de votar segundo a própria consciência não seria suficiente”: “o voto secreto não ensina ninguém a votar conscientemente (...) Antes de conseguida a educação

³² “Duas Notas”. *Diário do Norte*, 10/09/1930, *Caderno II*, p. 125.

intellectual do povo, o voto secreto é tão inútil e vão como um instrumento que desconhecemos e não sabemos manejar”. Abgar alude à ação política de Antônio Carlos, que, “iniciada em Minas, abrangeu todo o Brasil”.³³ No mês seguinte profere uma conferência na Escola Normal, onde também leciona, na presença de Mario Casasanta, Inspector Geral da Instrução, diretores, professores e alunos. Atribui à atuação política de Washington Luiz a precipitação da “campanha de reivindicação que irrompeu victoriosamente em todo o território nacional”:

Foi a má politica que possibilitou e, pois, realizou a revolução: o maior revolucionario do Brasil foi e ainda é essa figura de cerebro de cimento armado e de sensibilidade batrachiana, que se acha ainda agora na Presidencia da Republica, ou, melhor e com mais justeza, na parodia, na caricatura da Presidencia da Republica. Foram os seus desmandos, as suas arbitrariedades, os seus abusos de poder, o seu desrespeito às leis, a sua intelligencia obtusa e obscura, a sua incultura civica, politica e intellectual. A sua sensibilidade torpida e incapaz de auscultar os anseios populares.

Com essa política, a “má politica”, Abgar contrasta a ação de Antônio Carlos e, finalmente, a Revolução de 1930:

a outra política, a politica verdadeiramente sã, a politica da intelligencia, da cultura e da honradez, essa nada mais fez, em verdade, do que atender aos desafios arrogantes que lhe eram endereçados pelo satrapa retardatario que vinha dominando o Brasil. Há, pois, como vêdes, duas especies de politica, tão opostas e contradictorias como a noite e o dia, o bem e o mal, a intelligencia e a estupidez” (...) A revolução não foi, portanto, uma invenção e um instrumento das ambições politicas: ella foi e é um estado de espirito do povo brasileiro.³⁴

³³ *Diario do Congresso*, n. 272, 06/09/1930. *Caderno II*, p. 126.

³⁴ “Na Escola Normal”. 17/10/1930. *Caderno II*, p. 127 e 128, sem indicação do periódico.

Em dezembro de 1930, após a deposição de Washington Luiz, a entrega de diplomas à primeira turma de normalistas do segundo grau da Escola de Aperfeiçoamento ilustra mais uma vez a articulação entre os interesses políticos e os educacionais mantida por Abgar. Em sua presença – como representante do paraninfo, o ministro Francisco Campos – de Gustavo Capanema, Secretário do Interior, de representantes do governador, do secretário da Educação e de outras autoridades, Julia Lopes, oradora da turma, evoca “a figura inconfundível do ex-presidente Antônio Carlos que, compreendendo magnificamente a íntima relação entre o progresso e dependência de um povo e a sua cultura, fez ponto de honra de seu programma de Governo a remodelação geral do ensino neste Estado”. A nova professora destaca nomes que colaboraram para a reforma, entre os quais Mario Casasanta, Lucio dos Santos e Levindo Coelho.³⁵ O discurso de Abgar, representante do paraninfo Francisco Campos, também ressalta a importância da reforma iniciada pelo governo Antônio Carlos, “que orientou a formação das normalistas numa linha tão nova.”³⁶

No dia seguinte, Gustavo Capanema é homenageado com um jantar no Automóvel Clube. O momento é importante, em si mesmo, e por reunir o grupo de amigos. Mal atingindo a casa dos trinta anos, são exemplos de rápida ascensão intelectual e política. Por acaso, o caderno de recortes de Abgar permite lembrar outro amigo ilustre, que se faz simbolicamente presente. No verso da notícia sobre a

³⁵ “Escola de Aperfeiçoamento”. 15-16/12/1930, sem indicação do periódico. *Caderno II*, p. 130. Também “Na Escola de Aperfeiçoamento”. A entrega dos diplomas às normalistas de 2º grau. 16/12/1930, sem indicação do periódico. *Caderno II*, p. 131.

³⁶ “As festas de collação de grau das normalistas de 1930”. 19/12/1930, sem indicação do nome do periódico. De agora em diante, exceto quando houver indicação específica, fica entendido que os recortes não trazem o nome do periódico, sendo possível indicar apenas as páginas do *Caderno II* onde se encontram. Sobre a collação de grau das normalistas de 1932, cf. *Caderno II*, p. 152, 153, 154, 155.

homenagem a Capanema lê-se um anúncio do médico Pedro Nava. O futuro memorialista comunica o endereço de seu consultório, à Rua Rio de Janeiro, nº 615, para “tratamento da tuberculose pelo Pneumothorax”.³⁷

No jantar de homenagem, o orador é Abgar Renault, cuja amizade a Capanema, desde os dias da Faculdade, justifica a afirmação do jornal que noticia o evento: “o agape foi de cordialidade, de amizade mesmo: os brilhantes discursos ali pronunciados foram de amigos para amigos.” O tom íntimo da reunião transparece na forma como Abgar inicia seu discurso: “Meu querido Capanema”. O orador informa que, quando foi “tramada” a “reunião affectuosa”, os amigos não poderiam saber que, no dia da realização do jantar, Gustavo Capanema já teria sido indicado para o “eminente posto de commando” da Secretaria do Interior. O orador lembra “a linha precisa e segura” da “impressionante carreira” do amigo, que considera marcada, desde os tempos acadêmicos, pelo “equilíbrio, a energia, a clareza e a nobreza” de caráter e inteligência. O retrato de Capanema inclui as lembranças da vida estudantil partilhada pelo grupo: “Tu eras, com a tua cultura grave e multiforme, aquelle homem de jejum, e nós outros, com o nosso descuido, a nossa imprudencia afoita e o nosso desdem por tudo quanto fosse serio, eramos o grupo de bebados”. Abgar conclui: “O teu regresso é uma reintegração: o teu lugar continua vago à tua espera: puxa uma cadeira, Capanema, senta-te, toma um pouco de vinho e conversa com o coração dos teus amigos...”

O novo Secretário do Interior agradece a homenagem e expressa sua gratidão por seu “amado amigo Abgar Renault” ter sido escolhido como intérprete do grupo. Após algumas alusões às lembranças estudantis partilhadas, refere-se à hora “trepidante e angustiosa” vivida pelo país. Em tom ponderado, menciona a Revolução vitoriosa lembrando a palavra de Berdiaeff, para quem

³⁷ *Caderno II*, p. 134, verso da notícia “A festa de hontem em homenagem ao sr. Gustavo Capanema”.

“toda revolução é uma calamidade”. Mesmo “providenciaes, são os remedios, os extremos e violentos remedios para os crimes, abusos, erros e vícios dos homens” (...) “deixando combalidas as economias e os corações”. “A volta à paz, à segurança, à ordem e ao equilíbrio (...) pressupõe e exige”, além do trabalho de reconstrução material, “um processo de transformação exterior”. Para concluir, Capanema expressa confiança na reconstrução nacional através de um “trabalho de transformação interior”. Com igual seriedade, o mesmo jornal que destaca a cordial intimidade do encontro lembra a gravidade do momento político, ainda no calor da Revolução. Ressalta as “duvidas e anseios da nacionalidade (...) como que por uma necessidade incoercível de são patriotismo, num tempo em que não pode haver um instante de indiferença ou esquecimento para com os destinos da patria”.³⁸

A orquestra do restaurante do Automovel Clube tocou durante todo o tempo do banquete, nota amena, afinada com os pronunciamentos informais. As repetidas alusões à importância do momento político parecem antecipar a próxima guinada na vida de Abgar: sua mudança, com a família, para o Rio de Janeiro, como Secretário Geral de Francisco Campos, então Ministro da Educação.

³⁸ “Estamos vivendo uma hora trepidante e angustiosa”. 20/12/1930. “A festa de hontem em homenagem ao sr. Gustavo Capanema”. 20/12/1930. *Caderno II*, p. 134, 135.

ENDECHA DO FUNCIONÁRIO: Intelectual e Técnico de Futebol

Nada de partes a querer e requerer registros de diploma,
registros de professor (oh, sim, de professor!)
certidões, médias mais baixas, dispensa de frequência,
decretos de aprovação em todas as disciplinas de todos os cursos
– tudo exigido em voz de bispo por cima das paredes anãs.

Endecha do Funcionário no Palácio da
Educação”, *A Outra Face da Lua*

O Rio é um lugar onde nunca se está – e eu gosto muito de estar.

Entrevista à revista *Alterosa*

Em fins de 1930 Abgar parte para o Rio de Janeiro como Secretário de Francisco Campos, o novo Ministro da Educação. Lá permanece durante doze meses. Muitos anos depois fala ligeiramente à *Folha de São Paulo* sobre os grandes nomes ligados à educação no Brasil dessa época. Declara que suas afinidades com Francisco Campos, fundadas na admiração pela reforma educacional efetuada em Minas, eram mais profissionais que pessoais. Afirma que seu superior não era um democrata. “Era um espírito autoritário, ligado a um certo pensamento alemão, que ele conhecia profundamente. Mas era uma grande figura. O fato é que o que ele estabeleceu em Minas Gerais em matéria de ensino primário foi uma coisa inteiramente nova e inteiramente moderna”. Na mesma entrevista Abgar refere-se a Anísio Teixeira. Deixa entrever uma afinidade pessoal: “foi das pessoas que mais estimei e admirei (...). Durante um período da sua vida ele teve que deixar um cargo público em virtude de posições à esquerda. Sempre foi uma inteligência fulgurante.”¹

¹ CANÇADO, José Maria. Um depoimento inédito de Abgar Renault, o último poeta modernista. *Folha de São Paulo*. Mais! 17/03/1996.

Após a mudança para o Rio em 1930 a carreira de Abgar encadeará novos encargos ligados à Educação. Em função deles terá de se movimentar com freqüência entre Belo Horizonte e a então capital federal – as duas cidades de sua jovem vida adulta – como, na adolescência, fizera entre Barbacena e Belo Horizonte. A terceira cidade de sua vida, Brasília, virá bem mais tarde. De 1931 a 1932, há um breve intervalo. Abgar retorna ao magistério e à vida pública em Belo Horizonte. É nomeado Diretor da Secretaria do Interior do Estado, para logo deixar o cargo, em dezembro de 1932, como registra a carta do então Secretário do Interior, Gustavo Capanema, datada de 28 desse mês. Capanema lamenta ter de conceder-lhe a exoneração, e agradece os serviços prestados “na lida com os multiplos e delicados assumptos affectos à sua directoria”. Tipicamente, o recorte com a publicação dessa carta aparece junto à notícia da publicação de um novo livro sobre a língua inglesa. O livro interessara a Abgar. As atividades político-burocráticas continuavam indissolúveis de sua paixão pelas questões lingüísticas e pelo ensino.² Continua insistindo na importância da formação de professoras para o ensino fundamental. No mesmo mês em que deixa a Secretaria do Interior, é escolhido paraninfo das normalistas de 1932. Seu discurso contrasta as “notórias exigências” e “irrecusáveis necessidades de especialização” com os riscos da excessiva compartimentalização do conhecimento. Destaca a necessidade do aperfeiçoamento contínuo, especialmente no manejo da língua nacional. Lembra a reforma do ensino por Francisco Campos, a relevância da literatura, admitida por homens de ação – Napoleão, Lenine, o “grande político da Rússia soviética”, e Herbert Hoover. Destaca a importância reconhecida aos valores estéticos por cientistas como J. Arthur Thomson e filósofos como Bergson.³

² “A exoneração do sr. Abgar Renault da directoria de justiça”. Também “Um novo livro sobre a lingua inglêsa”. *Caderno II*, p. 143.

³ *Caderno II*, “Colaçon de grau das normalistas de 1932 pela Escola Normal Modelo da Capital”, p. 152. Também p. 153, 154, 155

Em 1935 Abgar está de novo no Rio, como assistente de Francisco Campos, Ministro da Educação. Leciona também no Colégio Pedro II e na Universidade do Distrito Federal, mantida pela Prefeitura. Em 1938, torna-se Diretor do Colégio Universitário da então Universidade do Brasil e, em agosto do mesmo ano, Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação.⁴ Em 1939 é nomeado membro da comissão de negócios Estaduais do Ministério da Justiça pelo Ministro Francisco Campos, que lhe confia a redação final do Código do Processo Civil, do Código Penal e do Código de Processo Penal. Nessa fase, nos anos trinta, sua vida profissional é sulcada por atividades quase exclusivamente ligadas à Educação, diversamente de seus anos como Deputado Estadual, memoráveis também pelo aspecto político.

O Abgar poeta continua em atividade. Escreve intermitentemente, como indicam as datas dos textos espalhados em *Obra Poética*, mas atrai a atenção dos críticos sobretudo como tradutor de Rabindranath Tagore e de poemas ingleses de guerra. Ao lado de uma notícia sobre a colação de grau na Escola Normal, *Caderno II* exhibe recorte com a tradução do poema XII de *O Jardineiro*, de Tagore.⁵ Outros recortes, entremeados com notícias da atividade burocrática nas novas funções junto ao Ministério de Educação, atestam a atividade do poeta-tradutor. Seus próprios poemas, como “Elegia para Hermes Fontes”, poeta que se matou numa noite de Natal, e “Crepuscularmente”,⁶ também sobre a morte, mostram uma preocupação que já obseca o homem jovem e que se faz presente em toda sua obra. A morte é o tema central do penúltimo livro de *Obra Poética*, *Thanatos*, que reúne poemas de épocas diversas, dispostos em ordem cronológica, de 1936 a 1984. Os versos continuam soltos, brancos. Testemunham o abandono, com ligeiras retomadas, das estéticas anteriores ao

⁴ Ver notícia na revista *Fon-Fon*, de 20/08/1938, com a fotografia do novo Secretário e da cerimônia da posse. *Caderno II*, p. 170.

⁵ *Caderno II*, p. 155.

⁶ *Caderno II*, p. 156.

Modernismo. Permanece a ambivalência em relação ao movimento de 1922. Como exemplo, cito a publicação, em 1933, de “Poema de Minha Tristeza Brasileira”, que ironiza o tom eufórico nos primeiros modernistas, Mário, Bandeira e Oswald:

Poema de Minha Tristeza Brasileira

O sr. Graça Aranha chegou uma vez da Europa
 desencaixou livros terríveis
 e gritou aos quatro ventos:
 “De agora em diante: expressamente proibido ser triste!”
 E explicou philosophicamente o seu objectivismo dynamico;
 provou por a mais b que a tristeza não existe
 para quem conseguir se instalar no Todo Universal (com T e U grandes);
 que só o Brasil é claro e alegre,
 que só é triste quem quer;
 que a nossa terra não comporta outra coisa sinão a alegria
 e que outra coisa não cabe em versos brasileiros
 sinão a alegria;
 e acrescentou que é preciso vencer o terror cosmico
 para vencer a tristeza.
 Mas eu sou bugre
 e nada entendi do que o sr. Aranha
 gritou pelo Brasil afóra.
 Quis instalar-me com certo conforto no Todo Universal
 e o referido Todo me gritou: “Cae fora, mancebo!”
 Fui olhar o sol da minha terra
 vi o sol morrendo numa sangueira de tardinha
 e fiquei, sem querer, com os olhos razos d' água..
 Quis vencer o terror cósmico
 e acabei bestificadissimo diante do silencio
 de uma mattaria ...
 Espiei uma montanha: olhei depois
 pra mim; me vi deste tamanhinho
 e tive um medo feio da montanha...
 E continuei triste. E bestamente
 tristes continuaram os meus versos.
 Apesar de mim. Apesar de todo o sr. Graça Aranha.

O homem amadurece, firma-se na vida profissional e familiar, preocupa-se com a política, lê desmedidamente. Seus interesses

múltiplos transparecem na correspondência com Lívio, o irmão médico, também poeta, a quem é extremamente ligado. Escreve-lhe com frequência, sobre literatura, política, vida familiar e providências do cotidiano. Em carta de 15 de janeiro de 1930, ao início de sua permanência no Rio, nota-se a antiga preocupação de Abgar com a pontualidade de respostas a cartas suas. Pede as impressões de Lívio sobre comentários que fez a respeito de uma crônica publicada pelo irmão, cobra a remessa de uma revista, queixa-se da falta de cartas para ele e Ignez: “Parece que todos ahi estão com o cão. Escrevi-te e não respondeste. Escrevi a Mamãe – não respondeu. Escrevi ao Aureo – idem. Ignez também escreveu a Mamãe, à Branca, a Carmen e não sei mais quem, e só recebeu carta de Branca”. Também ironiza a conduta de outro irmão, Delzo, na capital federal. Na época, Copacabana parecia ainda um lugar distante e um tanto exótico. Quando visitou o Rio, informa Abgar, Delzo limitou-se a ir à praia (possivelmente no Flamengo), “torrando e depois derretendo ao sol, e a ir ao cinema. Nem sequer a praia de Copacabana teve curiosidade de conhecer.” Mas Abgar logo esquece as queixas, fala de suas leituras: biografias, história, filosofia, filologia – livros importados através da Casa Crashley, da Rua do Ouvidor, que, nos tempos pré-internet, tão bons serviços prestou aos leitores de obras estrangeiras.

Em 5 de novembro de 1935, recomenda a Lívio uma série de publicações em inglês, “Outline of Knowledge”, através da qual busca acompanhar questões tão diversas como a teoria da relatividade e tendências espiritualistas da ciência.⁷ Na mesma carta conta gracinhas

⁷ A propósito, cita frases dos autores: “Those who deny free will must no longer call science to witness in its favour (...)” “Science is not all we know and all we need to know. This new consciousness, this new modesty on the part of science is one of the most important elements in the new scientific revolution. (Eddington)” “The one ultimate reality is – Mind (James Jeans). It is no longer possible to make a clean line of division between where science end and philosophy begins.” (...) A human being is not a machine. A machine cannot have a theory that is is a machine. Na mesma carta, Abgar recomenda ao irmão a leitura de Axel Munthe no original inglês, mas acrescenta que a tradução francesa é excelente.

do filho Carlos Alberto.⁸ 1935 é o ano do casamento de Lívio. Em 31 de agosto de 1935, no tom de um jovem patriarca, Abgar escreve ao irmão. Aconselha-o sobre a forma de manter a felicidade conjugal e tece comentários sobre o temperamento dos homens da família Renault:

À véspera exatamente de seu casamento, é natural que eu, com uma longa prática, me sinta autorizado a dar-lhe alguns conselhos, que não tirei do “Guia”, digo, da “Carta de Guia de Casados”, de Dom Francisco Manoel de Mello... Quero chamar sua atenção para a extrema susceptibilidade do nosso genio de familia em cousas mesmo minimas... a nossa vehemencia, às vezes offensiva, em discussões sobre ninharias... o desmando verbal... o apaixonamento, em caso de discordia, com que nos indentificamos, à outrance, sem razão alguma muitas vezes, com os nossos pontos de vista... (...) Procure, em tudo e por tudo, ser sereno, principalmente nas expressões do que tiver de dizer. Há mil modos de revelar descontentamento: o peor é o da palavra ou expressão violenta.

Abgar demonstra o quanto evoluiu em relação a sua visão da mulher, ele, que nos tempos de noivado, soava às vezes machista:

Analyse sempre as razões que há de um lado e de outro. Seja tolerante, em tudo quanto fôr possível. Não se exalte nunca. (Falo assim porque já fui como Você, e, afinal, melhorei, após verificar a sem-razão de muitas cousas). Seja carinhoso até nas zangas, quando surjam, acaso. Sobretudo isto: a sensibilidade feminina é mais profunda que a dos homens: esta é, frequentemente, peripherica; a outra raramente deixa de attingir a propria alma ao fundo.

A carta revela também que os vencimentos do cargo de Diretor Geral do Departamento Nacional da Educação estavam longe de ser principescos. Permitiam um padrão de vida digno, porém parcimonioso. Abgar explica a Lívio que deixa de comparecer a seu casamento para economisar as despesas da viagem e poder oferecer ao irmão um presente condigno: “Entre não ir e poder enviar-lhes um presente

⁸ A respeito de um exercício de colégio, o filho lhe perguntara “Esta conta é de para ou de mais?”, isto é, de subtração ou de adição?

razoavel e ir, mas não poder levar-lhes uma cousa digna, preferi, de acôrdo com Ignez, a primeira hypothese, por mais que me doesse, como dóe, não estar ahi amanhã de corpo presente.”

Dois meses depois, em novembro de 1935 (dia 19) a correspondência retoma um dos temas rotineiros, as leituras dos dois irmãos. Abgar recomenda a Lívio *A conquista da felicidade* de Bertrand Russell (“notavel”), e a *Histoire de la philosophie européenne* de Weber. A política só merece um curto *post-scriptum*: “A cousa está preta para o Getúlio”. Tempos depois, um trecho de carta em papel timbrado da “Secretaria Geral de Educação e Cultura”, sem data – mas que, pelos fatos relatados, deve ter sido escrita em 1937 – mostra Abgar interessado na efervescência política nacional:

O Armando de Salles vai largar o governo de S. Paulo e candidatar-se à Presidencia da Republica (...) Já comunicou isso ao Getulio, tendo vindo aqui para esse fim. Anda tudo muito escuro, sobretudo no Sul. Querem tirar o Flores por meio de um impeachment, pois elle conta com minoria na Assembleia Estadual. Diz-se ainda que o Benedito, o Juarez, e o Flores são contra a continuação do Getulio, havendo se comprometido em tal sentido com o Armando. Este diz que não faz questão de ser eleito. Quer apenas forçar o Getulio a ter um candidato qualquer, impedindo-o assim de tentar continuar, como é pretensão d'elle. A cousa vae ser feia. O Flores está animadissimo tanto que a ida de Goes Monteiro ao Sul, que era dada como certa e que visava liquidar o Flores não se realizou nem se realizará. Por outro lado, S. Paulo está armadissimo, tendo comprado esse ano 40 000 de munições e armas. É o que há. É pouco?

Às vésperas do Estado Novo, Abgar salienta a intencional dubiedade com que Getúlio Vargas apoia ora um ora outro candidato a sua sucessão. Comenta boatos sobre a possibilidade de Vargas apoiar Macedo Soares, em substituição a Armando de Sales Oliveira. Mas esse não é o único assunto. Na mesma carta, trata de remessa de dinheiro para pagamentos de contas, registros de diplomas, repercussões da vida funcional do pai, Leon Renault, na imprensa carioca e mineira. Também não esquece o cotidiano cultural e familiar. Insiste com o irmão para que não deixe de realizar uma

projetada viagem à França e, uma vez lá, procure avistar-se com o escritor Axel Munthe e obter dele um autógrafo. Aproveita para encomendar brinquedos para os filhos, que agora são três – seu “trio maldito”, como os chama na carta sobre o casamento do irmão. Parcimonioso, recomenda que os brinquedos não devem ser caros, e pede que o viajante comunique por carta o preço aproximado, para que possa enviar-lhe o dinheiro. A preocupação maior é com a alegria das crianças: “O trem deve ser electrico. A aeroplano cousa moderna e interessante, que finja ao menos que vôa”. Trata também da encomenda de uma bicicleta para o pai.⁹ A política volta a ser o tema principal em outra carta não datada, alusiva ao denominado *Plano Cohen*, usado como pretexto por Vargas para manter-se no poder:

Quanto ao caso Flôres/Getulio, que caminhava tão auspiciosa e promissoramente, diga a Papae que o surto comunista só serviu para consolidar o Getulio mais uma vez, exatamente quando a situação delle parecia e era, de facto, gravissima. Parece que aquillo veio de encomenda! É um sujeito de sorte. O Flôres já nem se lembra de haver dado uns bufos contra elle.

Também aqui o interesse pela política não obscurece o enlevo paterno. Após os comentários sobre o continuísmo de Getúlio, Abgar informa que seu primogênito “Caio Marcio babou-se com o album de figuras. Já está quase concluído, com as figuras que elle já tinha”. Não esmorece seu entusiasmo pelo futebol, que data da adolescência, quando, jogando, fazia-se admirar por sua primeira namorada, a menina Marta. À falta de praticar ele próprio o esporte, acompanha com paixão os jogos em clubes fluminenses, e, muito especialmente, seu amado clube mineiro, o Atlético, cuja estrela, Jasminor, inspirara o poema homônimo. Do Rio, Abgar escreve a Lívio, em linguagem de torcedor apaixonado e, ao que parece, de alguém que pertencia à diretoria do clube, como ocorrera em sua juventude em Belo Horizonte:

⁹ A carta, de 06/01/1937, segue em aerograma da extinta companhia aérea, Panair.

Vocês tanto bobearam, que o jogo do Botafogo, si realizado agora, perderia todo o interesse, pois os tres melhores jogadores foram para a Europa, com o “Basco da Gama”. O proprio Botafogo expôz isso, embora disposto a seguir, e eu concordei por entender que não consulta a interesses da Associação Universitaria. Tendo de ir ao Rio Grande do Sul dia 16, o club põe, desde já, à disposição da Associação as seguintes datas: 5, 12 ou 19 de julho, sendo que poderá realizar, em qualquer das datas escolhidas, da acima citada, pois joga: um sabbado à noite, outro domingo de dia ou uma 4ª à noite e outro 5ª de dia. Eis o que seria bom. Comunique isso ao Presidente da Associação, escolham a data e escrevam-me para assentar isso definitivamente.

Essa carta, sem data, segue em papel timbrado do Gabinete do Ministro de Educação. O mesmo ocorre em outra carta, quando elogia poemas de Lívio. Promete enviar um, “A silenciosa confissão”, para publicação na revista *Fon-Fon*. Mas o crítico literário não silencia o torcedor apaixonado e, como tantos brasileiros, o técnico de futebol:

Fui ao campo. Brant assombrou: o melhor jogador do campo. Nory: estupendo – parece feito de aço. Nereu – droga da peor que tenho visto: aconselhei o Anibal a substituil-o. Da linha: todos bons excepto Piorra e João. O Cunha admiravel: mesmo que raio; deu tiros...? e, apesar de ser atribuido ao Niquinho o goal de empate, foi elle – Cunha, quem o fez. Elle mesmo não sabe disso. Eu e o (...?), atrás do goal, vimos o lance: driblou em half, em back, deu um shoot muito espora (?) e a bola resvalou no terreno, tomou effeito e entrou.

Em outra carta, datada de 29 de maio de 1936, o poeta cede lugar mais uma vez ao apaixonado do esporte. Pelo visto, além de poeta, Abgar foi o Roberto Drummond dos anos trinta do século passado:

Fui ao campo, infelizmente. Um fracasso total. Só se salvaram, na defesa, Clovis e Florido, que jogaram ambos assombrosamente. Veja o “O Jornal” de ontem acerca do Florindo. Culpados principais da derrota: Bala, Zago e Evandro. Os dois primeiros nada fizeram de util: só besteiras, deixando os extremos jogar absolutamente livres. Até pareciam vendidos! O Evandro furou como um demonio: era suspender o pé e a bola passar de lado ou por baixo. A linha jogou direito, apesar de ter de ir buscar bola na defesa. Bons tiros a goal, optimos (...) O melhor foi o Guará, apesar de... Não houve dominio

algun do Flum. A não ser por 5 minutos no maximo. Foi uma noitada negra e eu tive o pressentimento do desastre. Enquanto o Athl. não arranjar 2 halves de ala optimos não poderá confrontar com sucesso o Flum., que tem um team de 1ª ordem. Por que não contratam o Canalli, que largou o Botafogo? Aquillo foi bonito...

As cartas de Abgar a seu irmão mostram um homem afetuoso, cheio de inquietações intelectuais, envolvido com a família, e, de sobra, com a paixão pelo esporte. Físicamente, o tempo começa a deixar nele as primeiras marcas, prenúncios da meia idade ainda distante. Continua ágil e magro. Quando, a custo de fortificantes, consegue engordar quatro quilos e meio, mal atinge 63 kilos, desproporcionais a sua altura. Mesmo assim, comemora o acontecimento e escreve ao irmão. Pede que recomende o tônico ao pai, que “precisa fortalecer-se”. Também menciona com humor a queda dos cabelos e revela interesse por certa loção capilar: “Quero vêr si fico ao menos com os 6 ou 8 fios de cabelo que ainda restam... Será uma lança em África”.¹⁰

Mantém-se atento à recepção de sua obra poética, recortando comentários críticos de jornais.¹¹ Ocasionalmente, publica textos em prosa ou verso em *Fon-Fon*. Seu nome é citado entre os colaboradores na edição de aniversário da revista, em 8 de abril de 1933. O cronista de Belo Horizonte silencia. Os recortes já não ilustram a vida da Capital, com uma única exceção: uma notícia ilustrada (em 31 de agosto de 1933) sobre o *footing* na Avenida Afonso Pena, talvez porque se relaciona com a educação. A foto mostra um grupo de moças mineiras, sorridentes e bem vestidas. Carregam pastas e bolsas com displicente elegância. A legenda esclarece que se trata de “futuras professoras fazendo o *footing* na Avenida”, “depois da matinée”.¹²

¹⁰ Carta a Lívio Renault, 01/11/1937.

¹¹ Ver, por exemplo, “A modena poesia – sua repercussão no Brasil, de Cristiano Martins, em *Surto*, de 01/10/1933 e “Um Intimista”, de Mendes Batista, também de *Surto*, em 31/08/1933 (*Caderno II*, p. 169 e 160.)

¹² “Depois da ‘Matinée’”, 31/08/1933. *Caderno II*, p.160, sem indicação do nome do periódico.



Futuras professoras fazem footing na Avenida

A postura e o vestuário indicam tratar-se de jovens pertencentes à classe média, que se orgulha de ver as filhas freqüentando a Escola Normal. O governo mineiro prestigiava então o ensino público. Remunerava razoavelmente o magistério de primeiro grau, que se torna praticamente a única opção profissional socialmente aceita para moças de “boa família”.

Nesse período Abgar volta a encontrar amigos dos tempos de Faculdade, residentes no Rio de Janeiro. Integram o grupo que Sergio Miceli denomina de várias formas: “homens de confiança”, “polígrafos”, “funcionários escritores”, “escritores-funcionários”, “administradores da cultura”, “educadores profissionais” – intelectuais recrutados para integrar a colossal máquina burocrática a serviço da “centralização autoritária” mantida pelo regime Vargas entre 1930 e 1945. Nas palavras de Carlos Drummond de Andrade, são os “poetas ajuizados”, que, em meio a uma “mansidão subvencionada”, tentavam construir seus “edifícios de núvens”.¹³ Segundo Miceli, trata-se de intelectuais “egressos dos partidos republicanos do antigo regime que, alijados das carreiras políticas de maior prestígio” abraçaram as oportunidades

¹³ MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil (1920-1945)*. São Paulo-Rio de Janeiro: Difiel/Difusão Editorial, 1979, p. 133, 152, 178 e 187.

no mercado de trabalho político e cultural que a elite burocrática começava a implantar.¹⁴ Assim, prossegue Miceli, a convocação de homens como Drummond e Abgar, para preencher cargos de confiança no segundo escalão do estamento, “inscrevia – se numa estratégia que consistiu em esfacular a autonomia das oligarquias estaduais”.¹⁵

Os edifícios onde Drummond e Abgar realizavam seu trabalho podiam estar nas núvens, mas os pés dos poetas estavam bem plantados na terra, e, pelo alcance de suas funções, atingiam todo o território nacional. A respeito, vale a pena consultar a correspondência com Fernando Azevedo, conservada na Casa Ruy Barbosa, no Rio de Janeiro. Em tom simultaneamente profissional e pessoal, Abgar comenta as publicações do amigo educador, que citará e utilizará em encontros internacionais. Trata de questões ligadas ao ensino no país em geral e no Estado e na Universidade de São Paulo em particular. Menciona decreto-lei sobre a organização administrativa da então Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP, onde Fernando atuava como Diretor. Trata de sua atuação no DASP, vencimentos de professores, criação e extinção de cátedras, vencimento de professores estrangeiros na USP, alterações no ensino secundário, em função da Reforma do Ensino Normal etc.¹⁶

O Diretor Geral do Departamento Nacional de Educação mergulha fundo nas miudezas da burocracia educacional. Numa mesma página, quatro recortes do *Caderno II*¹⁷ ilustram o zelo com que acompanha o dia a dia das atividades nos educandários do país.

¹⁴ MICELI, Sérgio, op. cit., p. 57.

¹⁵ MICELI, Sérgio, op. cit., p. 178-179.

¹⁶ As datas das cartas citadas são, respectivamente, 17 out. 1941, 17 ago. 1940, 2 out. 1942, 29 jan. 1944, 19 nov. 1940, 17 ago. 1940. Cf. *Catálogo Analítico da Correspondência entre Abgar Renault e Fernando de Azevedo*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1997, p. 47, 48, 49, 50, 55.

¹⁷ Os quatro textos, colados à p. 174 do *Caderno II*, são os seguintes: dois, sem título, do *Jornal do Comércio*, de 27 e de 31/01/1940. Também “Querida inspecção permanente”, em *A Notícia*, 31/12/1940 e “Decadencia do Ensino Secundário” no *Correio Paulistano* de 01/02/1940.

Em 27 de janeiro de 1940, o *Jornal do Comércio* transcreve curioso despacho seu que, além de negar registro de professor em língua inglesa, cancela o anteriormente concedido ao mesmo requerente, para o ensino de Português. Segue-se uma reprimenda aos funcionários encarregados de montar processos desse tipo:

Cancelle-se o registro, pois o requerimento de fls. 17 constitui pela sua redacção prova bastante de que a requerente não está em condições de lecionar a lingua portugueza e, conseguintemente, a lingua ingleza.

Recommendo aos funcionários encarregados do serviço de registro de professores a maior atenção no exame dos processos para que não se conceda registro a requerentes que estão a dar provas, em seus requerimentos, da própria incompetência.

Quatro dias depois o *Jornal do Comércio* menciona determinações do Diretor. Ele encarece a necessidade de se aplicar a portaria ministerial 190, de 24 de abril de 1929, referente ao ensino da língua nacional e de História do Brasil. A portaria inclui instruções detalhadíssimas. Recomenda que

dois terços do total das aulas sejam consagrados, exclusivamente, a exercicios de redacção, a exposições e relatos oraes, tendo como finalidade habituar o alumno ao uso adequado da palavra falada, à leitura expressiva, interpretação, commentario e analyse de trechos escolhidos, em prosa e verso. (...) [N]a attribuição de notas às provas das demais disciplinas do curso, tanto no cyclo fundamental como no cyclo complementar, as incorreções de linguagem pesarão no julgamento geral, de accordo com o conhecimento exigivel em cada serie, na proporção de 1/5 relativamente ao da materia sobre que versarem as referidas provas. Nas provas de linguas estrangeiras, inclusive latim, de que conste trabalho de traducção, e nas de literatura, as incorreções pesarão na proporção de 1/3.

Não são menos minuciosas as determinações relativas ao ensino da História do Brasil:

Emquanto esta disciplina permanecer unida à História da Civilização, de todas as provas parciaes em todas as séries constará, obrigatoriamente, uma dissertação sobre acontecimentos, datas ou

vultos históricos do Brasil, dissertação que terá o valor de 50 pontos em relação ao valor total da prova. (...) O estudo da língua e da historia nacional está a exigir de mestres e alumnos um esforço de excepção, que é um imperativo da propria nacionalidade. Cumpre, pois, dedicar-lhe o maior carinho, o mais intenso labor, a mais viva decisão.

No mesmo sentido, *A Notícia* de 31 de dezembro de 1940 cita parecer contrário ao mandado de segurança impetrado contra o Conselho Nacional de Educação, que negara registro de diplomas expedidos pela Escola de Farmácia e Odontologia de Ubá, até então não reconhecida pelo Ministério da Educação.

O rigor de Abgar era necessário, como não se cansava de registrar a imprensa, e não apenas a do Rio de Janeiro, sede, à época, do Ministério de Educação. Artigo de Geraldo Mendes Barros no *Correio Paulistano* de 1 de fevereiro do mesmo ano de 1940 destaca “factos e mais factos mostrando a decadencia do nosso ensino das humanidades”. O *Correio* alude a relatório do Prof. Leitão da Cunha, Reitor da Universidade do Brasil, a respeito da percentagem elevada de reprovações para os diversos cursos universitários. O articulista destaca a “dolorosa ignorância” demonstrada pelos candidatos no que diz respeito à língua pátria e à história do Brasil. Remetendo a relatos de examinadores, o texto menciona “coisas que tocam o dominio da anecdocta e forneceriam motivos para gostosas gargalhadas se não obrigassem à meditação sobre o futuro dessa juventude ignorante e carregada de titulos scientificos”. A afirmação é ilustrada por trechos de algumas provas de vestibulandos:

Anchieta fazia versos com um palitinho na areia. “Trouxeram jesuitas da ‘comição’ de Jesus”. “Anchieta, preso numa tribu, escreveu na areia o ‘Guarany’ e varias outras musicas”. “Na Inconfidencia Mineira, ‘os estudantes procuravam o apoio de homens de valor como Floriano, tambem poeta, miltar e magistrado.” “Dom Pedro I recebeu telegramma da princeza Isabel para que ficasse, e dahi se originou o ‘Fico””. “Nassau foi um dos grandes brasileiros que trabalhou para este fim: libertar o Brasil do jugo de Portugal”. “Em 1645 Portugal ficou pertencendo ao Brasil”. “Na revolução pernambucana, tomaram parte o Duque de Caxias, Ruy e padre Feijó.”

Em vista de tais “descalabros”, atribuídos à má estruturação do ensino secundário, seu “scientifismo injustificável, seus programas frondosos e fiscalização ineficiente”, aos “professores ignorantes e ‘camaradas’”, aos pais “que não zelam convenientemente pelo aproveitamento dos filhos e se contentam em saber que ‘fizeram o ano’”, bem como à “mercantilização do ensino – os colégios brotando por toda parte” – o texto apoia calorosamente a ação do Secretário Geral:

Merece os mais francos applausos, por isso, o sr. Abgar Renault, diretor do Departamento Nacional de Educação, pelas medidas energicas que vem tomando, suspendendo os inspectores de ensino negligentes, cassando o registo dos professores incompetentes, negando o mesmo registo aos ignorantes, traçando normas rigorosas sobre o ensino da lingua e da historia nacionaes.

Os golpes desferidos pelo Diretor do Departamento Geral de Educação atingem vários outros alvos. Punições para os inspetores federais de ensino são noticiadas pelo *Jornal do Commercio* de 25 de janeiro de 1940. Citam casos de diferentes penas impostas por faltas diversas: tolerância com irregularidades em estabelecimentos de ensino, inconveniência de linguagem em documentos oficiais e até, em um caso, acusação infundada de suborno levantada contra um técnico de educação. O artigo enumera medidas contra um ginásio situado em zona povoada sobretudo por elementos estrangeiros. As faltas cometidas eram “não só de natureza administrativa como também de caracter accentuadamente desnacionalizante”. Nesse caso, as penalidades foram aplicadas em função de despacho de Gustavo Capanema, Ministro da Educação. Seu Secretário Geral parece incansável, como testemunham os recortes das páginas 180 a 197 do *Caderno II*. A simples leitura exige paciência. O que não dizer da elaboração das indispensáveis e detalhadíssimas providências? Alguns pareceres referem-se a taxas a serem cobradas, outros, a aposentadorias de funcionários, remoções e transferências de técnicos de educação, sem falar nos pedidos de verificações de condições de funcionamento em estabelecimentos de ensino, nas

instruções e programas para exames vestibulares em faculdades... Um parecer sobre recurso impetrado contra resultado de concurso para professor numa Faculdade da Bahía, disputado por um deputado federal e por um ex-promotor, inclui, além de considerações pitorescas sobre o documento encaminhado, a recomendação de advertência e até de transferência, para outra instituição, do inspetor de ensino envolvido no caso: por ter dado “mostras de pouca serenidade, criando situação embaraçosa no estabelecimento”.¹⁸ Outros despachos decidem sobre transferências, para o Colégio Pedro II e para os estabelecimentos equiparados, de estudantes oriundos de colégios militares. Repetem-se os despachos sobre pedidos de registro de professor, deferidos ou indeferidos, às vezes com reprimendas aos requerentes ou a funcionários – estes por não examinarem devidamente os processos. Há observações curiosas, que revelam leitura cuidadosa da documentação encaminhada. O Diretor Geral não a examina superficialmente, como mostra o processo de nº 23.840-41, de 06 de dezembro de 1941. O despacho esclarece que “do documento de fls. 26 não consta – ao contrário do que assegura a informação – que o requerente tenha lecionado lógica, e nem poderia constar porque essa disciplina não faz parte do currículo das escolas normais”.¹⁹ Outros pareceres revelam atenção ao uso da linguagem, como convinha ao Secretário, professor de Português. Em projeto de decreto-lei a ser promulgado na Bahia, Abgar aponta e exemplifica “ambiguidades, contradições, impropriedades e erros de linguagem”. Observa que o projeto deve “ter nova redação”. Como “não é atribuição desta Comissão redigir decretos”, deve ser devolvido à Interventoria da Baía para estudo.²⁰ Também incluindo observações de natureza lingüística, um despacho nega provimento a recurso impetrado contra o Diretor da Divisão

¹⁸ Como na Faculdade de Direito da Bahia, despacho do ministro Gustavo Capanema, aprovando parecer de Abgar, em 10/10/1940. *Caderno II*, p. 193, 194.

¹⁹ *Caderno II*, p. 180.

²⁰ *Caderno II*, p. 200.

de Ensino Superior, que não considerara “idôneo” o procurador do requerente. Abgar discute o sentido da palavra “idôneo” à luz do *Dicionário Contemporâneo* de Caldas Aulete. Conclui que, no contexto, a afirmação de que o procurador não era idôneo (isto é, “não podia exercer a função”) nada tem de pessoalmente ofensiva. O recurso contra o despacho é, pois, indeferido.²¹ Outro parecer envolvendo considerações lingüísticas versa sobre a impropriedade da denominação “Instituto Super de Preparatórios”, “despropósito estético e gramatical”, que, ademais “não evita, mas dá causa a confusão”. Ao fim, o parecer afirma que

constitue tal designação um processo indireto de conseguir o que a lei veda, e não deve ser conseguido por via obliqua aquilo que por via reta não é lícito conseguir-se. Por tudo isso sou de opinião que não deve ser permitida ao Instituto Superior de Preparatórios a designação de ‘Instituto Super de Preparatórios’.²²

Nesses pareceres, Abgar mostra-se, como poderia dizer ele próprio, na língua inglesa que conhecia tão bem, *fastidious* – extremamente minucioso – palavra cujo cognato em português assume outro sentido. Felizmente, não escuta apenas a tediosa “voz de bispo”. Sem se deixar limitar pelas atividades burocráticas, continua poeta. Em 1943 publica pela José Olympio Editora tradução de *Pássaros Perdidos* de Rabindranath Tagore, e também *Poemas Ingleses de Guerra*. Em prefácio a esse livro, inicialmente publicado em edição fora do comércio, Carlos Drummond de Andrade declara: “Rigorosamente, Abgar não traduziu os poemas: fê-los de novo. Têm a serenidade, a compassada beleza, o sentimento sutil da língua, que há na poesia do nosso esquivo e caro poeta. Entretanto, são também ingleses, e são principalmente poesia, isto é, mensagem de homens para homens”.²³

²¹ *Caderno II*, decisão sobre o processo 28 047/40, de 26/09/1940.

²² Processo 1.480/39, parecer de 12/03/1940, *Caderno II*, p. 196.

²³ A declaração de Drummond está incluída na nota “Poemas Ingleses de Guerra” de *Fon-Fon* em 15/07/1942.

A observação de Drummond embute a tese de teóricos como Augusto de Campos: o tradutor é um tipo especial de “fingidor”, que, envergando a pele de outro poeta, exerce uma atividade de empatia literária.²⁴

1943, ano da publicação dessas criações/traduições, é também o da morte da mãe do poeta. Sua dor manifesta-se em alguns textos, testemunhas de metamorfoses estilísticas. Inspirados pela figura materna, “Fidelidade”, datado de 24/04/44 e “Infinitamente Ausente”, sobrevivem ao severo crivo de Abgar. Os poemas foram incluídos em *A Outra Face da Lua* (1983) e depois em *Obra Poética* (1990). Lembrando as criações de juventude, sobressaem em “Fidelidade” imagens contrastantes de claridade e escuridão. Recuperada pela memória, a luz extinta do olhar materno opõe-se ao negro do luto por seu desaparecimento. À semelhança de “Regaço Materno”, também em forma de soneto, e em contraste com poemas juvenis dedicados à mãe, desaparecem a música dolente e as imagens místicas reminescentes de Cruz e Souza. Emerge uma construção enxuta, com rimas inusitadas (“rugem” x “ferrugem”). Na descrição das “praças, os jardins e as ruas” de um outro tempo, a paisagem, povoada pela ausência da morta, projeta-se, em curiosa inversão, no “céu de chão, de chumbo e de ferrugem”, testemunha de que uma “infância corre”/ “de volta ao golfo unânime da origem”. “Infinitamente Ausente”, outro poema de luto, datado de 1943, mostra ainda mais claramente as transformações sofridas pela poesia de Abgar. Os versos brancos, pausados e severos, evocam detalhes da figura materna, “a graça imóvel das mãos serenas”, a “mansidão do gesto”, os “lábios tímidos”, “a humildade dos passos”, “o pudor da voz”, “o morrediço olhar de resignação”. Evidenciam uma metamorfose que é simultaneamente a do artista e a do homem. A

²⁴ Cf. “Tradução para mim é persona. Quase heterônimo. Entrar dentro da pele do fingidor para refingir tudo de novo, dor por dor, som por som, cor por cor. Por isso nunca me propus traduzir tudo. Só aquilo que sinto. Só aquilo que minto. Ou que minto que sinto, como diria, ainda uma vez, Pessoa em sua própria persona”. CAMPOS, Augusto de. *Verso, reverso, controverso*. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988. p. 7.

poética junvenil cede à linguagem madura, o simbolismo langoroso ao soneto despojado ou ao verso branco. Evoca, não tanto os traços maternos, mas aquilo que representam para o filho. Na lembrança da mãe ele busca não mais o ideal de pureza angélica, que marca “Teus Olhos”, soneto de adolescente, mas “amargo alimento”, “sangue” e “forças” para “recomeçar a vigília, a desesperança e a espera”. Alguns acontecimentos que o futuro reserva para Abgar confirmarão a necessidade dessas forças para o enfrentamento do cotidiano.

BUROCRATA E POETA: *Em Viagem*

Andei muito a serviço da educação

(...)

Amo viajar, mas detesto sair de casa.

(...)

Viajar, mais do que tudo, é retornar

Abgar Renault. *Reflexões Efêmeras*

Respeitada a necessidade de permanecer no Rio de Janeiro em função dos afazeres, Abgar nunca parece apreciar permanências prolongadas na cidade. Uma entrevista sua concedida à revista *Alterosa* contém declarações que intrigam o entrevistador. Além de estranhar a insistência de Abgar em usar a ortografia antiga em sua correspondência pessoal (“Não aceito sistemas ortográficos impostos por decreto; só cuidam disso os países que não têm o que fazer”, escreveu-me muitos anos depois, em 1979), o repórter surpreende-se com a falta de entusiasmo do poeta pela então capital da República, e por sua resistência em lá fixar residência. As palavras de Abgar, publicadas “como curiosidade”, são as seguintes:

Jamais cuidei de morar no Rio de Janeiro (...) porque o Rio de Janeiro não é lugar de morar: é lugar de ver com rapidez e dar o fora, pois é suarento, sujo, mal-cheiroso e onde tudo parece mais longe e difícil... É um lugar onde se gasta a vida indo e vindo, um lugar, em resumo, onde nunca se está, e eu gosto muito de estar.¹

Reiterada em diferentes ocasiões, a pouca disposição de Abgar para estabelecer-se no então Distrito Federal contrasta com a postura

¹ “O Rio é um lugar onde nunca se está”. Revista *Alterosa*, 15/12/1956, *Caderno II*, p. 253.

de Ignez Renault. Como em solteira, continua a deliciar-se com a vida na “cidade maravilhosa”, onde tem a mãe e a irmã Sarita. A filha de Alice Brant, (“Helena Morley”) herdara a vivacidade, a inteligência, o gosto pelas coisas da cultura, e o espírito de observação da autora de *Minha vida de menina*. Com a irmã, partilha o gosto pela conversação, por festas, teatros, cinemas, visitas, partidas de jogo familiar, enfim, toda espécie de atividade social, que, nos tempos de noivado, tanta inquietação provocara no sisudo Abgar. Nos anos quarenta, quando Abgar inicia sua permanência na “bela capital”, Ignez saboreia a rotina no Rio. Por algum tempo, a cidade ainda fervilhará com o burburinho elegante da Cinelândia, das lojas e confeitarias nas adjacências da Rua do Ouvidor. Abgar acompanha a esposa em atividades sociais. Reconhece-lhes, talvez, a função de amenizar o cotidiano atarefado do Ministério. Ignez continua vaidosa, como em solteira, quando Abgar se pronunciava contra os artifícios da maquiagem e da manicure. Em 1944, prossegue a pendência, embora o marido use um tom brincalhão, sem os ciúmes dos tempos de noivado. Em 24 de maio, Ignez viaja para uma estação de águas. Abgar escreve-lhe do Rio. Entre outras coisas, trata dos estudos dos filhos. Sobre um tratamento de embelezamento pretendido por Ignez, indaga: “Quantos dias V. já remoçou? Acho graça em V. julgar que precisa mesmo de remoçar e levar a sério esse pensamento. Deixe de tolices. Aproveite as águas ao máximo. Mas não me venha com essa bobagem de remoçar. V. não precisa disso”. Também do ponto de vista afetivo a atitude do missivista continua inalterada, com os conhecidos protestos de saudade, que ele não acredita correspondida na mesma proporção. Entretanto, a mudança do poético vocativo “tu” para o prosaico V. (você) corresponde à passagem da correspondência de noivo para carta de marido. Abgar escreve: “por menos que V. queira, a saudade que sinto de V. é enorme e anseio por sua volta de todo coração. Estimarei muito que V. sinta de mim ao menos um terço da saudade que sinto de V. De resto, estou convencido de que fiz uma asneira deixando você ir”. Por que, então, Abgar não acompanhara a esposa? A carta esclarece esse ponto também. Mostra a frugalidade de sua vida, e a independência que

nunca lhe permitiu aceitar ajuda financeira do sogro: “Esta vae longa demais, mas não quero concluil-a sem dizer-lhe que não fui com seu Pae porque não tenho meios para a estada ahi...”

Abgar priva-se de passeios amenos, mas o cargo de Diretor do Departamento Nacional de Educação leva-o a viagens pelos educandários e centros culturais do país. Segundo a *Folha de Comércio* local de doze de agosto de 1943, visita o Liceu da cidade de Campos. Como representante de Capanema, ministro da Educação, comparece ao Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, conforme informa o *Diário de São Paulo*, em 21 de dezembro desse ano. O trabalho é estafante para todos, e assim vem sendo há muito tempo. Em carta a Ignez, ainda em maio de 1934, Abgar informa: “Maria (do Capanema) está muito aborrecida com a doença d'elle, porque não consegue que elle repouse. Hontem, p. ex., embora ainda urinando sangue, sahiu às 8 horas e voltou às 9 da noite.” Refere-se, naturalmente, a Gustavo Capanema, atormentado por cálculos renais.

Como parte das atividades rotineiras, o Diretor do Departamento Nacional de Educação continua tratando de questões muito variadas: funcionamento do ensino particular, cinema educativo, ingresso em Faculdades de Filosofia, concessão de bolsas a alunos carentes. Integra também a Comissão de Estudos de Negócios Estrangeiros. e, a partir de 1938, o Conselho Federal de Educação.² Como fizera anteriormente em Minas Gerais, em 1943 Abgar reivindica remuneração condigna para os professores do ensino secundário, que haviam encaminhado memorial ao presidente Vargas.³ Também visita o Governador de São Paulo, contra a tentativa de diminuir os vencimentos dos professores estrangeiros na USP.⁴

² Ver pareceres à p. 191 do *Caderno II*.

³ “Remuneração condigna para professores do país” *A Manhã*, s/d. *Caderno II*, p. 216.

⁴ Cf. carta de 17 ago. 1940 a Fernando de Azevedo. VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília de Castro Cardoso. *Conversa de Educadores*, p. 47.

A partir dessa época, as funções de Abgar levam-no também a viagens no exterior. Em 1943, representa o Brasil na “Conferencia de Ministros y Directores de las Repúblicas Americanas”, realizada no Panamá.⁵ Em 1945, outra missão oficial o leva à Conferência Mundial de Educação e Cultura realizada em Londres. Em 16 de novembro de 1945, escreve a Ignez e descreve o trabalho intenso, com cinco comissões atuando simultaneamente, das 10 às 13 horas, e das 15 às 18. Há também tarefas a serem completadas no hotel. “Não estando o Embaixador, como é natural, a par da maioria dos problemas discutidos”, diz Abgar, “tive que desdobrar-me para atender, *tant bien que mal*, as que estão ao meu alcance”. À biógrafa, interessam também as impressões pessoais dessa permanência. Abgar mostra saudades da esposa, desejo de cartas dela, e de notícias do filho Carlos Alberto. Fala da beleza dos arredores de Londres, observados na viagem de carro do aeroporto ao hotel, e, depois, a Oxford: “os campos, as colinas, tudo cheio de carneiros, jardins à frente de todas as casas – tudo (...) um encanto.” Em contraste, mal recuperada da guerra recente, a capital inglesa, está, excetuadas algumas ruas bonitas, como Regent Street, “feia, triste, velha, e os efeitos dos bombardeios são visíveis ainda. Entre casas destruídas e muito danificadas há 3 milhões e 500 mil!”. Como resultado da economia de guerra, a vida está “*difficillima* sob todos os aspectos”, a “comida escassa e má, assucar escassissimo”; carne, só de carneiro com molho de hortelã (que Abgar detesta): “para tudo mais é preciso coupon, e só se dá coupon a quem fique aqui por pelo menos 6 meses”. Duas vezes, Abgar é salvo por convites para almoçar no Albert Circle com um membro da delegação americana. Mas volta a ter crises de fígado, consequência do chocolate, vinho e whisky ingeridos em razão do frio “*intensissimo*”: “mal se pode sahir de dia”, escreve: “uso diariamente meias de lã, calça de pyjama de flanela sobre a cueca; camisa de lã; dois sweaters; sobretudo. Cache-col e luvas, e é pouco”. Sobre o povo, Abgar escreve que “é extraordinario! Aguentar o que aguentou durante 5

⁵ Cf. notícia no jornal *El Panamá America*, 27/09/1943, *Caderno II*, p. 210.

anos e continuar de bom humor debaixo de tantas restrições é admirável”. Em 24 do mesmo mês, escreve sobre as compensações oferecidas pela vida cultural de Londres. Algumas observações sobre o povo relacionam-se com o temperamento comunicativo e extrovertido de Ignez e sua família. Segundo Abgar, a esposa não toleraria a tradicional reserva britânica, mas, com seu conhecimento do inglês, apreciaria o teatro londrino:

O convívio dos ingleses é só entre ingleses: não se misturam. Até hoje não demos, meu companheiro e eu, uma só palavra com ninguém aqui! Quanto a mim, não é de admirar porque pouco falo e não me incomodo mas o meu companheiro, Dr Aluisio de Salles Ferreira, é mais “sociável que vocês, e não consegue nada com ninguém. Você não aguentaria isto aqui uma semana sem uma crise de neurasthenia. A única coisa boa para V. seria teatro. Fui a um, em matinée, e assisti àquela comédia “The Rivals” de Sheridan. Uma delícia! Quão atores extraordinários! Que naturalidade! Que graça! Que diferença de tudo quanto já vi! Lamentei muito sua ausência. Tenho esperança de ainda vêr esta mesma peça com V. Si o tempo melhorar, quero vêr si assisto à peça de Wilde “Lady Windermere’s Fan”. Imagine que estão levando uma peça de Shakespeare, sendo o Lawrence Olivier um dos atores.

Em meio ao torvelinho dessa viagem de trabalho, o poeta encontra tempo para compor “Ubi Troja est”, publicado em *A Outra Face da Lua* muitos anos depois:

Aqui é Londres. London. Londinium, a velha, a cinzenta, a misteriosa.
 Aqui é Londres, que Adolf Hitler ia destruir.
 Onde está Adolf Hitler? Aqui é Londres.
 (...)
 Compreendo-te, Ó Tróia indestruída, e amo-te,
 e longe de ti, sobre o mar que te criou e dominaste,
 sinto vultos vagando pelas ruas do meu pensamento:
 Chaucer, Shakespeare, Dr. Johnson, Donne, Berkeley, Keats...

Nessa viagem, Abgar é também delegado na conferência para a criação de uma Organização Educativa das Nações Unidas, a futura UNESCO, onde representará o Brasil em diversas ocasiões. Ainda em

1943, a convite do Departamento de Estado dos Estados Unidos, viaja até aquele país. Percorre museus e bibliotecas e, como professor visitante, profere conferências em várias universidades norte-americanas da Costa Leste e da Califórnia.



A família Renault de partida para os EUA

Segundo informa o *O Globo*, vai “observar ‘in loco’ os métodos de ensino e o desenvolvimento cultural dessas nações”. A viagem visa também, segundo a notícia, “facilitar o intercambio entre o Brasil e a América do Norte”. O interesse pela educação norte-americana continuará a ocupar a mente de Abgar, como demonstra “Obra educativa de Roosevelt”. Esse texto seu é incluído entre os de outros educadores brasileiros, que ocupam uma página inteira de *O Jornal*, em 22 de abril de 1945, por ocasião da morte do criador do “New Deal”.⁶

Segundo Miceli, as missões de estudo e representação no exterior, como a de Abgar nos Estados Unidos, bem como designações para trabalhos extraordinários e participação em comissões, constituem

⁶ Entre os autores dos textos mencionados, incluem-se, além de Abgar, Afranio Peixoto, Lourenço Filho, Paschoal Lemme, A Carneiro Leão, Francisco Venâncio Filho, Artur Ramos, Hermes Lima, Aracy Muniz Freire, Roquette-Pinto, Fernando Tude de Souza, Raul J. Bittencourt, Celso Kelly e John E. Englekirk, da Divisão de Educação do Coordenador de Negócios Inter-Americanos. *Caderno II*, p. 214.

“rendimentos indiretos” concedidos aos “escalões privilegiados” de intelectuais, “contingentes de letrados” cooptados pelo regime Vargas em postos e carreiras de praticamente todas as áreas do serviço público – educação, cultura, justiça, diplomacia, serviços de segurança – o que torna a cultura “um negócio público”.⁷ Entre os privilegiados, o autor de *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil* aponta alguns dos maiores nomes da literatura e da intelectualidade brasileira no século XX: João Guimarães Rosa, Roberto Campos, Paschoal Carlos Magno, Vinicius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Antonio Houaiss, Oswaldo Orico, Cassiano Ricardo, Vianna Moog, Barbosa Lima Sobrinho, Manuel Bandeira e o próprio Abgar, além de outros. Em diferentes oportunidades, as viagens ao exterior deixam um resíduo de lembranças, logo transfiguradas em poemas, raras vezes estritamente descritivos, alguns publicados em *A Outra Face da Lua*.⁸ O poemeto “Coro”, nome da localidade da Colômbia onde pousa o avião que leva o poeta ao encontro no Panamá, é um registro quase fotográfico da pobreza no chamado Terceiro Mundo:

Coro

Demônio manejou o sol fraudulentamente,
 e todos os raios convergiram verticais, em chuva,
 sobre o chão do aeroporto – esbraseado forno cor de oca.
 Seis árvores, um cachorro e três galinhas organizaram uma agonia,
 e um menino quase nu ofereceu-nos por dois dólares
 um tijolo requemado de doce de leite de cabra.

“Coro” merece o nome de poema descritivo, algo inusitado nos poemas de Abgar. Com maior frequência, os textos associados a viagens do poeta como representante do Brasil traem uma relação

⁷ MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classes dirigentes no Brasil*, p. 130-131, 143, 157, 161.

⁸ Ao comentar a publicação de *A Outra Face da Lua* em 1983, Mario Chamie escreve que o livro “redimensiona e consagra, na sua originalidade, a indagação permanente sobre a história vivida da poesia e sobre a poesia vivida na história da experiência pessoal” do poeta.

entre itinerário subjetivo e paisagem exterior. Transcrevem percursos singulares, mais ao redor da própria sensibilidade que dos locais assinalados no mapa. “Paisagem do Chile” sequer chega a criar a expectativa de uma descrição: limita-se a ampliar a topografia do imaginário, numa viagem através do tempo, “paisagem de quatro dimensões murchando vesperalmente”. O poemeto “Peru” igualmente funde tempo e espaço, noutra viagem às profundezas da mente:

Sequem-se as tuas fontes de petróleo:
Tens os poços do Tempo – fundo e sem fundo.
(*A Outra Face da Lua*, p. 105)

A paisagem de Tunis também serve de pretexto para mais uma viagem pelo imaginário:

Quero dentro do meu sono
a silenciosa inquietude
da insônia febril de Túnis.
(...)
Eu quero morar em Túnis.
bey ou mendigo de Túnis,
mendigo, bey ou gatuno
das maravilhas de Túnis
e, um dia, (que será tudo)
do alvo silêncio de Túnis.
 (“Toada de Túnis”, *A Outra Face da Lua*, p. 96)

Ao sobrevoar os Andes argentinos, é ainda a própria sensibilidade que a voz poética descreve, em dístico de “Lembrança”:

As neves longas do Aconcágua estão
fervendo agora no meu coração.
(*A Outra Face da Lua*)

Interessantes como matéria prima para a criação poética, as viagens, vistas sob outro ângulo, constituem, segundo Sérgio Miceli, privilégios concedidos aos intelectuais encarregados de gerir a política cultural do regime Vargas. Mas existe o outro lado da moeda, o preço desses privilégios. Pelo menos no caso de Abgar, as viagens

exigiam trabalho compatível, que ele sempre desempenhou com exaço. A permanência nos Estados Unidos não constitui uma exceção. Abgar estabelece seu quartel-general em Washington, onde mantém contato diário com o Instituto Americano de Educação. Visita estabelecimentos de ensino superior da cidade, além de outras instituições. Sobre as palestras que faz em universidades norte-americanas, escreve a Fernando de Azevedo em novembro de 1946.⁹ Inevitavelmente, nem todas as suas observações coincidem com a visão de nossos dias. O poeta não escapa à falácia, ainda não completamente extinta, de nossa “democracia racial”. Num comentário pouco feliz, provavelmente endossado por quase todos os brasileiros da época, Abgar declara à France Presse que “a segregação racial praticada em certos estabelecimentos, correspondendo ao sistema de segregação geral em vigor em toda a região sul dos Estados Unidos” (...) “muito admiraria os Brasileiros, pois não existe em absoluto, no Brasil, onde a questão de raça nunca entra em jogo.” Em outra declaração, ao sistema escolar secundário nos Estados Unidos, que, na sua avaliação, visa cedo demais à especialização, Abgar afirma preferir o brasileiro, mais próximo do sistema europeu, voltado para as humanidades e para uma cultura geral. O poeta menciona também o interesse de arquitetos e engenheiros norte-americanos pela arquitetura moderna, “um dos maiores atrativos culturais do Brasil”. Acrescenta que tenciona contribuir para um intercâmbio que traga estudantes norte-americanos à Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro.¹⁰

Ao citar a arquitetura moderna de seu país, Abgar tem certamente em mente o edifício do então Ministério da Educação e Saúde, cujo projeto fora confiado por Gustavo Capanema a Le Corbusier em 1936, e realizado pelos arquitetos brasileiros Lúcio Costa, Oscar Niemeyer

⁹ Cf. VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília de Castro Cardoso. *Conversa de Educadores*, p. 51.

¹⁰ “Em visita aos museus e bibliotecas dos EE. UU. O professor Abgar Renault”. Recorte de notícia de *O Globo*, s/d, *Caderno II*, p. 178.

e Afonso Eduardo Reidy, entre outros. No imaginário do poeta, aquele marco da arquitetura modernista nacional não ocupa lugar muito invejável. A voz lírica lembra com nostalgia o prédio anterior, como se lê em “Endecha do Funcionário no Palácio da Educação”. Pouco encontra para louvar no novo edifício, então no esplendor de sua construção recente. A preferência pelo antigo, manifestada no poema, serve de pretexto para alusões a seu temperamento melancólico, “esquerdo” e à crítica ao culto da figura de Vargas, com seus *slogans*:

Que me importam elevadores prateados
 por dentro, se por dentro e por fora estão parados?
 Vou querer é regressar ao Rex.
 Quero a água quente do Rex,
 A campainha do Rex, o silêncio, o barulho do Rex,
 O telefone oficial quebrado, o paciente armário de livros,
 o retrato implacável na parede – o retrato eterno na resignada parede,
 o retrato muito eterno com as irremediáveis palavras por baixo.
 “A educação física fará de cada criança um cidadão útil à pátria.”
 Prefiro a mesa com o vidro quebrado do lado direito,
 com a lista dos telefones importantes atrás da cabeça da gente,
 as paredes descascadas e sem mais esperança,
 entre as quais por cinco anos trabalhei, sorri, danei-me, comi terra,
 sorri de novo e sonhei.

Prefiro, sobretudo, a janela aberta para o poente
 (a janela que nunca se fechava completamente)
 por onde entravam cada tarde, em filme crepuscular,
 imitações da paisagem mineira que ama o meu olhar.
 Não quero o novo, o grande, o claro, o alegre:
 prefiro a sala velha sem luz, sem ar, sem água gelada
 o prédio velho, sem jardim, sem estátuas nuas, sem peixes, sem nada,
 nada do que de moderníssimo aqui existe,
 porque, por menos que pareça, sou esquerdo, antigo e triste.

Não é difícil imaginar que a aversão de Abgar não seja exatamente ao inocente prédio carioca, mas àquilo que emblematicamente representava para ele: as deficiências do sistema educacional e, sobretudo, as ingerências políticas que, tempos depois, motivarão sua renúncia à Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais.

Nesses anos de febril atividade na esfera da educação o trabalho criativo de Abgar prossegue quase subreptício. Mas é demonstrado pelas datas de poemas depois incluídos em livros diferentes de *Obra Poética*. Continua a despertar atenção da crítica, como demonstra a edição especial da revista *Panorama* (número 5, de janeiro de 1948), organizada por João Calazans, com vários estudos sobre sua obra poética e uma pequena antologia dela.¹¹

A capa da revista exhibe uma fotografia do autor. Voltado diretamente para o leitor, o rosto liso, de olhar inteligente, cheio de doçura, mas direto e firme, em harmonia com a boca, bem delineada, é de um homem cuja mocidade renitente só é desmentida pela calva acentuada, que lhe prolonga a testa. Outra fotografia, à p. 5, exhibe o mesmo homem, em posição menos frontal, com um esboço de sorriso. Sob o título “O homem da capa”, vem uma breve apreciação de sua obra, iniciada como se segue:

Abgar Renault é indiscutivelmente uma das vozes mais significativas da poesia brasileira. Perfeito na forma, sóbrio, rigoroso e tranquilo, tornou-se, todavia uma figura estranha, excessivamente modesto, esquivo e cauteloso, atacado por uma enorme desconfiança em si mesmo. Sendo um poeta de elevada categoria, jamais publicou um livro, um único livro, mantendo inéditos admiráveis sonetos e poemas, alguns dos quais figuram em antologias várias, nacionais e estrangeiras.

No “Auto-Retrato” estampado à p. 7, Abgar parece divertir-se em contradizer a apresentação lisonjeira. O texto, descrito como “monólogo a duas vozes”, é francamente dialógico. Projeta, em diferentes vozes, o que parecem ao autor os julgamentos sobre sua obra:

¹¹ Cf recorte com a notícia sobre o curso de Mira Y Lopez à p. 204 do *Caderno II*, onde também se encontra a tradução “As Tecedeiras”, e de poema de Rabindranath Tagore. Outros recortes sobre os poemas traduzidos à p. 208 incluem notas do *Jornal do Comercio*, de Pernambuco, em 12/01/1943, e de *Vamos Ler*, em 07/01/1943.

O que se diz de mim, se alguma cousa se diz, deve ser isto: “É um cretino, a respeito de quem afirmam os poetas ser apenas um reles versejador, os professores um pobre mestre-escola, os oradores um gago mais ou menos insuportável, os técnicos de cousas de educação e ensino um sujeito que pensa que sabe falar inglês, os sujeitos que falam inglês, um presumido que se supõe capaz de escrever inglês, etc, etc.

Um interlocutor imaginário interrompe essa auto-diatribé. Discute as razões pelas quais Abgar, em forma de livro, só publicou traduções: será desdém do autor pela própria obra? Excesso de escrúpulo? Incapacidade? Cautela? Receio de crítica adversa? Há também as contradições do poeta: apesar de tanta reserva, acaba por se deixar publicar em periódicos e antologias. Os críticos não escapam: são acusados de complicar o leitor, com sua “vontade de ciscar e confundir – vocação humana para levedar as cousas, fazendo com que cresçam como massa de pão, e de publicar mais livros, sempre mais livros”. Uma das vozes, possivelmente a do poeta, conclui que “a humanidade precisa de calar a bôca, isto é, deixar de ler, de escrever e de publicar cousas durante uns cem anos para ter descanso de si mesma – o único descanso de que ela realmente precisa. (...) Chega, já é demais! – tal e qual naquela canção do Carnaval de (se não me engano) 1936.” Felizmente, Abgar não seguiu o próprio conselho. Não parou de escrever. Não “calou a boca.” Nem calaram as vozes que, nesse mesmo periódico, elogiaram sua obra. Entre outras, Afonso Arinos de Melo Franco, Alvaro Lins, Cecília Meireles, Aires da Mata Machado Filho, Arthur Versiani Velloso, João Alphonsus, Mário Casasanta, Augusto Frederico Schmidt e Carlos Drummond de Andrade.

NO PALÁCIO DA EDUCAÇÃO: Renascimento e Sombras

Que me importam elevadores prateados
por dentro, se por dentro e fora estão parados?
"Endecha do Funcionário no Palácio da Educação"

A Outra Face da Lua

Em 1946, Abgar está de volta à capital mineira. Exonerou-se do cargo de Diretor do Departamento Nacional de Educação. De 1947 a 1951, duração do mandato de Milton Campos, seu antigo colega na Faculdade de Direito, será Secretário de Educação do Estado de Minas Gerais. Acumula outras atividades, entre as quais Presidente da Comissão Regional do Fundo Nacional de Ensino Médio. A ação do Secretário de Educação logo se faz notar. Conforme registra publicação da época, ela inicia uma autêntica revolução educacional, sobretudo nas escolas rurais do Estado.

Opera-se em Minas um verdadeiro renascimento das atividades relacionados com o ensino primário, da alçada do Estado. Os elementos do magistério sentem mais diretamente esse esforço, pela sua própria integração nas iniciativas que o exprimem, mas é certo que todos quantos não se desinteressam do trabalho da administração pública igualmente o percebem. A mensagem que o governo vem de remeter à Assembléia Legislativa contém, no capítulo da Secretaria de Educação, uma porção de dados bem expressivos, dos quais chamam a atenção os informes relativos à instalação de novos grupos escolares, criação de classes isoladas e acréscimo de matrículas. Por outro lado, dedica-se particular interesse ao ensino de ordem rural, cujas condições estavam realmente a exigir imediata atenção.

Entregue aos municípios há cerca de mais de quinze anos a responsabilidade pela manutenção da instrução primária nas áreas rurais, logo se positivou que essa medida em nada contribuiu para a eficiência da educação das crianças que vivem no ambiente dos campos. Falhos de recursos, principalmente os de natureza técnica, não puderam e nem podem os municípios cuidar desse sector de suas obrigações com armas necessárias.¹

Abgar multiplica iniciativas para revitalizar, não apenas o ensino rural, mas toda a política educacional do Estado. Cria em Belo Horizonte o Serviço de Seleção e Orientação Profissional – o até hoje celebrado SOSOP – para cuja organização convida Emilio Myra y Lopez, então recém-chegado ao Brasil. Matéria do *Estado de Minas* anuncia o início de curso sobre orientação profissional, e de seminário com professores mineiros, a cargo do psicólogo espanhol. Com todas essas atividades, Abgar enfrenta problemas familiares. Ao amigo Fernando de Azevedo, em cartas de 1951 e 1952, fala dessas preocupações, sobretudo com a saúde do filho Carlos Alberto e com um acidente sofrido pelo primogênito, Caio Márcio. A correspondência com o grande especialista brasileiro mistura desabafo pessoais com observações sobre projetos educacionais: Lei de Diretrizes e Bases, direção do Departamento Cultural da OEA, Seminário sobre Educação Rural organizado pelo governo de Minas, curso sobre o Brasil a ser ministrado em Londres), além de impressões sobre as novas publicações do amigo, incluindo *A Cultura Brasileira*.²

Como Secretário de Educação, Abgar viaja regularmente ao Rio de Janeiro, ainda capital da República e sede do Ministério da Educação. Em 1948, numa dessas visitas, assina dois convênios

¹ “Melhoria do Ensino”. *Estado de Minas*, 25/01/1949. *Caderno II*, p. 218. Sobre o ensino rural e outras questões tratadas em sua gestão, Abgar escreve a Fernando Azevedo, a quem solicita sugestões. Cf. VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília de Castro Cardoso. *Conversa de Educadores*, p. 53.

² Cf. VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília de Castro Cardoso. *Conversa de Educadores*, p. 55, 56, 57.

importantes para a educação mineira. O convênio com o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos diz respeito à construção de uma Escola Normal em zona rural. Outro projeto conquista verbas para revitalizar as escolas rurais. Isso possibilita o início imediato da construção de uma instituição que se tornará referência no Brasil. Localizada na Fazenda do Rosário, a escola já nasce completamente equipada, incluindo residência para a professora. A Fazenda do Rosário sediará cursos de repercussão nacional, dirigida pela Professora Helena Antipoff. Seu trabalho pioneiro, inseparável da história da educação em Minas Gerais, volta-se para a educação de excepcionais, até então virtualmente inexistente. Outras iniciativas do Secretário contemplam cursos para inspetores técnicos regionais e para professores de Higiene e Puericultura das Escolas Normais do Estado.

O Secretário traz a Minas professores cariocas, que ministram, nas férias, cursos intensivos de administração e especialização. Um desses cursos, realizado em janeiro de 1949, privilegiou interesses de inspetores técnicos de ensino, professores de escolas normais, ginásios e colégios do Estado. Multiplicam-se os convênios para a realização de cursos para os professores rurais nas sedes dos municípios e na Fazenda do Rosário.³ Entrementes, Abgar preocupa-se com o sistema de avaliação educacional. Sobre esse assunto, busca informações no exterior. É o que mostra correspondência com o Conselho Britânico, datada de 11 de novembro de 1947.⁴ O empenho é reconhecido. Em 1949, a Assembléia Legislativa, congratula-se com o Governador do Estado e o Secretário de Educação, e o *Estado de Minas* registra “um verdadeiro renascimento das atividades relacionadas com o ensino primário, da alçada do Estado”. Menciona “dados expressivos” sobre a instalação de novos grupos escolares, criação de classes isoladas, acréscimo de matrícula, e especial atenção ao

³ “De volta do Rio o sr. Abgar Renault, secretário da Educação, relata as importantes gestões que concluiu”. *Estado de Minas*, 30/12/1948. *Caderno II*, p. 218.

⁴ *Caderno II*, p. 216.

ensino rural.⁵ Mais notícias mencionam o “notável marco para o ensino primário”, convênios com escolas rurais, que passam a ser fiscalizadas pelo Estado.⁶ Uma reportagem da revista *O Cruzeiro* registra essa “Revolução das Escolas Rurais”. Começa a reportagem com uma frase contundente: “A professora rural é uma espécie de mártir da pátria, mas esta realidade tende a modificar-se agora que um curso de aperfeiçoamento está funcionando a todo vapor em Minas Gerais” e há “renovações básicas nos métodos de ensino e proteção ao professorado”.⁷ Fartamente ilustrada, a reportagem inclui fotografias de autoridades e de professoras. Sob a foto de uma delas, uma legenda pitoresca: “Sua majestade a professora rural”. A mestra – a jovem Maria Vila do Prado Simões – “tem dezoito anos, 1 metro e 75 de altura” e “cavalga oito quilômetros diários a fim de lecionar em sua pequena escola com 48 alunos”.

⁵ “Melhoria do Ensino”. *Estado de Minas*, 25/01/1949. “Pela assinatura dos Convênios em benefício do Ensino Rural”, sem indicação do periódico, 03/04/1949. *Caderno II*, p. 218.

⁶ “O desenvolvimento do ensino rural em Minas”, notícia sem data, “Ensino Rural” *Jornal do Brasil*, 31/03/1949, *Caderno II*, p. 233. “Um notável marco para o ensino primário. *Estado de Minas*, 25/03/1949, *Caderno II*, p. 234. “Um importante convenio assinado entre o governo estadual e várias municipalidades mineiras”, *Folha de Minas*, 25/03/1949. “Ensino primário no interior de Minas”. *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, s/d. “O problema do ensino em Minas”, *Correio da Noite* do Rio de Janeiro, 25/03/1949. *Caderno II*, p. 235 e 237. “Convenio entre o Estado e Municípios para a melhoria da instrução rural”, 25/03/1949, sem indicação do periódico, *Caderno II*, p. 236. “Difusão e aprimoramento do ensino primário da zona rural”; *Caderno II*, p. 238, sem indicação do periódico. Cf outras notícias sobre o ensino rural às p. 239, 240, 241, 243, 244 do *Caderno II*.

⁷ “Revolução das Escolas Rurais”. *O Cruzeiro*, 04/06/1949, p. 43 a 50 e 52. *Caderno II*, p. 247 a 250.

As páginas seguintes têm ilustrações semelhantes, inclusive uma foto de Helena Antipoff, que “está chefiando a revolução das escolas rurais”.



Revolução das escolas rurais *O Cruzeiro*, 04/06/1949.

A notícia, elogiosa para a administração mineira, não foge ao ponto nevrálgico: o irrisório salário da professora rural, “a última bandeirante, a legítima desbravadora”, que leva “o posto avançado da civilização” à “escola nativa”.

Uma nota esperançosa encerra o texto:

Não mais será a escola rural um rústico escritório burocrático do b-a-bá que abre portas a determinada hora e cerra-se também em horário exato. Passará a ser uma organização dinâmica, de atividade e influência eclética (...) A série de medidas contidas no plano em execução em Minas prevê um melhoramento geral. O Estado celebrou um convênio com o Município, no objetivo de aparelhar melhor a escola rural. Simultaneamente, promove-se a melhoria econômica e intelectual da professora apta a cumprir sua nova e importante missão. A melhoria econômica da professora se processa com o estabelecimento de um salário mínimo (não é ainda

compensador, reconhecemos; 600 cruzeiros) pago em sociedade pelo Estado e pelo Município. A professora, todavia, só participará dêsse aumento após frequentar com eficiência o Curso de Aperfeiçoamento de Professôras Rurais, instalado na Fazenda do Rosário, pertencente à Sociedade Pestalozzi, nas proximidades de Belo Horizonte. Dirige esse curso especializado a eminente educadora Helena Antipoff e sôbre o seu extraordinário trabalho já se referiram nos melhores termos os Srs. Milton Campos e Abgar Renault, este último Secretário da Educação.⁸

A “revolução nas escolas rurais”, o aumento de vinte e cinco por cento nas matrículas em escolas mineiras, a construção de inúmeros novos grupos escolares e duzentos e cinquenta outras escolas, alcançam repercussão nacional.

É o que atestam notícias de *A Manhã* e *O Globo*, (em recortes não datados), o *Jornal* de 06/04/1949, o *Jornal do Brasil*, da mesma data e o *Diário Carioca*, do Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1949.⁹

Ainda em 1949, o Secretário instala no Instituto de Educação mais cursos de férias para professores primários e secundários. Sua correspondência com Fernando de Azevedo ilustra a insistência com que Abgar procurava, através do então Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, trazer a Minas especialistas paulistas. Durante a abertura dos cursos de férias, manifestam-se os oradores Mario Casassanta (alvo de uma homenagem), José Oiticica e Abgar. Este proclama a impossibilidade de tréguas “nos combates da educação”: nesse campo, “não pode haver (...) ensarilhamento de armas”.¹⁰ Para ministrar os cursos, vêm a Minas convidados cariocas. Entre eles, Edgar Sussekind de Mendonça, do Instituto de Educação do então Distrito Federal, e Cecília Meireles, apresentada

⁸ “Revolução das Escolas Rurais”, *O Cruzeiro*, p. 52. *Caderno II*, p. 251.

⁹ *Caderno II*, p. 243, 244, 245, 246

¹⁰ “Instalado sollenemente o Curso de férias para professores primários e secundários. *Estado de Minas*, 05/01/1949, *Caderno II*, p. 219. Cf. também outras notícias à p. 220, 221 e 222, 232 do *Caderno II*.

como “ilustre educadora”, “poetisa” e “conferencista”, que trata da literatura infantil.



Cecília Meirelles, ao lado de Abgar Renault, fala sobre Literatura Infantil

Os cursos são ministrados também por intelectuais mineiros: Aires da Mata Machado Filho, Wilton Cardoso de Sousa, Morse Belém Teixeira, João Camillo de Oliveira Torres e Henrique Diniz. No setor artístico, a Secretaria de Educação inaugura no Instituto de Educação uma exposição de pintura contemporânea, com a presença do governador Milton Campos, que também preside à solenidade de encerramento dos cursos de férias.

Nesse cotidiano agitado Abgar encontra tempo para dedicar-se à prática e ao estudo da poesia. Em 1951, iniciada a gestão do novo governador, Juscelino Kubitschek (1951-1955), começa a composição de sua obra prima, o longo poema filosófico, *Sofotulafai*. Também aparece ao lado do Ministro da Justiça, Francisco Negrão

de Lima, de secretários do governo, professores, do cônsul inglês H.V. Walter e de numeroso público, na Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, da qual é presidente de honra o Governador. O objetivo da solenidade é a entrega feita pelo cônsul ao Governador Kubitschek de um exemplar autografado das *Memórias* de Winston Churchill. Entre os vários discursos figura o de Abgar, sobre a poesia romântica inglesa.

A operosidade de Abgar encontra apoio afetuoso na esposa, que também se dedica ao estudo de línguas estrangeiras. É ela que procura em textos literários exemplos de prática sintática inglesa que será analisada por Abgar em sua tese de concurso para provimento da Cátedra de Inglês do Colégio Pedro II. A senhora Renault continua apreciando também a vida social. Quase diariamente, usando vestidos longos, pouco vistos à época na capital mineira, recebe convidados para jantar, sobretudo representantes da vida cultural em visita a Belo Horizonte. Seu sobrinho Affonso Henrique lembra-se de sua elegância, de detalhes que atraíam sua admiração infantil: sapatos de acrílico, longa piteira, e um colar comprido e exótico: podia ser desenrolado, para transformar-se num isqueiro, que era oferecido aos convidados. Quando sabia da chegada de algum artista, Ignez telefonava, identificava-se e formulava o convite. Abgar, não tão amigo de encontros sociais, só comparecia quando se tratava de personalidades afins à sua.

Em face de problemas ocasionais, Ignez tinha reações muito típicas. Certa vez, recebeu a cantora Aspasia Portella para jantar. Em dado momento, afastou-se para atender ao filho Carlos Alberto, que estava doente. Chamou para acompanhá-la uma cunhada. Chorando, manifestou sua preocupação com o filho. Mas logo enxugou as lágrimas. Voltou à sala para ouvir a cantora, e comentou com a cunhada: “Quem canta seus males espanta.” Essa mesma cunhada, que certa vez declarou achar excessivo o número de festas dadas por Ignez, ouviu dela uma resposta pouco ortodoxa, temperada por um eufemismo habitual: “Ora, vá à Mesbla”.

Ao par do gosto por reuniões em sua casa, Ignez tinha hábitos que, à época, contrastavam com a reticência dos mineiros. Gostava de ir à feira de bicicleta. Caridosa, costumava visitar os doentes mentais

do Instituto Raul Soares. Para acompanhá-la, convidava as amigas e a cunhada, que considerava como irmã. Esta não participava da expedição, porque temia ficar deprimida. Mas dava sua contribuição. Fazia bolos, que Ignez levava para os pacientes. Para distraí-los, cantava e tocava acordeon.

Sempre despreocupada, pouco atenta à possibilidade de duplo sentido em frases irrefletidas, Ignez conservava uma espontaneidade que, em certas ocasiões sociais, causava embaraços. Um desses episódios ocorreu em Paris, quando o casal Renault compareceu a um jantar oferecido a representantes da Unesco pelo Conde de Builly. Serviu-se língua de boi, com um belo molho de vinho. Abgar detestava o prato, mas não teve recurso senão aceitá-lo. Provou a iguaria, e comentou com a esposa que, dessa vez, havia gostado. Daí a pouco, sendo apresentada ao conde, Ignez fez um de seus comentários: “Senhor Conde, depois que Abgar provou a sua língua nunca mais vai querer provar a minha”.

À mesma época, Ignez deu mais uma prova de sua espontaneidade, que costumava resultar em gestos de bondade um tanto inusitados. Andando pela rua, viu um mendigo que, deitado na calçada, parecia muito doente. Condoída, Ignez perguntou se estava se sentindo mal. No decorrer da conversa, descobriu que o homem era tuberculoso. Não teve dúvidas. Declarou que rua não era lugar para tísicos, e levou o doente para sua casa, onde o instalou na garagem. Abgar, que, desde a mocidade, tendia para a hipocondria, ficou apavorado com a possibilidade do contágio. Para agravar a situação, o incômodo hóspede passou a fazer exigências descabidas. Não as vendo atendidas como queria, acabou por ir embora.

O casal certamente terá guardado boas lembranças dessa fase. Ignez divide-se entre a assistência à família, atividades culturais e uma divertida vida social, contraponto da sisuda operosidade do marido. Na Secretaria de Educação, Abgar vê os frutos de seu trabalho, das inovações no ensino rural e na educação de excepcionais, confiada a Helena Antipoff. Pode-se associar esse período ao soneto “Ápice”, composto por Abgar em 25/04/1952, como consta em *Íntimo Poço*, sétimo livro de *Obra Poética*. Após experiências com diversas formas

curtas e com poemas longos que culminam em *Sofotulafai*, a volta ao soneto adequa-se ao tom do texto, que oscila entre o lírico e o meditativo. Ele ilustra a constância com que Abgar acompanha as metamorfoses poéticas de seu tempo. “Ápice” também lembra a reabilitação do soneto – hoje revisitado em variações experimentais – pelo alto modernismo em fins dos anos 40. O título “Ápice” também condiz com o momento vivido por Abgar, cuja obra de educador, em 1952, está realmente no ápice. Surpreende, entretanto, o tom desiludido. A persona poética confessa-se privada da substância mesma que a alimentara, o sonho, sucedâneo da eternidade:

Apice

Vai murchando sob mim relva de sonho
que se insinuava às bordas do futuro.
Vivido e despojado, eu me deponho
aos pés desta hora, e em água o olhar apuro.

Rio de névoas a refluir tristonho,
não me usei: entornei-me em lago escuro;
agora, em mim de mim me decomponho
e a degredos e elipses me misturo.

Do côncavo da curva sem reflexos,
leio a rampa de seixos desconexos,
a máscara sem rosto, a eternidade

atrás do dia, onde fiquei finito:
solo, corpo, alma, silencioso grito
da minha erma naturalidade.

O tom desiludido, não condizente com as realizações do educador, explica-se por simultâneos desenganos. Politicamente, Abgar está longe de alcançar sucesso. Candidato ao Senado Federal em 1954, não consegue eleger-se.¹¹ A derrota não parece atingi-lo

¹¹ A respeito de sua derrota e do sistema eleitoral brasileiro escreve a Fernando de Azevedo. Cf. VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília de Castro Cardoso. *Conversa de Educadores*, p. 60.

muito. Lembro-me de ouvi-lo comentar, bem-humorado, que seus eleitores caberiam num táxi. Nem por isso se desinteressa da política, nacional e internacional. Em 1955, escreve a Fernando de Azevedo, manifesta seu apôio a Juscelino Kubitschek, depois, a Jânio Quadros, em 1959. Em 16 de maio de 1960 condena a derrubada de um avião russo pelos Estados Unidos.¹²

O sucesso que lhe falta no terreno político alcança-o na Literatura. Sua ininterrupta prática poética é sempre bem recebida. Em carta de 4 de julho de 1953 Euryalo Canabrava formula a pergunta presente na consciência de muitos: “porque você ainda não publicou o seu livro de versos? Será que você tem medo de figurar, em virtude dessa publicação, na primeira fila dos poetas brasileiros?”¹³ Em 1954, Abgar recebe um telegrama intimando-o a publicar sua obra, na maior parte inédita, ou dispersa em periódicos. Assinam a mensagem Manuel Bandeira, José Olympio, Otávio Tarquínio de Souza, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Aníbal Machado, Geir Campos, Onestaldo de Pennafort, Otto Maria Carpeaux, Paulo Rónai e Carlos Drummond de Andrade.¹⁴ Muitos anos depois, crônica de Carlos Drummond de Andrade rememora o telegrama endereçado a Abgar, e a reação deste diante da intimação dos amigos:

O danado atendeu-nos? Pois sim. Respondeu qualquer coisa amável, prometendo que iria providenciar, etc. e tal, mas até hoje o livro de poemas, completos ou selecionados, abrangendo longa faixa da

¹² VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília de Castro Cardoso. *Conversa de Educadores*, p. 61, 63, 64.

¹³ Acervo do professor Affonso Henrique Tamm Renault.

¹⁴ Em O Poeta e as Contas, texto publicado no Caderno B do *Jornal do Brasil* de 29/01/1972 Carlos Drummond lembra o teor do telegrama: “Transmitindo-lhe cordial mas enérgica intimação para que prepare com urgência originais de seu livro de poemas, estamos certos de interpretar o sentimento de grande número de amigos da poesia, inconformados com sua esquivança, que vem privando nossa literatura duma obra de alta categoria artística”.

prática das musas modernas, com sabor clássico (é a sua maneira peculiar) não apareceu no José Olímpio. Nem vai aparecer: é também sua maneira peculiar, em se tratando de poesia, como se fôsse poeta malgré lui.¹⁵

Mais tarde, Abgar observou que se orgulhava mais do telegrama dos amigos que de seus próprios poemas. Também gostava de relatar uma conversa com um membro da Academia, que lhe perguntou:

– “Por que não se candidata à vaga de Carneiro Leão?” Abgar respondeu:

– “Por falta de munição.”

O poeta conservará essa postura por muitos anos. Os poemas compostos na fase de sua vida mais diretamente ligada à Educação em Minas só serão coligidos em *A Outra Face da Lua* em 1983.

Com o fim do governo Milton Campos em 1951, Abgar deixa a Secretaria. Continua envolvido com diferentes níveis do ensino em Minas. Entretanto, em 1954, escreve a Fernando Azevedo e declara estar passando por uma fase de indefinição profissional. Não que esqueça os problemas da educação. Em três cartas consecutivas, insiste num pedido de indicação de professor catedrático de Inglês para compor banca examinadora em concurso no Ginásio Municipal de Belo Horizonte.¹⁶ Em 1955, sua vida parece tomar novo rumo. Durante um ano, assume a pasta de Ministro da Educação do governo Nereu Ramos. No discurso de posse, fala da “exiguidade do período” previsto para sua gestão, que impede “formular qualquer programa específico”. Afirma, entretanto, ter um projeto, que deveria ser o de todo homem público. Vale a pena ouvir as palavras do próprio orador:

¹⁵ ANDRADE. Carlos Drummond. O Poeta e as Contas.

¹⁶ VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília de Castro Cardoso. *Conversa de Educadores*, p. 58, 59.

A exiguidade do período de minha presença aqui impede-me, naturalmente, de formular qualquer programa específico. Ainda que a máquina administrativa fôsse dotada de eficácia e celeridade, que não tem, a tal programa, por modesto que fôsse, não se daria sequer início útil. Tenho, todavia, programa próprio de todo administrador, que executarei minudenciosamente. É ele a única justificativa para a minha presença aqui e agora, e o único fundamento legítimo da vida pública, sem o qual esta se degrada a emprêgo, divertimento ou futilidade. Resumo-o nesta palavra – servir.¹⁷

Abgar executa fielmente esse projeto. A breve gestão é surpreendentemente profícua. Entre outras realizações, cria o Inep – Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais e mais cinco Centro Regionais. Em 1956, entrega o ministério e deixa o Rio de Janeiro. Data dessa época sua declaração à Revista *Alterosa*. Afirma que o Rio de Janeiro – “lugar onde nunca se está” – “não é lugar de morar”, e comenta que entre 1952 e 1955 recusou três oportunidades de transferir-se para lá.¹⁸ Novamente em Minas, é indicado para a Secretaria de Educação no governo Kubitschek. Matéria não datada, menciona o nome de Abgar como “o mais indicado para a Secretaria da Educação”, mas deixa entrever o jogo de bastidores envolvido no processo de nomeação.¹⁹ Lido retrospectivamente, o texto parece anunciar as interferências que, no futuro, durante o governo Bias Fortes, porão fim a outra curta gestão de Abgar na pasta da Educação. Em 1956, a nomeação visa conciliar divergências políticas. O jornal ressalta que o indicado tem escassa atuação política. É, primordialmente, um educador, como deseja o Governador Kubitschek:

¹⁷ Abgar Renault. Ministro da Educação e Cultura. *Boletim do Centro de Inspectores Federais de Ensino do Estado de São Paulo*. Nº 33. São Paulo, dez. 1955, p. 7.

¹⁸ “O Rio é um lugar onde nunca se está – e eu gosto muito de estar”. *Alterosa*, 15/12/1956. *Caderno II*, p. 253.

¹⁹ A notícia, não datada, parece ser do *Estado de Minas*. *Caderno II*, recorte à p. 253.

Ontem, veiculamos a notícia de que o governador, em virtude das divergências existentes no seio do PTB, estava disposto a apresentar um titular interino para a pasta da Educação, desejando que o importante órgão fosse dirigido por um entendido em assuntos educacionais.

O novo secretário poderia traçar rumos para a Secretaria, e, quando terminassem as dissensões dos petebistas, essas diretrizes poderiam ser seguidas.

O nome que se apresenta mais cotado para o provimento do importante cargo é o do sr. Abgar Renault, que exerceu iguais funções no governo do sr. Milton Campos.

O texto não disfarça a existência de impasses políticos, apresentados como “superados”:

Logo que se falou no provimento da Secretaria da Educação pelo sr. Abgar Renault, surgiu o primeiro impasse oriundo de sua filiação partidária.

Sem ser um político militante, estando mais presente no mundo das letras, o antigo secretário era no governo passado um representante do PR.

Por isso, vários pessedistas acharam que se voltasse à Secretaria da Educação, ficaria o partido do sr. Artur Bernardes com quatro representantes no atual governo.

Entretanto, o impasse acha-se superado, pois, desde o princípio do ano que o sr. Abgar Renault se desligou do Partido Republicano, acompanhando seu sogro, o deputado Mario Brant, que, sentindo-se agastado com seus antigos companheiros políticos, deles se afastou, retirando-se da vida partidária.

Em 1956, empossado Bias Fortes, governador de Minas até 1961, Abgar torna-se seu Secretário de Educação, e, no mesmo ano, assume a cátedra de Língua e Literatura Inglesa na então Faculdade de Filosofia da UFMG. Concilia a docência com a habitual dedicação à sua pasta. Logo após assumi-la, envia projeto de lei à Assembléia Legislativa para re-estruturar a Secretaria. Declara que a estrutura existente

não é apenas arcaica, senão deplorável, bastando lembrar que as suas rotinas, asseguradas pela sua estrutura, são necessariamente

obsoletas e emperradas e que nelas existem dois Departamentos de Ensino Primário – coisa sem exemplo em repartição de qualquer Estado brasileiro ou de qualquer país razoavelmente organizado.²⁰

Abgar ainda encontra tempo para cultivar os amigos. Troca poemas de circunstância com Carlos Drummond de Andrade, Este, num soneto datado de 24/02/1955, agradece a remessa de um documento. Devolve-o, entretanto, pedindo que se providencie o reconhecimento da firma, que foi esquecido:

O brigado, meu caro, pela imensa
fadiga, pelos pulos, pelos tele-
fonemas mil, por tudo em que, alta, excele
tua amizade, forma de presença.

À selva burocrática, tão densa
que ao maior caçador turba e repele.
sacaste, como ao leão se tira a pele,
uma fôlha traçada sem detença.

Vê, porém, que lhe falta um sacramento,
ó bravo sertanista. A fôlha é boa,
firme, completa, e não a dobra o vento,

mas, não tendo chancela tabelioa,
receio que lhe neguem valimento.
A firma reconhece-lhe... E perdoa.

Em 11/03/1955, Abgar responde com outro soneto. Pede desculpas pela falha e avisa que foi sanada:

Vosso procurador infra assignado,
réu de desidia ou grave esquecimento,
rogar-vos vem, neste requerimento,
lhe seja todo em todo perdoado

²⁰ Abgar lembra essa providência em entrevista sobre vários assuntos, incluindo plano de construção e reparação de prédios escolares. “Executará o Governo do Estado vasto plano de construção e reparação de prédios escolares”. *Estado de Minas*, 11/05/1958. *Caderno II*, p. 264.

haver-se, em mau instante, desleixado
de promover o reconhecimento
de firma em importante documento,
hoje talvez, no mundo, o mais viajado.

Allega por defesa, não por troca:
quiz ser menos tardonho que o correio
que o tardonho papel a vós levou;

e espera perdoeis, na mesma graça,
a falta infame e este soneto feio.
Humildemente vosso,
Abgar Renault.

As brincadeiras versificadas dos amigos não interrompem o trabalho. Datam de 1956 e 1957 a criação da CARPE – Campanha de Reparos e Restauração de Prédios Escolares – e o convênio de que resultou o Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar – PABAE. Ainda em 1956 Abgar é nomeado pelo Presidente da República para o Conselho Administrativo da recém-criada Universidade de Brasília, ao lado de Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro – cujas concepções sobre educação sempre admirou, conforme declara em entrevista a José Maria Cançado²¹ – e outros. Em 1956 e 1957 participa da Comissão Internacional do Curriculum Secundário da Unesco, em Paris. Numa dessas ocasiões, é convidado pela entidade para supervisionar e orientar o planejamento de extensão do ensino primário nos países latinos americanos. Abgar não aceita o convite. Segundo declara, não gosta de ficar muito tempo fora do Brasil: “Isto aqui não presta, sob varios aspectos, mas é muito bom”, resume numa entrevista.²²

²¹ Um depoimento inédito de Abgar Renault, o último poeta modernista. *Folha de São Paulo*. Mais! 17/03/1996.

²² “Abgar Renault volta encantado com a França (a Europa inteira, aliás) e com o Brasil também”. Recorte do *Estado de Minas*, infelizmente sem data, do acervo do Professor Affonso Henrique Tamm Renault.

Por designação da UNESCO, elabora um esboço de plano para desenvolvimento da educação na África, pelo qual recebe carta de agradecimentos de Shannon Mc Cune, diretor do Departamento de Educação da UNESCO. A Ordem Nacional do Mérito lhe é concedida em reconhecimento pelos serviços prestados nas várias áreas de atuação. No varejo da administração, Abgar demonstra também excepcional cuidado. Seus despachos incluem pareceres contra a redução do horário escolar, pedidos de verificação da causa da queda de frequência em escolas, aprovações de quadros de matrícula, nomeações, licenças, férias, exercícios de docentes e diretores, tomadas de posse de professoras, prestações de contas e tantos outros atos do cotidiano escolar. Do exame dessas providências miúdas, fica a impressão de um administrador pessoalmente envolvido nos aspectos éticos e humanos de seu cargo. Sirva de exemplo o despacho em que, recusando um pedido de demissão feito por uma inspetora de ensino, o Secretário observa: “a administração não pode prescindir da colaboração preciosa de elementos do alto valor moral e intelectual da requerente, a quem me disponho a oferecer qualquer satisfação à altura das razões pessoais alegadas”. Outro despacho, ainda mais inusitado, autoriza deduzir que o Secretário julga ter tomado, em relação à diretora de um grupo escolar em São Sebastião do Paraíso, alguma providência que posteriormente veio a considerar indevida. Abgar pede desculpas publicamente, em despacho publicado no órgão oficial: “É cabal o esclarecimento da diretora, nada mais cabendo a mim fazer que pedir-lhe excusas pelo tópico final do despacho de 22/05/1957”.²³ É esse o único caso que eu conheço de um despacho em que um Secretário de Educação pede desculpas públicas à diretora de uma distante escola do interior.

²³ Como exemplo dos despachos do Secretário cf. *Caderno II*, p. 255-7. A observação sobre a Inspectora de Ensino está à p. 255, o pedido de desculpas à diretora, à p. 256.

Mais que tudo, merece destaque a exigência – estabelecida na gestão de Abgar – de concursos (os chamados “Exames de Suficiência”) para provimento do cargo de professor. Por causa de interferências politiquieiras, essa medida moralizadora acabará motivando sua saída da Secretaria de Educação. É à tentativa de excluir tais interferências que atribuo um despacho aparentemente estranho. O despacho recomenda que “nos recintos escolares o exercício das funções [não] seja de qualquer maneira maculado por paixões partidárias”.²⁴ A recomendação seria hoje certamente considerada polêmica. No contexto em que foi feita, e conjugada com a insistência na exigência de concursos para cargos nas escolas públicas, ela é sintomática das pressões que o Secretário da Educação está sofrendo para proteger apaniguados políticos. Cópia de correspondência datada de 18 de janeiro de 1957, dirigida ao Governador do Estado, comunica a dispensa de 27 professoras contratadas, “que se achavam ilegalmente em exercício nesta Capital, em detrimento de direito líquido e certo de normalistas classificadas em concurso”.²⁵ Cópia de outra carta, esta de 29 de março de 1957, dirigida a Pio Canedo, fala do “pequeno caso” criado pela insistência do Secretário. Ele contrariava pressões políticas e insistia em manter em exercício uma professora “que tem boa nota de merecimento”. Na mesma carta, Abgar, elegantemente, nega um pedido de Canedo, que queria a remoção para Patrocínio do Muriaé da diretora em exercício no grupo escolar de Bom Jesus do Galho²⁶ (Não resisto à tentação de ressaltar a propriedade do nome dessa localidade). A repetição dessas escaramuças, sobretudo quando composições partidárias exigiam nomeações de professores em desrespeito à classificação em concurso público criado por lei de iniciativa de Abgar, acabará motivando seu pedido de exoneração. A

²⁴ “Recomendação”. *Caderno II*, p. 237, recorte de jornal, sem indicação do nome e da data do periódico.

²⁵ *Caderno II*, p. 259.

²⁶ *Caderno II*, p. 263.

atender pressões políticas lesivas a direitos adquiridos por professores concursados, Abgar prefere deixar a Secretaria de Educação.²⁷

Nesse período, nós, seus alunos na então Faculdade de Filosofia da UFMG, ouvimos falar da curiosa explicação dada para a exoneração de nosso professor: ele era um técnico. Ser um “técnico” – um “funcionário da educação”, especialista de longa e fecunda atuação na área – constituía, pela ótica vesga da politiquice, um defeito. A qualidade esperada, presumia-se, seria ser “político”. Nas circunstâncias, tratava-se da “má política”, a mesma que havia sido denunciada pelo jovem deputado Abgar Renault, nos idos de 1927 – isto é, da prática, na vida pública, de servir, não ao bem comum, mas a interesses pessoais, clientelísticos.

O homem maduro, que já beira os sessenta anos, e que, com a perda do filho Carlos Alberto, sofreu há pouco o mais duro golpe de sua vida pessoal, dá o exemplo da “boa política” que pregara na juventude. Para não ferir os direitos de professora concursada, preterida pela politicagem dos bastidores, demite-se da pasta da Educação em 1958.²⁸ A saída de Abgar teve larga repercussão, embora insuficiente para reverter a escandalosa exoneração. O Secretário afastado foi homenageado por almoço de solidariedade oferecido por grande número de intelectuais mineiros. No mesmo sentido, houve várias publicações na imprensa. Entre seus papéis, encontrei dois recortes de jornais, infelizmente sem data, com os pronunciamentos de Carlos Drummond de Andrade e de Alvaro Lins. Carlos assina a crônica “O Ensino, Coitado” na seção “Imagens do Brasil” do *Correio da Manhã*. Ironiza a intervenção do Partido Republicano, responsável pelo vergonhoso episódio. Escreve:

²⁷ Escreve a Fernando de Azevedo sobre a exoneração da Secretaria e também sobre a solidariedade recebida. Cf. VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília de Castro Cardoso. *Conversa de Educadores*, p. 63.

²⁸ A respeito, escreve a Fernando Azevedo em maio de 1959. VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília de Castro Cardoso. *Conversa de Educadores*, p. 62.

Abgar Renault fez coisas horríveis no ensino mineiro. Estas, entre outras: Encontrou em ruínas grupos escolares de Belo Horizonte e os reconstruiu e ampliou. As aulas de 59 já se abrem com êsses estabelecimentos recuperados e equipados. No interior, era a mesma tristeza. Abgar defendeu recursos orçamentários para salvar êsses prédios e, como fôssem insuficientes, apelou para empresas de economia mista e grandes indústrias privadas, que operam no Estado, obtendo cooperação financeira. E já negociava um empréstimo de 300 a 400 milhões de cruzeiros para custeio das obras êste ano, com garantia do auxílio federal prometido à conta do Fundo Nacional de Ensino Primário. Ginásio e colégios oficiais ministravam ensino de bôca: ele adquiriu 35 laboratórios de ciências físicas e naturais e levou os professôres a S. Paulo, para um curso experimental no IBEC, onde tais laboratórios são fabricados.

Aos cuidados físicos com a educação se juntaram cuidados espirituais. Com a batalha do reaparelhamento escolar, travou-se a do aperfeiçoamento do pessoal. Todo o professorado do ensino médio, oficial e particular, foi chamado a cursos de atualização (...)

Essas coisas eram escandalosas. Abgar fez outras, que o deitaram a perder. Procurou acabar com a praxe dos “comissionamentos”, que permitia a uma pessoa guardar um cargo no interior e exercer outro melhor na Capital, atrapalhando o ensino. Recusou-se a nomear protegidos, em detrimento de candidatos habilitados em concurso, ou ferindo a ordem de classificação. Não perseguia uns nem dava sobremesa a outros, do peito. Estava sempre de ôlho voltado para a qualidade, a eficiência social e humana do ensino. Ora, a boa doutrina, pregada por um cônego deputado e líder da bancada [do P.R.] em Minas é a de que, assim como a Secretaria de Finanças foi feita para arrecadar dinheiro (?), a da Educação foi feita para arrecadar eleitores; deve ser uma coletoria de votos (textual). Abgar não servia para isso. Pêsames a Minas e ao Sr. Bias Fortes. Parabéns ao P.R: com essa “coletoria” funcionando em seu benefício, terá no papo o futuro govêrno de Minas.

O pronunciamento de Alvaro Lins foi feito no bojo de um discurso (depois publicado no *Diário de Notícias*) lido na sala da Congregação do Colégio Pedro II, no dia 10 de março de 1959, na solenidade de posse de Abgar na cátedra de Língua Inglesa, depois publicado no *Diário de Notícias*. A respeito da aula inaugural proferida por Abgar e de sua exoneração da Secretaria de Educação, destaco algumas palavras do orador:

Foi talvez por algum desígnio misterioso da sorte, senhor Professor Abgar Renault, que se verificou este fenômeno de transfiguração: a vossa primeira lição como catedrático de Inglês nesta sala estará ampliada com a vossa lição de homem público para o Brasil inteiro. Duas lições, em vez de uma, estaremos, com efeito, recebendo e aplaudindo: a da vossa ciência de professor catedrático e a da vossa dignidade de homem público. E os jovens estarão fixando, por trás das vossas palavras eruditas, a engrandecê-las e iluminá-las, o exemplo da vossa atitude como secretário da Educação do Estado de Minas Gerais.

Mas que exemplo, afinal? O de alguém que pôs a consciência acima da conveniência, que faz passar a justiça na frente de qualquer outro interesse não justificável.

A renúncia à Secretaria da Educação marcou fundamente a sensibilidade de Abgar. Em carta que me dirigiu em 10 de fevereiro de 1993, mais de trinta anos depois, e menos de dois antes de sua morte, ainda a rememora com detalhes:

Não esqueço que tive de deixar a Secretaria de Educação de nosso Estado, no governo Bias Fortes, homem de rara categoria moral, porque me recusei a atender um partido – o P.R. – que pleiteava a nomeação de professora primária aprovada em 6º lugar em concurso criado por mim, em detrimento da colocada em 1º. Não tenho saudades da vida pública (salvo do período em que fui Ministro da Educação de Nereu Ramos – rara figura moral e intellectual)...

Com a elegância de sempre, a carta tenta preservar a figura do Governador, responsável último pelo andamento da Secretaria de Educação. A finura de Abgar não consegue justificar seu superior hierárquico. Bias Fortes falhou eticamente. Não prestigiou, como seria imperativo, a corretíssima postura de seu Secretário. Preferiu afagar o Partido Republicano. Apoiou uma nomeação injusta, que feria direitos incontestáveis. Resta o consolo resumido numa frase do discurso de Álvaro Lins: “há certas derrotas aparentes, sobretudo na esfera político-partidária, que significam antes, e autenticamente, uma vitória.” Consciente disso, ao cair do favor oficial, Abgar galga, em termos éticos, um dos pontos altos de sua vida de homem público e educador.

PÓS-MODERNIDADE: Metamorfoses e Depuração do Eu

...o desfazer se esfaz em refazer...

"Soneto da Insônia", *A Outra Face da Lua*.

...além de mim me afastar...

"Letes", *Íntimo Poço*.

Se eu apagar esta lâmpada
Serei o mesmo que sou
Quando brilha sua luz?
Quem me acende, quem me apaga
Quando acordo, quando durmo?

"Semi-Noturno", *Thanatos*.

Entre as décadas de 50 e 70, pontuadas pelas atividades em Belo Horizonte, a mudança para Brasília para atuar como Ministro do Tribunal de Contas, e a aposentadoria, a poesia de Abgar continua a demonstrar uma constante preocupação com a renovação formal. Com múltiplas vozes e variegados estilos, a escrita vai compondo e recompondo os vários quadros que, justapostos na *Obra Poética* de 1990, podem hoje ser lidos como um conjunto pós-moderno. A auto-reinvenção do poeta incorpora novos temas, supera-se em estratégias variadas: a reformulação do soneto, a criação de diversas formas curtas e o discreto acompanhamento de aventuras estéticas como o concretismo. A conquista de liberdade formal e criativa, deslanchada pelas primeiras experiências com o Modernismo, culmina com a criação do poema filosófico *Sofotulafai*. O autor informa que foi composto nos dias 17, 18, 26 e 27 de agosto de 1951. A publicação

em livro só veio em 1972, em edição do autor,¹ que preferiu conservar a ortografia antiga, modernizada pelo editor quando o texto foi integrado na *Obra Poética* de 1990.

Nesses anos, a contínua metamorfose formal corresponde a transformações interiores. Muda a forma porque muda aquele que a molda, e muda seu contexto literário. O sujeito da escrita entra em crise. A persona dos anos cinquenta não se reconhece nas outras faces, implícitas nos textos do passado, em seus “retratos de letras”: “Leio-me e não me encontro em verbo escrito”, “nele vivo, talvez, mas não estou”, constata a voz poética.² A transformação registra um progressivo afastamento da expressão direta do pessoal, em busca do impessoal, do transcendental.

A forma, mais que em qualquer outra fase, brota do próprio fazer poético, confundindo-se com sua temática. Como sugere o título, *A Outra Face da Lua* inaugura essa fase, que pode ser ilustrada por “Osso e Carne”. Ao lado do anseio pela apreensão imediata da experiência, o poema focaliza a evolução formal, destaca o caráter metalingüístico, de auto-reflexividade pós-moderna, na produção recente do autor:

Lanço fora palavras
de nuvens, luar e espera,
longínquas prospecções
e cálices vazios
Quero a fonte na boca,
as hélices
na frente.
Quero o corpo no corpo
De um acontecimento.

¹ Cf. RENAULT, Abgar. *Sofotulafai*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1972. Edição fora do comércio, com 400 exemplares assinados pelo autor.

² “Retrato de Letras”, 1954, *Thanatos*, p. 233.

“Como quem pede uma esmola”, também de *A Outra Face da Lua*, volta-se para a inatingível linguagem ideal:

Preciso de uma palavra.
Em que dia ou em que noite
estará essa, que almejo,
ideal palavra insabida,
a única, a exclusiva, a só?
(...)

Distante, insone e cativo,
debaixo da chuva abstrata,
eu me planto decisivo
no tráfego confluyente
aéreo, terrestre, marítimo,
e espero que desembarque,
triste e casta como um peixe
ou ardendo em carne e verbo,
e pouse na minha mão
a áurea moeda dissilábica,
a noiva desconhecida,
a coroa imperecível:
a palavra que não tenho.

No “nulo sonho da palavra exata”,³ o poeta às vezes nem parece perseguir o equilíbrio entre forma e conteúdo, mencionado no discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. O verso privilegia o significante, concentra-se no estrato fônico, como quando destaca “o finíssimo *i* de *fim*”, “o o grosso e gordo de boi”.⁴ Chega a relegar para um segundo plano o tema prometido no título. No poema “Jasminor”, nome de um jogador de futebol, a evocação da personagem, suposto núcleo semântico do texto, é postergada pela exploração das reverberações sonoras da palavra:

³ “Poética”, *Cristal refratário*.

⁴ “Interrogativamente”, *A Outra Face da Lua*, p. 127-128.

trissílabo incomum
 tão leve e tão quase – funéreo,
 em parte agosto, em parte abril,
 que se abre em flor e fecha em or?
 (OR de Nabucodonosor,
 de sotoopor e de isopor
 ou de tumor de dor de amor?)
 (“Jasminor”, *A outra Face da Lua*)

Em *Cristal Refratário*, “O poema conduz o poeta” igualmente explora a precedência, na linguagem poética, da dimensão acústica sobre a semântica:

A poesia acontece de repente,
 tal como um grande amor ou uma rosa:
 escorre uma palavra de uma pena
 ou de um lápis azul, e outra palavra
 a ela se casa, e súbito desperta
 um novo som ou uma idéia nova,
 que criam sobre os lábios e nos olhos
 musicais pensamentos, cores, formas.
 A poesia tem sua vida própria,
 segue linhas de curvas insabidas,
 e o fim de cada poema que escrevemos
 é incerto como todos os destinos.
 O poeta pensa que dirige o poema,
 e é por ele, em raízes, dirigido;
 a poesia é senhora de si mesma:
 Vida – acontece e acaba de repente.

Na década de 50, as metamorfoses estilísticas incluem a reabilitação do soneto, também buscada por Drummond na série de quatro sonetos metrificados e rimados após o poema “Dissolução” em *Claro Enigma*. Esse retorno lembra a proposta de recuperação de elegância formal, feita pela geração de 45, em reação à estética modernista. À semelhança do que costuma ocorrer quando a renovação literária implica uma releitura da tradição, a retomada da forma canônica resulta numa criação diferente daquela que a inspirou. É o caso de “Soneto Onírico”. Datado de 1952, trai uma

subjetividade cambiante, impregnada de associações espaciais e de um difuso erotismo, que seriam dissonantes em outros tempos:

Soneto Onírico

No rumo do corrupto firmamento
a chuva chove a sua chuva inata
e o cavalo de som de negro vento
verticalmente voa e se arrebatá.

Entra a palavra azul num pensamento,
e um silêncio de vozes se desata;
crescem mares no tanque do momento,
surge de cada canto uma cascata.

Sombras intersexuais desfilam nuas
carregando verônicas de luas
nas caprichosas mãos de lírios e árias.

Prados viúvos se vestem de namoro
e abrem as flores guarda-chuvas de ouro
sob o sol das piscinas planetárias

(*A Outra Face da Lua*)

Difícil reconhecer aqui a voz de *Sonetos Antigos*, com sua estética barroquizante, dos sonetos parnasianos e simbolistas da juventude. Não apenas a temática – contemporânea, pouco parafraseável – contradiz o formato convencional. Notam-se ademais o movimento incomum, os choques entre as imagens, a adjetivação inesperada, a subtileza da aliteração, o ritmo flutuante.⁵ O regresso ao soneto, assim reformulado, não constitui sinal de conservadorismo. Apenas evidencia o persistente apelo da secular forma fixa, testemunhado

⁵ Entre os muitos outros exemplos dessa recuperação do soneto, incluem-se "Solidão" (1951), "Soneto da Insônia" (1952) e "Ante uma estátua" (1953), de *A outra face da Lua*; "Soneto Branco", "Saudade", "Para esquecer", "Perguntas à noite" (1952), "Sem amanhã" (1954), e "Mito Terrestre" (1955), de *Íntimo Poço*; "Sob a rocha" (1953), de *Cristal Refratário*; "Última Viagem", "Tempo e Lugar" (1952), de *Thanatos*. Em *Rio Escuro*, "Desencontro", "Duas Ilhas", *Omnia Fluunt*, "Caminho da Esperança", "Condição Humana", todos de 1952, "Itinerário" e "*Fatum*", de 1954. Nas décadas seguintes, Abgar volta a visitar essa forma: em "Soneto Póstumo" (1963), de *Thanatos* e "Excessivo Soneto" (1976), de *Cristal Refratário*.

por seu renascimento entre poetas pós-modernos como Joca Reiners Terron, Kleber Mantovani e Glauco Mattoso.⁶

O caráter experimental dos anos 50 a 70 transparece também em poemas curtos de *A Outra Face da Lua*. Sem métrica definida, diferenciam-se dos poemets de tom pedestre, típicos do primeiro Modernismo dos anos 20. Em “Noturno/1” a afinidade sonora entre os vocábulos, acomodando a semântica, guia a composição;

Pela rua
vaga e nua
um esguio
assobio
assobia
uma vida.

O poema “A Partida”, uma das várias homenagens a amigos em *Obra Poética*,⁷ registra a morte de Emílio Moura. Ao receber a notícia

⁶ Cf. MATTOSO, Glauco (pseudônimo de Pedro José Ferreira da Silva) *Centopéia – sonetos nojentos & quejandos* (Ciência do Acidente, 1999), *Paulisséia ilhada – sonetos tópicos* (Ciência do Acidente, 1999), *Geléia de Rococó – sonetos brancos* (Ciência do Acidente, 1999), *Panacéia – sonetos colaterais* (Nankin Editorial, 2000), além do CD de sonetos musicados, *Melopéia*. Entre os sonetos, destaco “Manifesto Obsoneto”, de Glauco Mattoso (1981) exemplo interessante de renovação: dessacraliza, tanto quanto rejuvenesce, a composição de 14 versos imortalizada por Dante e Petrarca.

⁷ Abgar cultivava intensamente a amizade. *Obra Poética* inclui livros e poemas dedicados a familiares e amigos. Entre os familiares, além de *Lápide sob a Lua*, inspirado pela morte do filho Carlos Alberto, dedicou *A Princesa e o Pegureiro* à esposa, *Sonetos Antigos* à irmã Branca, *A Outra Face da Lua* à memória dos pais, *Sofotulafai* ao irmão Lívio, *Cristal Refratário*, aos filhos Caio Márcio e Luiz Roberto, e suas esposas, Clara e Rosa Alice, *Thanatos*, a Affonso Henrique Tamm Renault, seu sobrinho e herdeiro espiritual, bem como os poemas “Aureo” e “Delzo”, em memória dos irmãos, oferecidos a suas cunhadas Carmen e Vera. Nos textos dedicados a amigos, destacam-se os livros *Íntimo Poço*, a Dario de Almeida Magalhães e *O Rio Escuro*, a Garcia Paiva, além dos poemas (todos de *A Outra Face da Lua*) “Semi-Internato”, a Pedro Nava e “A Pedro Nava”, a sua viúva, “Entardecer”, a Luiza Sabino Schwartz e, a Carlos Drummond de Andrade, “Soneto ao Poeta Carlos Drummond de Andrade”, “ Mensagem ao poeta Carlos Drummond de Andrade”, “Apelo”, e “O Poema Sonhado e Não Escrito”. A mim mesma, honrou com a dedicatória em “Windermere, Ambleside, Grasmere”, também de *A Outra Face da Lua*.

em Brasília, Abgar rompeu num choro inusitado: o “telefone se entupiu de soluços”. O poema merece atenção também pelo aspecto formal.

A Partida
 Alto.
 Esgalgo.
 Fino.
 Esguio.
 Pureza geral
 de cristal
 nítido
 e profundo.
 Escasso
 passo
 na triste cal-
 çada deste mundo.
 O gesto
 lento,
 o cigarro infindo
 entre os dedos trê-
 mulos.
 Partiu rindo.
 Nem soube
 que era o partir,
 sem nenhum ir,
 a eterno longe,
 em tempo e espaço.
 (...)

A disposição gráfica, a linha curta dos versos e o alongamento do texto ajustam-se à forma esguia de um convite de formatura, onde se encontra o manuscrito original. O formato do papel é explorado para sugerir a silhueta esbelta do amigo desaparecido, enquanto o jogo sonoro complementa a disposição gráfica. Coincidindo com as reverberações semânticas, as palavras parecem brotar umas das outras, prenunciam os “exercícios concretistas” de 1971. A interação entre o estrato sonoro e o espacial cria um objeto “verbivocovisual”. A estrofe, de mero apoio para a memória auditiva, transforma-se em unidade de significação gráfica. O poeta apropria-se das estratégias da vanguarda

concreta dos anos 50 e 60, ainda mais claras em “Exercício II”. Poema-objeto, explora dimensão espacial e ambigüidades semânticas, que confluem na revelação de uma presença perturbadora, um entrever de jogos eróticos:

Abarco
 o barco
 o barco sem b
 o b sem arco
 de barco
 Abraço
 o braço
 embaraço
 embarço
 emboço
 Ê moço!
 Ê moça!
 Ê moção!

A grande metamorfose na obra de Abgar revela-se na publicação de *Sofotulafai*. Sua mais alta criação literária, o livro/poema resulta de uma lenta elaboração. O processo de composição, iniciado em 1951, só cessa com a publicação em 1972. Esbarrando no alto modernismo, que se desenrola entre meados dos anos 40 e fins da década de 60,⁸ a construção do texto avança pelo período que se convencionou associar ao pós-modernismo. Não se trata de mera coincidência cronológica. Tanto pela temática quanto pela confluência de um amálgama de posturas poéticas e existenciais, o poema é um marco pós-moderno, em torno do qual se pode concretizar uma leitura atual do conjunto de *Obra Poética*. Como pista para a vida interior do poeta, ele assinala também uma virada substancial. O poeta abandona a referência aos fatos de sua vida, presentes nos primeiros livros. Concentra-se na busca da transcendência, que extrapola o mero estar no mundo. A nova postura já se anuncia no jogo de contrastes entre

⁸ Nesse sentido, cf. MORICONI, Italo, op. cit, especialmente p. 87 f.

os verbos “ser” e “estar”, que remete à oposição imanência/transcendência, explorada em “Ausência”, de *Íntimo Poço*:

Eu morro a cada instante:
 não sou: estou a ser.
 Essa calada estante
 com mil livros por ler
 parece bem comigo:
 ali está de pé, sem amiga ou amigo
 bem que está, mas não é;
 este lápis aqui
 não é, está presente,
 e o verbo que escrevi
 não é o da minha mente:
 escrevo só o estado,
 o sido, nunca o vi;
 escrevo o que não quis,
 o a que fui levado:
 este poema infeliz,
 que decerto não sou
 e em que nem sei se estou.

Sofotulafai, também de cunho filosófico, versa um tema semelhante: a possibilidade do mundo enquanto essência, independente de sua construção pela mente. Um dos poucos exemplos brasileiros de poema longo no século XX, esse “estranho, extraordinário poema de sabor clássico/vanguardista”, como o chama Carlos Drummond de Andrade, é uma criação em tom maior, que articula pesquisa estética e reflexão filosófica.⁹ A quase total obliteração do eu, explorada pelo

⁹ Sobre *Sofotulafai*, Pedro Nava escreve: *Sofotulafai* (...) mostra um dos nossos mais fantásticos mestres no manejo do idioma e das possibilidades poéticas que se pode tirar do jogo das palavras. Nesse terreno sua criatividade, invenção e conhecimento da alma da linguagem fazem de Abgar Renault um jogral do gênero de Guimarães Rosa. Em 18 de setembro de 1972 Carlos Drummond de Andrade dirige a Abgar uma carta sobre *Sofotulafai*, “a mais bela meditação onírica sobre a palavra, que se possa conceber, e dirigida toda ela com um brio, uma gravidade, uma doçura, um *humour* que, combinados sutilmente, constituem verdadeiro milagre de arte”. Entre outras

texto, minimiza a efusão lírico/ autobiográfica: a atividade escritural se encena exatamente quando, adormecida, a subjetividade consciente não pode aspirar ao controle do mundo a sua volta. Sinaliza-se uma metamorfose do sujeito poético, coincidente com a mudança interior do autor empírico. Entre os cinquenta e os setenta anos, no clímax de sua maturidade como homem e como artista, Abgar faz uma pausa no borborinho da vida. A persona poética descarta as preocupações afetivas e públicas do homem histórico. Concentra-se em questões maiores, impessoais, que vêm ocupando o pensamento através dos séculos: o mistério do tempo, a criação artística, a relação entre a mente e a chamada realidade, a possibilidade de conhecimento do real.¹⁰ O tema da criação do mundo através da palavra reflete-se na ilustração de Marcio Sampaio para a capa do livro de 1972: duas mãos parecem semear uma chuva de letras, rodeando um globo –

observações, sobre “a construção admirável e violentamente imprevista que você ergueu há 21 anos na maior moita e só agora consente em oferecer-nos”, Drummond acrescenta, num post-scriptum: “Esquecia-me de acentuar particularmente as invenções técnicas de alto nível, que se inserem no corpo de “Sofotulafai” e revelam como um poeta de estirpe clássica pode assimilar as audácias vanguardistas e integrá-las harmoniosamente, sem quebra do equilíbrio fundamental do poema”. Nessa carta, Drummond agradece também a Abgar o ter-se lembrado de seus “agora indisfarçáveis 70 anos, em pleno trabalho na UNESCO”. Drummond declara que a carta carinhosa do amigo foi “uma das alegrias do ‘evento’ (e bem compensadora de numerosas chateações que me massacraram na ocasião, entre elas a indiscrição de repórteres e fotógrafos, como se fazer 70 anos fosse alguma coisa assim como o crime do Sacopã)”. Abgar e Drummond já haviam trocado versos de circunstâncias. Em 15 de abril de 1969, Drummond envia-lhe um poema de parabéns pelo aniversário, ao qual Abgar responde também em verso. Pelas festas de fim do ano, Abgar dedica poemas a Drummond em dezembro de 1971, 1979 e 1980.

¹⁰ Sobre a associação do pós-moderno com a indagação “A realidade é cognoscível?”, cf. Dick Higgins e Brian McHale, apud JEHA, Julio. “O Novo Milênio: o enigma na literatura pós-moderna”.

irregularmente, rivalizam com a riqueza de ritmos e reverberações sonoras. Como a Pasárgada de Bandeira, o título do poema remete ao nome de uma cidade asiática, pátria ideal da poesia, mas atrai a atenção também pela alusão anagramática a quatro notas da escala (*sol-fa-la-si*). Evocando as Artes Plásticas, sobressai o realismo dos dados sensoriais em imagens aparentemente desconexas *à la* Dali – livros e relógios, seios e cabeleiras, cidades e paisagens. Elas remetem à pintura surrealista e suas raízes na exploração do inconsciente. A potencialização do espaço, aparição primária das Artes Plásticas, emerge também no breve poema em língua inglesa embutido em *Sofotulafai*. A forma gráfica lembra os “exercícios concretistas” do mesmo período. No desenho, a sugestão de uma ampulheta funde a referência espacial e a temporal, numa imagem einsteineana, típica de outros textos do poeta:

I
 II
 all
 Recall
 yond recall
 beyond recall
 Beyond recall
 Far away and long ago
 far away and long ago
 away and long ago
 and long ago
 long ago
 ago
 go
 o

O texto espacializado, que também sugere uma cruz, apoia-se numa série de jogos estilísticos. Propicia a ilusão do encadeamento espontâneo de elementos fonêmicos e semânticos, que camufla o laborioso trabalho artesanal. Unidades sonoras mínimas, retomadas e ampliadas como ecos, resultam em novos agrupamentos sonoros e semânticos. O gradativo alongamento dos versos iniciais insinua

o esforço de recuperação do passado, a ilusão de sua paulatina aproximação. O movimento oposto, de encurtamento da linha, sugere o reconhecimento da impossibilidade de reconquistar o passado, cada vez mais distante. O duplo efeito é reforçado pelo contraste entre maiúsculas e minúsculas. Articuladas, essas e outras estratégias contribuem para intensificar os motivos subjacentes. *Sofotulafai* inclui outros sub-textos, que podem ser lidos como poemas autônomos, pastiches de criações do passado. Síntese de *topoi*, de estilos, de literaturas e línguas ocidentais, evoca, em miniatura, um *Orlando* de Virginia Woolf, ou um *Ulysses* de Joyce, aventura do espírito através do tempo, na tentativa sempre frustrada, mas gloriosa, de apreender o real.

Logo às primeiras linhas esboça-se o tema kantiano do mundo como elaboração mental. Suprimida pelo sono, a atividade consciente já não pode se engajar no processo:

Às vezes temo que, na minha ausência,
as coisas já não sejam o que são,
e o acontecido, quando estou ausente,
seja diverso do acontecimento
em que, até sem querer e sem saber,
a inocente presença do meu ser
se misturasse, tal como água e vento
no ar se fundem inconscientemente
e criam tempestade e furacão.

A atividade discursiva fica interrompida (“rompe-se a ligação do velho fio”). Libera-se, entretanto, outro espaço, o dos processos inconscientes, reino da imaginação:

Quando me sumo na total ausência
do curso opaco e ascético do sono
e não estou mais em nenhum lugar,
mil invisíveis coisas misteriosas
talvez ocorram sobre o chão, pelo ar
(...)
e uma sutil disponibilidade
todas as cousas lança em liberdade

Livres do jugo da intencionalidade consciente, os objetos do imaginário adquirem voz, emitem opinião sobre a vida dos homens: diferentemente dos outros seres, são incapazes da experiência direta, não mediatizada pela linguagem. “Vivem por dentro em vez de só viver”, no semiocentrismo explicitado pelos versos:

tudo é palavra, e existe por servir
à palavra, que preenche os homens vãos;
(...)
os homens vivem, morrem, por sinais

Na dança das coisas, avulta o turbilhão de objetos associados a temas centrais: a vivência erótica (ventres, cabeleiras, seios”), o tempo (calendários, horários, pêndulos, ponteiros, cronômetros, relógios) a escrita (lâpis, canetas, borrachas, papel, letras, cartas) concentrando-se, finalmente, na máquina de escrever, que retoma o tema da escrita. Durante o sono do poeta, a máquina tamborila sozinha e faz surgir, como que ao acaso, letras e palavras esparsas, que terminam por sugerir um sentido. O poder da linguagem verbal é evocado pelo espoucar de palavras-objeto, puros significantes, com peso e substância própria, potencialmente letais:

Mando a todo aquele que não me ame
outrossim, adimplir e pastificio,
Radagázio, nenhures e vexame.¹²
(...)
Letras e letras vão surgindo a flux
Da boca aberta dos jornais, maiúsculas
primeiro em todas as manchetes,

¹² Esse uso da palavra-objeto parece feito para ilustrar as observações de Haroldo de Campos; descrevendo o “discurso engenhoso”: as palavras não são representantes, mas seres autônomos, que, como matéria, podem ser recortados para formar outros, e têm entre si relações que lembram muito mais os elementos da composição musical ou geométrico do que os do bom senso cartesiano. Cf. CAMPOS, Haroldo de. *O Sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*. Salvador, Bahia: Fundação Casa de Jorge Amado, 1989, p. 110.

seguindo-se as minúsculas em série;
 O O O A L L A R J
 bbb uuu ccc k
 com seus machados numerosos setes
 atacam um desenho de gaivota;
 ela revoa, afasta-se remota, e ora no teto refugiada está.

Uma lógica diversa da linguagem consciente, semelhante à dos processos oníricos, preside à aparente desordem. Palavras estrangeiras, citações literárias camufladas, topônimos bizarros, evocam impérios, estilos e literaturas, superpostos em estratos interrelacionáveis. Como um texto joyceano miniaturizado, o poema sintetiza línguas, histórias, literaturas. O jogo dos significantes consome o enlace com os significados, quando, num delírio de aliterações, conflui para sugerir o nome da cidade amada:

Agílimos isótopos pulavam
 Os carrilhões unívocos ladravam
 As noites sob as luas caminhavam
 As aliteraões levavam lâmpada
 Para alumiar a antiga estampa da
 Cidade vista atrás de um horizonte.

A referência a Belo Horizonte é uma das poucas pistas autobiográficas evidentes no longo poema, como também “a saudade do ausente-nunca-ausente”, alusão ao filho morto. Só uma revelação do poeta a seu sobrinho permite saber que os versos “Si tu savais français/ si tu connaissais Samain” dirigem-se a Ignez. Segundo informa Affonso Henrique, Miêta Sampaio, uma contemporânea que desejava namorar o jovem Abgar, havia lhe dito, para desmerecer a rival, que Ignez não sabia francês. O texto menciona “um bilhete antigo”, com os versos

Escreverei teu nome em chumbo ou ar,
 em ouro ou pedra, e o lançarei no mar

Trata-se de outra referência críptica à musa de *A Princesa e o Pegureiro*? Relaciona-se com o conjunto de textos, reunidos sob o

título de *Eros*, que o poeta não chegou a publicar? *Sofotulafai* guarda seus segredos. Encerra-se com seis linhas, cada uma composta de uma letra repetida cinco vezes. Lidas verticalmente, as letras compõem a palavra *azoico*:

A A A A A
 Z Z Z Z Z
 O O O O O
 I I I I I
 C C C C C
 O O O O O

A alusão reafirma o caráter cosmogônico de *Sofotulafai*. Entretanto, a voz poética retrocede ao tempo que precede a própria Origem, constituída através da palavra – um tempo, enfim, anterior à enunciação.

Essa é a sugestão latente na referência ao Azoico, ou arqueano, nome da primeira das duas divisões do período pre-cambriano, quando se formaram as rochas mais antigas da crosta terrestre. Desprovidas de qualquer sinal de vida, as rochas arqueanas acenam para um tempo infinitamente anterior à possibilidade de consciência, ou mesmo da existência, humana. A imagem aponta para o inorgânico, para um estágio anterior à vida. A pulsão para a morte está aí inscrita. O tema da morte sempre fascinou o poeta, e aqui se manifesta, embora, mal tendo completado cinqüenta anos, ainda tenha quase meio século para viver.

A imagem condiz também com o processo de despersonalização evocado pelo texto. A reiterada referência a algo anterior à Origem atua como uma cortina, que baixa sobre o poema. A observação foi feita pelo próprio poeta a seu sobrinho Affonso Henrique.

Sofotulafai convida a repetidas leituras e a uma análise intertextual com *The Testament of Beauty*, do poeta/filósofo inglês Robert Bridges. Não enveredarei por esse caminho, já que não pretendo uma crítica exaustiva da obra prima de Abgar. Contento-me em repetir que, ao refugar a nota pessoal, narcísica, para contemplar, à distância, os grandes temas da vida humana, o poema

sugere uma objetivação, um desprendimento gradativo, uma crescente obliteração do eu, na escalada espiritual de uma vida. Seu autor mal caminha para a velhice. Mas já começa a desvencilhar-se do eu e de suas paixões. O ego busca recolher-se. Vai se deixando transmutar em mero sujeito da escrita. Dessa forma, na hora final, pouco restará para morrer.

JUNTO À LÁPIDE SOB A LUA: De Luto e Glórias

se virem um homem chorando sem pejo,
é elle, é o pai do moço, do menino, do meninozinho,
que o fortuito matou na recta da estrada, à toa...

Lápide sob a lua.

No período de pouco mais de uma década, entre a exoneração da Secretaria da Educação e a mudança para Brasília em 1970, quando é nomeado Ministro do Tribunal de Contas, as atividades de Abgar distaciam-se da política. Passam a concentrar-se no âmbito da educação e da produção poética.

A incompatibilidade entre seus padrões ético-profissionais e os bastidores da política partidária já fora demonstrada por ocasião de seu afastamento da Secretaria da Educação. A postura independente causa-lhe embaraços. Nunca tendo querido recorrer à ajuda financeira do sogro, Abgar confia a Fernando de Azevedo, em carta de 5 de novembro de 1959, a existência de problemas criados por aceitar cargos considerados de baixa remuneração pela família.¹

Entretanto, não esmorece sua luta pela educação. Mais ou menos nessa época, inicialmente como sua aluna e depois como sua Assistente na cadeira de Língua e Literatura Inglesa da então Faculdade de Filosofia da UFMG, pude acompanhar de perto sua atuação como professor. Lembro-me de suas análises lingüísticas, seu entusiasmo pelos textos shakespearinos, que comentava e traduzia na sala de aula. Na literatura do século XX, demonstrava admiração pelo *Ulysses*

¹ VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília de Castro Cardoso. *Conversa de Educadores*, p. 63.

de Joyce. Às vezes, detinha-se em pormenores gramaticais. Com insistência um tanto cômica, revelava conservar a minúcia típica de seus despachos na Secretaria e no Ministério da Educação. Severo com os alunos, era generoso, trazendo-lhes publicações recentes. A vivência internacional facilitava-lhe o acesso, difícil para os estudiosos da época – algo impossível de avaliar nestes dias de compras pela internet. Não gostava de levantar cedo. Preferia sempre a aula das 11. Para os alunos, o problema não residia na hora, mas no fato de que Abgar não se atinha aos cinqüenta minutos de praxe. Prolongava-os, às vezes por hora e meia, forçando os mais gulosos a levar merenda. Durante as greves, ou quando se afastava em missões da UNESCO, telefonava a um de nós, pedindo que transmitisse aos colegas temas de trabalhos para os períodos sem aulas.

Não apenas dessa forma demonstrava sua devoção ao magistério. Em 1955, interrompeu sua permanência no Ministério de Educação e veio a Belo Horizonte especialmente para ministrar uma prova. Naquele tempo, a sala de aula contava com poucos alunos. Dessa vez, ficou atulhada de visitantes. A um canto, nas carteiras que haviam sido recuadas para abrir espaço, os alunos se debruçavam sobre as provas. Não lhes passava despercebida a presença do Diretor da Faculdade, nem de repórteres e outros interessados em falar ao Ministro.

Nesse dia, um incidente, em si mesmo trivial, foi significativo, como ilustração da cortesia dispensada por Abgar aos estudantes. Como a gratidão, era um traço de seu caráter: O episódio começou quando o ir e vir dos presentes foi interrompido pelo Ministro. Demonstrando preocupação, ele encaminhou-se para um canto da sala. Havia percebido que uma das alunas procurava algo no chão. Aproximou-se para ajudá-la. A moça, muito embaraçada, explicou que havia deixado cair um brinco, mas que não valia a pena continuar a procurá-lo. Não era uma jóia. Não devia perder mais tempo com a busca. “É coisa sem importância, é coisa sem importância”, repetia a estudante. A tentativa de encerrar o episódio demonstrou-se vã. Em tom jocosamente enfático, Abgar insistia: “Não, é da maior importância”. Passou logo da palavra à ação. Correndo o risco de sujar o imaculado terno branco – por muito tempo uma de suas marcas registradas – pôs-se de joelhos, à procura da bijuteria. Dentro de segundos, foi

imitado por todo o seu séquito. A desastrada aluna resignou-se a assistir ao bando de jornalistas, comandados pelo Ministro, percorrer, de quatro, o espaço a seus pés. A busca foi inútil. A recalcitrante não-jóia recusou-se a aparecer. Abgar acabou por desistir. Mas só temporariamente. Deve ter voltado à carga depois que todos se retiraram, pois, no dia seguinte, a moça recebeu em casa, levado pelo motorista do Ministro, um pequeno envelope. Dentro dele, ao lado de seu modestíssimo brinco, encontrou um cartão, assinado na caligrafia inconfundível, “com os cumprimentos de Abgar Renault.” A cortesia de Abgar em seu exercício docente manifestava-se repetidamente. Em outra ocasião, mostrou-se muito comovido por ver uma aluna reprovada comparecer a uma solenidade em sua homenagem. Realmente amigo dos estudantes que dele se aproximavam, convidava-os para sua casa. Permitia-lhes participar de seu convívio familiar, especialmente com a esposa.

Em seu comportamento pouco cerimonioso, a senhora Ignez Renault pouco diferia da jovem Ignez Caldeira Brant, cuja extroversão carioca tanto preocupara seu noivo nos anos 20. Com os amigos do marido demonstrava a mesma comunicabilidade. Permitia-se um particular interesse por suas diversões e namoros. Daí surgiam às vezes diálogos pouco usuais nos anos 60, numa Belo Horizonte ainda reticente diante das mudanças que fervilhavam pelo mundo.

Ignez gostava de conversar, falava com graça e gosto. Sabia também ouvir e fazer falar. Ocasionalmente, iniciava diálogos um tanto absurdos, que beirariam o indiscreto, se não transmitissem um caloroso interesse pelo interlocutor. Tive ocasião de testemunhar a seguinte conversa, travada com uma jovem separada do marido, bem antes da legalização do divórcio no Brasil:

- “Você é casada?”
- “Não, Dona Ignez”.
- “Solteira?”
- “Não, Dona Ignez”.
- “Viuva?”
- “Não, Dona Ignez”.
- “Divorciada?”
- “Não, Dona Ignez. Não temos divórcio no Brasil. Eu sou é desquitada.”

A referência a esse estado civil, ainda estigmatizado pela sociedade mineira da época, teria silenciado um interlocutor convencional. Mas não Dona Ignez. Ela desferiu na assustada jovem três perguntas consecutivas, sem intervalos para respostas:

– “Tem namorado? Já dormiu com ele? Gostou?”

Abgar estava presente. Sem disfarçar certa irritação, interrompeu o diálogo, salvando a vítima do interrogatório. Segura e serena, com a imperturbabilidade dos inocentes, Ignez não se deu por achada. Dentro de alguns minutos, começou a cobrir a mesa da sala com um pano verde e convidou a moça, já prestes a sair, para continuar a visita: faltava uma parceira para um joguinho com amigas, prestes a chegar. Novamente, Abgar interferiu. Dispensou a visitante, que não mostrara inclinação a aceitar o convite. Quem não gostou do desfecho foi Dona Ignez. Ela apreciava essas sessões de jogo familiar, hábito remanescente da mocidade carioca.

A jovem espontânea e independente que vivera em Ignez Brant continuava a manifestar-se na senhora Renault, e não apenas em singelos contatos sociais. Algumas vezes, em momentos delicados, envolvia personagens públicos. Um deles ocorreu quando, algum tempo após o fim do governo Vargas, houve um boato de que Benedito Valadares, por longos anos mantido no governo de Minas pelo ditador, estava tentando voltar ao Palácio da Liberdade. Num banquete, a que compareceu com o marido, Ignez não perdeu a oportunidade de dizer ao ex-interventor:

– “Ouvi dizer que o senhor quer voltar ao governo. É verdade? O senhor não acha que já ficou lá tempo demais?”

Outra figura pública, o Marechal Castelo Branco, líder do movimento de 1964, também ouviu de Ignez mais uma observação ousada. Logo após o golpe, no exercício da Presidência, Castelo Branco compareceu a um jantar oferecido por Carlos Chagas, Embaixador brasileiro em Roma e representante do Brasil junto à ONU. O casal Renault foi convidado. Ao fim do cerimonioso jantar, mulheres e homens passaram a salas distintas. O Marechal começou

a circular entre os dois ambientes, conversando com os convidados. Quando entrou na sala ocupada pelas mulheres, fez uma pilhéria grosseira: “Vim visitar a segunda classe”. Indignada, Ignez observou: “Presidente, o senhor poderia ser mais gentil, e dizer pelo menos que veio à classe turística. Nem nos aviões se fala mais em segunda classe”. Castelo Branco fuzilou-a com o olhar, e retirou-se, furioso. Algum tempo depois, voltou à sala, e trovejou: “Vim agora visitar o resto da segunda classe”.

O incidente não se encerrou aí. Pouco depois, Pedro Aleixo, então Ministro da Educação, falou ao Marechal da necessidade de indicar um representante do Brasil para um próximo encontro da UNESCO em Paris. Castelo Branco perguntou se o Ministro tinha alguma sugestão. Pedro Aleixo lembrou o nome de Abgar Renault, observando que, em várias reuniões internacionais, ele tinha representado o Brasil com grande brilho. Lembrado do episódio protagonizado por Ignez, o Marechal disse secamente que preferia indicar outro nome. A vingança tentada por Castelo Branco não se efetivou. Abgar compareceu ao encontro da UNESCO, não como representante do Brasil, mas a convite de René Maheu, Presidente da UNESCO, que já havia ressaltado a relevância da contribuição anterior do brasileiro para a comunidade internacional.

A essa época, no auge de sua vida de poeta e educador, Abgar já sofrera com Ignez o mais duro golpe de sua vida. Em 1956, quando ainda Secretário de Educação, perde o filho Carlos Alberto, morto em um acidente de automóvel nos Estados Unidos.² Abgar suportou a dor com estoicismo. Levou-a, contudo, por toda parte, sem excluí-la das horas de trabalho. Lado a lado com publicações de despachos rotineiros da Secretaria de Educação, seu caderno de recortes conserva, com alterações feitas a mão, a “Elegia do filho morto”.³ O poema integra *Lápide sob a lua*, publicado em 1968 pela Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, em edição do autor. Por

² A mãe falecera em 1943, e o pai falece em 1961.

³ *Caderno II*, p. 256.

longo tempo, Abgar escondeu de Ignez esse livro, tentando poupar-lhe a renovação da dor.

Durante muitos anos, Abgar evitou aludir à perda do filho. Falou-me a respeito uma única vez. Comentou a inteligência de Carlos Alberto, seu conhecimento de línguas, a brutal precocidade de sua morte: *doem-me os teus frutos, que, ao caíres, esmagaste sob ti*, lê-se em *Lápide sob a Lua*.⁴ Mostrou o mesmo estoicismo em 1969, quando foi recebido na Academia Brasileira de Letras para a cadeira nº 12, na vaga de José Carlos Macedo Soares. (Desde 1959 fazia parte da Academia Mineira e da Academia Barbacenense). Em contraste com Ignez, que, assentada a poucos passos, chorava abertamente, Abgar ouviu impassível uma demorada análise de *Lápide sob a Lua*. O acadêmico Deolindo Couto, encarregado da saudação de praxe, mencionou repetidas vezes o trágico fato que inspirara o livro. No imponente cerimonial, que contou com a presença do Presidente da República, o novo acadêmico, alto e magro, no fardão da Academia, justificava uma observação de Pedro Nava a respeito do amigo: o tempo lhe poupara “a indignidade das banhas”.

O discurso de Abgar, em resposta à saudação de Deolindo Couto, foi sóbrio e contido. Como lhe cabia, fez arguta e minuciosa análise da obra de Macedo Soares, seu antecessor na cadeira nº 12. Antes, deteve-se em explicar a razão pela qual, tendo escrito tanto, publicara tão pouco:

...não serei um marginal da literatura. Serei, antes, um marginal da publicidade, já que fui sempre menos cuidadoso de editar que de compor. Não é que desdenhe da publicação, mas é que sou possuído continuamente da angústia do pensado à pressa, do indecorosamente composto, do ruralmente escrito em estilo pedestre (...)

É certo que, a meu aviso, o prazer da expressão nada tem de comum com o ato exterior de dar a lume o que se escreveu. Em mim, aquele prazer, que existe, vez por outra, no compor um poema, exaure-se no próprio ato da escrita. (...)

⁴ *Lápide sob a Lua*, XIV.

Ser-me-ia impossível adotar a afirmação de Alberto Caeiro, um dos heterônimos de Fernando Pessoa: “Penso e escrevo como as flôres têm côr”. Provavelmente porque escrever não é vocação em mim, mas apenas débil aptidão, sofro êsse ato como um processo de desaprender a facilidade com que “as flôres têm côr”; de fazer esforço por associar apropriadamente o sentido das palavras e o seu som (...) de estabelecer equilíbrio tal entre a mensagem e o seu meio de expressão que nem se exalte a primeira às expensas do segundo, nem se alcance em aperfeiçoar êste em detrimento daquela. Foi o que tentei exprimir neste

Poética

A misteriosa concisão do raio,
 uma harmonia de água, vento e prata,
 justos quais corpos que só de ar se enludem.
 É com os olhos em ti que sonho e esvaio
 o nulo sonho da palavra exata,
 ó inexatidão de ausente nuvem.⁵

Do ponto de vista literário, esse é o trecho mais importante do discurso. Embora não totalmente fiel ao conjunto de *Obra Poética*, revela em Abgar, à semelhança de Drummond, o “lutador”, cuja arma (e potencial inimiga) é a palavra.



Abgar Renault na Academia Brasileira de Letras

⁵ Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 1969, p. 49-62.

Nesses anos de luto e glórias, envolvido com o exercício do magistério, com a participação intermitente em funções administrativas no campo da educação, Abgar não interrompeu sua ação em âmbito internacional. Ficou famoso seu pronunciamento em Adis Abeba, na Etiópia, durante uma conferência da UNESCO em 1961. Numa única frase sintetizou a premência de reformas sociais na América Latina: previa o momento em que “a ignorância e a fome dar-se-iam as mãos”.⁶ Muitos anos depois, declara com tristeza que as tarefas e reformas propostas no encontro não foram cumpridas, “pela falta de intenção de cumpri-las. Os responsáveis pela política educacional no Brasil nunca tiveram idéia do sentido da educação popular no país. Além disso, algo que seria de se esperar também não aconteceu: uma política no sentido da promoção popular”.⁷ Essas palavras bastariam para marcar a postura política de Abgar, algumas vezes injustamente criticada. Como registro da viagem à Etiópia, restou o poema “Adis-Abeba, crepuscularmente”, incluído em *Thanatos*. Sombrio no tom, sugere um mergulho no tempo, tanto histórico quanto interior, ou, quem sabe, a premonição dos escassos frutos do trabalho na UNESCO, devido à falta de vontade política dos governos:

Fechado é o porto, destruído o cais sem mar aqui nem lá.
 Os olhos escurecem a inescrita paisagem
 onde geladas pedras sobre o gelo avançam
 e fecham sob as pálpebras a chama, o pássaro, o fruto, a furna, a flor,

 vou desaparecendo, esquecido, no horizonte.

(*Thanatos*)

Ecos da contribuição de Abgar para outra conferência da UNESCO, em Paris, são registrados por Afrânio Coutinho em 1961. “Pronunciando um discurso em que apresentava um plano de ação

⁶ CANÇADO, José Maria. Um depoimento inédito de Abgar Renault, o último poeta modernista. *Folha de São Paulo*, Mais!, 17/03/1996.

⁷ CANÇADO, José Maria. Um depoimento inédito de Abgar Renault, o último poeta modernista.

para o combate à ignorância no mundo, aquele nosso patrício teve as suas palavras, pronunciadas no mais genuíno inglês, recebidas com o maior entusiasmo e o projeto aprovado sem uma única restrição”.⁸ O Globo de 29 de outubro de 1962 noticia outra participação em Conferência Geral da UNESCO (a XI), também em Paris. Em 1963 atua como membro da Comissão Consultiva Internacional do *The World Book Encyclopædia Dictionary*, editado nos Estados Unidos,⁹ e recebe a condecoração da Legião de Honra do governo francês. Continua a publicar poemas em periódicos. “Vinho Adverso” aparece no *Estado de Minas* de 31 de maio de 1964.¹⁰ No mesmo ano, a convite do Conselho Britânico, participa das comemorações do IV Centenário de Shakespeare na Inglaterra. Lá, profere conferências sobre Literatura Brasileira em universidades.

A viagem deixa marcas no imaginário poético, evocações do *fog* londrino, do interior do país, sua paisagem, sua história, e suas guerras, associadas aos poemas que Abgar havia recriado em português.¹¹ “Windermere, Ambleside, Grasmere” dirige-se aos habitantes da velha Albion:

Vagos vultos de frio, de neblina,
de fog e antiguidade! quantos filhos,
mortos em grossos mares, duros campos,
recordais, sem soluços e sem lágrimas,
quando bebeis o silencioso chá
temperado de mel e de sol-pôr?
Que guardados amores cantaríeis,
ó velhas águas sob as velhas pontes,
contemplativas granjas de segredos,

⁸ COUTINHO, Afranio. Abgar Renault. *Estado de Minas*, 08/01/1961.

⁹ *Caderno II*, p. 265.

¹⁰ *Caderno II*, p. 269.

¹¹ Cf. seu *Poemas Ingleses de Guerra*. Rio: Oficinas Gráficas do Jornal do Comércio, edição do autor, 1942, prefaciada por Carlos Drummond de Andrade. 2ª edição em Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1970. Alguns dos poemas, traduzidos, foram irradiados pela BBC de Londres em 1942.

horas de inverno, flores sem ventura,
muros de pedra, à beira de estradas?

(*A Outra Face da Lua*, 1964)

Ainda em 1964, como membro convidado pela UNESCO, Abgar comparece às conferências sobre educação em Paris e em Madrid, o que voltará a acontecer em 1965, em Teheran, e em 1966, na capital francesa.



Abgar representando o Brasil em conferência da UNESCO. Teheran, 1965

Em 1965, e também em 1966, representa o Brasil em reuniões do *Bureau International d'Education*, em Genebra. Em 15 de fevereiro de 1967 o *Jornal do Brasil* anuncia sua presença em mais uma conferência da UNESCO, por ocasião do lançamento de uma campanha mundial de alfabetização. Essas atividades e a assessoria que continua prestando ao Estado na área de Educação não permitem que efetivamente leccione no Colégio Pedro II, onde prestou concurso para a Cátedra de Língua e Literatura Inglesa no Rio de Janeiro, e foi aprovado com a nota máxima. A tese defendida, intitulada *The Termination – ing*, é ilustrada com exemplos escolhidos em textos literários por Ignez.

Abgar não chega a assumir a cátedra do Pedro II. Parece ter havido suspeitas de que estaria recebendo salário por seu exercício.

A suspeita só poderia ser atribuída ao desconhecimento do caráter de Abgar, mas, se realmente existiu, foi desfeita por enérgica declaração do Diretor do Colégio, professor Vandick Londres da Nóbrega. O *Diário de Notícias* de 24 de maio de 1964 publica declaração do Diretor. Ele informa à reportagem que, como membro do Conselho Nacional de Educação, designado pelo Presidente da República para prestar assistência educacional ao governo de Minas, Abgar poderia efetivamente perceber legalmente os vencimentos de Catedrático do Pedro II. Num gesto raro, nunca o fez. Esclarecida a questão, o professor Vandick encerra a entrevista com uma declaração incisiva: “Permita-me acrescentar ser o Prof. Abgar Renault uma pessoa que se impõe perante todos que o conhecem pelo escrúpulo no trato da coisa pública”.¹²

Abgar está para afastar-se da atividade docente, que vinha exercendo na antiga Faculdade de Filosofia. Em 1967 é nomeado Ministro do Tribunal de Contas da União. O segundo caderno de recortes encerra-se com a publicação dessa notícia no *Estado de Minas* de 25 de junho de 1967. Ela marca o fim da carreira de Abgar Renault em seu estado natal. O novo cargo exige sua mudança para Brasília. Ela foi feita com um pesar reiterado em várias ocasiões, como quando recebeu o título de Professor Emérito da UFMG, em 1979. O Estado de Minas noticia também a indicação do novo ministro, pelo Senado Federal, para participar do Conselho da UNESCO, e de um plano internacional de alfabetização. O jornal lembra que Abgar é um dos poucos brasileiros condecorados com a Legião de Honra, conferida pelo governo francês, e com a Medalha de Comandante do Império Britânico, o grau mais alto da comenda. Novas viagens, e honrarias virão. Em 1968 o poeta visita a Índia, onde faz conferências sobre Literatura Brasileira e sobre a poesia de Tagore, que havia traduzido nos anos quarenta; participa de congresso sobre Educação na Iugoslávia e vê sua obra focalizada em edição

¹² “O Pedro II e as cátedras de Inglês e H. Geral e do Brasil”. *Diário de Notícias*, Rio, 24/05/1964. *Caderno II*, p. 270.

especial do *Suplemento Literário de Minas Gerais* (nº 99, de 20 de junho). Eleito Presidente do Tribunal de contas em 1970, torna-se, no mesmo ano, membro consultivo da *Grande Enciclopédia Larousse*. Em 1971 recebe do Governo Brasileiro a Ordem de Rio Branco, como Grande Oficial, e a Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho. Em 1972, é condecorado com a Ordem Nacional do Mérito Educativo.

Tantas honras e tantos anos não apagam a dor pela morte do filho. Refere-se a ela em carta de 29 de janeiro de 1970 a Fernando de Azevedo, que acabara de sofrer perda igual:

Asseguro-lhe que depois desse acontecimento nunca mais fui a mesma pessoa. E tristemente sei que você nunca mais será o mesmo Fernando. Ai! Meu querido amigo, por muito de aço ou de ferro que sejamos em nossa fortaleza interior – e Você é de aço ou de ferro da melhor têmpera – a nossa dor humana ainda é mais dura e o seu ariete fende, abre e arraza...¹³

Em lembrança do filho, Abgar levava sempre no bolso um crucifixo de metal com cerca de quinze centímetros de comprimento – o crucifixo que encontrara sobre o peito do morto, quando o corpo chegara dos Estados Unidos para ser enterrado no Rio de Janeiro. Silenciosa, transubstanciada em poesia, a dor transforma Abgar no “Morto Vivo”.¹⁴ Assim continua a viver. Mas nunca afasta da memória seu Carlos Alberto, “dormindo, sem dormir, um sono morto.” É seu o túmulo que visita, no poema “Saudade”,¹⁵ de *Lápide sob a Lua*:

Terrestre, sem parar, hoje passei
por tua casa silenciosa e pálida.

¹³ VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília Ferraz de Castro. *Conversa de Educadores: Catálogo Analítico da Correspondência entre Abgar Renault e Fernando de Azevedo*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros/Usf, 1997, p. 4.

¹⁴ Cf. “Estrambote do Morto Vivo”, *Lápide sob a Lua*.

¹⁵ Abgar confiou ao sobrinho Affonso Henrique que certa manhã passou de ônibus em frente ao cemitério onde fica o túmulo de Carlos Alberto. A respeito, comentou: “Senti uma saudade terrível de Carlos e quando cheguei em casa o poema jorrou de uma vez só.”

RESTO DE VÔO: "Velhice Gráfica" e "Poema Retrógrado"

Que poder lograria recompor
o antigo calendário que rasguei
sem saber que era a mim que ia jogando
na triste cesta de papéis inúteis?

"Interrogações", *Íntimo Poço*.

Sou lúcido, insolúvel, inconsolável

Reflexões Efêmeras

Os últimos anos da vida pública de Abgar foram ocupados pelo trabalho no Tribunal de Contas da União. A propósito, Carlos Drummond de Andrade comenta a habitual exação do amigo no exercício do cargo. Compara duas publicações recebidas de Brasília: um exemplar da Revista da Câmara de Deputados, que "contém poemas", e um "livro" de Abgar – um relatório do Tribunal de Contas – que "contém algarismos e discute o orçamento da República". Drummond explora o contraste, e escreve:

Teria havido troca de capas? Não houve. A troca é de funções. A poesia ficou entregue a deputados, e o poeta examina ponderadamente as despesas da União, dando-se ao trabalho de apurar que uma empresa pública, nove fundações e 29 autarquias não prestaram contas no exercício de 1968. Nada lhe escapa: confronta programação financeira e execução orçamentária, esquadrinha despesas a regularizar e despesas irregulares, analisa o balanço patrimonial, mergulha no oceano dos fundos especiais e nos mares do orçamento plurianual de investimentos. Enfim, serviço completo, enriquecido pela introdução, a que chamou de "exercício de idéias gerais", pois as cifras não valem por si, mas pela realidade que espelham, e essa realidade, o poeta procura discipliná-la, expondo critérios e

princípios que devem orientar a movimentação do Estado moderno, praticamente responsável, mediante operação ou controle, por todos os serviços e atividades que a mente seja capaz de imaginar.

Drummond chama a atenção para o fato de que, em parecer aprovado unanimemente pelo Tribunal de Contas, Abgar “consegue interessar o leigo no complexo mecanismo das coisas públicas”, inclusive com uma crítica mais que nunca pertinente: o Estado vigia mal a si mesmo. Sua “longa *manus* deveria também alcançar os seus próprios domínios, por mais distantes que sejam e por mais oblíqua e difícil que se apresente a sua ação”.¹

É esse o Abgar que, em 1973, aposenta-se no Tribunal de Contas e muda-se para o Rio de Janeiro. Recebe grande homenagem em Brasília, com a presença maciça de ministros, diplomatas, políticos e intelectuais. Saudado por Cyro dos Anjos, inclui no discurso de agradecimento uma declaração que poucos homens públicos poderiam assinar com a mesma tranqüilidade. Apresenta-se como “um homem que teve tão só a virtude de sentir no exercício dos cargos públicos a ele confiados antes um *modo* do que um *meio* de vida”.² A descrição constitui uma espécie de auto-retrato interior do orador, que se afirma herdeiro da “índole humilde da estirpe materna”. O texto condiz com a impressão de real humildade – de timidez, próxima da insegurança – transmitida por Abgar em seus contatos mais próximos. “Insegurança” é o nome atribuído pelo poeta ao que era na verdade uma extrema responsabilidade no desempenho de tarefas públicas. A auto-descrição sugere também um perpétuo deslumbramento diante da vida, típico da sensibilidade poética:

Nunca afrontei qualquer empreendimento, que não me acompanhassem incerteza, dúvida e temor; somente a própria execução me infunde medrosa esperança de levar a cabo satisfatoriamente aquilo

¹ ANDRADE, Carlos Drummond. “O Poeta e as Contas”. *Jornal do Brasil*. Caderno B, 29/01/72.

² NÓBREGA, Vandick L. (Org.). *Homenagem a Abgar Renault*. *Discursos*. Oficinas Gráficas do Colégio Pedro II, maio de 1973, p. 30.

de que me supõem capaz. O próprio ofício espontâneo de viver, de ser fisicamente, enche-me de temerosa surpresa, e cada dia deste frágil existir é para mim tão rico e novo, que me aventuro a alterar o preceito cartesiano: Espanto-me, logo existo...³



Abgar entre as professoras Ângela Vaz Leão, Solange Ribeiro de Oliveira e Maria José de Queiroz, após receber o título de Professor Emérito da UFMG - 1979

A carreira burocrática da Abgar encerra-se em 1973. A do artista, que há pouco publicou *Sofotulafai*, tem ainda bastante fôlego. Em 1982, a voz poética declara “Sinto-me igual ao que sempre fui” embora a caligrafia trêmula revele as mudanças previsíveis na letra de um octogenário:

A minha letra envelheceu.
Nela estarão os cinco dedos
da mão direita já mais velhos?

³ *Homenagem a Abgar Renault. Discursos*. Oficinas Gráficas do Colégio Pedro II, 1973, p. 25-26.

A minha letra envelheceu:
 está mais fina, menos clara;
e,i,v,u,a são iguais,
 e muitas vezes não entendo
 o que escrevi cuidadosamente.
 São versos, músculos ou ossos
 a causa da minha agrafia?
 Será tudo isso ou nada disso
 que envelheceu a minha letra?
 Como, bebo, ouço, durmo, sonho,
 ando, olho, enxergo, invejo, leio,
 sinto-me igual ao que fui sempre.
 Por que será que envelheceu
 em cada letra a minha letra?
 Releio tudo acima escrito,
 nem tudo entendo claramente,
 mas a letra que vejo é a minha:
 na minha letra estou e sou,
 e a minha letra envelheceu

(“Velhice Gráfica”, *Thanatos*)

A caligrafia pode ter envelhecido, mas a qualidade da escrita continua “igual ao que sempre foi”. Apenas uma continuada despersonalização, visível também no comportamento de Abgar com seus familiares, descarta o eu narcísico. Seu texto concentra-se em dois pólos: de um lado, as incógnitas da existência e, de outro, focalizada com bem-humorado estranhamento, a realidade exterior. Os poemas registram a chegada de novos tempos. Como convém a um artista da palavra, critica-lhes a linguagem. “Poema Retrógrado”, após a típica auto-ironia do título, alude jocosamente ao discurso moderno, na linguagem jornalística, burocrática ou cotidiana:

Se eu fosse incapaz de ler,
 não leria, semimorto,
 a inconcebível, a fúnebre
 palavra conteudística,
 nem em tipos importantes,
 INQUÉRITOS PROCEDIDOS
 COM OS MAIORES PORMENORES...

Nem centenas de vez quês,
nem milhares de inclusives,
sem o mínimo sentido,
até no início das frases;

(Cristal Refratário)

Os versos abaixo macaqueiam os cacoetes lingüísticos criticados:

[Se eu fosse incapaz de ler]
Poria num livro meu
o miraculoso título
“1001 Sprays De e Sobre
Letras e/ou Informática”,
e logo estaria célebre
de todo em todo vidrado
pelo infinito pessoal,
convidaria em geral:
“Vamos tomarmos cafêrmos?”

O texto volta-se também para o panorama social. Desagradam à persona poética certas inovações, como a que denomina a Igreja “católica-prafrentex”, com sua banalização de rituais e de linguagem. Profeticamente, contemplam-se certas figuras clericais e seus shows, no proselitismo televisivo no século XXI. Ouve-se

um jovem padre exclamar,
entre vozes, cavaquinhos
e flautins carnavalescos:
“Ser mãe é muito bacana!”

Com os olhos na televisão, o autor implícito registra

um locutor dizer,
em solenes, peremptórias
inflexões: “Esta TV
caro amigo, é mais você!”

Em toda parte, denuncia a impregnação do cotidiano pela parafernália tecnológica e publicitária, pela pasteurização de sons, imagens, sonhos e prazeres, convertidos em objetos de consumo.

O leitor julgaria ouvir, condensado, o discurso de um crítico cultural como Mike Featherstone, descrevendo o clima da modernidade urbana:⁴

18.000.000 de ruídos:
 buzinas, sireias, rádios,
 vitrolas e toca-discos
 perfuratrizes elétricas,
 britadores, automóveis,
 caminhões, motocicletas,
 gritos, berros, uivos, urros,
 a anunciar o inexistente
 mais o por não existir
 e a exclamar, sem intervalos,
 no doce Dia das Mães:
 “Entre logo; é aqui mesmo!
 Entre! Coração de mãe
 Nunca se engana de loja”.

Insiste no repúdio à violência e à banalização, conjugada a gastos clichês lingüísticos de uma sociedade

hirta, crassa, espessa, grossa,
 de atropelos e estampidos,
 de vocês e anacolutos
 de estratégias e de enfoques,
 problemas e problemáticas,
 plásticos e poluições,
 mundo dos executivos,
 enconomiários e técnicos
 de integração e de diálogo,
 de complexos e de insumos,
 de automóveis que funcionam
 usando o óleo da verdade,
 muito relacionamento
 e muita autenticidade
 em seqüestros e massacres;

⁴ Cf. FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Estúdio Novel, 1995.

de pré-cozidos, pré-feitos,
 pré-estréias, pré-comidas,
 pré-encolhidos e pílulas...

Fala a voz do velho poeta, com uma ranzinze que não se manifestou apenas na velhice. Acompanhou-o durante a vida, e serviu à crítica de abusos lingüísticos, profissionais e políticos. A denúncia fica vazada em verso, prolonga-se no discurso de agradecimento pelas homenagens recebidas em Brasília:

Vivemos em um mundo insone, de céus turvos, horas bruscas, homens tempestuosos, para quem o império da lei vale menos do que a presença da autoridade, mundo em que a segurança e a tranquilidade foram banidas; mundo de velocidade em que todos vivem atrasados e a paciência deixou de existir. Em que o excesso de meios de locomoção já ameaça a humanidade de deixar de locomover-se. Em que, paradoxalmente, quanto mais densas as concentrações de seres humanos, tanto mais impossíveis o conhecimento e o convívio. Em que os atos mais instintivos não se executam sem o auxílio de comprimidos – comprimidos para não dormir e para dormir; comprimidos para excitar o apetite e para suprimi-lo; comprimidos para nascer e desnascer; comprimidos para enxergar longe e não ver nada; comprimidos para tudo e para coisa nenhuma; em meio a milhares de psicotrópicos, a inquietude e o desvario são a carta-de-guia; dentro do tumulto da informação, que atordoia os ouvidos e atormenta os olhos, o homem convenceu-se, com Mc Luhan, de que os meios de comunicação possuem mais significado do que as tais mensagens por elas transmitidas...⁵

O mundo delineado em prosa é o mesmo entrevisto em 1952 no “Soneto Branco” de *Íntimo Poço*:

Que importa esta cidade de cimento
 com seus ombros e pulsos de aço e ferro?
 Que importa este ar fendido de asas bruscas,
 perfurado de fios e de gritos?

⁵ NÓBREGA, Vandick L. (Org.). *Homenagem a Abgar Renault. Discursos*. Oficinas Gráficas do Colégio Pedro II, maio de 1973. p. 29.

E a fulminante flor de fogo e fumo,
 que emerge da matéria dividida?
 E as escarpadas casas sem aurora?
 E as ruas derretidas sob as rodas?

Após a aposentadoria de Abar no Tribunal de Contas, o casal Renault muda-se para o Rio de Janeiro. 38º à Sombra”, de *A Outra Face da Lua*, exterioriza a repulsa à mistura de ignorância e hedonismo, no tumulto da cidade. O poema lembra também as contínuas queixas do poeta sobre o calor da “Cidade Maravilhosa”:

Sol, um sol de analfabetos, de moscas, nítido, suarento,
 e ruídos expulsos de ignotas máquinas que estridem no ar
 encham o dia de sobrenatural subdesenvolvimento.
 Estão as praias repletas de inefáveis ignorantes
 emoldurados em águas mornas, mentes arquejantes,
 automóveis, caminhões, ônibus e motocicletas a rebusnar.

O mundo descrito é povoado por estranhas criaturas, envolvidas pela banalização dos relacionamentos mais íntimos. Um humorismo triste permeia “Elegia às Moças em Fruto”. O poema invoca as jovens modernas, diferentes da recatada Ignez, cujas passagens por praias e concertos tanto haviam preocupado o noivo mineiro. O poeta certamente compara os novos costumes com os de sua juventude, quando, em resposta a uma carta da noiva, precisara tranquilizá-la, assegurando que trocas de carinhos entre noivos não constituem pecado. Os hábitos modernos, com seus saberes e ignorâncias, a revolução sexual dos anos 60, possibilitada pelo acesso aos novos anticoncepcionais, são invocados sem disfarce. Em viagem a uma das megalópoles do Canadá, o poeta dirige-se às “moças em fruto”:

sois lógicas e absurdas, transparentes e maciças,
 mascas impreteríveis chicletes, desconheceis todas as missas,
 dirigis a velocidade, enfrentais desoras, sabeis russo e inglês,
 sem saberdes a vossa língua; nadais, voais, gritais, fumais, bebeis,
 fundais abismos rindo os claros dentes, e a vossa exposta intimidade
 é logradouro de qualquer cidade.

É vão sonhar-vos: sois diretas, reais e sempre côncavas;
 vossos cadernos estão cheios de furnas, ursos e logarítmos,
 são tulhas vossas bolsas de previdentes pílulas,
 e nunca estais em vós convosco.
 Naquela esquina, escura ou clara, está o vosso laser fosco,
 e ali exercitareis os vossos mais profundos ritmos,
 sem nenhum risco, num ano feito só de meses março.

O texto termina em prosa, como se o verso se recusasse à banalização ensejada pelos tempos:

Dentro da minha desolação, horrores sobre os vossos corpos
 chovem lestos; ó virgens que nunca fostes, e de ninguém duzentas
 e tantas vezes viúvas, vesti os vossos puídos impermeáveis, abri
 esses furados guarda-chuvas e rogai a Santa Rita dos Impossíveis
 pelos vossos restos. (Montreal, 1971)

Abgar não ignora que, com esse tipo de crítica, arrisca-se a ser qualificado de “retrogrado”. Com antecipada auto-ironia, já incorporou o adjetivo ao título do poema. Também ironiza a própria indumentária, mantida em antigos padrões: nunca deixou de usar terno, gravata, às vezes colete e chapéu comprado em Londres. O poema “O Plágio” (208), de *Íntimo Poço*, declara: “só eu ainda uso chapéu.” “Intenção de Poema/II”, do mesmo livro, refere-se a

este desgosto avulso de trazer
 nos quatro bolsos do colete arcaico
 (sim! do colete que ainda estimo e uso)
 lembranças dos escassos vinhos de ontem,
 dos meus passos na Rua da Esperança,
 das minhas mãos dentro das mãos do amor; (209)

A crítica ao mundo moderno não se limita a novas tecnologias e comportamentos: atinge mudanças mais profundas, posturas filosóficas implícitas em certas postulações científicas:

quantificadamente exatos
 em altura, profundidade,
 som, cheiro, luz, sabor e tato,
 céu, animais, homens e mares,

são sinais e pálidos números
de sábia contabilidade;
Deus jaz expulso do universo
pela física nuclear

Com a consciência de clamar no deserto, a voz poética propõe trocar esse novo panorama pelo universo moribundo da beleza:

Nas profundezas atiremos
Max Planck, Einstein, Heisenberg,
suas seguranças geométricas
e algébricas lucubrações.
Apenas, como salvação
ou fugitivas reticências
saibamos misteriosamente
leve flor entre roxas rochas.

(“S.O.S.”, *Cristal Refratário*, 1970)

Cristal refratário a esses aspectos do *fin-de-siècle*, o poeta chega a não lamentar que lhe reste tão pouco tempo:

Meus olhos não verão o ano 2000:
não viajarei a Londres por telégrafo,
não trocarei de tacto, nem de ouvidos,
não porei no meu sexo quatro sexos;
não usarei jamais o telefone
para matar alguém em Bombaim;
os fermentos do amor jamais terei
elaborados por computador
carregados no bolso do colete
e nem escreverei meus poemas no ar.
Mas nada disso me comove,
e eu dera todo o século que vem
e mais algumas horas por um só
dos dizeres de luar dos meus outroras.

(“Perto e longe do ano 2000”, *Thanatos*)

A morte não está tão próxima quanto anuncia esse poema de 1982. Abgar viverá ainda mais de uma década. Para mantê-lo saudável

e ativo, contribui, talvez, o paradoxal encantamento que, apesar de suas reservas, o prende à modernidade. É visível esse encantamento, já em “Soneto Onírico”, citado acima, que data dos anos 50. Nos tercetos, um lirismo bizarro permeia a paisagem psicodélica. Simula uma visão drogada, impregnada de sugestões eróticas e cósmicas:

Sombras intersexuais desfilam nuas
 carregando verônicas de luas
 nas caprichosas mãos de lírios e árias.

Prados viúvos se vestem de namoro
 e abrem as flores guarda-chuvas de ouro
 sob o sol das piscinas planetárias
 (*A Outra Face da Lua*)

Essa visão de uma realidade estranhamente sedutora nem de longe permite imaginar uma sensibilidade embotada pelo tempo. Abgar continua encontrando, até no cotidiano registrado pelos periódicos, um lirismo que resiste ao prosaísmo jornalístico. A página de *fait divers* fornece matéria poética para sua humorística “Petição em Juízo”, que advoga a causa de um rapaz “preso por ter furtado flores para dar à namorada”:

Mas que foi, ó Meritíssimo,
 que ao meu cliente aconteceu?
 Que crime ele cometeu?
 Furtou flores, Excelência,
 dizem todos os jornais.
 Pergunto: como é possível
 furtar flores, ó meu Deus?
 flores não são de ninguém,
 são de todos os olhares
 e são de todas as mãos.
 E será crime também,
 e crime maior ainda,
 furtar flores ou o que seja,
 ó Meritíssimo, veja,
 para dar à namorada?
 Que lhe dê Vossa Excelência

a liberdade e proclame
 que deve estar na consciência
 de todos e cada um,
 como a ciência mais comum,
 não ser crime algum
 ofertar flores furtadas
 para florir outras flores

– *as mãos da mulher amada.*

(*Cristal Refratário*)⁶

A atenção ao cotidiano sublinha a incansável curiosidade que também contribui para manter ágil a mente do poeta. Em 12 de fevereiro de 1985, escreve-me sobre suas leituras e interesses. Conclui: “Estimaria ser menos velho para poder aplicar-me a fundo nessas coisas. É que a minha curiosidade não cessa, arrasta-me em varios rumos, e o tempo é escasso e fugidivo...” Mais que a morte próxima, é a velhice, o espectro da decadência, que lamenta. Sofre ao ver que lhe tremem as mãos, e, às vezes, distraídamente, começa a alisá-las, como se pudesse restituir-lhes a aparência da juventude. O velho poeta também vive momentos de descontração e aprecia as oportunidades de cultura e lazer a seu alcance. Em outra carta dos anos 80, voltando da Europa, descreve uma visita a um restaurante inglês do século XVI, especializado em comida da época. Sua participação nas atividades que se seguiram ao jantar atesta, além de jovialidade, uma memória notável. O octogenário descreve a ocasião, quando recita versinhos humorísticos certamente decorados muitos anos antes:

⁶ Abgar guardou um xerox da notícia recortada de folha de jornal, tendo, infelizmente, eliminado o nome e a data da publicação. Segundo ela, o cabo Rosalvo Diorato, da Polícia Militar, foi chamado para prender um rapaz que saía sorrateiramente de uma flora com um vaso de flores debaixo do braço. “Imediatamente o policial prendeu o rapaz com o vaso, conduzindo-o até a cela dos presos do Forum Lafaiete, onde foi identificado como sendo Luís Domício de Freitas (19 anos, residente na Pampulha) (...) Com uma voz macia, que provocava risos em todo mundo, ele acabou confessando porque roubara “o lindo vaso de flores naturais”. Era para presentear sua namorada, explicou, mostrando a foto de uma bonita jovem.”

A comida não chega a ser toda muito boa, porque tem de guardar fielmente os padrões da época, os quais eram mais ou menos detestáveis, parecendo-me que os ingleses são demasiadamente fiéis, ainda hoje, aos preceitos da cozinha dos tempos da Rainha Elizabeth. O que interessa, principalmente, é a atmosfera, é a lareira, são os pratos, todos de madeira, a falta de colheres, o que obriga a gente a tomar a sopa pelos bordos dos pratos, e, sobretudo, as músicas e as canções, lindas umas e outras, e a participação de todos os presentes em todas as jokes postas em funcionamento pelas waitresses. De minha parte, contribuí com este Limerick, que me veio à memória providencialmente:

The other day, upon the stair,
I saw a man who wasn't there;
He wasn't there again to-day.
I wish he would go away...

No mais, o poeta que vive no ancião segue trilhando seu percurso de objetivação. Exprime-se cada vez mais por meio de “correlativos objetivos”, objetos externos ao eu, catalisadores de emoção que não se referem diretamente ao sujeito poético. Os textos sugerem uma ascensão espiritual, um crescente desprendimento do mundo e de si mesmo. As grandes preocupações humanas – limitações de tempo e espaço, velhice, amor, morte – projetam-se desapaixonadamente nesta descrição de pássaros em vôo, felizes na inconsciência de sua felicidade:

Quatro Asas num Céu Azul
São pássaros, e dois.
Sem antes nem depois,
trajes negros ou pálidos,
inconscientemente impávidos,
passais leves, tão leves!
boreais, bruscos e breves.
Nunca ouvistes velhice,
nem uma voz que disse,
bem clara, amor amor,
e desdesdissamor.
O vosso aéreo passo

ri-se de tempo e espaço,
 aquém de mapas e horas,
 de noites e de auroras.
 É vossa a eternidade,
 que cabe na metade
 de meio ruflo de asa
 sobre um beiral de casa.
 E voais a vida e as leis
 – porque não vos sabeis.

(*Cristal Refratário*, 1975)

Distanciamento, isenta contemplação da grande dupla que marca o compasso da vida – Amor e Tempo – já se encontram no desencanto que parece tê-lo rondado por muitos anos. Quase nonagenário, em entrevista concedida ao *Estado de Minas*, Abgar declara que, quando participou da fundação da UNESCO, viu esse início com “grandes esperanças”. Efetivamente, “graças a ação de alguns de seus diretores-gerais, ela veio a exercer um trabalho muito importante em vários países, especialmente os chamados subdesenvolvidos”. Sobre a ONU, tem uma visão mais sombria:

Eu sempre tive as minhas dúvidas sobre as possibilidades dela como vocação para a paz. O motivo é que não acredito no homem, não acredito nas possibilidades de ele se transformar em um instrumento de paz universal. Tenho muitas dúvidas sobre a vocação do homem para o bem. Acho até que a tendência generalizada é exatamente oposta a esta.⁷

Diante das muitas decepções que pontilharam seu percurso de homem público, admira que seu cepticismo nunca tenha barrado a ação do educador, na esperança de contribuir para o crescimento do homem. Sua luta pela educação não se baseia num otimismo ingênuo. Apóia-se num realismo próximo do pessimismo. O educador vê-se forçado a reconhecer que a educação tem sido posta a serviço da

⁷ SEBASTIÃO, Walter. Abgar Renault: “Duvido da vocação do homem para o bem”. *Estado de Minas*. 20/05/1990.

violência, da luta pelo poder. Aos sombrios acontecimentos deste início de milênio, assentam muito bem as palavras de Abgar proferidas em discurso de despedida, por ocasião de seu afastamento do Conselho Federal de Educação, e citadas por Otto Lara Resende:

Desgraçadamente, não pode ser negado, [a educação] é instrumento precário, uma de cujas contingências está em comprometer as suas metas com as metas do Estado, as quais nem sempre são aceitáveis: isso explica a sua eficácia na preparação para a guerra, segundo demonstrou a Alemanha hitlerista e o confirmou o Japão toguista, e explica também porque é inócuo e vão o seu esforço para criar na inteligência e na sensibilidade do homem uma estrutura social apropriada à paz. (...) É possível uma educação para a paz: o que não é possível é a própria paz. Aquilo que há cerca de 50 anos não se poderia admitir foi realizado pela bomba atômica. Quanto mais o homem cria no campo da ciência mais ele a utiliza no rumo da violência.⁸

O discurso de onde Lara Resende retirou essa manifestação resume o pensamento de Abgar a respeito da Educação. De certa forma, constitui seu testamento nessa área. Mereceria ser citado na íntegra, não apenas por sua sóbria beleza, mas sobretudo por sua pertinência, cada vez mais evidente, face aos sombrios acontecimentos da história mundial neste início de milênio. Contento-me em citar mais um curto exemplo:

a educação é apta a educar para a guerra, mas inepta para educar para a paz, por dois motivos supremos: melhora certos índices pessoais, mas não os altera, não os aperfeiçoa socialmente, nacionalmente, no sentido almejado e com a amplitude sonhada. (...) A conclusão é trágica, mas irresistivelmente lógica: quanto mais

⁸ RESENDE, Otto Lara. Guerra e Paz. *O Globo*. 16/07/1982. O texto leva como epígrafe a pergunta do poeta "Que homem ainda crê no homem"?

⁹ Discurso pronunciado por ocasião da despedida como membro do Conselho Federal de Educação. Comentado por Otto Lara Resende, foi também distribuído pelos amigos. Faz parte do acervo do Prof. Affonso Henrique Tamm Renault.

educado o homem, tanto mais apto para matar os povos mais civilizados, os que dispõem do melhor aparelhamento educacional, são os que matam mais e melhor...⁹

O pessimismo marca todos os poemas do último livro de *Obra Poética*, apropriadamente intitulado *Rio Escuro*. Os versos iniciais dão o tom:

Escuro rio (tal qualquer destino humano)
 Escuramente escorre entre margens escuras
 Pela desolação de escura meia-noite
 Em busca de uma outra escuridão.

Em 1944, Carlos Drummond de Andrade vira esse pessimismo como “grande gerador de poesia”.¹⁰ Na verdade, ele preside a toda a criação de Abgar. O primeiro poema de *Rio Escuro*, “Ad te clamamus”, datado de 1922 – quando o autor mal despontava para a vida adulta – já sublinha “nossa inútil desesperação”. Na velhice, o tema volta repetidas vezes. É retomado no primeiro dos sete poemas de “Condição Humana”:

Olhos cheios de noite sem clareira
 e orações que pulsam pedra e frio
 erram pela encharcada escuridão
 chorando na água que recobre o chão
 a herança hostil da sua eternidade
 e o vão clamar das formas passageiras.

O colorido sombrio é às vezes matizado. Em entrevista concedida a Walter Sebastião, Abgar deixa escapar uma tênue esperança. “A despeito de tudo, a capacidade de renovar-se da humanidade não se esgota nunca”.¹¹ O cepticismo do poeta não tolhia sua vocação para a amizade. Conservou sua gentileza até o

¹⁰ ANDRADE, Carlos Drummond. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro: América, 1944. Transcrito como introdução a *Rio Escuro* em *Obra Poética*, p. 252-253.

¹¹ “Duvido da vocação do homem para o bem.” *Estado de Minas*, 20/05/1990.

fim. Pude senti-la ainda por ocasião de seu aniversário de noventa anos. Não tendo podido comparecer ao jantar de comemoração, desculpei-me por escrito. Mencionei minha dificuldade em escolher um presente adequado para aqueles a quem, como ao aniversariante, nada parecia ter faltado – amor, trabalho, glória – e que, ademais, conservaram na velhice a láurea de poeta. Diante disso, apenas me ocorreria mandar-lhe uma rosa branca – presente simbólico outrora reservado aos reis. Sua resposta, em carta datada de 11 de junho de 1991, testemunha uma generosidade afetuosa, não atingida pela proximidade da morte: “rosa branca são as suas palavras, que se me afiguram rosas de todas as cores...”

Adoça-se o ceticismo amável do homem que envelhece. O poeta encontra meios de reinventar-se.

O leitor já se habituou a ver nesse “refazer, fazendo-se de novo”, destacado por Chamie por ocasião da publicação de *A Outra Face da Lua*, uma constante na obra de Abgar. Ela não se constitui de blocos criativos homogêneos, estanques entre si. Já nos anos vinte do século passado, o pastiche barroco de *Sonetos Antigos* surge ao lado de poemas de inspiração romântica, simbolista ou parnasiana. É o que demonstram as datas de textos muito diferentes entre si, encontrados às vezes na mesma página de *Caderno I* e *Caderno II*. A versatilidade dos poemas juvenis antecipa o ecletismo dos livros posteriores. Mesclada a rasgos neo-barrocos, a distanciada adesão ao modernismo convive com a reformulação do soneto, a auto-reflexividade paródica do pós-moderno e o despojamento despersonalizado de muitos textos de *Rio Escuro*. Note-se também ao lado da espacialização da poesia concreta, a linha simples, classicizante, do aforismo, além do colorido psicodélico de “Soneto Onírico” e do discreto erotismo de “Osso e Carne”. Abgar escapa a qualquer rótulo. Assimila sucessivas mudanças, com a independência e a leveza dos que jogam com os movimentos literários sem a eles se limitar. *Obra Poética* combina linearidade e simultaneidade: acrescenta sempre algo diferente a cada livro, ao mesmo tempo que retoma temas e estilos anteriores. A incessante renovação não elimina marcadores textuais recorrentes. A despeito de sua diversidade, conferem ao conjunto

algo que, em outro trabalho, tentei resumir com o título de retórica da negatividade ou do objeto sem função. Estética da falta, do côncavo, do vazio, condiz com o espírito contemporâneo.¹² A persistência dessa estética testemunha o quanto, através de suas metamorfoses, o poeta, escrevendo até as vésperas do terceiro milênio, permaneceu fiel a si próprio. Por isso mesmo, manteve-se afinado com seu tempo. Entre os testemunhos dessa afinidade, destaco a persistente linha barroquizante que atravessa os nove livros de *Obra Poética*, do pastiche de *Sonetos Antigos* até o ineditismo metafísico e o experimentalismo radical de *Sofotulafai*. Abgar perfilha assim o “eterno barroco”, onipresente e múltiplo. Como resposta estética à exacerbação de suas contradições, ele ronda a sensibilidade brasileira até os dias atuais.

Do ponto de vista biográfico, há ainda muito que assinalar nos anos em que, aposentado do cargo no Tribunal de Contas, Abgar continua a contribuir para a vida cultural do país. Em 1980, quase com a idade do século, integra a Delegação Brasileira na Conferência da Unesco realizada em Belgrado, Iugoslávia. Até 1982, atua no Conselho Federal de Educação e só em 1992 afasta-se do Conselho Nacional de Cultura. Em 1993, como Primeiro Secretário da Academia Brasileira de Letras, torna-se seu Presidente Interino. Quando atinge noventa anos, ocupa-se da publicação de sua obra literária, das quais elimina quase toda a produção juvenil. Em 1990, lança, pela Editora Record, *Obra Poética*. Ela engloba nove livros, alguns inéditos. Em 1994, pela mesma editora, publica o volume *Poesia, Tradução e Versão*, premiada pela Associação dos Críticos Paulistas de Arte. Em prosa, pela Mazza Edições, traz à luz *Reflexões Efêmeras*, bem como a segunda edição de sua tradução *O Boi e o Jumento do Presépio*, da obra de Jules Supervielle. Ainda em 1994, o Biographical Centre de Cambridge outorga-lhe o título de *International Man of the Year*.

¹² Cf. “Modernidade de Abgar Renault”. *Obra Poética*. Criação e Transcrição. In: OLIVEIRA, Solange Ribeiro de; RENAULT, Affonso Henrique Tamm. *Abgar Renault*. Encontros com Escritores Mineiros, 3. Centros de Estudos Literários, UFMG, 1996. p.13-31.



O casal Renault: últimos anos

Nessa fecunda velhice, a companhia da esposa permanece crucial. Seis anos mais jovem que Abgar, Ignez também conserva notável lucidez, vivacidade e energia. Com ternura e firmeza estimula o marido, procura fazê-lo comer: a inapetência da mocidade acentuou-se na velhice do poeta. A companheira ouve suas confidências, procura fortalecer-lhe o ânimo, quando o marido fala da morte, que não pode tardar muito. Apesar da idade também avançada, Ignez não se preocupa com o fim. Para ela, a morte parece não existir.

Nos anos noventa, visitei o casal, hospedado na casa do filho Luiz Roberto em Belo Horizonte. Pude observar, ao lado da solidariedade de uma união mais do que sexagenária, o quanto Ignez conservava da juventude de seu amor. Mesmo na presença de amigos, relembra com Abgar os dias de namoro e noivado, como se não tivessem ocorrido há mais de meio século. Com visível orgulho, falava da corte que ele lhe fizera em verso. Lembro-me de uma pergunta sua, referente a um dia muito distante, que havia sido mencionado na conversa: “Foi naquele dia que você começou a gostar de mim, Abgar?” Ele respondeu afirmativamente, com um aceno de cabeça. Comoveu-me observar os dois, ele nonagenário, ela, próxima disso, repassando sua longa história de amor.

Mas nem só reminiscências líricas ocupavam a mente de Ignez. Sempre irreverente, continuava a abordar com naturalidade assuntos que, para muitas contemporâneas suas, constituiriam tabu. Relatava, por exemplo, episódios envolvendo amigos do casal. Lembro-me de uma reminiscência sua sobre Carlos Drummond, irmão/poeta de Abgar. Hoje, após a publicação dos poemas eróticos do poeta de Itabira e de revelações sobre sua vida amorosa, a fala de Ignez pode ser relatada sem indiscrição. Mesmo porque, segundo a senhora Renault, a própria esposa do autor de *O Amor Natural* manifestava extraordinária tolerância para com as aventuras extra-conjugais do marido. Chegava a lamentar ocasionais frustrações dele nesse terreno. A Ignez, Drummond informou que, quando sofria alguma decepção amorosa, confidenciava-a à esposa. Com a cabeça deitada no colo dela, ouvia suas palavras consoladoras sobre certas jovens que não sabiam valorizar as atenções do grande homem. Era a elas, e não ao marido, que a senhora Drummond destinava suas censuras. As decepções, narrava Ignez, não impediam novas investidas amorosas de Drummond. Quando visitava os Renault, não fazia segredo delas. Até tentava estimular iniciativas semelhantes. À esposa do amigo, disse certa vez: “Ignez, namorar é a melhor coisa do mundo! Por que você não arranja um namorado?” Ouvindo esse relato feito pela esposa, Abgar limitou-se a sorrir, sem demonstrar o aborrecimento dos velhos tempos. A situação parecia ter-se invertido: quem demonstrava ciúmes era agora a esposa. Em visita que, também nos anos 90, fiz ao casal em sua residência carioca, junto à Lagoa Rodrigo de Freitas, pude testemunhar essa postura de Ignez. Ela falava com preocupação de uma jovem pesquisadora, que, interessada na obra de Abgar, costumava entrevistá-lo. “Você não acha que ela pode se apaixonar por ele?”, perguntou-me. “Há casos de moças que se apaixonam por poetas de noventa anos.”

Nesse dia, em contraste com os tempos em que ainda parecia embaraçado com a desinibição de Ignez, Abgar não tentou interrompê-la ou mudar de assunto. Finalmente demonstrava o muito que se divertia com o temperamento da esposa e até com seu gosto por anedotas picantes. Contra a programação social, raras vezes protestava. No Rio,

Ignez conservava o hábito de recepcionar personalidades da vida cultural e artística. Num desses encontros ela e sua irmã Sarita resolveram homenagear algumas atrizes de novelas. Abgar comentou que, nessa ocasião, as duas irmãs pareciam ter quinze anos. Recusou-se a participar da reunião, observando que “também já seria demais”.

A velhice de Abgar aconchega-se assim no convívio da família e dos amigos. Destaca-se a grande afinidade com o irmão Lívio, com o qual manteve correspondência ao longo da vida. A Lívio, também poeta, dedica “Sofotulafai”. Nonagenário, escreve-lhe com uma doçura que antecipa a despedida. Nota-se a acentuação da ternura desde o cabeçalho. Durante décadas, as numerosas cartas começavam simplesmente com o nome do destinatário. Em 05/07/1960, surge um solitário “Caro Lívio”. A partir dos anos 80, passa a ser “Meu caro Lívio”, ou, às vezes, jocosamente, “Prezado Senhor e amigo”, “Caro Senhor e dilecto amigo”, “Prezado senhor e querido amigo”. Na última carta, em 31 de março de 1992, o vocativo é “Querido Lívio”. A aproximação da morte abrandava o mineiro pudor de demonstrar afeto. Abgar encarece o quanto sempre se sentiu próximo desse irmão, “pela sensibilidade, pelo gosto, pela vocação literária”. Acrescenta algumas reminiscências:

Não me lembrava de nenhum dos fatos, que você evoca, da nossa vida na Rua Bernardo Guimarães, 1196 (depois, se não me engano, 1199, pois o último algarismo foi mudado pela Prefeitura, não sei por que razão). Tenho saudades da casa, dos empregados, de tudo, até dos furtos de cigarros que você praticava, ao romper do dia, quando marchava para os exercícios militares, lembra-se?

Abgar manifesta admiração pelos dons literários do irmão. Aconselha-o a escrever suas memórias: “sua carta é um primor de linguagem, de expressão lingüística... [Sua] vocação literária alcança expressão exemplar na prosa dos discursos públicos, e, já agora, pelo que vejo e sinto, nos poemas excelentes, dos quais já tivera amostra magnífica naquele excelentíssimo poema que você me mandou, ha tempos.”

Aos últimos anos do poeta não faltam aspectos amenos, que ajudam a esquecer a proximidade do fim. Ao completar 93 anos,

declara em entrevista que prefere não pensar na morte: “agir como se ela não existisse é a minha maneira de afastá-la, de adiá-la ao máximo possível.” Fala sobre o casamento, rememora a “receita” da convivência entre marido e mulher: “tolerância, compreensão mútua e uma certa cumplicidade intelectual”.¹³ Certamente pensa em seu próprio casamento. A lado da esposa e dos amigos, assiste-se, estóico e lúcido, envelhecer. Extrai matéria poética do inexorável processo. O poema “Sob o velho céu” projeta no mundo natural a decadência que o atormenta. São o céu, as nuvens, a ponte, a paisagem e a própria lua que agora estão cansados.

É velho o céu e velhas as suas nuvens
imotas de cansaço e de velhice,
sofre a cor de múltiplas salsugens
e o vento é a voz de um som que não se disse:

as árvores são ontens diminutos
que compõe quilômetros parados
à procura de flores e de frutos
perdidos na espessura destes prados:

resto de vôo roça o resto azul
escondido detrás de escuso monte,
do qual norte escorreu, buscando sul;
um rio sepultado sob a ponte,

sob a ponte de pedra apodrecida
sob a ponte sem grades e sem gente,
sob a ponte parada e desvividada
que repensa o rolar de uma água ausente;

encolheu-se a paisagem fatigada
de haver sido e de ser sempre paisagem
junto da sempre curva e sempre estrada
que passa com seu sempre pó de viagem;

¹³ Abgar Renault comemora seu aniversário com poesia. Entrevista a Jorge Fernando dos Santos. *Estado de Minas*. Segunda Seção, 05/05/1994.

sobre a gasta igualdade que rói tudo
a mesmíssima lua simples, alva,
mais uma vez, no mesmo palco mudo,
desfaz da noite o amargo sobretudo,
com o refulgor da sua triste calva.

(A Outra Face da Lua, p. 90)

No inesperado de suas formulações, na ausência de autocomiseração, no realismo isento, que não se nega a um sóbrio lirismo, o poema atesta uma força criativa que sobrevive à deterioração do corpo, em sua digna, inevitável tristeza.

EPÍLOGO SERENÍSSIMO: *Thanatos, o Chapéu sem Cabeça*

Tirei a vida toda só para morrer

“Ontem e hoje”, *Íntimo Poço*.

O teu destino está cansado e o fim já se acabou.

“Palavras para adormecer”, *Thanatos*.

Ah! rolar para o valle luminoso,
de onde sobe essa musica chamando,
e galgar a mesmissima subida,
sorrindo atrás da mesma aguda chamma,
antes de resvalar pela outra encosta,
cheia de tanta noite, tanto vento
e de tantas perguntas sem resposta...

“Velhas Musicas”, poema inédito, 1942.

William Butler Yeats, um dos poetas prediletos de Abgar, adverte: “depois dos quarenta anos, lembra que vais morrer”.¹ Na juventude, mulheres e homens podem deixar-se guiar pelo turbilhão indiscriminado dos acontecimentos. A partir de então, vale a experiência seletiva, norteadada pelo *memento mori*. Abgar aceitou plenamente o preceito do poeta anglo-irlandês. Tanto que o pôs em prática muito antes dos quarenta anos. A consciência do fim já lhe marca os textos juvenis. Mal saído da adolescência, proclama a morte como “outra forma de ser da mesma vida”.² *A Princesa e o Pegureiro*, seu livro de noivado, combina num mesmo poema a revelação do amor e a perspectiva de sua destruição:

¹ *After your fortieth year/Remember you are to die.*

² *Sonetos Antigos*, XXIV, p. 68.

Fulgura uma só vez em cada mundo essa visão.
 Não reaparecerá. E para que aparecer de novo?
 As órbitas vazias não saberão que já tiveram olhos,
 a memória será vento e areia para que nada lembre
 e, coberta de pedras, de musgos e de mofo,
 a vida já terá enoitecido para sempre.

(“Quatro Velas”, *A Princesa e o Pegureiro*, p. 52.)

Sua obra/vida sempre encarou de frente a condição mortal. No reconhecimento da finitude, parece encontrar estímulo para imprimir sentido à própria trajetória.

O tema da morte ocupa integralmente *Thanatos*, penúltimo livro de *Obra Poética*. Muitos poemas datam da década de 50, quando o autor tinha ainda mais de quarenta anos para viver. O primeiro poema do livro, composto quando o autor contava apenas trinta e cinco anos, e também intitulado *Thanatos*, encena um diálogo com a morte. Desafia uma ladainha com múltiplos cognomes dela: “Negra Irmã da Vida”, a “Fria”, a “Sem Face”, a “Imprevisível”, a “Insubornável”, a “Impunível Fratricida”, a “Gelada”, a “Certeira”, a “Multifária”, a “Cega Vidente”, a “Única Imortal”. No diálogo, a sinistra interlocutora tem a palavra final. No último verso, resume o paradoxo de seu triunfo, assegurado pela condição de ser/não ser: “Tão só porque não sou, tenho-me eterna.”³

³ Não resisto à tentação de citar toda a estrofe final de *Thanatos*, com as palavras que o poeta põe na boca da morte:

Assim fui, assim sou, assim serei
 escuramente, negativamente:
 por nunca estar, sou sempre e ubiqüidade;
 por impiedosa e cega, sou balança,
 e gládio, e em meu cavalo de asa e jacto
 cavalgo solos, sonos, firmamentos
 e, do alto do mais lívido penedo,
 sobre o mais tênue fio de cabelo
 oculto na distância da distância
 a exatidão do meu olhar de múltiplo
 atira no único momento certo
 meu infalível gume, raio ou pedra.
 Tão só porque não sou, tenho-me eterna. (p. 218)

O tema não monopoliza apenas o livro que leva seu nome – *Thanatos*, irmão e complemento de *Eros*.⁴ Perpassa toda a *Obra Poética*. Ao longo da vida, Abgar não cessa de margear o rio que conduz ao seu reverso. Em 1952, mal inicia a maturidade, compõe “Letes”.⁵ A persona poética já se pergunta:

Que braços te ampararão, quando resvalares no abismo
Levando de roldão passado, presente e futuro?⁶

Pouco além do meio da jornada, a persona lírica avalia o percurso até os cinquenta anos. Descreve a vida como uma dúbia sobrevivência a várias pequenas mortes: “de todas as vezes que morri/ sempre restou a máscara”.⁷ “À mesma época, antevê a destruição de sua imagem e obra.”⁸ Vive por antecipação o “momento em que, copiando a vida/ a sua sombra embainha em nós a sua faca”.⁹ Ainda na vigorosa maturidade do poeta, em 1952, “*Omnia fluunt*” murmura:

De tempos somos feitos, e acabamos
quando escassa clepsidra seca em nós.
Inescrutavelmente gotejamos
A nossa essência breve, neste a sós
(...)
Fluidos e sem voz
escorremos de nós e nos escoamos
sem esperança até a esperada foz.¹⁰

Esse texto prenuncia “A cerca”, de *O Rio Escuro*, último livro de *Obra Poética*:

⁴ A propósito: *Eros* é o título de um livro inédito de Abgar.

⁵ *Íntimo Poço*, p. 186.

⁶ “Que vozes responderão?”, datado de 1936, *Thanatos*, p. 218.

⁷ “Estrambote do Morto Vivo”, *Lápide sob a Lua*, p. 133.

⁸ “Retrato de Letras”, 1954, *Thanatos*, p. 233.

⁹ “Última Thule”, 1952, *Thanatos*, p. 221-222.

¹⁰ “*Omnia fluunt*”, 1952, *Rio Escuro*, p. 262.

Sou feito de minutos
 marcados em relógios cuja corda
 há séculos se extinguiu.¹¹

Na consciência das horas fugidias, contabilizadas pela morte, a voz lírica calcula seu crédito de tempo: “quantos beijos ou passos ou minutos/ restarão entre ti e teus ponteiros?”¹² Sente-se já “sob o último telhado”, onde “o azui dói” em seu “olhar de terra”.¹³ Antecipa seu “Sepulcro”¹⁴ e sua “Lápide”,¹⁵ evocados em dois poemas homônimos. À mesma época, avalia seu “Espólio”,¹⁶ e compõe para si próprio este epitáfio, que é o segundo, e não será o último:

No céu, na pedra, na sombra
 tinta de silêncio e sombra
 escreve: aqui acabei.¹⁷

É a esses versos do homem jovem ou apenas maduro que se reporta o octogenário de “Entre sombras”. Contempla as duas eternidades entre as quais se comprime a vida humana, as “sombras lá adiante” e “sombras lá atrás”¹⁸ – enquanto ensaia o ritual do desaparecimento: “Eu morro a cada instante”.¹⁹

Mesmo em *Thanatos*, o tema trágico não suprime o humorismo habitual. Abgar antecipa a descrição da última viagem, quando deixa

¹¹ “A Cerca”, *Rio Escuro*, p. 267.

¹² “Perguntas à Noite”, 1952, *Íntimo Poço*, p. 190.

¹³ “Saudade”, *Íntimo Poço*, p. 188.

¹⁴ “Sepulcro”, 1954, *Thanatos*, p. 231.

¹⁵ “Lápide”, 1955, *Thanatos*, p. 235.

¹⁶ “Espólio”, 1955, *Thanatos*, p. 235-236.

¹⁷ “Epitáfio II”, *Thanatos*, p. 226-227.

¹⁸ “Ausência”, *Íntimo Poço*, 1981, p.208.

¹⁹ “Entre Sombras”, *Íntimo Poço*, 1984, p. 210.

para trás seu “chapéu reacionário”, zombeteira alusão às críticas a seu suposto conservadorismo:

Um dia, sem querer, sairás de casa,
sem sapatos e sem itinerário;
sairás, e o teu chapéu reacionário
ficará pendurado no cabide
ou jogado num móvel ao acaso,
para todo o sempre, para sempre nunca.
(...)

Sim, um dia (amanhã, hoje, depois?)
Ficará sem cabeça o teu chapéu.²⁰

Após tantos preparativos, a aproximação da morte não o encontra desprevenido. Assemelha-se à visita de um velho conhecido, longamente esperada, e finalmente prestes a concretizar-se.

O casal Renault passou o último aniversário do poeta, em 15 de abril de 1994, na casa do filho Luiz Roberto, em Belo Horizonte. A ocasião foi objeto de entrevista concedida ao Estado de Minas, já citada.²¹ A visita ao filho prolongou-se até novembro. A disposição de Abgar não parecia muito favorável. Sempre lúcido, mas alheio ao movimento da família, mostrava-se triste e recolhido. Não estava doente. Pelo contrário, diziam-lhe os clínicos, tinha o coração e a pressão de um jovem. Entretanto, não se deixava iludir. Além da idade avançada, algo indefinível, que não era doença, anunciava a iminência do fim. Queixava-se do enfraquecimento da memória, de inapetência, de tonturas. Causadas por uma labirintose, elas o forçavam a permanecer deitado. Quando o mal-estar abrandou, levantou-se e voltou a comunicar-se com os amigos. Podia agora fazê-lo de pé, pelo telefone. Sua gentileza permanecia inalterada. Lembro o tato com o qual, na última vez em que me falou, propôs

²⁰ “Thanatos”, *Thanatos*, p. 215.

²¹ Entrevista a Jorge Fernando dos Santos. *Estado de Minas*. Segunda Seção, 05/05/1994.

o adiamento de uma visita minha. Ao telefone, declarou que não se sentia bem, e, dessa forma, não poderia desfrutar plenamente o prazer da conversa.

O encontro adiado nunca se concretizou. O indefinível mal-estar agravava-se. Calado, deprimido, Abgar fechava-se no quarto, para desespero de Ignez. Beirando os noventa anos, ela conservava a habitual saúde e vivacidade. Queria sair, conversar, voltar ao Rio de Janeiro, onde tinha Sarita, a irmã querida, e inúmeras amigas. Sem estar propriamente doente, Abgar preferia continuar em Belo Horizonte, recluso. Seu sobrinho e confidente, o professor Affonso Henrique Tamm Renault, acredita que, intuindo a morte próxima, desejava permanecer na capital mineira, para ser sepultado junto da mãe. Sabia que, no Rio, seu túmulo seria na Academia Brasileira de Letras.

Aos poucos, o velho poeta deixou-se convencer a deixar Belo Horizonte. Affonso Henrique, preocupado com a falta de atividades para o tio na cidade, e com as conseqüências disso para a saúde dele, argumentou que, no Rio, estaria melhor. Lá tinha sua biblioteca, sua correspondência e os telefonemas diários de amigos, como o Ministro Mario Gibson Barbosa, o diplomata Fanor Cúmplido e Dario de Almeida Magalhães, advogado mineiro então residente no Rio.

Abgar aceitou a argumentação. No dia seguinte, comunicou ao sobrinho que havia feito a reserva da passagem aérea. Affonso Henrique também viajaria no mesmo dia, para São Paulo. De lá telefonaria para saber notícias. Na despedida, teve um gesto de ternura, inusitado na família: beijou a mão do tio. Abgar tinha os olhos cheios de lágrimas. Sabia que estava ultimando os ritos do adeus. Entretanto, a chegada ao Rio foi alegre: a casa estava cheia de flores, enviadas por amigos. Tudo parecia tranqüilo.

A trégua não durou muito. Nas proximidades do Natal Abgar apresentou sintomas de pneumonia, que já era a terceira. Internado na Casa de Saúde São José conversou longamente com o sobrinho, pelo telefone. Mas os sintomas se agravavam. O doente passou ao leito do C.T.I. Lá perdeu logo a consciência e passou a receber apenas visitas individuais. Certa manhã, Ignez saiu chorando do

quarto. Cedeu o lugar a Affonso Henrique, que acabava de chegar. Segurando a mão do tio, Affonso percebeu que seu rosto estava inchado. Parecia ter engordado. Sereno, rejuvenescido, estava quase bonito – ele, que desde a adolescência se dissera feio, e aproveitava a feiúra para fazer blague. Encerrada a visita, Affonso Henrique encontrou Ignez no corredor, aos prantos. Ajoelhou-se junto dela, beijando-lhe a mão, na tentativa de consolá-la. Ouviu então da tia uma frase inconscientemente engraçada. Ela teria encantado Abgar, que nunca perdera o senso de humor e sempre o apreciara na família Brant. Chorando convulsivamente, Ignez disse, em tom de reclamação: “Sempre lutei tanto contra a magreza de Abgar! Agora, que engordou, é que vai morrer?!”

O fim chegou serenamente, no último dia de 1995. Como previsto, Abgar foi enterrado no mausoléu da Academia Brasileira de Letras. Acompanharam o enterro o presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Barbosa Lima Sobrinho, e o governador de Minas Gerais, Eduardo Azeredo. Entre os acadêmicos, o *Estado de Minas* de 02/01/1996 destacou a presença do recém-empossado presidente da Academia, Antonio Houaiss, de Nélida Piñon e de Josué Montello. Discursando no velório, Houaiss lembrou a diversificada obra do morto. Na produção poética, destacou a bifurcação entre o “tradutor de poemas ingleses, obras mestras, porque de um mestre das duas línguas”, e o criador de “poemas originais, em que exceleu também com surto de poeta sensível em face da vida e do mundo”. Lembrou o “educador e pedagogo”, “homem voltado todo inteiro ao culto de nossa língua”, e “de bela vida familiar com sua Ignez”. Finalmente, evocou a silhueta do desaparecido, que costumava aparecer tão esbelto e ereto no fardão da Academia. Nessa imagem, resumiu o elogio fúnebre: a “elegância física” (...) de Abgar Renault “se traduzia por sua elegância moral, cultural e intelectual”. Dificilmente se encontraria síntese mais adequada para a personalidade do poeta.

A missa do Sétimo Dia foi celebrada na Igreja de Santa Rita. O local foi escolhido por Affonso Henrique, em atenção à devoção do tio por essa santa.

POST-SCRIPTUM: Máquina Literária

Além do material organizado em ordem cronológica nos cadernos de recortes, de dois livros inéditos – *Poemas do Romance Silencioso* e *Eros* – Abgar deixou avulsos inacabados, escritos em tiras de papel ou papelão, às vezes cartões de embarque da ponte aérea Brasília- Rio de Janeiro. O aproveitamento das fichas de embarque demonstra que as anotações foram feitas durante o período de trabalho no Tribunal de Contas e em outras funções oficiais. Os textos são sempre semelhantes. Compiladas meticulosamente, em geral a lápis, com letra caprichada, as anotações incluem longas listas de nomes próprios, das quais, a título de exemplo, transcrevo duas, tomadas quase ao acaso:

1- Do cartão de embarque número 35, vôo 431, das 12 horas, sem data:

Noré. Imilton. Jandir. Ady (f). Mirna. Sue (f). Percília. Azilda. Guaçu. Pitari. Zeny. Glauca. Minervino, a. Gertrudes. Anice. Yolanda. Nila. Celisa. Cesarina. Guanayra. Clerivaldo. Manualino. Eliud. Elmar. Ilmar. Ignazil. Adenir (f). Anail. Galdina. Almerinda. Odalira. Irapuan. Odilaris. Gilse (f). Evenir. Cauli. Nizeth (f). Zoza. Dasó. Inayá. Graciema. Filomena. Florinda. Narinal. Delmira. Miquelina. Zaraide. Suelu Nivea. Mara. Tadeu. Tochico Noto da Silva. Joacir. Persio Spatafora. Dioscárides. Noemise (f). Neith (f). Pillade. Rdevan. Evany (f). Manlio. Mounibe. Tecla. Joamar. Derly. Rosvita. Almar. Adejar. Colleta. Setembrino. Orlandino. Astrogilda. Brivaldo. Everaldo. Narjara. Cilene. Damiana. Narjara. Cilene. Camiana. Ariston. Lenny. Ivany. Hermandina. Gelba. Waldina. Jacimir. Sivuca (m).

2- De uma tira de papelão, coberta de anotações de ambos os lados, um dos quais contém o seguinte:

Alacyr. Álbaro. Artêmio Paludo. Tami (f). Catalina. Nilda Bispo. Hideraldo. Gisela. Izael. Venilton. Zely (f). Aglaêda. Edver. Ismar.

Andralino. Judes. Clarez. Auciléia. Edney. Anicato. Laniz. Jandgr. Hairson. Algenira. Velhote de Oliveira. Alcyr. Gilnei. Gilvan. Carmina. Guaraciaba. Sosigeniz. Alacyr. Moab. Florin. Iedo. Zanir. Dênio. Juremi. Azuréia. Valdinéia. Zenor. Irinaldo. Ozenir. Laudith (f). Lorman. Iodenis. Oizere. Japi. Sivaldo. Anacor. Mirtie (f) Gucho. Gisa (f). Gilse A (f). Elti. Dalma. Ymah. (f) Azael. Vavg. Délcio. Adhyr. Anival. Amândio. Felisbino. Edilson. Edília. Ivani. Antônio Banlio. Bombina (f). Cilene. Evaldo. Raulino. Rosemburgo. Aniceto. Massato. Dênio. Heloneida. Laudeci. Dilza. Anísio. Jupira. Anailde. Saladina. Adjair. Gilton. Nilcéa. Dêner. Mila. Francineide. Ruthnéa. Nadimar. Nara. Eron. Edvaldo Pacote. Odalia. Ilde. Nilbe (f). Celmar. Luana. Mailson. Jamil. Clemir. Enjora (m) Valnir. Edelvira. João Almato Bar. Wildemar. João Fagundes Jundira. Walmor. Elisângela. Adrailde. Osiry. Élvio. Cito. Jorge Albiroca. Kito. Glauce (f). Walber. Bara. Lanor. Aldir. Elberto. Castor. Edmilson. Odir. Leocadês. Diomar. Erivan. Oldemiro. Juveneio. Samanta. Andria Lourani (f). Adalor Coscencio Laez.

Outros nomes próprios aparecem, sublinhados, em folhas soltas de jornais, indicando a intenção de serem copiadas. Que denominador comum explicaria a seleção? As listas incluem apenas nomes próprios, quase sempre esdrúxulos. Também saltam à vista nomes próprios de ressonâncias semânticas inesperadas (*Velhote*), masculinos, femininos e sobrenomes inusitados (*Iedo*, *Saladina*, *Pacote*) ou nomes construídos com segmentos de dois outros, como *Venilton*, possível combinação de *Vera* e *Nilton*, *Francineide*, de *Francisco* e *Neide*, *Alacyr*, de *Alaíde* e *Moacir*, *Ismar*, de *Ismael* e *Maria*. Esses aspectos podem inicialmente ter despertado o interesse de Abgar.

Da perspectiva acústica, destaca-se a reiteração de certos fonemas: na linha inicial da primeira lista acima, a recorrência da vogal *i* em muitas sílabas tônicas resulta numa espécie de rima: *Imilton*. *Jandir*. *Ady (f)*. *Mirna*. *Sue*. *Percília*. *Azilda*. *Pitari*. *Zeny*. *Minervino*. A assonância realça a estranheza dos nomes, e acentua reverberações acústicas que poderiam ser quase inaudíveis em substantivos próprios menos bizarros.

De outro ponto de vista, não custa lembrar uma característica geral de nomes próprios: indicam indivíduos contextualmente apresentados como únicos. A relativa individuação do significado,

inoperante quando se desconhece o portador do nome, pode ser tomada como um convite implícito para que a atenção se concentre quase exclusivamente no estrato fônico – o que primordialmente interessa ao artista da palavra. Desse modo as listas se convertem em mostruários de palavras-objeto, semelhantes às que seduziram o autor em seu encontro com a poesia concreta, ou, em *Sofotulafai*, desfilaram torrentes de vocábulos de diferentes registros e idiomas. Alinhados com capricho, valorizados em sua materialidade, os nomes manifestam a obsessão do poeta, que compulsivamente os acumula, como um usurário a seu tesouro.

O procedimento para a seleção de nomes nos jornais não diverge do de outros mestres da composição literária. Ocorre logo o exemplo de Guimarães Rosa. Percorreu o sertão, respigando palavras e narrativas, matéria prima de sua criação. Na literatura inglesa, destaco o nome de John Synge, dramaturgo irlandês. De ouvido colado ao assoalho de seu quarto, ouvia e anotava diálogos entabulados no andar inferior. Rosa, como Synge, utilizava o material pesquisado. Incorporava-o a seus textos, deixando claro o percurso entre a coleta e a manipulação dos dados. Abgar pretendia fazer o mesmo. Confiou a seu sobrinho a intenção de vir a utilizar os nomes coletados, mas não chegou a fazê-lo. Suas listas permanecem como foram colhidas.

A lembrança de fenômenos semelhantes na história da arte dissipa a perplexidade inicial do leitor e propicia uma indagação: o interesse do projeto do poeta não residiria precisamente em sua incompletude? Estranha à concepção clássica de obra, a virtualidade, o caráter apenas potencial de certos textos, atrai as novas vanguardas de meados do século XX, anunciando o Pós-Modernismo.

As listas de Abgar parecem apropriar-se de seus procedimentos. Inacabado, seu texto constitui uma provocação à atividade lúdica do leitor, seu co-autor. Criações incompletas, à espera de colaborador, substituem a expectativa de um fruidor/consumidor pela do receptor/criador da obra de arte. Nesse tipo de criação, a leitura interage com uma espécie de máquina textual, e estabelece conexões entre dados apenas esboçados. Cinde-se a praxis artística. Ela passa a ser partilhada com o leitor/espectador. Ao artista cabe o papel de

projetista, ou de propositor do objeto. É o projeto de Lygia Clark: seus *Os Bichos*, pequenas esculturas móveis de alumínio anodizado, são estruturas incompletas, aguardando a mão e o olhar do leitor participante.¹

Como freqüentemente ocorre na história da arte, a proposta não é totalmente inovadora. Já no século XV encontram-se precedentes de criações potenciais, “máquinas poéticas” para a fabricação de textos. Elas antecipam o projeto de Mallarmé em *Le Livre*.² O artista delega ao leitor, cada vez menos passivo, a utilização dos elementos oferecidos. Campos abertos à manipulação estética, detonam os processos de significação. A “obra”, cuja concretização, em maior ou menor grau, sempre dependeu da leitura, passa a realizar-se quase exclusivamente nela. Situadas nessa tradição, as listas de Abgar constituem peças de um quebra-cabeça que só o leitor pode montar.

Estabelece-se dessa forma uma ligação com as outras artes da contemporaneidade: às listas de palavras do mesmo tipo, alinhadas por Abgar, contrapõem-se, nas Artes Plásticas, criações constituídas pela acumulação de objetos semelhantes.³ Lembro aqui as criações de Feliz Gonzalez Torres. Nascido em Cuba e criado nos Estados Unidos, participou do programa de estudos independentes do Whitney Museum. Aí analisou textos de Althusser, Barthes, Benjamin e Foucault, em debates sobre a pós-modernidade, que, segundo o artista, influenciaram suas posturas artísticas e o desenvolvimento do seu trabalho. Ele incluiu produções batizadas de *Endless stacks* (pilhas sem fim) e *Candy Spills* (montes de doces), a última constituída por pilhas de doces, balas, bombons, chicletes, dispostos

¹ A respeito, cf. *Lygia Clark*. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional de Artes Plásticas, 1980. p. 28.

² A respeito, cf. MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário, O desafio das poéticas tecnológicas*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1996. p. 165-166.

³ Para os exemplos desse tipo de criação citados a seguir, cf. MELENDI, Maria Angélica. *A Imagem Cega – Arte, texto e política na América Latina*. Tese de doutorado, inédita. Faculdade de Letras da UFMG, 1998, esp. p. 111-116,

ao canto de uma sala, ou esparramados no assoalho. O público podia levá-los, pois eram imediatamente substituídos. Na mesma linha, *A corner of Baci*, de 1990, reunia quilos de bombons da marca *Baci* (“beijos”). Outro exemplo é *Retrato de Marcel Brient* (1992), um monte de caramelos preferidos pelo colecionador francês Marcel Brient. Os “Beijos” pesavam noventa quilos, como a personagem “retratada”, e podiam também ser consumidos pelo público. Maria Angélica Melendi propõe uma leitura engenhosa dessas criações de Gonzalez Torres:

os montes de doces se instauram como metáforas do corpo (...) A obra comestível, com suas alusões implícitas ao sensual e ao sexual, é infinitamente restaurada e, portanto, pode, em qualquer momento, ser possuída por qualquer um. (...) Como todo retrato, a acumulação de doces “representa” tanto o corpo físico como o espírito de Brient. Mas, já que pode ser saboreada e ingerida pelos espectadores, aponta também para nossos próprios corpos, nossas paixões e apetites...⁴

A concepção das “*Endless stacks*” não é muito diversa da que subjaz a *Caja tipográfica para armar poemas visuales*, do argentino Edgardo-Antonio Vigo. Trata-se de caixa de madeira com divisões de papelão, cada uma contendo papirolas de cor, pequenos triângulos dobrados de cartolina colorida, a ser combinados à vontade do espectador. Dentro do mesmo espírito, é obrigatória a referência ao artista brasileiro Arthur Bispo do Rosário, que, do interior de um manicômio, trabalhou concepções semelhantes. Suas *Urnas*, caixas de madeira contendo cartões de cores variadas, incluem nomes de pessoas, o que lembra de perto as listas de Abgar. Entre as criações de Bispo destaque também pequenas prateleiras retangulares para coleções de objetos alinhados conforme seu tipo e tamanho, como botões e fichas de telefones. Um princípio análogo preside a algumas peças expostas no Museu de Arte Contemporânea (MAC) de São Paulo: *Meias* (1989), da pintora Leila Catunda, acrílico

⁴ MELENDI, Maria Angélica, op. cit, p. 114.

sobre tecido sobreposto a tela, exhibe meias masculinas diferenciadas somente pelo vermelho ou verde matizando a cor cinza predominante. *Meias* faz lembrar *Socken* (1963), laca sobre tela. Seu autor, Sigmar Polke, também explora o motivo de meias masculinas, distinguidas apenas por ligeiras variações de colorido.⁵ O mesmo agrupamento de objetos semelhantes é explorado em duas outras obras expostas no MAC. *Das Lamentações* (1960) de Nina Moraes, consiste de estantes onde estão expostos fragmentos de peças de vidro. Também caracterizado pela exibição de objetos da mesma espécie, *Você faz parte II*, de Nelson Leiner, composição de madeira, aço cromado, espelho, e aglomerado de madeira, exhibe, inseridas nas respectivas fechaduras, 15 chaves idênticas. Todas essas criações partilham o elemento da representação ou exibição de objetos quase idênticos. O prazer da contemplação parece intensificado pela multiplicação da mimese. Como elementos de contraste, pequenas diferenças entre os objetos realçam as características comuns. Balas ou doces, fragmentos de vidro ou de papel, meias, botões ou chaves, oferecem à vista a atividade estranhamente gratificante de, percebendo variações, buscar com maior intensidade as semelhanças que as superam. Também nas listas de nomes próprios colecionados por Abgar os traços idiosincráticos realçam sua comum condição de epônimos – o individual e o concreto realçam o universal e o abstrato.

Consideremos, por outro lado, os artistas plásticos que, como possível reação à saturação visual do contemporâneo, desdenham a ilusão especular da representação. Abandonam a imagem como alguns poetas abandonam o sentido imediato. Ao descartar as especificidades de sua arte – desenho e cor – acabam, como Abgar, por privilegiar o acúmulo de palavras. Remontando à etimologia da palavra *graphein*, que originalmente significava tanto “escrever” quanto “pintar”, essas criações desafiam a classificação. Trata-se de arte visual ou literária? Esse é também o caso de certa fase da obra plástica de Joseph Kosuth. A fase lembra, como insiste Lyotard, que *Davar* em hebraico tinha dupla significação, “palavra” e “coisa”. Kosuth considera a palavra como objeto material, primordial, comparável às coisas, ou antes, à sua representação. Sua obra, *ART*

AS IDEA AS IDEA (1967), consiste de reproduções fotostáticas de verbetes de dicionários, geralmente substantivos. Em outros casos, o artista intercala a representação de objetos semelhantes e seus nomes, como em *One and three chairs* e *One and five clocks*. Privado de sua funcionalidade, o objeto, transformado em arte, aparece ao lado de uma fotografia e também de uma definição dicionarizada de si próprio.⁶ Na mesma direção, Gonzalez Torres enfileira nomes de lugares, pessoas, datas, acontecimentos. O cartaz *Stonewall Riots*, por exemplo, lembra os confrontos entre a polícia e os freqüentadores do famoso bar *gay*.⁷

Sem renunciar a um sentido, essas obras questionam a representação, e renunciam simultaneamente ao especular e ao prazer retiniano. Lembram o princípio da arte conceitual, nascida ao mesmo tempo na América do Sul, nos Estados Unidos e na Europa. Para esse tipo de arte, não interessa o produto, mas a intenção do artista. A idéia tem precedência sobre o objeto produzido, o que torna o código lingüístico mais importante que o visual. Ratifica-se o enlace da Literatura com as Artes Plásticas, e do legado de Abgar com a vanguarda de seu tempo. Nas tiras inéditas, as palavras copiadas por ele são “objetos achados”, “*ready-mades*” verbais. Refuncionalizados, tornam-se arte, em razão da intenção do artista. Como nos textos verbais de Gonzalez – Torres, as listas de nomes próprios atuam como fotografias sem imagens, quadros deixados propositadamente em branco. Ao espectador cabe projetar sua visão nesse espaço vazio, apropriar-se dele, personalizá-lo, situá-lo a seu bel prazer.⁸

⁵ Cf. a reprodução de *Socken* em HONNEF, Klaus; TASCHEN, Benedikt. *Arte Contemporânea*. Casa das Línguas Ltda (tradução). Hamburgo: Druckerei Uhl, Rundlofzell, 1994.

⁶ Cf. MELENDI, op. cit, p. 101-102.

⁷ Cf. MELENDI, op. cit. p. 118.

⁸ Cf. *Felix Gonzalez-Torres*. Book accompanying the 1995 exhibition at the Solomon Guggenheim Museum. New York, March 3 to May 10, 1995. p. 110, 146-7.

Como mensagens lançadas à deriva em barquinhos de papel, as listas de nomes bizarros colecionados pelo poeta abrem uma rota desafiadora, desconhecida de seu próprio autor. Cabe ao leitor navegá-la.

A (auto)biografia de Abgar encerra-se, assim, não com sua morte, mas com uma carta para o futuro. Nonagenário, enfrentou o desafio de contribuir para uma estética ainda em formulação. A essa mensagem resta anexar um *post-scriptum*: o poemeto adequadamente intitulado “Fim”. Encerrando *Obra Poética*, compõe o mais belo epitáfio que um poeta poderia escrever para si próprio:

Viver passou aqui: foi asa
e um dizer de pássaro remoto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Gerais

- BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1970.
- _____. Le Discours de l'Histoire. *Poétique*, Paris, n. 49, p. 13-21, fev. 1982.
- BARTHES, Roland et al. *Literatura e realidade*. Trad. Tereza Coelho. Lisboa: Dom Quixote, 1984.
- BEAUJOUR, Michel. Autobiographie et autoportrait. *Poétique*. Paris, n. 32, p. 442-458, nov. 1977.
- BRUSS, Elizabeth. *Autobiographical Acts: The Changing Situation of a Literary Genre*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1977.
- _____. L'autobiographie considérée comme acte littéraire. *Poétique*. Paris: n. 17, p.14-26, 1974.
- CAMPOS, Augusto. *Verso, reverso, controverso*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- CANDIDO, Antonio. Entrevista a *Claudio Cerri e Rodrigo Savazoni*, disponível no site da campanha "Lula Presidente", ago. 2002.
- CASTRO, Sílvio. *Teoria e Política do Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CAVALHEIRO, Edgard. *Testamento de uma geração*. Porto Alegre, 1944.
- COMPAGNON, Antoine. *La seconde main ou le travail de citation*. Paris: Éditions du Seuil, 1979.
- DE MAN, Paul. Autobiography as De-Facement. *The Rhetoric of Romanticism*. New York: Columbia University Press, 1985.
- DERRIDA, Jacques. The ear of the other. Otobiography, Transferences, Translations. In: *Texts and Discussions with Jacques Derrida*. Ed. Christie Mac Donald.
- EAKIN, John. *Fictions in autobiography. Studies in the art of self-invention*. New Jersey: Princeton, 1985.
- FAORO, Raymundo. *Os donos do poder. Formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Editora Globo, 2000.

- FINKIELKRAUT, Alain. L'autobiographie et ses jeux. *Communications*. Paris: n. 19, p 155-169, 1972.
- FOSTER, Hal. *Postmodern Culture* (Ed.). London, 1983.
- FOUCAULT, Michel. L'écriture de soi. *Corps écrit*. Paris: n. 5, p. 3-23, fév. 1982.
- GIDE, André. *O Tratado de Narciso*. São Paulo: Éditions de Notre Bas de Laine, s/d.
- GOMES-MORIANA, Antonio. Autobiographie et discours rituel. *Poétique*. Paris, 56, p. 444-460, nov. 1983.
- GONZALEZ-TORRES, Felix. *Book accompanying the 1995 exhibition at the Solomon Guggenheim Museum*. New York, March 3 to May 10, 1995
- GUSDORF, Georges. *Auto-bio-graphy*. Paris: Odile Jacob, 1991.
- _____. *Les Écritures du Moi. Lignes de vie*. Paris: Odile Jacob, 1991.
- HASAN, Ihab. The question of Postmodernism. In: GARVIN, Harry R. (Ed.). *Romanticism, Modernism, Postmodernism*. London and New York: *Bucknell Review*, 25/2, 1988.
- HEBDIGE, Dick. *Hiding in the Light: on Images and Things*. London and New York, 1988.
- JAMESON, Fredric. Postmodernism and Consumer Society. In: KAPLAN, Ann E. (Ed.). *Postmodernism and its discontents*. London and New York, 1988.
- LEJEUNE, Philippe. Le pacte autobiographique. *Poétique*, Paris, n.14, p.137-162, 1973.
- _____. Le pacte autobiographique (bis). *Poétique*, Paris 56, p. 416-434, nov 1983.
- MACHADO, Arlindo. O sonho de Mallarmé. In: *Máquina e imaginário*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1996.
- McHALE, Brian. *Postmodernist Fiction*. London: Methuen, 1987.
- MARTINS, Wilson. *O Modernismo (1916-1945)*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- MELENDI, Maria Angélica. *A imagem cega*. 1998. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, UFMG, Belo Horizonte. (Inédita)
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo; Rio de Janeiro: DIFEL, Difusão Editorial, 1979. p. 144.
- MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos*. São Paulo/Edusp, Belo Horizonte: UFMG, 1992.
- MORICONI, Italo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- OLIVEIRA. *Itinerário de Sofotulafal*. BH:FALE/UFMG, 2005.

NAIPAUL, V.S. Two Worlds. *PMLA*, Publications of the Modern Language Association of America, v. 117, n. 3, maio 2002, p. 479-486.

ROSE, Margaret A. *Parody: Ancient, Modern, and Post-Modern*. Cambridge and New York: Cambridge University Press, 1993.

ROUSSET, Jean. Le journal Intime, texte sans destinataire? *Poétique*, n.56, p. 435-443.

STAROBINSKI, Jean. Le Style de l'Autobiographie. *Poétique*, Paris, n.14, p. 3 51-364, fall 1982.

STURROCK, John. *The Language of Autobiography*. Cambridge: at the University Press, 1993.

VANCE, Eugene. Le moi comme langage: Saint Augustin et l'autobiographie. *Poétique*. Paris, n. 14, p. 351-364, 1982.

ZAGURI, Eliane. *A escrita do eu*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

De Abgar Renault

A Alarmante Questão do Ensino Secundário. *O Jornal*, 27 abr. 1928.

A Alma Tumultuosa de Antonio Ferro. *Diário de Minas*, 08 fev. 1923.

A Aventura Modernista. Conferência proferida em Belo Horizonte, introduzida por Fábio Lucas em *Revista da Academia Mineira de Letras*, v. XXVI, p. 7-21, set.-out.-nov. 2002.

Auto-Retrato. Sob a forma de monólogo a duas vozes. *Panorama*, n. 5, p. 7, jan. 1948. CALAZANS, João (Org.).

Balada Triste. *Diário de Minas*, 21/05/1929.

Bilhete Inútil. *Para Todos*, 1921, s/d. *Caderno I*, p. 90.

Canção de Pierrot. *Para Todos*, 15 fev. 1924.

Carnaval, *O Arauto*, 22 fev. 1923.

Cartas a Ignez Brant (inéditas).

Cartas a Lívio Renault (inéditas).

Cartas sem Resposta. *Frou-Frou*, ago. 1924.

Centro Acadêmico da Faculdade de Direito. Recepção do Dr. Oswaldo Araujo – Festa da Chave. *Minas Geraes*, 05 nov. 1923.

Chronica das Alterosas. *Frou-Frou*, jun. 1924.

- Chronica Elegante. *Correio Mineiro*, 21 nov. 1926.
- Cinema. *Correio Mineiro*, 16 nov. 1926.
- Club Barbacenense. A festa de domingo último. *Cidade de Barbacena*, 14 ago. 1919.
- Conferências. *Minas Geraes*, 09 nov. 1921.
- Depoimento. In: OLIVEIRA, Solange Ribeiro de; RENAULT, Affonso Henrique Tamm (Org.). *Abgar Renault*. Belo Horizonte: Centro de Estudos de Letras da UFMG, 1966. p. 33-50. (Série Encontro com Professores Mineiros)
- Descabelladamente. *Correio Mineiro*, 13 nov. 1926.
- Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, p. 49-62, 1969.
- Do homem para a vida. *Para Todos*, 16/02/1924.
- Do cinema e suas influências sobre o nosso povo. *Revista Acadêmica da Escola de Direito*, nov. 1920.
- Entrevista a Maria Claudia Bonfim em 02/07/1987. Banco de Dados do *Centro de Memória da Academia Brasileira de Letras*.
- Epitaphios. *Footing*, 12 e 19 jun. 1921.
- Eros. Acervo de Affonso Henrique Tamm Renault. (Livro inédito).
- Estado de Alma. *O Jornal*, 27 ago. 1929.
- Festas. *Diário de Minas* de 27 nov. 1921.
- Feminismo. *Correio Mineiro*, 14 nov. 1926.
- Footing. *Correio Mineiro*, 07 nov. 1926.
- Habeas Corpus. *Diário de Minas*, 25 maio 1927.
- Lápide sob a lua*. Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1968. (Edição do Autor).
- Lenda, *Cidade de Barbacena*, 10 ago. 1919.
- Mademoiselle Futilidade, *Correio Mineiro*, 07 nov. 1926.
- Momo. *O Arauto*, 19 mar. 1923.
- Na espira de um cigarro. *Revista Acadêmica*, maio 1921.
- Notas. *Estado de Minas*, 07 out. 1919.
- Notas Mundanas. *A Nova Idéia*, 09 abr. 1922.

- O Estouro da Boiada. *Correio Mineiro*, 25 nov. 26.
- Obra poética*. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- Palavras, muito simplesmente. *Para Todos*, 27 fev. 26.
- Palavras do amor que se calou. *Frou-Frou*, em maio de 1925.
- Pássaros Perdidos*. Tradução de Rabindranath Tagore. José Olympio Editora, 1943.
- Paulo Torres. *O Diário*, 07 maio 1924.
- Poemas Ingleses de Guerra* (traduções). José Olympio Editora, 1943.
- Poemas do Romance Silencioso*. Manuscrito inédito, 1925.
- Poesia – Tradução e Versão*. Rio de Janeiro: Record, 1994.
- Publicações. *Minas Geraes*, 07 dez. 1923.
- Quadras da Moda. *Diário*, 27 nov. 1926.
- Quem vê cara. *Footing*, 28 ago. 1921.
- Recordações Academicas. Bacharelandos de 1924. I. G.R.P. *Diário*, 10 set. 1924.
- Recordações Academicas. Bacharelandos de 1924. VI. G. O. F. *Diário*, 28 set. 1924.
- Reflexões efêmeras*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1994.
- Sem qualquer intenção. *Para Todos*, 19 mar. 1927.
- Sem Rumo. *Revista Academica*, ago. 1921.
- Serão Lítero-Musical. *Minas Gerais*, 28 e 29 nov. 1921.
- Silhuetas. *Footing*, 24 e 31 jul. 1921.
- Sonetos* (juvenília), publicados em *Cidade de Barbacena*:
 A uns olhos azues”, 06 out. 1918.
 Descrença, 10 nov. 1918.
 Dominado, 03 dez. 1918.
 Victoria, 27jun. 1918.
 Scepticismo, 23 fev. 1919.
 Amor, 17 ago. 1919.
 Esphinge, 20 mar. 1919.
 Ultimos Versos, 15 out. 1919.
 Soneto, 09 out. 1919.
 Sentimentalismo, 28 dez. 1919.
 Gudesteu de Sá Pires, 19 jul. 1921.

Sonetos publicados em outros periódicos:

A uns olhos indiferentes. *Cidade de Caxambu*, 17 out. 1918.

Perfeição. *Tank*, 20 out. 1920.

Sugestão. *Sericultor*, 06 jun. 1920.

Temor. *Footing*, 28 ago. 1921.

Ad te clamamus. *Jornal Ilustrado*, 17 set. 1922 e *Flamma*, 23 mar. 1923.

Desconsolo. *Para Todos*, 21 abr. 1923.

A Ingenua Felicidade. *Correio Mineiro*, 21 jun. 1926.

Soneto. *Ilustração Brasileira*, jan. 1924.

Sonetos de minha Mãe, *O Arauto*, 21 fev. 1922, *Ilustração Brasileira*, maio 1924.

Sonetos Antigos. Imprensa da Universidade Federal de Minas Gerais, 1968. Edição do autor, fora do comércio.

Tristitia. *Revista Mineira*, abr.-maio-jun. 1921.

The Termination -ing. Tese de concurso para a cátedra de Língua Inglesa do Colégio Pedro II. Inédita.

Uma linda festa acadêmica. A recepção do dr. Oswaldo Araujo e o início de uma tradição no Centro Acadêmico da Faculdade de Direito. *Minas Geraes*, 04 maio 1923.

Vida Frivola. *Correio Mineiro*, 13 nov. 1926.

Wilde no Cinema. *O Diário*, 11 nov. 1926.

Sobre Abgar Renault

ALPHONSUS, João. Poemas ingleses de guerra. *Panorama*. Belo Horizonte, n. 5, p. 23, 1948.

ANDRADE, Carlos Drummond. "Craque". In: *Biblioteca Carlos Drummond de Andrade*, no folheto *A cultura ganha espaço em B.H.*

_____. Abgar Renault. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro: América, 1944.

_____. Pessimismo de Abgar Renault. *Panorama*. Belo Horizonte, n. 5, p. 25, 1948.

_____. Aqueles Rapazes de Belo Horizonte. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 jun. 1952.

_____. O poeta e as contas. *Jornal do Brasil*. 29 jan. 1972. Caderno B.

_____. Craque. *Boitempo III*. PRIMEIRO COLÉGIO. *Nova Reunião, 19 livros de poesia*, 2. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1983. p. 780.

- ANDRADE, Carlos Drummond. Jornal falado no Salão Vivacqua. Boitempo III. MOCIDADE SOLTA. *Nova Reunião. 19 livros de poesia*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1983. p. 836-837.
- ANJOS, Cyro dos. *A menina do sobrado*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Livraria Garnier, 1994.
- Boletim do Centro de Inspectores Federais de Ensino do Estado de São Paulo*. Abgar Renault. Ministro da Educação e Cultura. São Paulo, n. 33, dez. 1955.
- BOSI, Alfredo. Discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, 30 set. 2003.
- CANÇADO, José Maria. Um depoimento inédito de Abgar Renault, o último poeta modernista. *Folha de São Paulo, Mais!*, 17 mar. 1996.
- CASASSANTA, Mário. O jovem Abgar. *Panorama*, n. 5, p. 24, 1948.
- COUTINHO, Afranio. Abgar Renault. *Estado de Minas*, 8 jan. 1961.
- Diário de Minas*. Um Candidato da Intelligencia, 11 ago. 1927.
- Diário de Notícias*. O Pedro II e as Cátedras de Inglês e H. Geral e do Brasil. 24 maio 1964.
- Estado de Minas*. Agradecimentos da ONU ao Professor Abgar Renault. 8 ago. 1961.
- Footing*, 12 jun. 1921. Indiscreções – Vultos da Faculdade Livre de Direito – Espécie de perfil de Abgar, poeta barbacenense.
- Gazeta de Notícias*. Minas Intelectual. Os Novos, 14 out. 1923.
- LINS, Alvaro. A poesia inglesa e a guerra. *Panorama*. Belo Horizonte, n. 5, p. 11-12, 22, 1948.
- Literatura para todos*. Um poeta que aparece, maio de 1922.
- LUCAS, Fábio. *A Aventura Modernista*. *Revista da Academia Mineira de Letras*, vol XXVI, set.-out.-nov. 2002. p. 7-21.
- MARAUX, Vincent. *Pierre Victor Renault – Un pionnier français au XIXème Siècle*. 1811-1892. 1999. (Manuscrito inédito)
- MARTINS, Cristiano. A moderna poesia – sua repercussão no Brasil. *Surto*, 01 out. 1933.
- MATA MACHADO FILHO, Aires. A expressão Acima de Tudo. *Panorama*. Belo Horizonte, n. 5, p. 22, jan. 1948.
- MEIRELES, Cecília. Abgar Renault e Rabindranath Tagore. *Panorama*. Belo Horizonte, n. 5, p. 13, 1948.

- MELO FRANCO, Afonso Arinos. *Panorama*. Belo Horizonte, n. 5, p. 9-10, 1948.
- MENDES, Batista. Um Intimista. *Surto*, 31 ago. 1933.
- NAVA, Pedro. *Beira-Mar*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- NÓBREGA, Vandick L. (Org.). *Homenagem a Abgar Renault. Discursos*. Oficinas Gráficas do Colégio Pedro II, maio 1973.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de; RENAULT, Affonso Henrique Tamm (Org.). *Abgar Renault*. Belo Horizonte: Centro de Estudos de Letras da Faculdade de Letras da UFMG, 1996.
- _____. Centenário de Abgar Renault, Poeta sem Rótulos. *Revista da Academia Mineira de Letras*. Belo Horizonte: Ano 79, v. XXII, p.17-31, set. 2001.
- _____. Brazilian Readings of British Decadentism: Abgar Renault and Pedro Nava recreate W.B. Yeats and Aubrey Beardsley. *ABEI JOURNAL. The Brazilian Journal of Irish Studies*. INTERRELATIONS. Special Issue. Number 5. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, p. 57-66, June 2003.
- OLIVEIRA, Martins de. Modernismo. *Verde*. Cataguazes, ano 1, n. 3, p. 17, 1927.
- Paratodos*. Um poeta que aparece. Maio 1922.
- RESENDE, Otto Lara. Guerra e Paz. *O Globo*, 16 jul. 1982. -
- RUBIÃO, Eugênio. Dois Candidatos. *Diário de Minas*, 01 set. 1927.
- SANTOS, José Francisco dos. Abgar Renault comemora seu aniversário com poesia. *Estado de Minas*, 05 maio 1994.
- SCHMIDT, Augusto Frederico. Mocidade, Poesia e Morte. *Panorama*. n. 5, p. 26, jan. 1948.
- SEBASTIÃO, Walter. Abgar Renault: Duvido da vocação do homem para o bem. *Estado de Minas*. Belo Horizonte, 20 maio 1990.
- Suplemento Literário de Minas Gerais*, n. 99, 20 jun. 1968. Abgar Renault.
- VELLOSO, Arthur Versiani. O Poeta Abgar Renault. *Panorama. Arte e Literatura*. Revista publicada por João Calazans. Belo Horizonte, v I, n. 5, 1948, p. 23.
- VIDAL, Diana Gonçalves; CARDOSO, Maria Cecília Ferraz de Castro. *Conversa de Educadores: Catálogo Analítico da Correspondência entre Abgar Renault e Fernando de Azevedo*. São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros/UsP, 1997.

Este livro foi doado pelo
 COLEGIADO DE PÓS GRADUAÇÃO
 (Estudos Literários)
 por R\$ 30,00
 Em 20 / 01 / 09

ISBN 85-87470-83-3



9 788587 470836 >